

Arnoldo W. Doberstein

O Egito Antigo



O Egito Antigo





Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Chanceler

Dom Dadeus Grings

Reitor

Joaquim Clotet

Vice-Reitor

Evilázio Teixeira

Conselho Editorial

Ana Maria Lisboa de Mello

Elaine Turk Faria

Érico João Hammes

Gilberto Keller de Andrade

Helenita Rosa Franco

Jane Rita Caetano da Silveira

Jerônimo Carlos Santos Braga

Jorge Campos da Costa

Jorge Luis Nicolas Audy – **Presidente**

José Antônio Poli de Figueiredo

Jurandir Malerba

Lauro Kopper Filho

Luciano Klöckner

Maria Lúcia Tiellet Nunes

Marília Costa Morosini

Marlise Araújo dos Santos

Renato Tetelbom Stein

René Ernaini Gertz

Ruth Maria Chittó Gauer

EDIPUCRS

Jerônimo Carlos Santos Braga – **Diretor**

Jorge Campos da Costa – **Editor-chefe**

Arnoldo Walter Doberstein

O EGITO ANTIGO



Porto Alegre
2010

© EDIPUCRS, 2010

CAPA Deborah Cattani

REVISÃO DE TEXTO Rafael Saraiva

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Deborah Cattani e Rodrigo Valls



EDIPUCRS – Editora Universitária da PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone/fax: (51) 3320 3711
e-mail: edipucrs@pucrs.br - www.pucrs.br/edipucrs

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D633E Doberstein, Arnoldo Walter
O Egito antigo [recurso eletrônico] / Arnoldo Walter
Doberstein. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : EDIPUCRS,
2010.
174 p.

Publicação Eletrônica
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
Modo de Acesso: <<http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>>
ISBN 978-85-397-0021-9 (on-line)

1. Egito – História. 2. História Antiga. I. Título.

CDD 932.01

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do Código Penal), com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos direitos Autorais)

Para Maria Regina, mulher,
amparo, e, mais do que tudo,
companheira.

Sobre o autor:

Arnoldo Walter Doberstein é professor universitário, na PUCRS, desde 1982. Desde então, sempre trabalhou em História Antiga. Na sua trajetória acadêmica, todavia, não foi nessa área que construiu sua titulação. Mestrou-se e doutorou-se pesquisando a arte pública no Rio Grande do Sul. De seu mestrado resultou o texto *Porto Alegre, 1900 - 1920: estatuária e ideologia*. De seu doutorado, *Estatuários, catolicismo e gauchismo*. Tanto um como o outro bastante reconhecidos. Na área de História Antiga, ao longo de sua vida acadêmica, só o que fez foi estudar e dar aulas. O mesmo que fizeram, aliás, seus dois grandes mestres, João José Planella e Harry Rodrigues Bellomo. Pesquisa só por conta própria. Idiossincrasias pessoais, e corporativas, não lhe permitiram nunca ingressar nesses circuitos de mútua legitimação que oportunizam bolsas de estudo e pesquisa. Ao longo desse tempo todo, então, foi acumulando saberes e reflexões. Nos últimos cinco anos (2003-2008) começou a transformar suas aulas em “polígrafos”, sempre destinados ao universo muito específico de seus alunos. O plano era ir preparando e atualizando um texto final que, ao encerrar sua carreira docente, deixaria publicado como sua contribuição na área de História Antiga. A decisão do Departamento de História de iniciar a série “História Ensinada”, honrando-o com o convite e a escolha do seu texto para iniciar a nova série, modificou esse planejamento. Apressou-se, assim, a presente publicação. Publicação de algo que ainda não estava de todo pronto. Do projeto inicial ficou a formatação: um “polígrafo” encapado que agora é oferecido a um público maior.



INDICE GERAL

O EGITO PRÉ-DINÁSTICO.....	8
A REVOLUÇÃO AGRÍCOLA.....	16
LEITURAS ADICIONAIS.....	24
O SURGIMENTO DAS ELITES.....	27
O SURGIMENTO DA ESCRITA.....	32
A PRÉ-UNIFICAÇÃO.....	39
O ANTIGO REINO.....	57
O DINÁSTICO PRIMITIVO.....	61
O 1º PERÍODO INTERMEDIÁRIO.....	119
O REINO MÉDIO.....	127
O 2º PERÍODO INTERMEDIÁRIO.....	143
O NOVO REINO.....	152

O EGITO PRÉ-DINÁSTICO

Uma das maneiras bastante recorrente de se apresentar o começo da “civilização” egípcia é aquela que reconhece como fato culminante, desse processo histórico, a **unificação** do Estado faraônico.¹ O testemunho desse fato culminante seria uma série de objetos trazidos à luz ao final do século XIX, entre os quais se encontram a célebre

Paleta de Narmer, a **maça do Rei Escorpião**, a **cabeça coroadada de Hórus**, encontradas no sítio arqueológico de Hierakonpolis (Fig. 01). Como a estimativa é que tais objetos tenham sido produzidos por volta de 3100 a.C., esse esquema explicativo

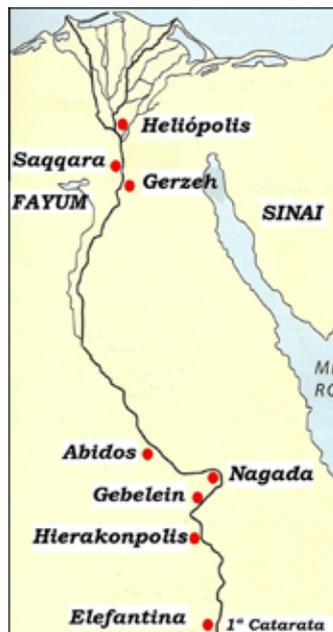


Fig. 01 - Mapa de Hierakonpolis

colocava as ocorrências anteriores a essa data quase que na pré-história. Ou, quando muito, numa fase de transição entre a pré-história e a história. Nessa fase de transição é que teriam se operado, entre as populações que se fixavam ao longo do Nilo, aqueles processos históricos que as teriam preparado para entrar em seu “estágio” avançado de civilização. Tais ocorrências, em alguns casos, foram chamadas de “fatores de êxito” para o surgimento da civilização. Entre tais “fatores de êxito” estariam a revolução agrícola, a divisão social do trabalho (surgimento das elites) e certos avanços técnicos e científicos, como a invenção da escrita.

A gênese do Egito: uma civilização “tributária” da Mesopotâmia?

Na agenda desse esquema interpretativo também constava a premissa de que essa série de “avanços civilizatórios” como o calendário, a engenharia hidráulica, a escrita e a monarquia, teriam surgido pela primeira vez na Mesopotâmia e dali se propagado para o Egito. Entre tantos autores que se perfilaram nesse esquema interpretativo esteve William McNeill,² autor do livro *História Universal - um estudo comparado das civilizações* que, aqui no Brasil, marcou toda uma geração de estudiosos.

¹ Tal esquema explicativo fundamentava-se naquele modelo teórico, evolucionista e eurocêntrico, muito em voga no séc. XIX e parte do séc. XX, que dividia o mundo entre “civilizações” e “culturas”. As sociedades “primitivas” seriam aquelas dotadas apenas de “cultura”, mas não de “civilização”. Seriam aqueles grupos humanos sem tecnologia transformadora do mundo, sem economia de mercado (apenas de subsistência), sem divisão de classes, sem escrita e sem Estado. As “civilizações” seriam as sociedades que “superaram” esse estágio, formando sociedades com Estado organizado, desenvolvimento tecnológico, etc.

² William McNeill nasceu no Canadá, em 1917. Fez sua graduação na Universidade de Chicago (1938) e seu doutorado na Universidade de Cornell (1947). Foi professor emérito na Universidade de Chicago. A *World History* foi escrito “durante o verão de 1964”. Traduzido e editado pela USP e Editora Globo (1972), tornou-se uma referência nos meios acadêmicos, inclusive na PUCRS, nas décadas de 80 e 90.

Nesse seu estudo, depois de qualificar a Mesopotâmia como “a mais antiga civilização” (p. 11) e de apresentar as principais “invenções sumerianas” (p. 13) que elencou como tendo sido “a classe administrativa (...) as artes da mensuração (...) o calendário (...) a escrita (...) a engenharia hidráulica (...) a escrita (...) e a monarquia” (p. 11- 17), o autor assim apresentou o surgimento da civilização egípcia:

Até a década de 1930 acreditou-se que a civilização do Egito houvesse sido a mais antiga da terra. Os egíptólogos, porém, reconhecem hoje que as estimativas cronológicas de seus predecessores eram exageradas. Tradicionalmente, **o início da história egípcia foi a unificação** (grifo nosso) (...) do Baixo Egito sob o rei Menés (...) ocorreu provavelmente por volta de 3100 a.C., quando as cidades sumerianas já tinham atrás de si vários séculos de desenvolvimento.

Têm sido descobertos leves, mas inconfundíveis **vestígios de influência sumeriana** nas primeiras fases da civilização egípcia. Parece provável, pois, que **navegantes provindos do Golfo Pérsico**³ (grifo nosso) tivessem contornado a Arábia até o Mar Vermelho, entrando esporadicamente em contato com os povos que habitavam o estreito vale do Nilo. Técnicas e habilidades já familiares aos sumerianos eram particularmente valiosas para os nativos de um ambiente que a tantos respeito se assemelhava ao do baixo Tigre-Eufrates. Irrigação, metalurgia, escrita, arado, veículos de rodas e construções monumentais

- tudo isso já havia aparecido na Mesopotâmia quando Menés unificou o vale do Nilo. Tudo isso foi rapidamente incorporado à cultura egípcia por um processo de imitação e adaptação.⁴

As pesquisas em Hierakonpolis: a busca das raízes africanas do Egito

Uma série de pesquisas, nos últimos 30 anos, tem levado vários estudiosos a propor uma nova e grande hipótese de trabalho, ou seja, que **a civilização egípcia teve suas raízes na própria África**, e não necessariamente por influência da Mesopotâmia. Essa é a hipótese que aqui chamamos de **Hipótese Pan-Africana**.

Nessa série de novas investigações, o sítio da antiga Hierakonpolis – do grego *polis* (cidade) e *hierakon* (falcão) – tem se mostrado como um dos mais importantes. Chamado pelos egípcios de **Nekhen**, o local sempre foi associado pelos especialistas ao nascimento da monarquia e do Estado faraônico. Diversos objetos ali prospectados testemunham que os primeiros faraós tinham ligações com o local. Foi nesse sítio, no chamado “Depósito Principal” do Templo de Hórus do período pré-dinástico (letra “A” da Fig. 02), que uma equipe de Flinders Petrie⁵,

³ Esse enunciado de McNeill alinhava-se no difusionismo, um paradigma muitas vezes associado ao evolucionismo. Para o difusionismo, as mudanças mais significativas operadas na humanidade seriam transmitidas de um grupo para outro, sempre a partir de um foco de origem, do qual as mudanças se propagariam para áreas periféricas. Na “orelha” de apresentação de sua “História Universal” esse paradigma é claramente anunciado quando se lê que “este livro (...) parte da premissa de que em qualquer época o equilíbrio entre as culturas pode ser perturbado **por forças que se irradiam de um ou mais centros** (grifo nosso) onde os homens criaram civilizações extraordinariamente atrativas ou poderosas”.

⁴ McNEILL, William. *História Universal: um estudo comparado das civilizações*. Porto Alegre: Globo. São Paulo: USP, 1972, p. 23.

⁵ O legendário William M. Flinders Petrie (1853-1944) foi o primeiro Superintendente da Sociedade de Exploração do Egito, fundada em 1882. Começou seus trabalhos em 1884 e manteve-se ativo até por volta de 1940. Não tinha uma educação sistemática, mas, com seus

em 1898, encontrou a *Paleta de Narmer*, um verdadeiro ícone do nascimento da realeza e da própria civilização egípcia.

Foi nesse sítio que James Quibell, em 1899, escavou a igualmente famosa **Tumba 100** (letra “B” da Fig. 02), situada

próxima da borda das terras cultivadas, e cuja

datação é estimada em cerca de 3400-3300 a.C. Seus muros conservaram uma pintura funerária única, em cuja iconografia aparece uma série de signos que mais tarde se incorporaram ao repertório iconográfico da monarquia faraônica.

Essas investigações antigas resumiram-se a escavações próximas das margens inundadas. As novidades começaram a aparecer a partir de 1978, quando as prospecções se estenderam mais para

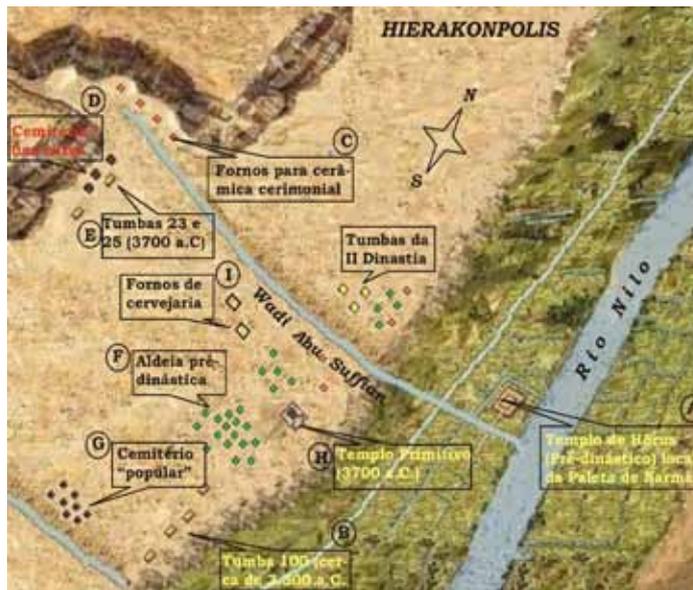


Fig. 02 - Reconstituição livre do sítio de Hierakonpolis, com a localização aproximada dos locais das principais descobertas até agora realizadas.

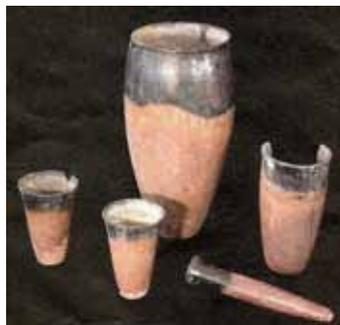


Fig. 03 - Alguns exemplares da cerâmica Vermelha-preta.

o interior, seguindo o **Wadi Abu Suffian** (que divide o sítio), até a borda das formações rochosas, que ficam a cerca de 3,5 Km da margem. Um dos que inaugurou essa nova linha de investigação foi **Michael Hoffman**, no começo dos anos 80. Sua atenção se voltou na direção dos restos do que parece ter sido um conjunto de olarias (letra “C” da Fig. 02) para a produção

de uma cerâmica muito especial. Trata-se da cerâmica vermelha de bordas negras, (Fig.03), considerada uma das mais belas e refinadas que a civilização egípcia produziu. Como os fornos para sua produção ficavam relativamente afastados da aldeia (letra “F” da Fig.

02) estima-se que era para ocultar o segredo de sua fabricação. A quantidade de potes quebrados (sua espessura, muito fina, exigia muita precisão no cozimento) parece indicar que exigiam um saber muito especial.

dons naturais, rompeu com “as tradições dos velhos desentulhadores (...) prestou atenção às inscrições partidas, às bagatelas aparentemente sem interesse (...) aos bocados de amuletos e anéis, fragmentos de cerâmica, contas perdidas, grãos dispersos de sementeiras, toda a escória e lixo da Antiguidade (...)”. (ALDRED, Cyril. *Os egípcios*. Lisboa: Verbo p. 28).

O templo cerimonial primitivo

Partindo da premissa de que esse tipo de cerâmica representava, para quem dela pudesse dispor, uma forma de expressar seu prestígio e ascendência social, Michael Hoffmann formulou a hipótese de que foi em Hierakonpolis, entre **3800 e 3700 a.C.** (esta é a data estimada para o que tem se achado nessas novas escavações) que começou a se operar a formação das elites dirigentes no Egito Antigo. Hoffmann, inclusive, chamou essa elite de “os barões da cerâmica”.

Essa hipótese de que a localidade de Hierakonpolis, por volta de 3800-3700 a.C., já se apresentava como uma sociedade complexa vem sendo cada vez mais confirmada. Nesse sentido, uma das mais acatadas pesquisadoras atuais é Renée Friedman.⁶ Num artigo intitulado *Hierakonpolis, o berço da realeza* (do qual se retirou a maior das informações aqui repassadas) esta egiptóloga afirmou que,

Hierakonpolis deve ter sido um, senão o único, dos mais grandes centros urbanos das margens do Nilo, um centro regional de poder e a capital de um antigo reino. Em Hierakonpolis, mais do que em nenhuma outra parte, a preservação de todos os elementos que constituem uma cidade – habitações, cemitérios, zonas artesanais, centro de culto, depósitos, etc.–, pode nos apresentar muitas informações inéditas sobre o desenvolvimento dos habitats na época de sua formação.⁷

⁶ Renée Friedman é formada pela Universidade da Califórnia, tendo obtido seu PhD, em 1994, estudando a cerâmica Nagada. Desde 1996 exerce a codireção da *American Hierakonpolis Expedition*, com financiamento da *National Geographic Society*, editora da conhecida revista *National Geographic*. Seu último livro, *Egito e Núbia. Pesquisas no Deserto*, (Londres: British Museum Press, 2002), ainda não traduzido para o português, se alinha na atual hipótese “pan-africana” de que a civilização egípcia, nas suas origens, se alinhou muito intimamente com a África “negra”.

⁷ FRIEDMAN, Renée. Hierakonpolis, berceau de la royauté. In: *Les dossiers*

d'Archeologie. N° 307, out/2005, p. 63.

Um dos elementos constitutivos desse centro urbano primitivo seria o seu templo cerimonial, em cujas escavações, a própria Renée Friedman (na Fig. 04) atua diretamente. Trata-se dos restos de uma área ovalada, com cerca de 40 m de comprimento (letra “B” da reconstrução hipotética da Fig.05), localizada no centro da povoação pré-dinástica (idem, letra “A”).

Nos alicerces do que seria a sua fachada existem 4 buracos que, estima-se, serviam para abrigar a base de 4 pilares de madeira (idem, letra “C”). Segundo Friedman, “possivelmente de troncos importados do Líbano” (Idem nota n° 7, p. 66). No centro do perímetro ovalado uma plataforma de pedra (idem, letra “D”) parece indicar ser ali o lugar das oferendas e sacrifícios. Mas o que mais chama a atenção dos pesquisadores são os fragmentos de centenas de vasos que foram enterrados nas fossas abertas na parte exterior do recinto fechado (idem, letras “E” e “F”). Os vasos se notabilizam pela sua forma muito singular. Um em forma de ovo, com a cor preta polida. Outro em forma de garrafa, de cor vermelha desbotada. Esse contraste entre superfícies vermelho-claro e preto-brilhante, segundo a mesma Friedman, autoriza que se veja nisso uma associação

com o acontecimento mais importante do ano, a enchente do Nilo: as garrafas vermelhas simbolizam a terra vermelha e seca, antes da inundação, os ovos negros representam o resultado esperado, a renascença de um país úmido e negro (Op.cit.p. 66).

Além desses dois tipos de vasos, também estão sendo encontrados milhares de ossadas de animais selvagens como crocodilos, hipopótamos e cachorros selvagens. A autora sugere que estes animais foram ali enterrados como um indicativo simbólico, da mesma forma que os vasos, do controle do caos natural.

Nesse templo primitivo de Hierakonpolis existem



Fig. 04 - O templo pré-dinástico primitivo, com as fundações de seu pátio ovalado e altar de oferendas.

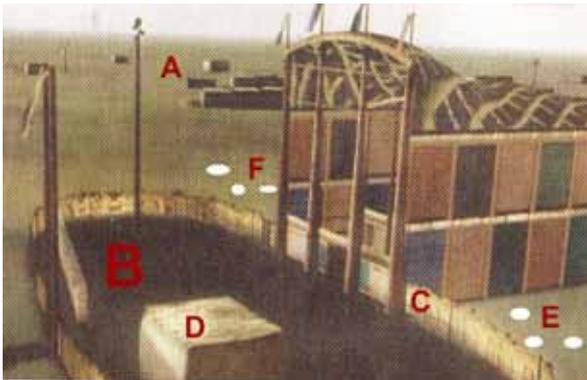


Fig. 05 - Reconstrução hipotética do primitivo templo de Hierakonpolis.

outros indicativos da utilização de símbolos para ilustrar temas fundamentais. Como o poder e a fertilidade, por exemplo. Num caco de cerâmica



Fig.06 - Vaso preto, em forma de ovo.



Fig.07 - Ao lado. Vaso avermelhado, em forma de garrafa.

(Fig. 08), aparece o desenho esquematizado de um gato que Renée Friedman sugere poder se tratar de uma imagem da deusa *Bastet* que, no futuro, sabemos ter sido para os egípcios a deusa da casa, da família, da música, do prazer, da fertilidade e do nascimento.

A produção de cerveja em larga escala

Outra novidade que as recentes pesquisas de Hierakonpolis estão revelando é que uma boa parte dos fornos, que anteriormente se acreditava serem todos destinados

à produção da cerâmica, se destinavam à produção da cerveja em larga escala. Recentemente (entre 2004 e 2005) foi trazida à luz uma “cervejaria”, situada nas proximidades do *Wadi*

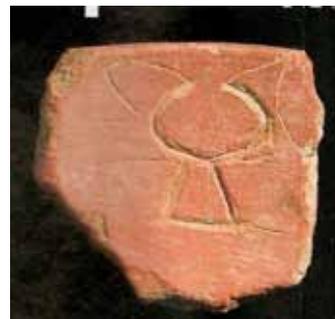


Fig.08 - Caco de cerâmica com a suposta imagem de Bastet.

Abu Suffian (letra I da Fig. 05), cujos restos estão mais bem preservados que aquela que já era conhecida. Sobre esta última, Renée Friedman fala de uma produção “(...) estimada em mais de 1.000 litros de cerveja por dia. O dispositivo podia fornecer uma ração quotidiana para mais de 300 pessoas” (Op. cit. p. 65).

A “cervejaria” recentemente descoberta, era



Fig.09 - Restos de 2 das 8 lareiras que formavam o conjunto de uma das mais antigas “cervejarias” egípcias.

constituída de oito lareiras circulares, compostas de pequenos pilares de argila cozida (Fig.09), que serviam de base ao tonel que era levado ao fogo com a mistura da qual se obtinha aquela bebida que, junto com o pão, formava a base da dieta quotidiana dos egípcios.

Para Renée Friedman ainda é muito cedo para dizer se tais “cervejarias” devam ser consideradas como fazendo parte do domínio da realeza ou funerário. E, também, se a grande quantidade de combustível vegetal que as mesmas exigiam possa

ter provocado a desertificação da local.⁸ Mas, por outro lado, a autora avança num outro enunciado que reforça a grande tese que essas pesquisas estão formulando, ou seja, que em Hierakonpolis, por volta de 3800 a.C., **o embrião do Egito faraônico já estava se formando**. No seu entender,

A existência destas duas grandes cervejarias sugere que a proeminência de Hierakonpolis podia provir de uma organização do tipo “economia de redistribuição”, conhecida à época faraônica, na qual as produções agrícolas eram centralizadas, e depois redistribuídas, talvez sob a forma de salários (Op. cit. p. 65).

A Tumba 23 e a presumível linhagem dos “senhores de Nekhen”

Entre as tantas novidades reveladas pelas escavações de Hierakonpolis, a **Tumba 23** (Fig. 10)



Fig.10 - A tumba 23, de Hierakonpolis, com as devidas marcações do conjunto de seus elementos constitutivos.

⁸ Michael Hoffmann, inclusive, quando anunciou a sua tese, em que apresentou os “barões da cerâmica” (ver adiante, p.) como sendo os antecessores dos faraós, atribuiu a essa desertificação o futuro deslocamento desses “chefes da cerâmica”, para chefiar os grandes trabalhos hidráulicos nas margens do Nilo.

é vista como uma das maiores evidências do grau de hierarquização dessa sociedade, em meados de 3800 a.C.. Trata-se da maior tumba desse período até agora conhecida.

Seus principais elementos constitutivos eram uma câmara funerária retangular de 5,5 m de comprimento por 3,1 m. de largura e uma profundidade de cerca de 1,2 m (letra “A” da reconstrução hipotética da Fig.11). É o mais antigo monumento funerário egípcio, até agora conhecido, que apresenta traços de uma superestrutura (Idem, letra “B”). Oito buracos de postes, dispostos de cada lado da câmara funerária, indicam que ela possuía essa cobertura. A dúvida é se a mesma era de madeira ou de juncos trançados. Ao lado da câmara funerária subsistiram buracos similares, também alinhados, que indicam possivelmente uma construção em separado, talvez uma capela de culto (Idem, letra “C”).

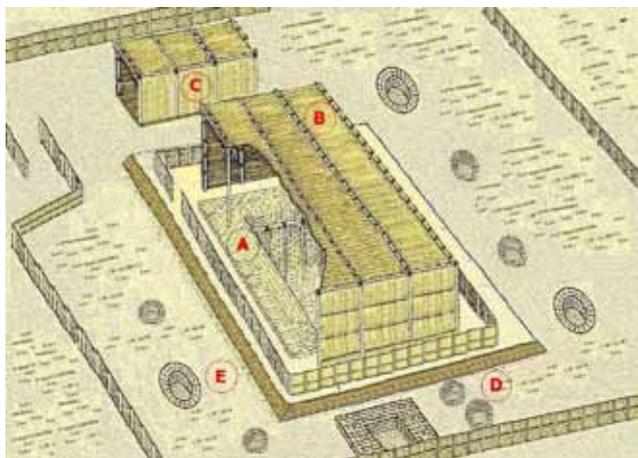


Fig.11 - Reconstituição hipotética da Tumba 23, com seus principais elementos constitutivos.

Ao redor da câmara funerária principal foram feitas outras covas (idem, letra “D”) que apontam para o enterro de outros corpos, dos quais ainda não se tem maiores indicativos se eram de familiares dos titulares ou de serviçais que acompanharam seus senhores quando de sua morte.

Um dos achados mais intrigantes, ocorrido recentemente, foi do **esqueleto de um elefante**, de aproximadamente 10 anos de idade, ao que tudo indica inumado numa sepultura oval, nas proximidades da câmara principal (idem, letra “E”). Segundo a própria Renée Friedman, a morte desse elefante não deve ter sido uma ocorrência natural, já que “ele foi enterrado como se tratasse de um ser humano, envolto numa grande quantidade de linho e acompanhado de belas oferendas funerárias” (Op. cit. p. 72). Essa ossada de elefante, da Tumba 23, vem sendo exibida, pela



Fig.12 - Pesquisador exibindo o maxilar do elefante da Tumba 23.

equipe de arqueólogos do projeto, como um dos seus mais preciosos “troféus” (Fig.12).

Esse entusiasmo todo vem do fato de que no chamado “cemitério das elites” está sendo escavado um grande número de tumbas de animais exóticos, como de um exemplar de um boi selvagem, de outro elefante, de um grande carneiro. Assim como tumbas contendo carneiros, babuínos, gatos selvagens, hipopótamos, e, inclusive, uma águia. Esses sepultamentos de animais, segundo Renée Friedman,

Representam uma parte de uma espécie de **cerimonial real** (grifo nosso) ou da manifestação de um poder natural que seus titulares imaginavam controlar. Espera-se que sua repartição possa nos ajudar a localizar outras **grandes tumbas reais** (idem) e assim reconstituir a linhagem pré-dinástica do que nós podemos, a justo título, chamar de “**os senhores de Nekhen**” (idem) (...) A razão pela qual nós dependemos destes animais para nos conduzir a seus senhores constitui um dos aspectos mais intrigantes de nossas recentes descobertas (Op. cit. p. 72).

Essa hipótese que os titulares da Tumba 23 desfrutavam de um “status real” (palavras de Renée Friedman) é reforçada pela presença de diversos outros “objetos preciosos” que nela estão sendo encontrados. Tal como vasos vermelhos e pretos, fragmentos de uma estátua de calcário (até agora, nesse gênero, a mais antiga peça conhecida) e que, ao que tudo indica, foi propositalmente quebrada em épocas posteriores (são perto de seiscentos os fragmentos coletados).

Na capela de culto, de onde foram tirados os fragmentos dessa estátua, também foram recuperadas imagens estilizadas de animais, feitas em sílex, e fragmentos de máscaras mortuárias. Mesmo que “desgraçadamente fragmentárias”, essas últimas, segundo Friedman “indicam que pelo menos dois ocupantes de alto escalão” (Op. cit. p. 70) foram ali sepultados. A presença dessas máscaras mortuárias no complexo da Tumba 23 confirma aquilo que também já foi anteriormente encontrado em outras tumbas do cemitério das elites. A mais famosa delas, pelo seu grau de conservação, foi encontrada por Bárbara Adams (Fig. 13), antes do seu precoce falecimento. Essa destacada arqueóloga,⁹ aliás, foi quem iniciou as escavações na Tumba 23, fato este destacado pela própria Renée Friedman, quando afirma que

Graças a uma bolsa da National Geographic Society concedida a autora em 2005, uma tumba especialmente notável por suas dimensões (a Tumba 23), **em parte escavada por Bárbara Adams** (grifo nosso) antes de sua morte, pode ser inteiramente desencavada. (Op. cit. p. 69).

⁹ Bárbara Adams (1945 -2002) foi uma destacada participante das pesquisas de Hierakonpolis. Inicialmente foi pesquisadora do *Peirre Museum da University College* de Londres. Em 1980, foi convidada a fazer parte da equipe de escavadores de Hierakonpolis, liderada por Michael Hoffmann. Com a morte deste último, em 1990, Bárbara ficou encarregada de publicar seus trabalhos, tarefa que concluiu em 1996. A partir de então voltou-se para as escavações no “cemitério das elites”, que o próprio Hoffmann não levava tanto em conta, reativando o interesse pelas pesquisas no local.

A REVOLUÇÃO AGRÍCOLA

Nesse amplo leque de novas investigações, que estão procurando “descolar” o surgimento da civilização egípcia da Mesopotâmia, estão aquelas que se voltam para um processo histórico ainda mais remoto, relativo ao próprio **surgimento da agricultura** no vale do Nilo.

Já vimos atrás como William McNeill, nos anos 50, reconhecia “leves, mas inconfundíveis vestígios de influência sumeriana nas primeiras fases de desenvolvimento da civilização egípcia”. Para o referido autor, “**irrigação** (grifo nosso), metalurgia,

escrita, **arado** (idem), veículos de roda e construções monumentais – tudo isso já havia aparecido na Mesopotâmia quando Menés unificou o vale do Nilo”. (Op. cit. nota nº 4, pag. 8)

Outro influente egiptólogo que se alinhou nessa mesma tese **difusionista**, que reconhecia na Mesopotâmia a primazia de diversos avanços



Fig.13 - Bárbara Adams e “sua” notável descoberta.



Fig. 14 - Cyril Aldred.

civilizatórios como a agricultura, divisão social do trabalho, escrita, surgimento das chefias dirigentes, etc., foi Cyril Aldred.¹⁰

Nesse precioso manual,¹¹ fonte de consulta e preparação de tantas aulas de História Antiga, Aldred começa sua apresentação das “idades pré-históricas” da civilização egípcia, nos seguintes termos,

Durante os últimos tempos paleolíticos, o **recuo da camada de gelo** (grifo nosso) na Europa causou modificações climáticas no Norte da África, que se tornou cada vez mais seco. O Nilo, depois de ter sido **um vasto lago interior** (idem), restringiu-se, progressivamente, até o seu leito atual, deixando atrás oito terraços a ladear as colinas dos desertos Líbico e Arábico.¹²

¹⁰ Nascido na Inglaterra, Cyril Aldred (1915-1991) notabilizou-se em arte egípcia e no período amarniano. Foi Curador das seções de arte egípcia de importantes museus como o *Metropolitan Museum* de Nova Iorque (1955-56) e o *Royal Scottish Museum* (1961-74). Como membro do comitê da “Sociedade para Exploração do Egito”, esteve diversas vezes no Egito, entre 1959 e 1976. Publicou *A arte do Reino Antigo do Egito* (1949), *O desenvolvimento da arte no Antigo Egito* (1952) e *A arte egípcia nos dias dos Faraós* (1980). Como autoridade no período amarniano editou *Aquenaton, faraó do Egito* (1968) e *Aquenaton rei do Egito* (1988), todos não traduzidos para o português. Como generalista, publicou *Os Egípcios* (1961) reeditado em 1988, e traduzido para diversas línguas, inclusive em Portugal. Mesmo que perfilado em teses difusionistas (hoje parcialmente revisadas), trata-se de um dos melhores manuais de história egípcia publicado em nossa língua.

¹¹ O adjetivo “precioso”, aqui empregado, serve para demarcar uma posição muito pessoal a respeito dos livros e autores que, eventual e pontualmente, se alinharam em esquemas de interpretação que hoje estão sendo revisados pelas novas pesquisas e interpretações. Livros e autores como McNeill e Aldred (e outros que serão citados oportunamente como Giordani, Liverani, etc.) não são aqui tomados como uma bibliografia “irremediavelmente superada”. Aqui adota-se o paradigma que a história registro é uma ciência em construção. Conhecer como ela foi feita, saber a partir de que bases, suposições e hipóteses, esse conhecimento foi se constituindo não é só uma questão de reconhecimento pelo que realizaram os que vieram antes de nós. É também uma questão de sabedoria e inteligência. É decidir que é mais sábio e prudente subirmos nos ombros daqueles que nos antecederam, para dali avançar, do que pisar nos seus pescoços, subestimando suas contribuições, imaginando que só assim é que nos podemos afirmar.

¹² ALDRED, Cyril. *Os egípcios*. Lisboa: Verbo, 1972, p. 66.

O mundo por volta de 20000 a.C.

Esse preâmbulo de Aldred nos oferece o ensejo de percorrermos o que aconteceu de importante, entre 20000 e 10000 a.C., não só no Nordeste da África, onde no futuro iria se desenvolver a civilização egípcia, mas também na Mesopotâmia e, especialmente, naquela região onde mais tarde se formou o chamado **Crescente Fértil**.

Por volta de 20000 a.C., o mundo vivia a chamada **Idade do Gelo**. Grande parte da Europa, Ásia e América do Norte, era coberta por lençóis de gelo impenetráveis (Fig. 15). Na calota polar, gigantescas geleiras retinham uma grande quantidade de água congelada. O nível dos oceanos, em média, era muito mais baixo que o atual. As temperaturas eram de 10 a 12 graus mais baixas que as atuais.

Sob essas condições, e nessas regiões, a espécie humana tinha poucas chances de sobreviver e de se multiplicar. Os grupos humanos que existiam formavam pequenos bandos que caçavam e colhiam do mesmo modo que faziam nos 100000 anos

anteriores. A África ficava mais distante dos nefastos efeitos das geleiras. Tudo indica que foi o *habitat* original do homem primitivo.

No Nordeste do continente africano, onde depois se localizou o Antigo Egito, o que existia era um **grande lago**, cuja área englobava o atual deserto líbico e o deserto arábico.

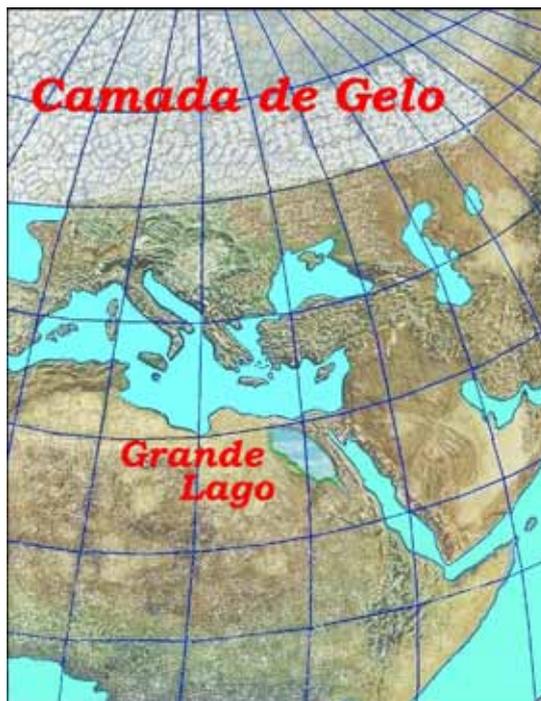


Fig.15 - O mundo da Idade do Gelo, por volta de 20000 a.C., com o grande lago no NE da África.

15000 - 10000 a.C.: o fim da Idade do Gelo

No período que vai de 15000 a 10000 a.C., importantes mudanças climáticas começaram a mudar o quadro anterior. Na Europa, a camada de gelo recuou até a Escandinávia (Suécia, Noruega, Lapônia) e Norte da Rússia. Em certas regiões a vegetação ficou mais abundante, os animais se multiplicaram e a humanidade aumentou. Entre tais regiões, destacou-se aquela que chamamos de **Crescente**

Fértil (Fig. 16).

Era uma faixa de terra que, da atual Jordânia, estendia-se até os contrafortes da Ásia Menor, desviando-se ao longo do Tigre e Eufrates até alcançar o Golfo Pérsico. Sobre essa região



Fig.16- Corredor Palestino, Mesopotâmia e o Crescente Fértil, entre 15000 e 10000 a.C.

incidiam chuvas sazonais que eram provocadas pelo encontro das massas de ar quente e úmido, vindas do Mediterrâneo (formadas pelo aquecimento resultante do recuo das geleiras), com as frentes frias originadas nas montanhas que circundavam a região. Com a incidência dessas chuvas, nas encostas mais baixas das estepes, começaram a se formar campos de cereais silvestres (o **Crescente Fértil**), onde pastavam o carneiro, a gazela, o boi e o burro selvagem. As partes mais elevadas eram o *habitat* das cabras e cabritos monteses, assim como do cachorro selvagem.

10000 - 7500 a.C.: o começo da agricultura (no Crescente)

Na zona do Crescente Fértil, pouco a pouco, os bandos humanos foram se acampando em cavernas, situadas nas partes mais altas. Começaram a domesticar os animais. Primeiro foram as cabras, cabritos e cachorros selvagens. O passo seguinte foi a substituição da simples colheita dos cereais

silvestres pela seleção daquelas espécies mais apropriadas para o cultivo. As primeiras lavouras foram se formando. Isso produziu modificações no modo de agregação. Acampamentos mais permanentes foram sendo levantados. As casas eram redondas, indicativo de núcleos familiares estáticos. Na extremidade ocidental do arco do Crescente Fértil mais próximo do futuro Egito, formou-se uma das mais antigas aldeias de agricultores: o sítio de **Jericó** (8000 a.C.).

O Egito no fim da Idade do Gelo: o recuo do Grande Lago e a formação do Rio Nilo

Essas mudanças climáticas também produziram suas consequências no Nordeste da África, onde no futuro iria se formar o Egito. Cyril Aldred, dando continuidade à sua excelente descrição, assim nos apresenta as presumíveis ocorrências desse período (cerca de 10000 a.C.) na região,

O Nilo, depois de ter sido um vasto lago interior, restringiu-se, progressivamente, até o seu leito atual, deixando, atrás, oito terraços a ladear as colinas dos desertos Líbico e Árábico, nos quais, nos quatro mais baixos, foram encontrados objetos de sílex característicos do Paleolítico inferior. Na sua procura de água, os habitantes da região viram-se imperiosamente forçados a uma maior concentração à beira do Nilo e, aqui, deve haver ocorrido a transição gradual da economia de caça para a de uma produção de alimentos. Estes remotos colonos encontraram um vale cheio de pântanos, com caniçais e baixios deixados pela corrente do Nilo e abundante em peixes e aves, além de hipopótamos e crocodilos (ALDRED, Cyril. Op. cit. p. 66)

A origem da agricultura no Egito Antigo: a Hipótese Oriental (William McNeill – Cyril Aldred)

Em certo momento desse penumbroso passado, iniciou-se no Egito a seleção e o cultivo de grãos, dando-se início a uma das mais importantes revoluções tecnológicas do alvorecer da humanidade, ou seja, a **revolução agrícola**. Como isso teria começado?

Uma das hipóteses mais tradicionais é aquela que vislumbra o surgimento da agricultura no vale do rio Nilo como tendo sido introduzido **por populações vindas do oriente**, ou seja, do **Crescente Fértil**.

William McNeill, como se viu atrás, embora de forma não muito explícita, foi um dos historiadores que se alinhou na tese de que a “irrigação” e o “arado”, entre outros avanços civilizatórios (metalurgia, escrita, veículos de roda, construções monumentais) foram trazidos para o Egito por “navegantes provindos do fundo do Golfo Pérsico (...) contornando a Arábia até o Mar Vermelho” (MCNEILL, William. Op. cit. p. 23).

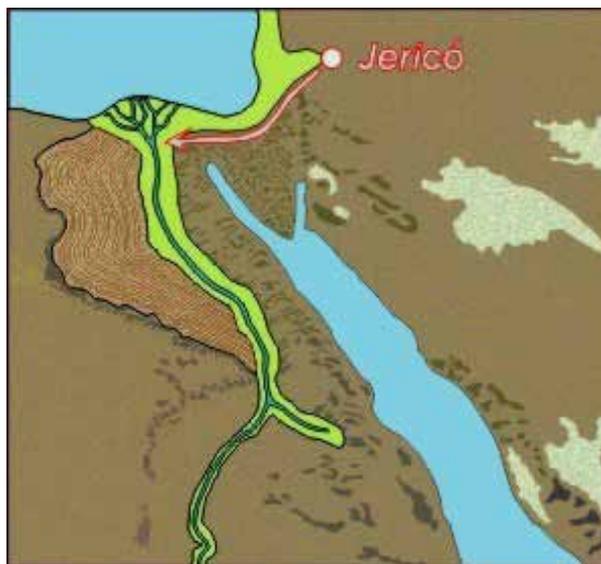


Fig.17 - O Egito Antigo entre 10000 e 7000 a.C.: o recuo do Grande Lago, a formação dos oito terraços, até o leito do Nilo.

Cyril Aldred também partilhou da mesma opinião, explicitando mais claramente seu raciocínio. Seu argumento é que os habitantes das margens do Nilo, **nunca tiveram a necessidade de inventar a agricultura, pois dispunham de fartura de alimentos**. Segundo ele, as margens do Nilo eram abundantes em raízes, assim como em “mamíferos, peixes e aves que podiam ser caçados facilmente”. Os primeiros habitantes das margens, por conseguinte,

“não devem ter sofrido grande pressão para mudar seu modo de vida nômade” (ALDRED, Cyril. Op. cit. p. 67).

Para o referido autor, então, a introdução da agricultura no Egito teria sido feita por “imigrantes posteriores, **provavelmente da Palestina** (grifo nosso), que trouxeram com eles as novas artes do cultivador, semeando cevada ou trigo de espigas de dois

grãos” (Op. cit. p. 67).

Resumindo: essa **hipótese da origem oriental** (Palestina ou Golfo Pérsico) da agricultura egípcia parte, como já foi dito, dos paradigmas do difusionismo, e de duas premissas. Uma delas é que a primeira grande revolução agrícola na humanidade

ocorreu no Crescente Fértil. A outra é que dessa revolução agrícola primeva surgiram as mais antigas aldeias agrícolas da raça humana. Como uma dessas aldeias é **Jericó**, (+ ou - 8000 a.C.), situada no **Corredor Palestino**, passou-se a cogitar que foi dali que teriam partido (ver esquema no mapa da Fig.17) os “imigrantes posteriores” que teriam levado, para o Egito “as novas artes do cultivador”.

A origem da agricultura no Egito: a Hipótese Pan-africana

Na senda das novas investigações que estão em curso nas últimas décadas, que visam apresentar a gênese da civilização egípcia como tendo suas **raízes na própria África**, estão as pesquisas que vem sendo feitas por um grupo da **Universidade La Sapienza**, de Roma, chefiado por **Bárbara Barich**. O local fica no chamado *Wadi El-Obeid*, no tórrido e inóspito deserto Líbico (Fig. 18).



Fig.18 - Wadi El Obeid, deserto Líbico, próximo do Oásis de El Farafra, local das prospecções da equipe dirigida por Bárbara Barich.

O local fica próximo do **oásis de Farafra**, o qual fazia parte de um conjunto de quatro oásis

– Kargha, Dakla, Farafra e Siwa – encravados no deserto e que, depois que o Egito se formou, foram ocupados por populações líbicas e por supostas caravanas de nômades mercadores, cujos contatos com o Egito faraônico ainda não estão bem estudados (Fig. 19).



Fig.19 - O deserto Líbico e seus quatro oásis, entre eles o de El Farafra.

O local onde estão sendo feitas as pesquisas é uma depressão do terreno formada de antigas praias que existiam nos limites do grande lago. Segundo **Enrico Barich**, autor da comunicação a partir da qual se fez este resumo, ali foram encontrados **vestígios de uma dezena de cabanas** (Fig. 20), com embasamento de pedra. Segundo o mesmo autor, isso estaria indicando uma ocupação sistemática do local, já por volta de 5000 a.C.



Fig.20 - Bárbara Barich examinando os restos dos embasamentos de pedra das cabanas de Farafra.

Nas proximidades das referidas cabanas, foram encontrados também os restos de uma série de antigas fogueiras (Fig. 21), em algumas das quais foram encontrados **grãos calcinados de sorgo**, e de outros cereais típicos da **África Setentrional**. O referido material tem sua datação estimada como sendo de 5000 a.C.

O artigo completo, intitulado *Prima dei Faraoni*, em italiano, está publicado na Revista "ARCHEOLOGIA VIVA", vol. 17, nº 70, mar/1998, da Hemeroteca da Biblioteca Central da PUCRS.

O fato dos grãos de sorgo calcinados terem sido encontrados, isoladamente, não apontaria para uma correspondente atividade agrícola. Poderiam, por exemplo, ser o resultado de uma simples coleta.

Segundo **Enrico Barich**, o autor do artigo supramencionado, os indicativos de uma atividade protoagrícola na região são os diversos **objetos líticos** também encontrados na área (Fig. 22). São pedras pontiagudas, que poderiam ser de flechas e arpões para a caça e a pesca, mas cujas faces cortantes também poderiam servir, uma

vez acopladas a uma haste de madeira, como instrumentos para a ceifa de cereais.

No reforço dessa última suposição, de que no local

possivelmente se desenvolvia uma atividade pelo menos protoagrícola, o grupo de pesquisadores do sítio de El Farafra apresenta, ainda, as pedras de moinho (Fig. 23), usadas na moagem de grãos. De tudo isso, afinal, o autor conclui que, diferentemente do que pensavam egiptólogos como McNeill e Aldred, o começo da agricultura no Egito pode ter sido um processo intrínseco, autônomo, africano em sua especificidade, separado de uma presumível influência oriental.



Fig.21 - Restos de fogueiras, onde aparecem grãos de sorgo calcinados.



Fig.22 - Material lítico de Farafra. Possível componente de ceifadoras.

Nas formas da arquitetura egípcia: o traslado das imagens do deserto?

Antes de aqui prosseguirmos na apresentação dessas novas abordagens e interpretações, que procuram relacionar a gênese da civilização egípcia com a própria África, convém lembrar que muitas delas ainda não são teorias e interpretações consolidadas. Talvez até mesmo não venham nunca a se



Fig.23 - Pedra de moinho encontrada nas escavações de Farafra.

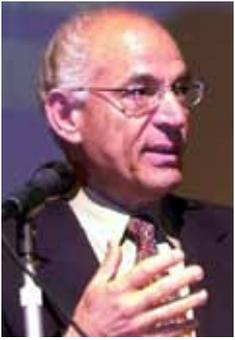


Fig.24 - Prof. Farouk El-Baz, da Universidade de Boston.

consolidar. Entre essas novas proposições, que se alinham na tese geral que a civilização egípcia foi um processo que se iniciou no deserto africano, as próprias revistas especializadas tem dado abrigo a matérias que poderíamos chamar de “arrojadas”.



Fig.25 - Formação rochosa do Deserto Líbico que a erosão deixou assemelhada àquelas das futuras esfinges.

Nesse caso estão alguns artigos que sugerem que a arquitetura egípcia, em muitas de suas formas,

reproduziu um conjunto de imagens que os egípcios pré-históricos (vindos das margens do Grande Lago) teriam assimilado na sua longa permanência no deserto e que teriam persistido na memória interior de sua população como uma espécie de imaginário coletivo.

Um desses autores é o Prof. Farouk El-Baz (Fig. 24), egípcio de nascimento e norte-americano naturalizado, geólogo renomado por seus estudos sobre a evolução das formações rochosas dos desertos. Numa comunicação feita na *Boston University* (disponível em <http://news.dri.edu/nr2004>), da qual é membro desde 1986, e publicada na

Revista *Archeologia Viva*,¹³ ele procura mostrar que a erosão produziu nas rochas do deserto formas que se assemelham àquelas que os primitivos egípcios, depois de terem sido forçados a “uma gradual migração em direção ao vale do Nilo”, reproduziram quando de suas criações arquitetônicas. Nesse seu artigo o prof. Farouk ilustra seu argumento com fotos de formações rochosas (Fig. 25) que se assemelham a esfinges, ou mesmo pirâmides.

Outro autor que publicou trabalhos na mesma direção é Thomas Miller, que se apresenta como “fazendo parte de um grupo de trabalho fundado em 1996 pela Fundação Graham de Estudos Avançados em História da Arte, de Chicago”. Num “ensaio fotográfico”, por ele intitulado *Imagens do Deserto & Translado Arquitetônico*, publicado na Revista *KMT*,¹⁴ ele começa afirmando que

O deserto, para os egípcios, não era visto como um lugar ermo e desconhecido. Muitos de seus ancestrais caçadores-coletores ali habitaram durante a pré-história, particularmente nos oásis do deserto ocidental. Ali, durante o período Neolítico (5500 - 2500 a.C.), uma grande seca atingiu o Sahara, empurrando a maior parte dessa população para o vale do Nilo. Não obstante, os contatos intermitentes entre as comunidades que sobreviveram no deserto e

¹³ *ARCHEOLOGIA VIVA*, vol. 17, nº 70, mar/1999, p. 70-73. Um dado curioso é que essa não é a única matéria sobre os desertos que cercam o Egito, nessa revista que tem como “anunciante” empresas de turismo que oferecem pacotes turísticos (...) justamente para esses locais!

¹⁴ A revista *KMT*, editada nos U.S.A, é especializada em Egito Antigo e se apresenta como uma das tantas iniciativas dos norte-americanos de se alinhar, ao lado da França, Alemanha, Inglaterra e Itália, como um grande centro de egiptologia.

as populações que se fixaram ao longo do rio continuaram, tornando a nascente civilização egípcia familiarizada com o deserto.

Por essa razão que muitas formações naturais do deserto egípcio dão a impressão que serviram de modelos para a arte e a arquitetura do Vale do Nilo. A questão sobre como, quanto e em que medida essa matriz natural inspirou as duas últimas é, naturalmente, difícil, quando não impossível de ser respondida.¹⁵

Na ilustração de seu “ensaio fotográfico”, Thomas Miller alinha uma sequência de fotos, nas quais procura mostrar a similitude de certas formações rochosas dos desertos que circundam o Egito, com as formas adotadas pelos arquitetos egípcios para suas sepulturas (mastabas, pirâmides) e templos. A começar pelas três famosas pirâmides de Gizé (dos faraós **Queóps**, **Quéfren** e **Miquerinos**) cuja distribuição e formato seriam assemelhadas com



Fig.26 - Formações rochosas do Deserto Líbico (esquerda) e pirâmides de Gizé (direita). Um transplante de imagens?



Fig.27 - Formação rochosa do Deserto Líbico (esquerda) e a primeira pirâmide escalonada de Dzozer (direita).



Fig.28 - (Esquerda) Formação rochosa que a erosão deixou assemelhada a uma mastaba (direita), sepultura egípcia.



Fig.29 - (Esquerda) Rochas que, com boa vontade, podem ser comparadas com os pilões de um templo egípcio (Direita).

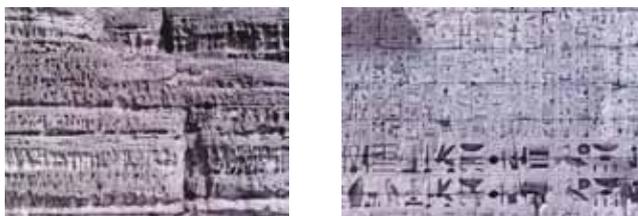


Fig.30 - (Esquerda) Hieróglifos em relevo cavados nas paredes do Templo de Luxor. (Direita) Erosão nas rochas do Sinai.

formações rochosas do deserto ocidental (Fig. 26).

No mesmo tema das pirâmides, o autor do “ensaio fotográfico” alinha uma formação rochosa, também do deserto ocidental, cuja erosão deixou-a com um formato que se assemelha ao que **Im-Hotep**, o arquiteto da pirâmide escalonada de **Dzoser**, conferiu à pirâmide desse faraó da III Dinastia (Fig. 27).

Ainda no tema das sepulturas egípcias, o autor procura sugerir que não só nas formas mais avançadas de sua arquitetura tumular (pela ordem, a pirâmide escalonada e as pirâmides de Gizé), mas desde as sepulturas mais

¹⁵ KMT, vol. II, nº 3, ano 2000, p. 18-22.

primitivas, chamadas de mastabas, os arquitetos egípcios “transplantaram” formas encontradas entre as formações rochosas do deserto (Fig. 28).

Outro elemento que, segundo o autor, os arquitetos egípcios teriam “transladado” das formações rochosas do deserto seria a disposição dos pilones, que eram os dois pórticos de entrada dos templos egípcios (Fig. 29).

Outra comparação sugerida pelo autor é entre os conjuntos de hieróglifos feitos em relevo cavado, aquele em que o signo desejado era “escavado” na superfície de uma parede (Fig. 30, esquerda), com os vincos que a erosão fazia em algumas rochas do deserto (Fig. 30, direita).

LEITURAS ADICIONAIS

Aqui se faz necessário dizer que o abrigo dessas “arrojadas” interpretações não significa que estamos de acordo com elas. Mas, por mais reservas que tenhamos sobre sua validade, o fato é que elas estão aí, circulando em revistas especializadas e disponíveis em *sites* da Internet.

É bom lembrar, outrossim, que o interesse dos historiadores pelo tema do imaginário é cada vez maior. A crise dos paradigmas do racionalismo cartesiano e do positivismo de Augusto Comte que,

até meados do século XX, orientavam os estudos históricos na preferência pelas fontes “materiais”, proporcionou uma abertura para as novas fontes, entre elas o imaginário. Aproximaram-se, por vezes até problematicamente, a história e a antropologia. Os antropólogos, como se sabe, foram os primeiros a adotar os paradigmas teóricos de Carl C. Jung (1875-1921), em especial sua noção dos **arquétipos**, que correspondem ao conteúdo de imagens e símbolos constitutivos do inconsciente coletivo, que se evidenciam nos mitos e lendas e são compartilhados por toda a humanidade.

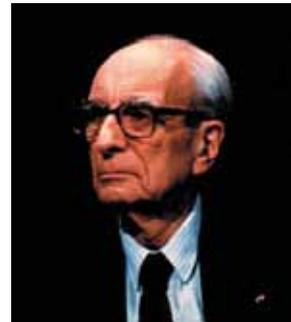


Fig.31 - Claude Lévi-Strauss, o criador do estruturalismo.

Claude Lévi-Strauss (Fig. 31) e Jean Bachelard voltaram-se para o estudo das comunidades ditas “primitivas” e se deram conta da força diretiva que os mitos (e suas respectivas imagens constitutivas) exerciam nas formas de organização dessas sociedades.

Lévi-Strauss, o criador do estruturalismo, partia da premissa básica que todos os indivíduos da raça humana aprendem da mesma forma, ou seja, que os indivíduos aprendem enquanto usam a linguagem. Para ele, todos os homens (ele não aceitava a distinção entre sociedades ditas “civilizadas” e as



Fig.32 - Gilbert Durant, o criador do Centro de Pesquisas sobre o Imaginário.

consideradas “primitivas”) passam do estado natural para o cultural, obedecendo a leis linguísticas que não foram criadas por eles, mas que pertencem aos mecanismos do próprio cérebro humano.

Discípulo tanto de Lévi-Strauss como de Bachelard, o francês Gilbert Durand (Fig.32)

foi mais adiante. Em 1967, fundou o **Centro de Pesquisas sobre o Imaginário**, o qual tem servido de fonte de referência para o avanço dos estudos nessa área do conhecimento.

Definindo o imaginário como o conjunto do capital simbólico do *homo sapiens*, formado das imagens e das relações entre elas, Durand reafirma a dimensão dos arquétipos e da força direcionante dos mitos em todas as sociedades. Os mitemas, segundo ele, são “metáforas obsessivas” (grupos de imagens que se repetem) e que constituem o núcleo significativo dos grandes mitos, e que podem ser detectados em todas as sociedades. Um mitema, de acordo com seus enunciados, pode ser um objeto, um emblema, uma situação dramática, um cenário mítico, (as imagens do deserto?) etc.

Essa questão dos paradigmas a partir dos quais os historiadores intentam entender e explicar o que

aconteceu na História tem experimentado, nos últimos anos, uma notável ampliação. No que diz respeito à proposição de se ver no imaginário (entendido como tal, entre tantas definições, aquela que o vê como um conjunto de representações e imagens mentais por meio das quais os homens fazem ideia de algo, dos outros e de si mesmos), ou seja, como algo que, ao lado do real e do simbólico, fundamenta as instituições e práticas dos grupos sociais, destaca-se, entre outros, o nome de Cornélius Castoriadis (Fig. 33), filósofo, economista e psicanalista, nascido em 1922 e falecido em 1997. Foi militante da Juventude Comunista que desafiou a ditadura em seu país nos anos 30 e 40. Porém, em dezembro de 1944, quando do golpe de estado que instalou na Grécia um governo stalinista, passou a revisar as suas concepções marxistas.

Chegado à França, em 1945, participou das discussões preparatórias para o segundo Congresso da IV Internacional. Como naquela época o socialismo real (especialmente

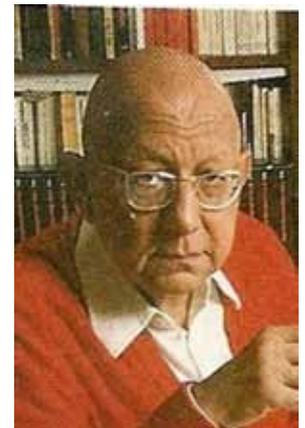


Fig.33 - Cornélius Castoriadis (1920-1997).

na Rússia) estabelecia como programa de governo o nacionalismo e o planejamento central (burocratizante) da economia, Castoriadis passou a

defender uma espécie de gestão coletiva de todas as atividades sociais. Tal posição levou-o a uma ruptura com o racionalismo e com o determinismo a que o marxismo real havia chegado. Para ele, nenhuma “artimanha da razão” sobredetermina os destinos coletivos. Ninguém pode e nem poderia jamais perceber o segredo da história, isso simplesmente porque não existe nela um fim pré-determinado.

Castoriadis considera “o imaginário como o fundamento da sociedade”.¹⁶ Uma sociedade, segundo ele, não se forma sem que os indivíduos que a constituem detenham os meios de viver juntos, notadamente os meios de produção. Mas uma sociedade não se reduz a seus componentes materiais. Ela cria igualmente um **magma de significações imaginárias** (conceito básico das reflexões de Castoriadis) que ligam os indivíduos e conferem um sentido à sua ação. Essa é a tese central sustentada por ele na sua obra máxima: “A instituição imaginária da sociedade”, de 1975.

Nessa obra Castoriadis mostra a influência nele exercida pelos escritos de Max Weber sobre as representações religiosas e seu impacto sobre as práticas econômicas (a ética protestante sobre o espírito do capitalismo, por exemplo), colocando no centro de suas preocupações as significações

coletivas que enformam as sociedades. Não realidade (ele não pode ser derivado de elementos materiais), nem racional (não pode ser construído logicamente), o **magna_imaginário** exerce uma tríplice função.

Em primeiro lugar ele **estrutura nossas representações comuns**. Essas significações não têm nada de universal. Elas são apropriadas a cada sociedade. Certos homens se imaginam e se identificam como leopardos; outros como filhos de Abraão; outros, ainda, como herdeiros de uma história nacional.

Em segundo lugar, o imaginário, **dá o sentido desejado de uma ação**. Para certos indivíduos, a prioridade consiste em adorar a Deus. Para outros, procurar sempre mais e mais riqueza.

As significações imaginárias, por fim, **apresentam um impacto sobre nossos afetos**. O crente vive profundamente sua fé. O capitalista está sempre animado de uma febril inquietude que o condena a uma espécie de inovação permanente.

Em resumo, uma sociedade existe porque ela se provê de um conjunto de representações que a cimentam. As instituições, a começar pela linguagem, são as encarnações do imaginário coletivo, pleno de sentido, na ausência do qual, o social se dissolveria imediatamente.

¹⁶ O título e os conteúdos acima expostos foram traduzidos livremente do artigo *L'imaginaire au fondement des sociétés*, de Michel Lallemente, publicado na Revista **Sciences Humaines**, nº 185, de jul/ago/2007.

O SURGIMENTO DAS ELITES

O começo da agricultura visto nas páginas precedentes, por suas implicações, constituiu-se num fato tão prodigioso na história da humanidade que alguns autores chegaram a chamá-la de **revolução agrícola**.¹⁷ Tanto faz que ela tenha surgido primeiro na Mesopotâmia e depois vindo para o Egito, ou que tenha surgido no próprio Egito, de forma autônoma, o fato é que não sabemos bem ao certo como tudo se passou. A teoria é que foi por etapas. No início, a simples coleta. Depois, as primeiras sementeiras, meio ao sabor do acaso. No preparo da colheita, grãos caíam pelo chão. Germinavam perto das casas, formando as primeiras lavouras. Após veio a seleção das espécies mais apropriadas. Instrumentos para limpar o terreno, ceifar e tirar a casca do grão foram os passos seguintes. A cada ciclo de tempo, a partir de meados de julho, uma enchente acontecia. Durante umas doze luas, de julho a setembro (ver Fig.34), ficava tudo inundado. Dava tempo para que os nutrientes orgânicos, que vinham junto com as águas, se fixassem no solo. Depois disso o rio voltava ao seu leito normal e não chovia mais. O grão era semeado onde ficava mais úmido, na beira de

pequenas poças que se formavam nas reentrâncias naturais do terreno. Nessa fase bem remota, acredita-se que a população que vivia nas margens do Nilo era

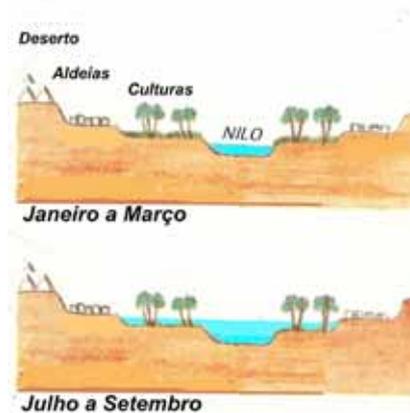


Fig.34 - O Egito primitivo e suas duas estações: a do plantio e a da cheia.

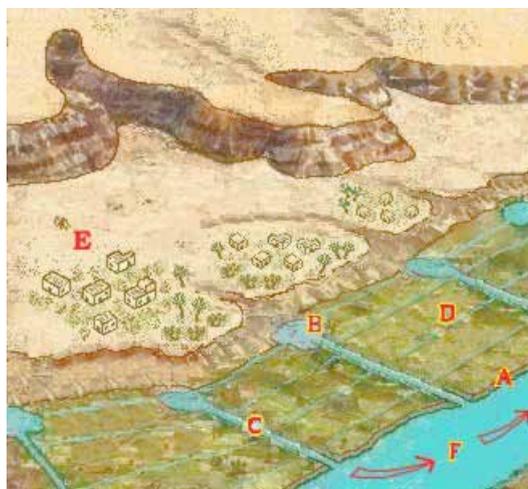


Fig.35 - Sistema hidráulico de uma aldeia egípcia (E) com o Nilo, diques (A), açudes (B), canais (C) e lavouras (D).

igualitária. A terra pertencia a todos. O trabalho era coletivo. Não existiam chefias.

A revolução agrícola do regadio (5000- 4000 a.C.) e o surgimento das elites

Em certo momento desse nebuloso passado, uma família ou todo um grupo desses primeiros

¹⁷ Quem cunhou a expressão foi o antropólogo inglês Gordon Childe, autor de *O que aconteceu na História* e de *A evolução cultural do Homem*.

cultivadores deve ter dado o passo mais decisivo de todos. Erguer um grande dique entre o rio e as lavouras (letra “A” da fig.35). Tentar reter uma maior quantidade de água, fazendo pequenas represas (letra “B” da fig. 35), ali onde já existiam as reentrâncias do terreno. E, depois, distribuir essa água a terrenos mais distantes, através de um sistema de canais de irrigação (letra “C” da fig. 35).

Prontificado o sistema hidráulico, era a vez de organizar as lavouras (letra “D”). Decidir **o que** plantar (trigo para o pão, cevada para a cerveja, alho para o tempero, uva para o vinho, figo para a sobremesa, etc.), **o quanto** plantar, **para que** plantar (consumo local, estatal, exportação, etc.). Erguer casas confortáveis (letra “E”). E, com o tempo, produzir excedentes para importar madeira para construir os navios (letra “F”) de transporte. A suposição é que, para trabalhos de tal escala, envolvendo muita gente, os **grupos humanos coletivos mudaram sua forma de viver**. Ou seja, que foi dessa ampliação dos trabalhos que **apareceram as chefias dirigentes**. Chefias que antes não existiam. De uma ou de outra forma todos concordam que, no Egito primitivo, foi a revolução do regadio que criou a **divisão social do trabalho**, com um grupo para comandar e o resto para trabalhar. Na descrição do processo, entretanto, as discordâncias são muitas. Vejamos algumas delas.

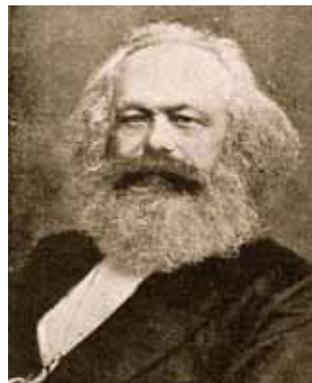


Fig.36 - Karl Marx.

Karl Marx e a teoria das necessidades

Um pensador que teorizou sobre essa questão foi Karl Marx,¹⁸ um dos mais influentes pensadores do mundo contemporâneo e cuja elaboração teórica não só influenciou diversas gerações de pensadores, mas também serviu de base para processos históricos da maior importância, tais como a Revolução Russa de 1917, as Revoluções Chinesa e Cubana, além da implantação do modelo de sociedade socialista em diversos países.

Sobre o surgimento das elites dirigentes no Egito antigo, ele afirmou que:

Não é a fertilidade do solo, mas sua diferenciação, e a variedade de seus produtos naturais, que constituem a base física da **divisão social do trabalho**, e que incitam o homem,¹⁹ com a diversidade das condições naturais em que vive, a multiplicar suas **necessidades**, aptidões, instrumentos e métodos de trabalho. A

¹⁸ Karl Marx nasceu em Treveris, na Alemanha, em 5/5/1818. Ingressou na Universidade de Bonn, em 1835, completando seus estudos em Berlim. Doutourou-se em 1841, com a tese *Relações do homem e do mundo em Demócrito e Epicuro*. A partir de 1842 dirigiu o jornal radical *Rheinsche*. Exilado em Paris, conheceu Engels, e publicou *A miséria da filosofia*, em 1847. Em 1848, em Bruxelas, publicou o *Manifesto Comunista*. Expulso novamente da Alemanha, em 1849, foi para a Inglaterra, dedicando-se à sua obra máxima, *O Capital*, cujo primeiro volume apareceu em 1865. Morreu em Londres, em 14/3/1883.

¹⁹ Note-se que Marx se refere ao **homem**, no coletivo. Isso porque para ele, as coisas que acontecem na história resultam, não da vontade e da determinação de alguns, mas da interação e participação de todos.

necessidade²⁰ de controlar socialmente²¹ uma força natural, de utilizá-la, de apropriar-se dela ou domá-la por meio de obras em grande escala²² feitas pelo homem, desempenhou o papel mais decisivo na história da indústria. É o que se verificou, por exemplo, com as obras (p.589) **para regular as água no Egito** (grifo nosso), onde a irrigação por meio de canais artificiais proporcionava a água indispensável para o cultivo do solo, e depositava nela, com a lama que a água trazia das montanhas, adubos minerais. **A necessidade de calcular** os períodos das cheias do Nilo criou a astronomia egípcia e, com ela, **o domínio da classe sacerdotal como orientadora da agricultura**.²³

Cyril Aldred: nas pegadas de Marx... sem ser marxista!



Fig.37 - Cyril Aldred.

Essa explicação para a transformação da classe sacerdotal egípcia em elite dirigente, formulada por Marx, foi fonte de referência para

²⁰ Nessa passagem Marx não chega a descrever como as pessoas teriam começado a perceber a existência dessa necessidade. Sabe-se, entretanto, que ele era materialista. Para os **materialistas**, e para Marx em particular, o pensamento decorre da ação, a qual ele chamou de "práxis". Deduz-se, pois, que ele imaginava que, no Egito primitivo, as pessoas teriam constatado a necessidade de se fazer uma divisão social do trabalho (uns coordenando, outros executando) no transcurso de sua ação, quer dizer, enquanto iam fazendo as represas e os canais.

²¹ A expressão "controlar socialmente" diz respeito a uma determinada situação em que uma empreitada qualquer é de tal porte que não pode ser feita por pequenos grupos. Exige uma mobilização de uma grande coletividade.

²² A força natural a ser "domada" seriam as **enchentes do Nilo**. As pessoas teriam começado a "perceber a necessidade" de se organizar socialmente quando as obras hidráulicas (diques, canais, etc.) alcançaram uma escala tal que tiveram que contar com a participação de um grande número de pessoas.

²³ MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. Volume II, capítulo XIV, p. 589-590.

muitos e consagrados egiptólogos. Entre eles o já citado Cyril Aldred (Fig. 37), que, mesmo sem ser vinculado ao materialismo histórico, a respeito do surgimento das elites dirigentes no Egito, assim se manifestou:

No Egito, em especial como resultado **do aumento da população**,²⁴ levou a tentar-se dominar a inundação anual do Nilo e distribuí-la sobre terrenos cada vez mais vastos. Os egípcios depressa reconheceram que tal trabalho era mais efetivo quando **feito num esforço de cooperação em larga escala** (grifo nosso). A transformação do poder destruidor da inundação num efeito benéfico acostumou os egípcios a um modo de vida organizado e, naturalmente,²⁵ encorajou o desenvolvimento da política local e das instituições religiosas no sentido de **dirigirem tais empreendimentos** (grifo nosso) e assegurarem o seu êxito.²⁶

Arnold Toynbee e a teoria das personalidades criadoras

O historiador inglês Arnold Toynbee²⁷ foi outro que tratou do assunto. Diferentemente de Marx, todavia, ele considerou que não bastariam as necessidades e

²⁴ No caso de Aldred, fica claro que o que teria criado aquela necessidade a que Marx se referiu, teria sido o aumento da população.

²⁵ A utilização desse termo atesta que Aldred, mesmo seguindo Marx, não era um marxista pleno. Para Marx, a divisão social do trabalho e o surgimento das classes dominantes nunca são processos "naturais" (que fazem parte da natureza humana).

²⁶ ALDRED, Cyril. *Os Egípcios*. Lisboa: Verbo, 1972, p. 68.

²⁷ Arnold Joseph Toynbee nasceu em Londres, em 14/4/1889, e morreu em York, em 22/10/1975. Estudou em Oxford. Lecionou Literatura e História (1919-1924) e História Mundial (1925-1955) na Universidade de Londres. Foi diretor do Instituto Real de Estudos Internacionais. Publicou diversos ensaios sobre a civilização helênica, entre eles o conhecido "O Helenismo", de 1959, traduzido para o português. Seu mais importante trabalho foi o "Um estudo de História", em 12 volumes (I-III, 1934; IV-V, 1939; VII-X, 1954 e XI-XII, 1961).

as banfazejas enchentes do Nilo para que os trabalhos hidráulicos em larga escala começassem a ser feitos, sob a liderança de chefias dirigentes. Seu argumento foi que:

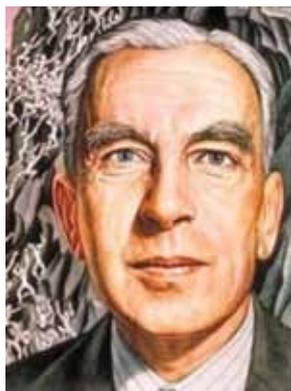


Fig.38 - Arnold Toynbee.

Se fosse assim, em qualquer outra área de um ambiente do tipo nilótico emergiria uma civilização similar à do Egito. A teoria falha no caso do vale do Jordão, que jamais foi sede de civilização alguma. Os vales do Rio Grande e do Colorado, nos Estados Unidos, também.²⁸

Arnold Toynbee trabalha com a teoria do desafio (repto) e das respostas (réplicas). Para ele, todos os grupos humanos, para sair do seu estágio tradicional, encontram um desafio pela frente. Não pode ser um desafio tão forte, a ponto de não permitir uma resposta (como nas regiões polares, cujas populações jamais poderiam formar uma civilização). Mas também não pode ser um desafio tão frágil que não exija uma resposta de mudança (nas ilhas “paradisíacas”, onde é muito fácil sobreviver).

As civilizações, segundo Toynbee, só surgem onde a natureza exige uma mobilização do grupo, e que essa mobilização permita modificar a natureza em favor do grupo. No caso do Egito, o desafio seria o de domar o

rio, conservar as suas águas e distribuí-las para áreas mais distantes. Só que, para Toynbee, esse desafio não é percebido por todos. Segundo ele, um grupo humano pode permanecer toda a sua existência fazendo as coisas do mesmo jeito, repetindo procedimentos, sem jamais inovar. A coisa começa a mudar quando, dentro desses grupos, surgem as *personalidades criadoras*. Em se tratando do Egito, no seu entendimento, os primeiros agricultores poderiam permanecer todo o tempo só plantando perto das pequenas poças naturais, sem nunca pensar em fazer uma represa maior, para aumentar o volume de água e, posteriormente, canalizar essa água para diversas lavouras. Quem teve esse *lampejo* (lampejo este que Toynbee não explica bem de onde vem, o que se constitui num dos pontos vulneráveis de sua teoria), foram apenas e tão somente algumas *personalidades criadoras*. Nas suas palavras:

As sociedades primitivas, tais como as conhecemos, se encontram numa condição **estática**, ao passo que as civilizações se encontram em **movimento dinâmico**. A diferença entre civilizações e sociedades estáticas, primitivas, reside no movimento dinâmico de **personalidades criadoras** dentro de seus organismos sociais. Estas personalidades criadoras nunca passaram de uma minoria.” (Vol.II, p. 409) (...) Se o seu gênio triunfa na tarefa de suplantar a inércia ou a hostilidade de seus antigos companheiros, e conseguem transformar o seu meio social numa nova ordem, torna, conseqüentemente, a vida intolerável **para os homens e para as mulheres de argila comum** (grifo nosso), a menos que estes consigam se adaptar ao novo meio social que lhes foi imposto pela vontade imperiosamente criadora do gênio triunfante. (Op.cit. Vol. II, p. 412).

²⁸ TOYNBEE, Arnold. *Um estudo da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Vol. I, p. 118.

Darci Ribeiro e a teoria da distribuição dos excedentes agrícolas

Entre os pensadores que se inspiraram na teoria das necessidades de Marx está o brasileiro Darci Ribeiro²⁹ autor de importantes trabalhos na área de antropologia cultural. Só que ele viu a coisa um pouco diferente de Marx. Para ele a revolução agrícola teve duas fases. Na primeira delas ainda não teria se produzido a divisão social do trabalho, nem o surgimento das chefias dirigentes. Na sua visão,



Fig.39 - Darci Ribeiro

com o desenvolvimento da revolução agrícola, acumularam-se as inovações tecnológicas (irrigação, adubagem hidráulica, uso do arado, veículos de roda com tração animal, barcos à vela) ensejando o advento das primeiras cidades (revolução urbana). As sociedades vanguardistas destas revoluções tecnológicas, ampliando a capacidade de produção de cada lavrador,

passaram a contar com **excedentes de alimentos** (grifo nosso) que permitiram desligar um número cada vez maior das atividades de subsistência.³⁰

Parece, por conseguinte, que Darcy Ribeiro entendia que a revolução agrícola e a obtenção dos excedentes de alimentos aconteceram em sociedades ainda igualitárias e coletivistas. Tanto é assim que, na sequência de seu argumento, ele afirmou que,

Das primitivas comunidades agrícolas comunitárias (grifo nosso), fundadas na propriedade coletiva da terra passou-se, assim, progressivamente, a **sociedades de classe** (idem), assentadas na propriedade privada ou em outras formas de apropriação e de acumulação do produto social. Os motores básicos dessa diferenciação social, além da renovação tecnológica, foi a contingência de regular a distribuição, dentro da comunidade, dos excedentes de bens que se tornara capaz de produzir (Op. cit. p. 75).

Barry Kemp e a teoria do sentimento de posse e do afã competitivo

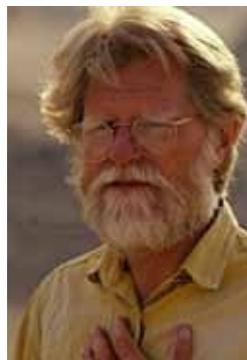


Fig.40 - Barry Kemp.

A queda do socialismo e a crise dos esquemas explicativos ligados ao marxismo vêm fazendo com que, nos últimos anos, os fatos da história antiga sejam explicados à luz de outros pressupostos, alguns deles com evidentes pontos de contato com o liberalismo. Esse

²⁹ Darci Ribeiro nasceu em Montes Claros (MG), em 26/10/1922. Em 1939, ingressou na Faculdade de Medicina. Sem vocação para médico, mudou para Sociologia e Política, graduando-se em 1946. Em 1947 ingressou no Serviço de Proteção ao Índio, o que levou-o a viver longos períodos entre os índios. Em 1955, com a eleição de JK, colaborou no plano educacional do novo governo e planejou a Universidade de Brasília (UnB), da qual foi o primeiro reitor (1959). Em 1962 assumiu o Ministério de Educação e Cultura. No governo Goulart, assumiu a chefia do Gabinete Civil da Presidência da República (1963). Com o golpe de 64 foi cassado. No exílio, lecionou antropologia na Universidade do Uruguai. Em 1968 retornou ao Brasil, sendo novamente cassado, agora pelo AI-5. Preso por quase um ano, em 1969 foi julgado e absolvido. Com o fechamento político ele se autoexilou, fixando-se na Venezuela e depois no Peru, podendo se dedicar a seus principais textos: *O Processo Civilizatório* (1968), *As Américas e a Civilização* (1970), *Os Brasileiros* (1972) e *O Dilema da América Latina* (1978). Em 1976 retornou ao país. Com a anistia de 1979 reintegrou-se à UFRJ. Filiou-se ao PDT, elegendendo-se Vice-Governador (1982) e Senador (1990), pelo Rio de Janeiro. Faleceu em 17/2/1997, sem deixar filhos.

³⁰ RIBEIRO, Darcy. *O processo civilizatório*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 74.

parece ter sido o caso de Barry Kemp³¹, um dos mais momentosos egiptólogos da atualidade. Segundo ele,

às vezes se acreditou que a sociedade organizada, a civilização, surgiu, no Egito e em outros lugares, pela necessidade de coordenar os esforços coletivos para controlar os rios (...) Pelo que diz respeito ao Antigo Egito, pode-se afirmar que **não foi assim** (grifo nosso).³²

Para ele a relação entre a formação do Estado e da sociedade de classe com a agricultura parece inerente. Na mesma linha de Toynbee, entretanto, lembra que, em muitos casos, isso não aconteceu. Assim como Toynbee, também considera que, para o surgimento das chefias

o fator essencial é psicológico (grifo nosso): uma ocupação de caráter permanente, o trabalhar sempre na mesma terra, criam um forte sentido de **direitos territoriais** (...) **em algumas pessoas**, desperta um **afã competitivo**, e faz-lhes ver a possibilidade de obter um excedente agrícola e, com ele, uma existência mais satisfatória, comprando-o de outros ou utilizando a coerção, em vez de realizar, de sua parte, tarefas agrícolas suplementarias. Essa combinação de ambição e sentido místico de identidade, fez com que os indivíduos e as comunidades entrassem em uma situação de possível **competição** e mudou, de uma vez para sempre, a natureza da sociedade. A partir de uns agrupamentos de agricultores, **nos quais não havia chefes**, surgiram umas comunidades nas quais **alguns líderes dirigiam a maioria**. (Op. cit. p. 22)

O SURGIMENTO DA ESCRITA

Como se viu atrás, a emergência da civilização egípcia completou-se por volta de 3100 a.C., com a unificação do Estado. Mas, antes disso, outras ocorrências especiais prepararam essa emergência. Primeiro foi a **revolução agrícola** (+ ou - 5000 - 4000 a.C.). Depois a **consolidação das chefias dirigentes** e da divisão social do trabalho (+ ou - 4000 - 3500 a.C.). Uma das melhores descrições desse período vem de Cyril Aldred, vazada nos seguintes termos:

Na longa jornada dos egípcios para a civilização (...) podem ser definidas duas grandes fases. A primeira é chamada de “**o mais antigo período dinástico**” (grifo nosso). Nos fins do período, por volta de 3600 a.C. (...) encontramos o trigo e a cevada, cultivados e armazenados em covas forradas de esteiras. A arte de fazer canastra era praticada e a técnica de tecelagem do linho foi seguramente iniciada durante este período. Eram também feitos adornos de peles de animais, que podiam ser curtidas ou amaciadas. As agulhas eram de osso. Braceletes de marfim e de conchas, colares de pedras perfuradas e conchas haviam se tornado comuns. Tinta para as pálpebras, à base de verde malaquita, em paletas de xisto, e óleos de limpeza extraídos das patas do castor selvagem, mostram que as artes domésticas, sempre importantes no quente e seco verão egípcio, estavam se desenvolvendo. Os pentes, de ossos e marfim, eram decorados com figuras de animais. Instrumentos e armas eram quase exclusivamente de pedra e sílex e as setas recebiam pontas de sílex e farpas de osso. Durante essa fase (5000 - 3600 a.C.) a comida era aparentemente abundante. Cães, cabras, carneiros, gado vacum, gansos e porcos, haviam sido domesticados e abundava a caça. Os grãos dos cereais eram provavelmente cozidos para sopa ou amassados para pão. A vida espiritual dessa época nunca poderá ser bem conhecida

³¹ KEMP, Barry J. *El Antiguo Egipto, anatomía de una civilización*. Barcelona: Crítica, 1995, p. 22.

³² Barry Joseph Kemp é professor de Egiptologia na Universidade de Cambridge, Inglaterra. Assim como Cyril Aldred, faz parte da Sociedade de Exploração do Egito que opera no Egito desde 1931. Entre 1977 e 1996, inclusive, a maioria das escavações realizadas pela Sociedade estiveram sob sua orientação.

por nós. Como nas sepulturas desse período (5000 - 3600 a.C.) o corpo está usualmente inclinado para o lado, como à espera de um renascer, e é acompanhado de panelas, armas, placas cosméticas (...) parece que acreditavam num além, pelo menos para alguns membros das comunidades (...) O sistema político sob o qual estes povos viveram é verdadeiramente obscuro. Provavelmente as comunidades eram pequenas, sustentando-se a si mesmas e relativamente isoladas. (ALDRED, Cyril. op. cit. p.68-71)



Fig.41 - Hipotéticas rotas da origem oriental da escrita no Egito: setentrional (em azul); meridional (vermelho).

Depois da revolução agrícola e da consolidação da divisão social do trabalho, com a afirmação das chefias dirigentes, o fato que mais se destacou na “longa jornada dos egípcios para a civilização”, de que fala Aldred, foi a **invenção da escrita**. Como isso aconteceu? Como a escrita começou a existir no Egito primitivo? Aqui, como em outros temas, ainda não se tem consenso. Existem, pelo menos, três hipóteses:

- A primeira podemos chamar de **Hipótese Setentrional**. Defende que a escrita veio da Mesopotâmia, **pelo Norte** (Em azul no mapa da Fig. 41).

- A segunda podemos chamar de **Hipótese Meridional**. Defende que a escrita veio da Mesopotâmia, só que **pelo Sul**, contornando a Península Arábica (Em vermelho no mapa da Fig. 41).

- A terceira podemos chamar de **Hipótese Pan-Africana**. Defende uma origem **africana** para a escrita egípcia.

A Hipótese Setentrional: Cyril Aldred

Essa é uma hipótese bastante aceita até agora pelos egiptólogos. Defende que a prática da escrita, no Egito primitivo, veio da Mesopotâmia, junto com outros avanços civilizatórios, como o uso do metal e da construção de casas com tijolos de barro. Um dos que defendem tal ponto de vista é o próprio Cyril Aldred, quando afirma que,

Na longa jornada dos egípcios para a civilização (...) A segunda fase é chamada de **último período pré-histórico** (seria de + ou - 3600 a.C. até 3100 a.C.) (...) Aquela cultura [descrita acima], **essencialmente africana** (grifo nosso), poderia ter ficado estéril, neste grau de desenvolvimento, se não tivesse **sido fertilizada** (idem) por vigorosos contatos **com a Ásia** [idem] de onde vieram algumas inovações significativas como (...) os **instrumentos e armas de cobre** (idem) que podem ter estimulado os egípcios no sentido de conseguirem o domínio do Sinai e do deserto Arábico onde, nos tempos históricos, ficavam as principais jazidas de metais. Outras influências **de países longínquos** foram as **construções com tijolos de barro**, retangulares, secos ao sol, as **impressões em argila com selos cilíndricos**, novos estilos de ornamentação (**monstros heráldicos**, por exemplo) e a **primeira tentativa para um**

sistema pictográfico de escrita (idem), sendo que todas estas influências foram indicadas, por eruditos, **como de origem mesopotâmica** (CYRIL, Aldred. Op. cit. p. 72).

Na sequência de sua explanação, Aldred enuncia os demais argumentos de sua tese sobre a origem oriental da escrita egípcia, afirmando que,

Não parece que todas estas inovações tenham sido impostas por conquista, visto que coincidem com o deflagrar de um turbilhão de **povos de cabeça larga**, talvez originários da Anatólia ou da Síria, do que resultaria uma modificação dos Camitas, **de cabeça comprida**. Tudo parece indicar que esta corrente de influência estrangeira, no quarto milênio, **veio do Norte** (grifo nosso), mas a nossa imagem do delta neste período é, infelizmente, insuficiente (ALDRED, Op. cit. p. 73).

Em suas conclusões, o respeitado membro da Sociedade para Exploração do Egito, lembra que,

A maior parte dessas invenções veio de uma súbita intensificação dos contatos culturais no Mediterrâneo Oriental, como sendo o resultado da invenção de barcos para o mar, um fator que deve ter provocado o florescimento quase simultâneo das civilizações de Creta e do Egito. (ALDRED. Op. cit. p.. 73).

E, finalmente, arremata suas considerações, concluindo que,

O isolamento do Egito no Oriente Próximo, nos tempos antigos, tem sido muito exagerado. O Egito partilhou de um comércio comum, de uma tecnologia e de uma cultura material com seus vizinhos e, se bem que fortemente influenciado por eles, também os influenciou. O caráter distinto que a sua civilização tomou foi quase que inteiramente devido às suas instituições políticas,

e estas vieram, como sabemos, de elementos tipicamente africanos (ALDRED. Op.cit. p.73).

A Hipótese Meridional: Mcneill e Lafforge

A Hipótese Meridional tem em comum com a anterior o fato de que também considera que a escrita egípcia veio da Mesopotâmia. A diferença consiste no trajeto que essa influência possa ter percorrido. Como o próprio nome indica, o pressuposto é que a escrita teria vindo da Mesopotâmia para o Egito pelo Sul.

Como já foi visto atrás, William Mcneill estava entre aqueles que viam “leves, mas inconfundíveis vestígios de influência sumeriana nas primeiras fases da civilização egípcia”, afirmando que a “irrigação, metalurgia, **escrita** (grifo nosso), arado, veículos de roda e construções monumentais – tudo isso já havia aparecido na Mesopotâmia quando Menés unificou o vale do Nilo”. Diferentemente de Aldred (embora, como ele, difusionista), Mcneill estimava que tais influências vieram **pelo Sul**:

Parece provável, pois, que navegantes providos do Golfo Pérsico, **tivessem contornado a Península Arábica** (grifo nosso) até o Mar Vermelho, entrando esporadicamente em contato com os povos (...) do Nilo. (MCNEILL, William.Op.cit. p. 23).

Gilbert Lafforge, renomado egiptólogo francês, é outro dos que se filiam nessa interpretação. Para ele,

as aldeias se agruparam em pequenos reinos, os quais se fundiram em dois Estados. Esta divisão entre Norte e Sul pode ter durado um certo tempo. Por volta de 3.300 - 3.200 a.C., **um novo bando de mesopotâmicos, contornando pelo mar a Península Arábica, penetra no Sul** (grifo nosso). Verifica-se, então, um novo tipo físico na cultura dirigente e a presença de traços culturais trazidos da mesopotâmia: o cilindro carimbo, uma decoração com monstros heráldicos, as construções com tijolos com ressaltos e nichos, e a **idéia primeira de escrita**³³.

A hipótese Pan-Africana: Joseph Cervelló Autuori e Gunther Dreyer

Tal como as pesquisas de Hierakonpolis e Farafrá, que procuram demonstrar o começo “endógeno” (gerado na própria África) da agricultura e da estratificação social do Egito Antigo, outros estudos estão procurando demonstrar o desenvolvimento também autônomo (sem a influência mesopotâmica) da escrita egípcia.

Nesse caso, as pesquisas estão centradas em *Abidos*, um importante centro religioso do Egito Antigo, local do santuário do deus Osíris (Letra “A” da Fig. 42), que, a partir da VI Dinastia (+ ou - 2200 a.C) parece ter sido assimilado ao primitivo deus local *Adentymentiú*. Era ali que, anualmente, se celebravam os “mistérios de Osíris” (reprodução ritual de sua morte e ressurreição). Peregrinos de todo o Egito, nessa ocasião, deixavam suas lembranças

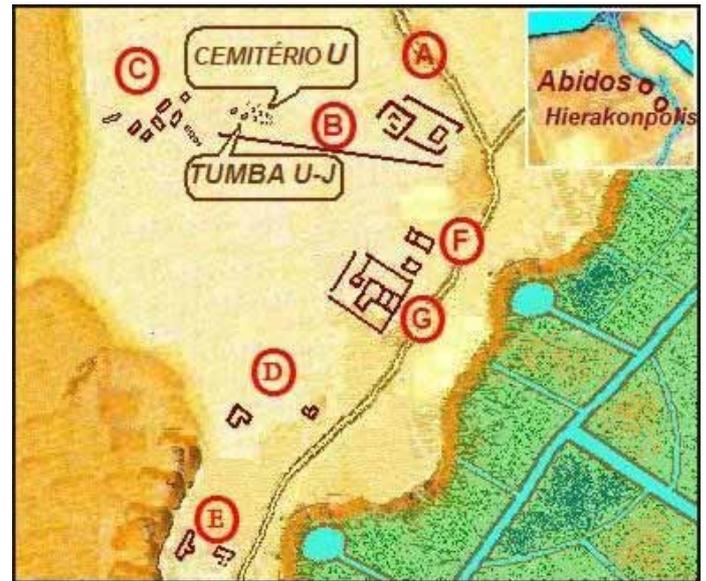


Fig. 42 - Reconstituição livre do santuário de Abydos.

(cenotáfios, estelas, etc) ao longo do que se supõe ter sido uma espécie de “caminho das procissões” (Idem, letra “B”), que ligava o santuário de Osíris ao Cemitério Real (Idem, letra “C”), que abrigava os túmulos dos faraós da I e II Dinastias. Aproveitando a “aura” do local, faraós e rainhas posteriores ali fizeram erguer seus monumentos funerários. Assim foi com Senuosret III (Médio Reino) que ali construiu seu túmulo e seu templo mortuário (Idem, letra “D”). O mesmo foi feito pela rainha Amósis, da XVIII Dinastia (Idem, letra “E”), pelo faraó Tutmés III (Idem, letra “F”), até chegar no governo de Seti I, que ali ergueu seu magnífico templo (Idem, letra “G”).

Para a hipótese do surgimento “endógeno” da escrita egípcia as atenções estão se voltando para uma das partes do Cemitério Real, na área conhecida

³³ LAFFORGE, Gilbert. *A Alta antiguidade, das origens a 500*. Lisboa: Publ. D. Quixote, 1979, p.79.

como “Necrópole de Abydos”. Essa necrópole é formada de três cemitérios (Fig. 43). Dois deles, o Cemitério “B” e o Cemitério Principal, já foram prospectados desde o final do séc. XIX (1899-1901), primeiro pelo francês Émile-Clément Amelineau e depois pelo célebre Flinders Petrie.

O objeto das novas investigações é o chamado **Cemitério U**. Enquanto no Cemitério Principal e no Cemitério “B” foram enterrados os faraós da I e da II Dinastias, no Cemitério “U” foram enterrados os chefes que comandaram a região nos séculos anteriores à unificação, e que estão sendo incluídos pelos egiptólogos na chamada **Dinastia O**.

A expressão “comandaram a região”, acima utilizada, resulta do fato de que o domicílio dos chefes que exerceram o comando ainda não está bem definido. Uns afirmam que foi em Hierakonpolis.

Outros que foi em Abydos. Os dois autores dos quais se tiraram subsídios para esta parte do texto, por exemplo, não são coincidentes. **Joseph Cervelló Autuori**³⁴, afirma que eles residiam em Hierakonpolis



Fig. 43 - Reconstituição livre da necrópole de Abydos, com seus respectivos cemitérios.

e que Abydos era a sua necrópole. **Arnaud e Kiner**³⁵ sustentam que “situada no cruzamento das rotas que levavam ao Mar Vermelho e aos oásis, Abydos era uma (...) cidade próspera que viu se desenvolverem as chefias desde o período pré-histórico”.

Independente dessas indefinições, uma equipe do Instituto Alemão do Cairo, sob o comando do professor Günter Dreyer (Fig. 44), vem apresentando os resultados das escavações que estão sendo feitas na **Tumba U-J**. Essa tumba, ainda que tenha sido violada já na antiguidade, ao que tudo indica quando da construção dos cemitérios da XII Dinastia, conservou intacta sua estrutura original, de 12 compartimentos (Fig. 45), com diversos objetos no seu interior.

Entre os objetos que sobreviveram na referida tumba, chama especial atenção uma peça de marfim (Fig. 46),

que lembra o cetro **hega**, uma espécie de cajado que os futuros faraós carregavam como símbolo de seu poder. Deduz-se, daí, que a pessoa que foi em

Revista de Arqueologia, nº 183, jul/1996, p. 6-15.

³⁵ ARNAUD, Bernardette e KINER, Aline. L'Égypte des rois scorpions. In: *Sciences et Avenir*, nº 711, mai/2006, p. 55-67.

³⁴ AUTUORI, Joseph Cervelló. A Dinastia O: as raízes africanas do Egito. In:



Fig. 44 - Günter Dreyer.



Fig. 45 - Estado atual da Tumba U-J.



Fig. 46 - O cetro hega da Tumba U-J.

terrada na **Tumba U-J** era um importante chefe político.

Além do cajado, a **Tumba U-J** apresenta uma grande quantidade de potes de cerâmica. Existem desde vasilhas bastante toscas, como aquelas que os egípcios

usavam para guardar cerveja e alimentos, até vasos de asas onduladas, em que eram guardados o azeite e as

gorduras.

No conjunto dessas cerâmicas, assim como naquelas que estão sendo encontradas no entorno da **Tumba U-J**, foram pintados diversos tipos de animais (chacal, falcão, leão, etc.). Esses signos, acredita-se, correspondiam aos nomes de reis ancestrais que estão sendo incluídos naquela que se convencionou chamar

de **Dinastia O**. No caso da **Tumba U-J**, umas 60 dessas cerâmicas apresentam o desenho de um

escorpião, com o que se acredita que ela pertenceu ao Rei **Escorpião I**, o qual teria sido o rei que comandou a região depois do rei **Chacal** e antes do rei **Falcão I**. De acordo com Günter Dreyer, com os esparsos elementos até agora recolhidos, dá para estimar que a **Dinastia O** talvez tenha sido formada por cerca de 17 chefes, na presumível sequência do esquema da Fig. 47. Mas essa, por enquanto, é apenas uma hipótese de trabalho a ser complementada.



Fig. 47 - A Dinastia O.

As plaquetas da Tumba U-J e a hipótese do surgimento “endógeno” da escrita egípcia

Diversas das cerâmicas encontradas na **Tumba U-J** foram pintadas com desenhos em tinta negra em que aparecem representações de animais (escorpiões, falcões, peixes, chacais, elefantes, cegonhas, etc.), acompanhadas do desenho de uma planta. Segundo as interpretações que se faz, a planta poderia significar um “jardim”, ou, então, de

um “domínio agrícola”. E o animal, no caso, seria indicativo de um lugar designado por aquele nome. O significado dos dois signos seria, então, o de “jardim do escorpião”, “jardim do chacal”, elefante, touro, peixe,



Fig. 48 - Tabuletas “numéricas” da Tumba U-J.



Fig. 49 - Tabuleta alusiva ao “Domínio do rei Chacal”.

etc. Indicariam, portanto, **o lugar de onde teriam vindo os vasos**, ou, então, do **domínio** ou da **propriedade** da pessoa

que foi ali enterrada (no caso, o rei Escorpião). A hipótese da equipe do professor Günter Dreyer é que os vasos com a inscrição do escorpião teriam vindo dos domínios desse rei, enquanto que os vasos com as inscrições de outros

animais “não podem se tratar senão de ancestrais do rei Escorpião, cujos domínios continuaram a fornecer sua contribuição para a instituição real”.³⁶

Além dos vasos, a descoberta mais retumbante na **Tumba U-J** está nas, aproximadamente, **150 tabuletas de osso e marfim**, furadas numa das pontas. Acredita-se que tais furos eram para permitir a sua fixação nos vasos. Algumas apresentam sinais em forma de incisões uniformes (Fig. 48) que se

acredita “representam cifras que indicam notadamente as dimensões das peças de tecido. A espiral significa 100”.³⁷

Outras tabuletas trazem sinais dentro do mesmo esquema da pintura dos vasos, com uma árvore e um animal. Pode ser, por exemplo, uma árvore e um chacal (Fig. 49). Nesse caso, o signo da árvore, designaria o domínio agrícola, e, associado ao chacal, estaria indicando que a oferta daquele vaso veio das terras do rei Chacal.

Noutros casos o esquema de sinais apresenta mais de um desenho. Como o exemplo da Fig. 50, composto de uma árvore, um elefante e, abaixo deste, três montanhas. Nesse caso, Arnaud e Kiner, sugerem que além do designativo “domínio do rei Elefante”, os sinais apresentam o valor fonético da própria palavra Abydos, uma vez que “o valor fonético de elefante é **ab**, e montanhas é **jou**. **Abjou** é o nome egípcio de Abydos, o domínio do rei Elefante” (Op. cit. p. 63).



Fig. 50 - Tabuleta alusiva ao “Domínio do rei Elefante”.

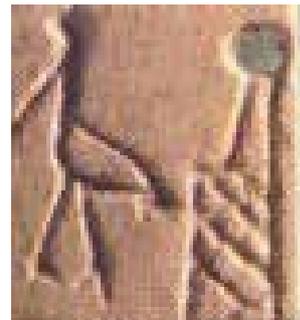


Fig. 51 - Tabuleta alusiva a cidade de Bubastis.

³⁶ ARNAUD, Bernardette e KINER, Aline. L' Egypte des rois scorpions. In: *Sciences et Avenir*, n° 711, mai/2006, p. 62.

³⁷ Ibidem. p. 63.

Em outros casos, no lugar da árvore aparece outro objeto, como na Fig.51, formado de uma cegonha e uma cadeira (trono). De acordo com as autoras, uma cegonha ao lado de uma cadeira (trono), não pode ser lido como se fosse “a cadeira da cegonha”. Isso não teria sentido. Entretanto, de acordo com hieróglifos posteriores, “os linguistas sabem que o valor fonético do pássaro cegonha é **ba**, e aquele de uma cadeira é **set**. Associando-se os dois sinais, pode-se ler **baset** ou **Bastat**. Ou, ainda, **Bubastis**, uma das cidades do delta” (Ibidem, 63).



Fig. 52 - Tabuletas alusivas ao “Ocidente” e “Oriente”.

Existem, por fim, algumas plaquetas que, no entender de suas intérpretes, apresentam significados complementares. A primeira delas, a da esquerda da Fig.52, mostra num de seus lados uma serpente sobre três montanhas. A serpente tem o valor fonético de **dje**, enquanto as montanhas, como já se viu, tem o valor fonético **djou**. No outro lado foi desenhada “uma meia-lua crescente, sobre uma linha tortuosa; este signo, de acordo com hieróglifos posteriores, simbolizava a obscuridade” (Ibidem, p. 63).

Na outra placa temos o mesmo esquema da serpente sobre montanhas. Mas o desenho que acompanha é o pássaro **Ibis**, que simbolizava a luz do sol. Segundo as autoras: “temos, de um lado as montanhas das trevas, e de outro aquelas da luminosidade. Para os

habitantes do Alto Egito, essas etiquetas designavam produtos que vinham das margens leste e oeste do Nilo, lá onde o sol aparece e desaparece por detrás dos montes” (Ibidem, 63).

Outro autor que também se alinha nessa hipótese pan-africana para o surgimento da escrita no Egito é o espanhol Joseph Cervelló Autuori (Op. cit. nota 34). Depois de alinhar diversas considerações sobre o que ele chama de “nascimento da realeza no Egito Pré-Dinástico”, à guisa de conclusão, termina afirmando que,

Não existe nenhuma dúvida que se trata do início da tradição escriturária dos hieróglifos egípcios. Como a Tumba U-J está datada entre **3.250 a 3.200 a.C.**, isso está a indicar que tais signos atestam **o mais antigo testemunho de escritura, tanto no Egito como na Mesopotâmia**. Confirma também a **origem independente** dos dois sistemas. Mais uma vez **supera** a idéia de um aporte civilizador da Mesopotâmia sobre o Egito. Também **revisa** a idéia de que a escrita egípcia **se originou no Delta**, em contato com o Oriente Próximo Asiático, e que dali teria se propagado para o restante do país. Fica indicado também que o início da escrita egípcia esteve vinculado à **iconografia da realeza**, enquanto que na Mesopotâmia a escrita esteve ligada à **economia dos templos** (grifo nosso).

A PRÉ-UNIFICAÇÃO

As aldeias que se formaram ao longo do rio Nilo, inicialmente, eram independentes. Nos últimos estágios da “longa marcha dos egípcios rumo à

civilização”, mais ou menos entre os anos 3300 e 3100 a.C., ocorreu uma tendência à uma unificação entre elas. As aldeias do Norte teriam formado um reino e as aldeias do Sul outro. Como isso deve ter acontecido?

A unificação pelo Norte: Kurt Sethe e outros

Em meados dos anos 1920-30, o alemão Kurt Sethe³⁸, e outros egiptólogos formularam uma teoria explicativa para essa unificação que ainda é utilizada por muitos. Essa teoria considera que a **unificação foi liderada inicialmente pelo Norte**. Tal interpretação se fundamenta no seguinte raciocínio: na **mitologia** egípcia consta a ocorrência de uma **luta** pelo trono do Egito entre os deuses **Hórus e Set**. Na narrativa mítica o vitorioso foi **Hórus**. Como **Hórus** (posteriormente) foi adotado como o deus da monarquia (depois que a mesma estava no Norte), interpretou-se, então, que quem primeiro unificou o Egito foi o reino do **Norte**. Isso teria acontecido porque as aldeias dessa região, em contato mais direto com



Fig. 53 - Kurt Heinrich Sethe

o Oriente Próximo, teriam se tornado culturalmente **mais desenvolvidas que as aldeias do Sul**, mais vinculadas na África. As típicas tradições culturais do Egito, por conseguinte, teriam se **iniciado no Norte** e dali se **propagado para o Sul**. Só depois é que teria ocorrido a unificação definitiva, em sentido contrário, do Sul conquistando o Norte, obra do primeiro faraó, que pode ter usado três nomes: Narmer, Menés e Escorpião.

Essa descrição de Kurt Sethe e de seus contemporâneos desfrutou, e ainda desfruta, de uma ampla aceitação. Até mesmo nos autores empenhados em mostrar que a história do Egito faz parte da história geral da África, essa tese de Kurt Sethe ainda persiste. Esse é o caso de A. Abu Bakr. Mesmo alertando (em nota de rodapé) que a referência básica para a sua descrição, que é a de Kurt Sethe, é “atualmente objeto de controvérsia”, o referido autor afirma que

Parece que em época remota os nomos do Delta [Norte] estiveram organizados em coligações. Os nomos do oeste eram ligados ao deus Hórus. Ao passo que os do Leste ao deus Andjty (posteriormente absorvido por Osiris). Sugeriu-se que os nomos do oeste teriam conquistado os do Leste, formando um reino unido ao Egito setentrional. Desse modo, o culto de Hórus como deus supremo prevaleceu em todo o Delta, propagando-se gradualmente até o Alto Egito [Sul], destronando Set, o principal deus de uma coalizão de povos daquela região.³⁹

³⁸ Heindrih Kurt SETHE (1867-1934), discípulo de Adolf Hermann, lecionou História Antiga e Filologia nas Universidades de Göttingen (desde 1900) e Berlim (desde 1923). Em suas diversas viagens ao Egito, copiou muitos textos, que publicou no seu *Urgeschichte und älteste Religions der Ägypter*. Leipzig: F. Brockhaus, 1930, (não traduzido para o português).

³⁹ BAKR, A. Abu. O Egito faraônico. In: *História Geral da África*. São Paulo: Ática/Unesco, 1983. Vol II, p. 72.

Um dos nossos mais lidos autores de obras sobre a História Antiga, o professor Mário Curtis Giordani⁴⁰ da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na sua reeditadíssima obra *História da Antiguidade Oriental* (está na 17ª edição), afirma que,

Para melhor compreensão do início da História propriamente dita, vamos registrar, grosso modo, a evolução dos principais acontecimentos políticos que precederam a unificação do Egito, atribuída a Menés. O país estava dividido em dois reinos: o do Norte, com a capital em Buto, o do Sul, com a capital em Necken. **O reino do Norte estabeleceu o domínio sobre o reino do Sul, unificando o país** (grifo nosso). O reino sulino, entretanto, reagiu e conseguiu sacudir o jugo do Delta, realizando mais tarde, por sua vez, a unificação que marcou o início da época histórica.⁴¹

A pré-unificação como liderada pelo Sul

Nos últimos anos, diversos estudiosos estão procurando mostrar o contrário. A sua hipótese é que a pré-unificação **sempre foi liderada pelo Sul**. A outra de suas hipóteses é que foi no Sul que nasceram as mais típicas tradições culturais e políticas do Antigo Egito, inclusive a escrita. O egiptólogo espanhol **Joseph Cervelló Autuori**, faz um excelente resumo desses argumentos:

O Estado que empreendeu o processo de expansão que resultou na formação do reino unificado do Alto Egito foi o de Hierakonpolis. Isso se torna evidente a partir de dois tipos de fontes. Uma é a chamada **Tumba 100**, situada na necrópole de Hierakonpolis⁴². Ela foi descoberta em 1899⁴³, e datada de fins do Gerzense (3.500 - 3.300 a.C.), ou princípio do pré-dinástico (...) As paredes eram revestidas de adobe. Toda a superfície mural interior estava revestida de uma capa de gesso, sobre a qual se faziam as pinturas, hoje destruídas, salvo alguns fragmentos conservados no Museu do Cairo. O tema central da composição consiste numa procissão de barcas relacionada, talvez, com a forma embrionária daquilo que, na época faraônica posterior, seria o **Festival Sed**, o ritual de revitalização do poder cósmico do rei. Na barca maior, efetivamente, pode-se ver um dossel colocado sobre uma das cabines, na qual viaja um personagem enrolado, o qual tem sido identificado como a vítima humana (real ou simbólica). Este “sacrifício de prisioneiros” teria lugar no referido festival. No extremo inferior esquerdo se representa este mesmo sacrifício, através do motivo do rei golpeando o inimigo vencido, preso pelo cabelo. Esta iconografia do **Rei Violento** será muito usada na iconografia faraônica [ver Paleta de Narmer]. Ao lado da embarcação aparece um personagem correndo, tendo nas mãos um flagelo e um outro objeto ritual. Prefigura o faraó realizando outra das cerimônias do Festival Sed, uma corrida dentro de um espaço delimitado, que simbolizava a renovação de seu poder sobre o território egípcio. Acima da barca, três personagens dançantes nos remetem às danças rituais que se celebravam igualmente no curso do referido Festival Sed. O vínculo desse cerimonial com um contexto funerário também não será estranho à história subsequente do Egito. Voltará a aparecer, como é bem conhecido, no recinto da pirâmide escalonada de Dzozer, em

⁴⁰ Apesar de todas suas obras, são escassos os seus dados biográficos facilmente disponíveis. Uma das informações é que ele nasceu em Viamão (RS), e, inclusive, fez parte de seu curso de Letras na PUCRS.

⁴¹ GIORDANI, Mário Curtis. *História da Antiguidade Oriental*. Petrópolis: Vozes, 1963. p. 66-67.

⁴² Para sua localização estimada, ver Fig 02, letra “B”.

⁴³ Seu descobridor foi o arqueólogo britânico James Edward Quibell (1867-1935), o qual, assistido por F.W.Green, escavou em Hierakonpolis entre 1897 e 1899. Foi nessas escavações que, no “Depósito Principal” do Templo de Hórus, (ver letra “A” da Fig. 02) foram encontradas a Paleta de Narmer, a Maça do Rei Escorpião e a Cabeça de Narmer. O local da **Tumba 100**, infelizmente, não foi preservado para novas pesquisas, sendo o que dela restou foi tão somente o seu painel, transferido para o Museu do Cairo, onde se encontra desde então.

Sacará, na III Dinastia. A procissão das barcas também inclui diversas cenas de caça e luta, exatamente os temas que, na iconografia do Pré-dinástico Tardio, serviram para expressar a noção de violência régia.

Os animais retratados, seja em fila ou perfilados simetricamente, são pintados uns de preto, outros de vermelho. Pois bem, o preto é a cor da terra fértil, do vale, do deus Osiris. A cor vermelha é a cor da terra estéril, do deserto, e também de Set. Esta oposição entre preto/vermelho, fertilidade e infertilidade, Osiris e Set, é outra das formas de expressão do dualismo egípcio.

A simetria dual, bastante presente nas paletas decoradas do Período Pré-Dinástico também se remetem ao mesmo princípio. Estaríamos, pois, diante da primeira expressão formal da relação da realeza com o princípio dual.⁴⁴



Fig.54 - James Quibell, o descobridor da Tumba 100.

A sobreposição da cerâmica do Sul (Nagada II-Gerzea) sobre a cerâmica do Norte (Maadi)

A suposta superioridade cultural do Norte, na qual se fundamentou a hipótese de Kurt Sethe, está sendo questionada, com uma série de argumentos, pelas pesquisas arqueológicas mais recentes. Um desses argumentos é o da relação entre a cerâmica de Gerzea e a cerâmica da Nagada. Pelo novo argumento, a cerâmica de Gerzea, que se acreditava ter aparecido por influência oriental, na verdade teve

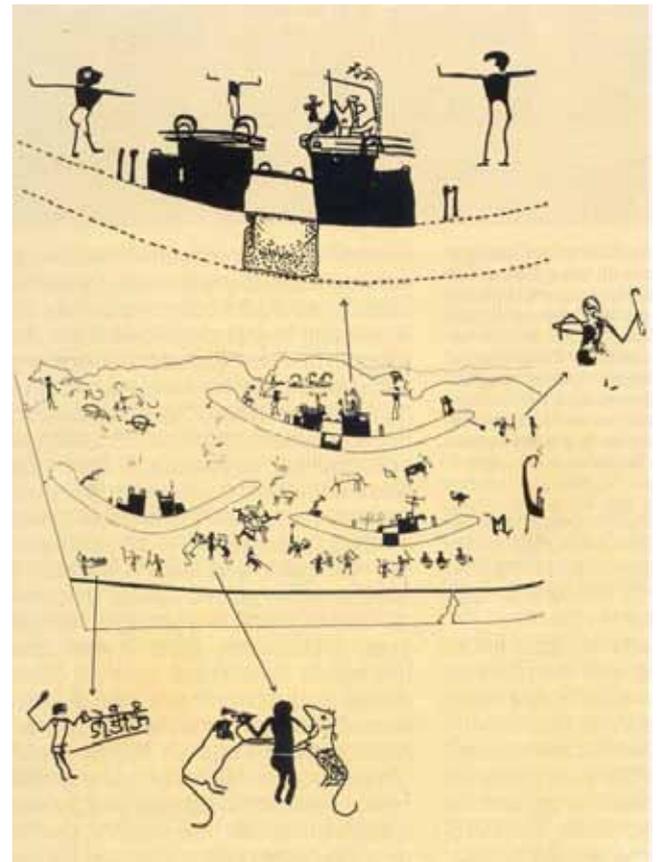


Fig.55 - Detalhes do Painel da Tumba 100.

sua origem no Sul, em Nagada.

Para entendermos melhor essa questão temos que ir por partes. Primeiro, localizar no mapa, onde ficavam os três locais (Fig. 56) e verificar, afinal, o que é revelado pelos respectivos sítios de Maadi e Gerzea, no Norte, e o sítio de Nagada, ao Sul.

O sítio de Maadi é o que ficava mais ao Norte e, portanto, mais próximo do Corredor Palestino e da influência do Oriente Próximo. Em seus níveis mais antigos percebe-se a substituição de objetos de sílex por objetos de cobre o que levou os especialistas a

⁴⁴ AUTUORI, Joseph Cervelló. A Dinastia O: as raízes africanas do Egito. In: *Revista de Arqueologia*. Madrid: set/2002.

supor que Maadi foi um ponto de encontro e de relações de troca entre o Baixo Egito (do Norte) e o Oriente Próximo.

A cerâmica (Fig. 57) encontrada em seus níveis inferiores, (+ ou - entre 4000 e 3500 a.C.), todavia, não mostra grandes avanços. Trata-se de uma cerâmica relativamente tosca, desprovida de asas, e sem nenhuma preocupação ornamental.

Já o sítio de Gerzea, também no Norte, é considerado como apresentando uma espécie de “salto cultural”. O ouro e a prata, além do cobre já encontrado em Maadi aparecem com frequência. A cerâmica mais antiga, do tipo da encontrada em Maadi, foi sendo substituída por outra (Fig. 58), pintada de marrom ou vermelho escuro sobre um fundo creme, com asas, e um variado repertório ornamental (aves, animais, barcos, etc.). A superioridade dessa cerâmica sobre a de Maadi levou Petrie, Sethe, e outros a cogitar que ela resultou de uma “invasão” cultural mesopotâmica, e que dali essa cerâmica teria se propagado para o Sul, tanto assim, que essa cultura é conhecida como **gerzense** (de Gerzea), sendo a cerâmica Nagada II nela incluída.

O contra-argumento das novas formulações é que



Fig.56 - Localização dos sítios mais antigos do Egito.



Fig.57 - Cerâmica de Maadi (+ ou - 4000 - 3500 a.C.).



Fig.58 - Cerâmica Nagada II (+ ou - 3500 - 3200 a.C.).

essa cerâmica Nagada II teve sua origem no Sul (e não por influências orientais). As atuais pesquisas de Hierakonpolis, Nagada e Abydos estariam demonstrando isso. Desses locais é que ela teria se propagado para o Norte, “suplantando” a cerâmica de Maadi, evidenciando, com isso, que aquele “salto cultural” de Maadi veio do Sul. A descrição desse processo é apresentada por Cervelló Autuori, nos seguintes termos:

No começo da fase Nagada II [por volta de 3500 a.C.] é que deve ter-se definido, no Sul, o processo de hierarquização social, e ocorrido o aparecimento das primeiras formas de chefaturas. Estas últimas talvez correspondessem ao protótipo do “rei fazedor de chuva” africano, por nós denominado de “realeza divina fetiche africana”. Tratar-se-iam de chefaturas onde a função cósmica do “rei” era tanto de mediador entre as forças da natureza e da sociedade, como de garantia da ordem universal e da abundância.

Nesta fase é que teria se verificado uma rápida expansão da cultura de Nagada II, **a ponto da mesma sobrepor-se às cerâmicas do Delta** (grifo nosso). Essa expansão da cultura Nagada II não deve ter sido acompanhada de atividade militar. Tratar-se-ia de um tipo de aceitação, por parte das formas culturais mais dinâmicas das aldeias do Sul (grifo nosso).

Os quatro reinos do Sul e seu papel no processo de pré-unificação

De acordo com Cervelló Autuori, durante a metade da fase da Nagada II, por volta de 3400 a.C., já existiam no Alto Egito (Sul) quatro proto-reinos

(Fig. 56). Os de Nagada e de Hierakonpolis eram os mais fortes. Os de Tinis-Abydos (mais ao Norte) e Elefantina (ao Sul) eram de menor expressão. Nagada e Hierakonpolis seriam aquelas localidades que passaram por um processo de evolução urbana mais acentuado.

Alguns autores, inclusive, acreditam que foi em Nagada e Hierakonpolis que foi concebida pela primeira vez a dualidade religiosa territorial **Hórus-Set**. **Hórus** seria cultuado em **Hierakonpolis** e **Set** seria o deus de **Nagada**. Só posteriormente, depois da unificação definitiva, quando os faraós vinculados ao deus Hórus se transferiram para o Norte (para Mênfis) é que essa dualidade teria assumido o significado de Norte (Hórus) e Sul (Set). Foi dessa situação posterior que Kurt Sethe e seus contemporâneos teriam se apoiado para construir a hipótese da unificação pelo Norte.

Para Cervelló Autuori, “o Estado que empreendeu o processo de expansão que resultou na formação do reino unificado do Alto Egito foi o de Hierakonpolis”. Além da Tumba 100, já analisada, outra prova por ele apresentada são as oferendas que os futuros faraós das I e II Dinastias, já então estabelecidos em Tinis, depositavam no templo de Hórus, em Hierakonpolis. Entre tais objetos destacam-se a **Paleta de Narmer** (Fig. 59), encontrada por James Quibell, o mesmo arqueólogo do painel da Tumba 100 (ver nota nº) e

que foi depositada no templo de Hórus pelo fundador da I Dinastia. O faraó Narmer se fez representar com a coroa branca do Sul, dentro a mesma iconografia do **Rei Violento**, tal como aparece no painel da Tumba 100. Ao seu lado um falcão, representando o deus **Hórus**, como que carregando uma barca com seis hastes que, segundo algumas interpretações, podem ter servido para simbolizar as localidades do Delta que foram subjugadas pelo rei que unificou o Egito. A ser correta essa interpretação, estaríamos diante de uma clara “retórica” da unificação comandada pelo Sul.

Outro objeto depositado em Hierakonpolis é uma cabeça que, segundo muitos, seria do faraó Narmer, o fundador da I Dinastia (Fig. 61). Chamam particular atenção os traços da figura, muito próximos daqueles de alguns grupos dos africanos negros. Os pan-africanistas, inclusive, seguidamente apresentam



Fig. 61 - Cabeça que se supõe ter sido de Narmer

essa cabeça como sendo uma das evidências que os egípcios pertenciam à raça negra. Essa, aliás, é uma das mais controversas questões sobre a civilização egípcia. A que raça os egípcios pertenceram? Uma pergunta que está longe de ser resolvida.

Outro desses objetos votivos encontrados no Templo de Hórus, em Hierakonpolis, é a chamada

“Maça do rei Escorpião” (Fig.62), que se encontra no *Ashmolean Museum*, de Oxford, Inglaterra, e na qual o rei foi representado de enxada na mão, abrindo um canal de irrigação. Para Autuori, essa configuração alinha o tipo de chefatura ali representada como um “mediador das forças da natureza” que, no caso, seriam as enchentes do Nilo. E isso, segundo o autor, é mais um indicativo que alinha tais chefaturas do Egito pré-dinástico com a África negra, em que, em muitos casos, o rei era tomado como um “fazedor de chuva”.



Fig. 62 - A “Maça do rei Scorpion” mediador da natureza

Os “serejs” do Cemitério “B” de Abydos

No cemitério “B” de Abydos foram enterrados os primeiros chefes da **Dinastia O**. Ali foram encontrados diversos cacos de cerâmica com seus respectivos “Serejs”. O “Serej” era um dos cinco títulos com os quais os faraós se apresentavam na condição de protegidos das divindades egípcias. No caso do “serej”, era aquele título em que o rei se apresentava como “Filho de Hórus”. A representação desse título consistia num retângulo que lembrava a fachada de um palácio (a “casa grande”, que os egípcios chamavam de **per-a**, de onde veio a palavra faraó), tendo na parte superior

um hieróglifo com o nome do rei. Acima do retângulo se desenhava o falcão. Era como se, pelo conjunto dessas imagens, o faraó se apresentasse como: “Eu sou o rei Fulano (no caso, Serpente), morador da casa grande, filho dileto de Hórus”.

A Estela do Rei Serpente (Fig. 63), encontrada no seu túmulo em Abydos, era, na verdade, uma escultura em relevo de seu “Serej”.

Nos túmulos do Cemitério “B”, de Abydos, assim como no seu entorno, diversos desses “Serejs” foram e continuam sendo encontrados. No do rei **Iri-Hator** (em baixo), o signo sobre o qual a figura do falcão se assenta, corresponde ao nome **Iri**.



Fig.63 - Estela do Rei Serpente tirada de seu Serej.

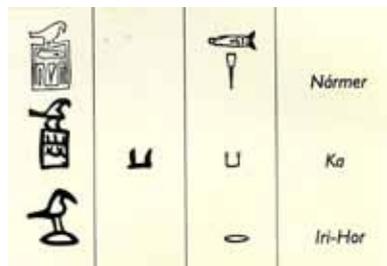


Fig.64 - Serejs do Cemitério “B”, de Abydos (desenhos)

No do rei Ka-Hor, o hieróglifo (duas mãos e antebraços voltados para cima) representa o som Ka.

No do rei Narmer aparecem um cinzel (Nar) e um peixe (Mer). Segundo Autuori, a presença desses signos indica que no cemitério “B” foram enterrados os chefes que pré-unificaram o Egito, constituindo a chamada **Dinastia O**. O que estaria ajudando a demonstrar que essa pré-unificação sempre foi, desde o início, liderada pelo Sul.

O surgimento da escrita, a liderança inicial da pré-unificação e a “espinhosa questão do povoamento”

Subjacente a essa discussão sobre a origem da escrita e da pré-unificação do Egito pré-dinástico, reside a questão do **povoamento** do Egito Antigo. Veja-se, por exemplo, que aqueles autores que defenderam a origem mesopotâmica da escrita egípcia, e a liderança inicial do Norte no processo de unificação, muitas vezes mencionam que isso coincidiu com a chegada de populações fisicamente distintas dos egípcios. Gilbert Lafforge, por exemplo, fala que, com o suposto “bando de mesopotâmios”, que teria trazido a escrita para o Egito, “verificou-se, então, **um novo tipo físico** (grifo nosso) na cultura dirigente”. Cyril Aldred menciona que a presumível chegada da escrita no Egito, vinda da Mesopotâmia, “coincidiu com o deflagar de **um povo de cabeça larga** (...) do que resultaria **uma modificação dos Camitas, de cabeça comprida**”.

Colocada nesses termos, a questão enseja que se discuta sobre a melhor conceituação para se definir as populações que formaram o Egito pré-dinástico.

Ciro Flamarion Cardoso⁴⁵, que não tem por costume

⁴⁵ Professor da Universidade Federal Fluminense, esse notável goiano de 66 anos, (20/8/1942), é um dos mais prestigiados pensadores de nossos meios universitários. Versado em muitas áreas do conhecimento histórico, publicou trabalhos de referência em Historiografia, Metodologia da História (*Uma introdução à História*, de 1981), e em escravismo colonial. Na área de Antiguidade Oriental e Clássica é a maior autoridade em atuação no Brasil. Entre seus diversos livros nessa área destacam-se *Egito*

silenciar diante de questões controversas, ao se pronunciar sobre esse assunto, denominou-o, um tanto precavidamente, como “a espinhosa questão do povoamento”.

Ao introduzir sua incursão sobre o tema, **Ciro Cardoso** lembra que “as teorias do povoamento egípcio que partem de noções raciais” são três. Uma delas reproduz uma antiga tese do século XIX,



Fig.65 - **Ciro Flamarion Cardoso**

considerando que a população do Antigo Egito era fundamentalmente caucasóide ou branca, ou hamítica. Outros, filiados ao pan-africanismo, afirmam que o Egito, “pela etnia de seus habitantes, pertence totalmente ao passado humano dos negros da África”.⁴⁶ Segundo o próprio **Ciro**, essas duas posições “são inaceitáveis, antes de tudo por se apegarem à noção **inútil e pernicioso** (grifo nosso) de **raça**”⁴⁷. A terceira opinião, que se distancia da

Antigo (1982), *Trabalho Compulsório na Antiguidade* (1984), *Antiguidade Oriental, política e religião* (1990), *Sete Olhares sobre a Antiguidade* (1994) e *Deuses, múmias e Zigurates* (1999).

⁴⁶ CARDOSO, **Ciro Flamarion**. *Sete Olhares sobre a antiguidade*. Brasília: UNB, 1998. p. 29-31.

⁴⁷ Como não é do nosso costume usar de muito adjetivos, também não é de bom alvitre ficar comentando a adjetivação dos outros. Sem querer polemizar, queremos concordar com o Prof. **Ciro** que a noção de **raça**, quando tomada no sentido que foi dado por Gobineau e na finalidade com a qual o nazismo a empregou, é pernicioso, sim. Mas, quando tomada no sentido de libertação e de reivindicação da igualdade, e com a finalidade de conscientização e até mesmo de uma apresentação de contas com a História, por certo que não.

ideia de pureza racial, considera que a população egípcia, sempre foi uma mescla de tipos humanos. Ao colocar sua opinião, o autor afirma que,

Em suma, os egípcios antigos resultariam de uma mescla de pessoas de pele escura que desceram o vale do Nilo, com outras de pele mais clara que vieram do Saara, da Ásia Ocidental e talvez de restos de populações pré-históricas da bacia do Mediterrâneo. (Op. cit. p. 30)

Na sequência, Ciro aproveita o ensejo para lembrar as conclusões de um colóquio internacional sobre o povoamento do Egito faraônico realizado no Cairo, em 1974. Um dos pontos consensuais do referido encontro, segundo suas palavras, foi sobre “o caráter fundamentalmente africano do povoamento e da cultura do antigo Egito, o que, no fundo, é o essencial, importando muito mais do que **estéreis discussões**⁴⁸ sobre peles mais claras ou mais escuras”.

É bom lembrar, todavia, que nesse colóquio do Cairo, de 1974, que o professor Ciro F. Cardoso menciona, nem tudo foi consensual. É bem verdade que essa tese da “mestiçagem” foi a esposada pela maioria dos participantes, como os professores Jean Vercoutter (França), Abu Bakr (Egito) e R. El-Naduri (também do Egito). O professor Cheick Anta Diop⁴⁹,

⁴⁸ Mais um, e último, comentário sobre as adjetivações do Prof. Ciro. Não queremos questionar se são ou não **estéreis** as discussões sobre a etnia dos egípcios antigos, partindo da noção de raça. Mas que é uma discussão **candente** para muita gente isso não podemos ignorar.

⁴⁹ O senegalês Cheikh Anta Diop (29/11/1923 - 7/2/1986) foi uma referência cultural do pensamento pan-africanista. Dono de um saber

do Senegal, entretanto, sustentou até o fim que a tese da natureza “mestiça” do povo egípcio **é inaceitável**. A sua argumentação foi baseada em quatro pontos principais:

a) do ponto de vista antropológico: se a raça humana se originou na África, essa população toda devia ter a pigmentação escura, formada de melanina. Portanto, a população seria homogênea e negroide.

b) do ponto de vista iconográfico: ele não aceita o argumento que, nas pinturas dos túmulos, os negros



Fig.66 - O Dr. PhD Cheikh Anta Diop.

são diferenciados de outros personagens. Essa diferença, para ele, era de origem social, não étnica.

c) o testemunho das fontes escritas: o professor assinalou que os autores gregos e latinos sempre descreveram os

egípcios como negros.

variado e denso, sempre aliou a atividade acadêmica com a militância política. Em seus estudos transitou pela Física (estudou 15 anos no Instituto Curie, de Paris), Linguística, Antropologia, Economia, Sociologia e História, área na qual pós-doutorou-se (PhD) na Universidade de Paris (1951), sustentando a tese que o Egito Antigo foi, de fato, uma cultura negra africana. Em 1974 teve traduzido para o inglês seu livro *The African Origin of Civilization: mit or Reality?*. Provocou um alvoroço geral, sustentando a tese que existem evidências arqueológicas e antropológicas que sustentam a hipótese que os faraós tiveram origem negroide.

d) a autodenominação: por fim, o senegalês insistiu no fato de que, para se autodescrever, os egípcios usavam uma única palavra – **kmt** – que era o termo mais usual para indicar a cor preta. Por esse motivo, a palavra **kmt** era representada, na escrita hieroglífica, por um pedaço de carvão vegetal. Essa, inclusive, foi a palavra que deu origem ao termo “camita”, que passou a ser usado correntemente, sendo, inclusive, encontrado na Bíblia sob a forma de “cam”⁵⁰.

As Teorias da Unificação

Como a unificação do Estado foi o fato histórico que viabilizou a grandeza da civilização egípcia, é da maior importância e interesse especular porque foi que a mesma aconteceu. Que fatores históricos podem ter levado as diversas aldeias a se unirem politicamente, primeiro em dois reinos, e depois num só Estado, a partir dos primeiros faraós? Esta é uma pergunta de muitas respostas. Algumas bastante antigas. Outras bastante recentes.

A Hipótese Causal Hidráulica

A **Hipótese Causal Hidráulica** é uma teoria explicativa (daí a palavra hipótese) que vê nos

trabalhos hidráulicos, tais como diques, represas e canais (daí a palavra hidráulica) como a principal causa (daí a palavra causal) para a unificação do Egito e para a formação do Estado faraônico.

Heródoto: “O Egito é um presente do rio”

Heródoto, um viajante grego que visitou o Egito

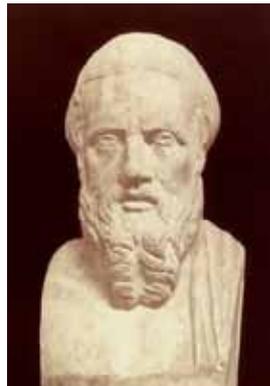


Fig. 67 - Heródoto, o “pai da História”

no séc. V a.C., ficou conhecido como o “Pai da História”. Talvez fosse o caso de se chamá-lo, também, de “Patrono da Hipótese Causal Hidráulica”. Isso porque, ao descrever os acontecimentos que marcaram o começo do reinado dos faraós, ele relatou que

Eles (**os egípcios**) dizem que o primeiro ser humano a reinar no Egito foi Min. Em sua época todo o Egito **era um pântano**, à exceção da província tebaica, e nada aflorava das terras abaixo do lago Moeris, distante sete dias de navegação rio acima a partir do mar. Segundo me parece, eles falam acertadamente à respeito do seu território. É evidente, mesmo para quem não tenha ouvido falar e o veja – pressupondo-se que se trate de um observador atinado – que o Egito para o qual os helenos viajam em suas naus é terra ganha pelos egípcios e **um presente do rio**⁵¹ (...) Na opinião dos sacerdotes e em minha própria opinião, a maior parte desse território de que falei (**ou seja, do delta até a**

⁵⁰ Uma síntese do colóquio está em MOKHTAR, G. (Coord.), *História geral da África II. A África antiga*. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1983, p. 749-773.

⁵¹ Daí decorre a conhecida expressão de que “O Egito é um dom do Nilo”. Mas como se pode ver, antes de ser um presente (transformado em “dom”), para Heródoto as terras agricultáveis foram “ganhas pelos egípcios”.

região do lago Moeris) é constituída de terras aluviais ganhas pelos egípcios (grifo nosso).⁵²

Até meados do séc. XIX Heródoto foi uma das principais, senão a principal fonte para a História Antiga. A importância que ele atribuiu aos trabalhos hidráulicos teve a maior influência. Por conseguinte, é lícito supor-se que a hipótese que vê na unificação do Egito uma resposta para a necessidade de uma administração centralizada das obras de irrigação, possa ter tido, no “Pai da História”, uma importante fonte de referência.

Karl Marx:

*“No Egito, as elites surgiram dos trabalhos hidráulicos”
“O Estado (moderno) foi uma criação da classe dirigente”*

Karl Marx, autor do livro *O Capital*, foi outro pensador que contribuiu para difusão e aceitação da Hipótese Causal Hidráulica. Embora

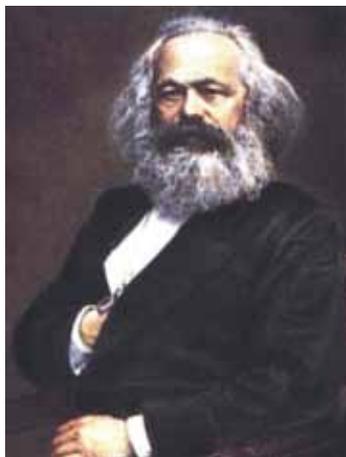


Fig.68 - Marx o criador do Materialismo Histórico

não tivesse dito explicitamente que a unificação do Estado egípcio ocorreu porque passou a existir a necessidade de um controle único das obras

hidráulicas (pelo menos não conhecemos e nunca vimos citada essa passagem), os seguidores de Marx podem ter sido induzidos a imaginar que ele pensava assim. O que Marx disse, isso sim, foi que

Para regular as águas do Egito, onde a irrigação por meio de canais artificiais, não só proporciona a água indispensável ao cultivo do solo, mas deposita nele, com a lama que a água traz das montanhas, adubos minerais (foi que) (...) a necessidade de calcular os períodos das cheias do Nilo criou a astronomia egípcia e, com ela, **o domínio da classe sacerdotal** como orientadora da agricultura.⁵³

O que Marx disse, portanto, foi que os trabalhos hidráulicos **criaram as classes dirigentes** no Egito Antigo. Como em outras passagens de seus escritos, ao analisar a transição do feudalismo para o capitalismo, ele sustentou que os Estados nacionais foram uma criação das classes dominantes dos meios de produção, parece que se deduziu que, para ele, o mesmo aconteceu no Egito, e que isso esteve relacionado com os trabalhos hidráulicos.

Gilbert Lafforge:

“é a falta de água que faz sentir a necessidade de uma autoridade comum a todo o Egito”

Não foram poucos os historiadores que transitaram pela “Hipótese Causal Hidráulica”.

⁵² HERÓDOTO. *História*. Livro II, Incisos IV, V, X. Brasília: Universidade Federal de Brasília, 1988. p. 90-91.

⁵³ MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. Volume II, capítulo XIV, p. 589-590.

Especialmente os franceses que se formaram no Entre-Guerras, bastante familiarizados com o marxismo em sua trajetória acadêmica. Para Gilbert Lafforge, por exemplo,

é a falta de água que faz sentir a necessidade de uma autoridade comum a todo o Egito. O 4º milênio conhece uma evaporação rápida e determinados anos são particularmente desfavoráveis. Com efeito, as cheias do Nilo são bastante irregulares e se a subida do rio é insuficiente (menos de 7 m) a água é açambarcada pelas aldeias mais bem localizadas. É necessário, portanto, **um poder superior** que, informado a partir de junho, sobre a altura da cheia, faça os seus cálculos e **imponha uma repartição eqüitativa do precioso líquido** (grifo nosso).⁵⁴

Jean Vercoutter:

“a estabilidade do povo egípcio (...) teve a favorecê-la a necessidade de um governo forte para assegurar a irrigação”

Outro importante egiptólogo, também francês, que partilhou da mesma linha de interpretação foi Jean Vercoutter⁵⁵ (Fig. 69). Na sua opinião,



Fig. 69 - Jean Vercoutter (1911-2000)

A “falência” da Hipótese Causal Hidráulica

Ciro Flamarion Cardoso, depois de abrir o primeiro capítulo de seu livro *O Egito Antigo* (Fig. 71), com o título acima, e enumerar alguns autores que se alinharam nessa “tese que foi muito popular no século passado

(Marx) e em boa parte do nosso século (K.Wittfogel)”, apresenta a seguinte pergunta: ainda é aceitável uma explicação para a unificação do Egito do tipo das de Lafforge e Vercoutter? Sua resposta é **não**. Diz ele que,

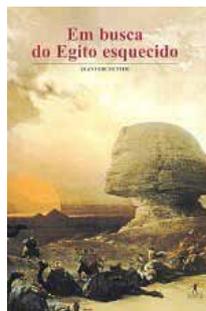


Fig. 70 - Jean Vercoutter (1911-2000)

Para começar a discussão à respeito, forçoso é constatar que, ao contrário do que geralmente se acredita, as indicações precisas de que dispomos sobre a irrigação do Egito Antigo não são muito numerosas. O estudo dos sistemas antigos de irrigação pela arqueologia é difícil. A agricultura irrigada nunca cessou no país, da antiguidade aos nossos dias, o que significa que os consertos e sucessivas construções novas de diques e canais destroem os traços de sistemas mais velhos.⁵⁷

⁵⁴ LAFFORGE, Gilbert. *A Alta Antiguidade, das origens a 550 a.C.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979, p. 79.

⁵⁵ Jean Vercoutter (1911-2000) foi um dos pioneiros nas pesquisas arqueológicas no Sudão. Convidado a lecionar na Universidade de Lille, França, em 1961, reativou o seu Instituto de Papirologia e de Egiptologia e ali fundou o jornal CRIPEL (*Cahiers de Recherches de l'Institut de Papirologie e d'Egiptologie de l'Université de Lille*), atraindo toda uma nova geração de estudiosos da Egiptologia e Sudanologia, desenvolvendo grandes projetos no Sudão. Em 1977, foi nomeado diretor do *Institute Française d'Archeologie Orientale* (IFAO), no Cairo. Seu mais recente

sucesso, traduzido para o português, é o livro *Em busca do Egito Esquecido* (foto acima), no qual apresenta uma panorâmica das aventuras da arqueologia no Egito, desde o século XIX até o final do séc. XX.

⁵⁶ VERCOUTTER, Jean. *O Egito Antigo*. São Paulo: Difel, 1974, p. 19-20.

⁵⁷ CARDOSO, Ciro F. *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 19-20.

Na sequência de sua exposição, o professor Ciro F. Cardoso, afirma que,

Os trabalhos recentes mostraram que o sistema egípcio de irrigação por tanques tinha um caráter local, a princípio. Não há qualquer prova de uma administração centralizada de redes de irrigação até o Reino Médio, isto é, mil anos depois da unificação do reino egípcio. Nestas condições, tudo indica que o papel da agricultura irrigada foi enorme na formação e consolidação das confederações tribais que deram origem, em cada região do país, ao spat (mais conhecido pelo termo grego “nomo”). A irrigação **não pode**, porém, **ser vista como a causa do surgimento do Estado** centralizado de obras hidráulicas para a agricultura irrigada; surgiu **como um resultado tardio** da existência de um Estado forte (grifo nosso). (Op. cit. p. 25)

O “vazio” teórico-explicativo

A “falência” da Hipótese Causal Hidráulica deixou como que um “vazio” teórico-explicativo para a unificação do Estado faraônico. O próprio Ciro Flamarion Cardoso termina o seu capítulo sem preencher por completo a lacuna que, com muita pertinência, o seu estudo traçou. Suas palavras finais foram:

A que atribuir, então, a unificação do Egito? Existem muitas teorias a respeito, difíceis de avaliar em virtude da escassez de dados e fontes. Muitas das tentativas contemporâneas de explicação (L. Kraeder, B.Trigger, R. Carneiro) enfatizam fatores ligados à guerra, à conquista, ao militarismo. Seja como for, tudo indica que o processo de formação do Egito como reino centralizado dependeu de numerosos fatores – demográficos, ecológicos, políticos, etc. – entre os quais a irrigação, pelo menos indiretamente, foi elemento de peso. (Op. cit. p. 25)

Explicação, convenhamos, um tanto vaga e imprecisa. Que nos desculpe nosso maior especialista em História Antiga Oriental. Restamos, pois, tentar preencher esse “vazio” teórico na bibliografia disponível, garimpando suas suposições e hipóteses. Por **suposições**, entende-se aqui, aquelas eventuais sugestões explicativas despidas de maior rigor metódico e científico, sem se ater muito a dados empíricos. Por **hipóteses**, entende-se aqui, aquelas explicações que, mesmo sendo provisórias e ainda não inteiramente comprovadas, resultam de uma organização mais recheada de dados empíricos, mais metodicamente construída em seus enunciados.

A suposição defensiva

Entre as sugestões explicativas para a unificação das aldeias pré-dinásticas do Egito Antigo estão aquelas de certos “generalistas”. São historiadores que publicam manuais de “Histórias Universais” para divulgação entre o grande público. Alguns desses historiadores sugerem, sempre de passagem, que a unificação do Egito poderia ter ocorrido por **preocupações defensivas**. A suposição seria que as aldeias pré-dinásticas, povoadas por agricultores sedentários, poderiam estar se sentindo ameaçadas por nômades periféricos, desejosos de se instalar

na região. O Estado seria, então, uma garantia de constituição de uma força defensiva mais ampla que, isoladamente, as aldeias não teriam como organizar. R. Haddock Lobo é um desses autores. Segundo ele,

No aparecimento e desenvolvimento dos primeiros impérios, está mostrado que o expansionismo constituiu condição essencial de sua formação (...) As primeiras nações da Antigüidade Oriental, à medida que iam crescendo, as forças armadas se lhes tornavam necessárias, tanto para conquistar novas terras **como para assegurar a defesa e manutenção de seus vastos domínios** (...) a espantosa fertilidade das terras egípcias muito concorreu para nelas se desenvolver antiquíssima civilização (...) como por toda a parte aconteceu, formaram estes lavradores pequenos Estados, que travaram entre si contínuas lutas, até que um deles, após ter absorvido vários outros, passou a formar uma grande nação, com vasto território sob um governo único (...) Afirma-se que a primeira capital desse império foi a lendária cidade de Tinis e que, aproximadamente no ano 3000 a.C., os soberanos tinham sua residência em Mênfis (...) enquanto se mantiveram em Mênfis, conquistaram eles terras vizinhas que, como a Península do Sinai, **eram necessárias à segurança de seu reino**⁵⁸ (grifo nosso).

É importante assinalar que esse tipo de interpretação, aqui chamada de suposição, não é totalmente despida de fundamentos teóricos e até mesmo de dados empíricos. Do ponto de vista teórico, tal explicação se alinha na teoria geral que vê no enfrentamento entre nômades e sedentários um processo histórico que se repetiu em muitos momentos da história da humanidade. Como na

Mesopotâmia pré-dinástica, por exemplo. Até mesmo empiricamente essa explicação não está totalmente despida de fundamentação. Heródoto, em seu livro, menciona que uma das grandes realizações de Menés, o primeiro unificador, foi o célebre “muro branco”, que ele teria mandado construir perto de Mênfis. Muitos historiadores viram nisso um cuidado defensivo, para impedir a penetração de populações asiáticas no Egito.

O que depõe contra esse esquema interpretativo é a **ausência de comprovação** que, por volta de 3100 a.C., existisse nas proximidades do Egito **uma população estrangeira** numericamente expressiva e ameaçadora. Quanto ao “muro branco”, se é que realmente existiu (faltam comprovações arqueológicas e documentais), nada garante que era para proteger o Egito de ataques externos.

A suposição repressiva

Por essa suposição, a unificação das aldeias pré-dinásticas pode ter sido para garantir a dominação das elites locais. Com o Estado teriam sido criados **mecanismos de repressão de dimensões estatais**, mais eficazes na manutenção e sujeição da força de trabalho. Esse tipo de suposição nós encontramos, também de passagem, em certos “generalistas” russos da época de Stalin. Nesse período, a Academia de Ciências de Moscou

⁵⁸ LOBO, R. HADDOCK. *História Universal*. São Paulo: Melhoramentos, / data. (Vol. I) p.48-49.

financiava a produção e tradução de manuais de “Histórias Universais” que apresentassem a história da humanidade numa perspectiva supostamente marxista. Os historiadores V. Diakov e L. Kovalev estão entre eles. Ao descreverem o processo de unificação, iniciam dizendo que,

Na origem, os nomos deviam estar isolados uns dos outros (...) os maiores nomos eram os de Elefantina, Hieracômpolis, Abidos, Mênfis e Buto (...) os nomos guerreavam entre si **para disputar a presa ou os escravos** (grifo nosso) por causa dos conflitos provocados pela penúria das águas (...) à frente dos nomos encontravam-se chefes, um dos quais foi o rei Escorpião, que chegou a reunir sob o seu poder um vasto território indo de Hieracômpolis até Mênfis.⁵⁹

Dá para ver que, para os dois autores, antes mesmo de acontecer a unificação, as aldeias (nomos) já se enfrentavam, disputando a água e os **escravos**. Ou seja, que a escravidão esteve na gênese da civilização egípcia, antes mesmo da unificação do Estado. Esse Estado, aliás, é chamado pelos dois autores de **Estado Escravagista**. Logo a seguir, os autores apresentam o processo da unificação propriamente dito, vazado nos seguintes termos,

O Estado forma-se pouco após o reino de Escorpião, sob a Primeira e a Segunda dinastia. As sepulturas desta época demonstram uma nítida desigualdade de fortuna e de condição:

as pessoas simples são enterradas em covas vulgares que encerram um modesto mobiliário, enquanto que os túmulos dos reis e senhores são verdadeiros conjuntos arquiteturais. (Ibidem, p. 183).

Nota-se que os autores não afirmam, **explicitamente**, que a formação do Estado teve a ver com as desigualdades sociais. Mas o leitor é induzido a pensar assim. Na primeira frase falam da unificação. Nas frases seguintes destacam a desigualdade de fortuna. O que o leitor deve pensar? Seria como anunciar que, em 2002, o Brasil foi pentacampeão do mundo. E, na frase seguinte, dizer que, na seleção, o técnico era gaúcho, assim como um zagueiro e um atacante. Não se diria, **explicitamente**, que a causa da vitória foi o fato da seleção ter o espírito gaúcho. Mas, com certeza, seria aquilo que se pretendia que o leitor pensasse.

Mais adiante, os autores voltam à mesma ideia de que a unificação do Estado teve a ver com a repressão e coação da força de trabalho. Isso, é claro, sem anunciar a tese explicitamente. Quando falam do “auge” do poder político, no Antigo Reino, eles afirmam que

Na III e IV Dinastias, o poder real consolidou-se: era necessário isso para unificar o Egito e garantir assim o funcionamento normal do sistema de irrigação, **para quebrar a resistência dos escravos** (grifo nosso) e das comunidades e adquirir **uma multidão de escravos** na Etiópia, Líbia e Palestina (Ibidem, p. 195).

⁵⁹ DIAKOV, V. E KOVALEV, L. *História da Antigüidade*. Lisboa: Estampa, 1976, p. 182.

Percebe-se, pois, a insistência dos autores em sugerir a versão que o Estado faraônico sempre foi um Estado escravagista. O que não está confirmado. O Estado egípcio, por volta de 3000 a.C., não era um Estado, como o romano, por exemplo, que se organizava militarmente para a conquista de escravos. A base produtiva da economia egípcia não era formada a base de escravos. Era de lavradores livres. Existiam escravos, sim. Os faraós faziam incursões pela vizinhança e aprisionavam escravos, sim. Mas eram escravos **setoriais**. Para trabalhar nas minas e como escravos domésticos. O Estado não visava suprir o sistema produtivo de escravos. Dizer, portanto, que era um Estado **escravagista**, não é totalmente correto.

A Hipótese da Distribuição da Cerâmica

Entre as explicações que têm tentado preencher o “vazio” teórico-explicativo para a unificação do Egito, existe aquela que está relacionada com as pesquisas de Hierakonpolis, examinadas anteriormente. Nesse caso, o nome que se destaca é o de Michael A. Hoffman⁶⁰, que esteve envolvido

⁶⁰ Michael Allen Hoffman nasceu em Washinton (1944), e desde cedo revelou sua vocação para a egiptologia. Em 1966 graduou-se pela Universidade de Kentuchy e em 1970 (com 27 anos) recebeu seu PhD pela Universidade de Visconsin. Sua primeira estadia no Egito foi em 1969, quando participou das escavações do sítio Hh 14 de Hierakonpolis. Como Diretor do Laboratório de Arqueologia da Universidade de Virgínia (1972–1979), prosseguiu ativamente das escavações de Hierakonpolis. Ao final desse período, no seu único livro publicado (Fig. 72) *Egypt, before the pharaohs: the pre-historic fundation as egyptian civilization* apresentou

com as primeiras fases das investigações no *Cemitério das Elites* daquele sítio.

Numa matéria por ele intitulada de “Por onde as nações começaram”, da qual a professora Margareth Bakos, da PUCRS, fez uma tradução livre, ele se alinha naquela hipótese que, posteriormente, Joseph Cervelló Autuori (ver atrás p.) também se filiou, e que vê a unificação do Egito como estando relacionada com a emergência de Hierakonpolis.

Segundo ele, o que se pretendia era “recompor a história do que aconteceu no vale do Nilo nos séculos que precederam o surgimento de Narmer”. Por volta de 3800 a.C. existiam ali dois centros de povoamento, com uma população estimada “entre 2.300 e 10.500 pessoas”. Baseado nos achados da Tumba U-J, os estudos na região, segundo Hoffman, permitem uma primeira conclusão: o processo de centralização política já estava a caminho em Hierakonpolis, 500 anos antes de Narmer. O que teria proporcionado as condições para os titulares dessa e das outras tumbas escavadas deterem tanto poder? A hipótese de Hoffman é que Hierakonpolis,

parece ter sido o centro de uma grande indústria de cerâmica, que deve ter dado muito poder aos seus proprietários. Ainda hoje, um número estimado em 50 milhões de peças quebradas conduzem a concluir sobre a existência de cerca de 15 fornos no local. O volume de produção permite que se pense que o mesmo era muito

o resultado de suas pesquisas e as novas hipóteses daí derivadas. Morreu precocemente de câncer, em 1990.

maior que a demanda local. A cerâmica ali produzida, junto com outros bens de prestígio, como contas e maças, provavelmente eram fornecidas para enterros realizados em outras partes do Egito. Esta é a chave para o poder de Hierakonpolis. Os **barões da cerâmica**, ofereciam todo o necessário para os enterros e lucravam com a crença de que os mortos podiam levar para a sua vida pós-morte todas as riquezas que se possuía. **Através da produção, transporte e troca de seus produtos**, o “grande homem” local ganhava experiência de liderança.⁶¹

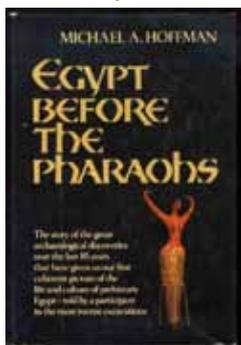


Fig. 72 - Capa do livro de Michael A. Hoffman

A hipótese dos “barões da cerâmica”, entretanto, não se resume a apenas isso. Segundo Hoffman,

o florescente centro cerâmico, entretanto, entrou em colapso em torno de 3500 a.C.. O ecossistema se tornou mais árido e as povoações, com seus fornos de cerâmica, foram abandonadas. As populações se dirigiram para as margens do Nilo. Isso marca o fim do período Amraciano e o começo do Gerzeano, ou Nagada II, que durou de 3500 a 3300 a.C.. A queima do combustível vegetal (indícios de acácias e tamareiras foram achados nos fornos). Este colapso da indústria de cerâmica deve ter apresentado aos “barões” um problema e uma oportunidade: reinvestir seus recursos ou perdê-los. Como as cidades cresciam, a classe dirigente dos “barões da cerâmica” usou de seus re-cursos para construir muros das cidades, templos, palácios e tumbas, assim **como passaram a investir na construção e manutenção dos canais de irrigação**, que muitos historiadores da pré-história egípcia acreditam terem origem neste período. Em algum momento, ao redor de 3200 a.C., a **luta pelo poder regional tornou-se um modo de vida. Foi um século de batalhas** (grifo nosso). Parcelas do território passavam de um chefe local a outro. Narmer destacou-se entre

estes dirigentes. Estendeu suas conquistas e o processo de unificação política ao longo do vale do Nilo. Durante este tumultuado período os ambiciosos governantes de Hierakonpolis – os predecessores de Escorpion e Narmer – retornaram ao abandonado cemitério de seus ancestrais. Como para evocar a sua ligação com o passado, eles construíram suas tumbas perto das dos “barões da cerâmica” que os precederam (Op. cit. s/ p.).

Um dos méritos dessa hipótese de Hoffmann é de ter pesquisa de campo na sua fundamentação. Em muitos pontos, inclusive, ela coincide com outros especialistas, como Joseph Cervelló Autuori. Os reparos que ela pode sofrer são dois. Primeiro é a valorização do que ele chama de “um século de batalhas” com “a luta pelo poder como um modo de vida”. Ciro F. Cardoso, por exemplo, lembra que “é bastante popular, embora não conte com unanimidade, a teoria que vê, no Egito, um caso clássico de emergência do Estado por desenvolvimento interno com base na guerra”. Em nosso entender, outro ponto vulnerável de seu esquema interpretativo é o da transformação dos “barões da cerâmica” de “agentes funerários” em empresários da agricultura irrigada. Baseada em que dados essa possibilidade se assentaria?

A Hipótese do Jogo Aleatório: Barry Kemp

Outra tentativa de explicação mais recente para a unificação do Estado egípcio vem de Barry J. Kemp (Fig. 73). Ao lado de suas recentes pesquisas no

⁶¹ HOFFMAN, Michael. *Por onde as nações começaram*. Trad. BAKOS, Margareth (edição policopiada).

Egito, Kemp vem protagonizando algumas teorias não muito convencionais sobre a unificação do Estado no Egito Antigo. Buscando fundamentação na “teoria do jogo”, aplicada atualmente em outros campos do conhecimento, como para explicar o funcionamento do mercado, e sua “lógica” dos ganhos e perdas dos agentes econômicos, o estudioso do Egito pré-dinástico diz que:



Fig.73 - O egiptólogo Barry Kemp

O tema de como surgiram inicialmente os Estados tem sido objeto de numerosos estudos. Além de ser um dos primeiros exemplos, o caso do Egito desperta um interesse especial porque parece que ali a formação do Estado ocorreu **sem a incidência** de alguns fatores mais óbvios como a **competição por recursos**. **Atribuir um papel especial ao comércio é forçar demasiadamente os dados**. **Tampouco existia** a ameaça de uma **agressão externa**.

Em muitas ocasiões, parece que a dinâmica do desenvolvimento do Estado esteve intimamente ligada com a **sedentarização agrícola**. O fator essencial, neste caso, é o **psicológico**. O trabalho e a ocupação permanente de um mesmo espaço criam um forte sentido de **direito territorial**. Isso, em algumas pessoas, desperta um **afã competitivo** que as faz perceber a possibilidade de obter um excedente agrícola, e, com ele, uma existência mais satisfatória. (...) Essa combinação de ambição e sentido místico da identidade fez com que os indivíduos e as comunidades entrassem em **competição** e isso modificou, de uma vez para sempre, a natureza da sociedade. Em agrupamentos de agricultores onde não haviam chefes, surgiram algumas comunidades nas quais uns quantos líderes passaram a dirigir a maioria.

Fazer uma analogia com uma partida de jogo pode nos dar uma idéia da trajetória que se seguiu a esta competição, dentro de um território com um potencial agrícola ilimitado, como o do Egito antigo. Imaginemos um jogo de sobremesa, como o **“Monopólio”**. No começo temos vários jogadores com mais ou menos as mesmas possibilidades. Eles competem (até certo ponto **inconscientemente**

intercambiando diferentes bens. (...) A atmosfera é igualitária e o elemento competitivo só existe de forma latente. A vantagem passa de um a outro jogador. (...) A essência do jogo, entretanto, é que essa igualdade não se prolongue indefinidamente. Uma vantagem que, em seu momento pode **passar despercebida**, altera suficientemente o equilíbrio para distorcer a marcha posterior da partida (...) até chegar a um momento crítico onde um dos jogadores acumulou bens suficientes para que as ameaças que lhe apresentam os demais já não surtam efeito sobre ele. Será apenas uma questão de tempo para que aquele que “monopolizou” os bens primitivos de todos ganhe a partida.

A “teoria dos jogos” nos ajuda a compreender o processo de cambio social que subsiste por trás do aparecimento dos primeiros Estados, assim como o mecanismo da progressiva desintegração das igualdades econômicas e sociais. (...) Parece que esta propensão a competir **nem sempre de maneira intencional**, (...) é inerente àquelas sociedades que se estabeleceram em um lugar e fundaram uma economia de base agrícola. A relação estável e pessoal que se estabelece com um pedaço de terra modifica as idéias. Não só pelo óbvio desejo de proteger a propriedade, mas também porque estimula a criação de um conjunto de mitos territoriais. As sociedades primitivas viviam uma existência igualitária, nada competitiva. Quando o processo de formação de um Estado já havia avançado de tal modo que o arqueólogo ou historiador podem detectá-lo sem problemas, o poderoso desejo de dominar já havia se convertido numa realidade. Por último, são dois os fatores que determinam até onde e com que rapidez cada comunidade percorre este caminho. Em primeiro lugar, alheios às pessoas, estão os recursos naturais, as possibilidades de acumular bens excedentes que sustentem o poder. Em segundo, está a mente humana. O poder criativo de forjar uma ideologia particular. (...) Os egípcios mostraram dotes excepcionais nisto tudo.⁶²

Barry Kemp, sem dúvida, já deu uma grande contribuição à egiptologia. O que não quer dizer

⁶² KEMP, Barry J. *El antiguo Egipto, anatomía de una civilización*. Barcelona: Crítica, 1995, p. 43-45.

que tudo que ele escreva tenha que ser aceito sem contestação. Esse seu esquema interpretativo para a unificação, por exemplo, apresenta vários aspectos criticáveis. Vejamos algumas contradições internas. O autor inicia afirmando que, para se explicar a unificação do Egito “atribuir um papel especial ao comércio é forçar demasiadamente os dados”. Depois afirma que, ao começar o jogo, os participantes competem entre si “intercambiando diferentes bens”, do que vai resultar a vantagem de um sobre os demais. E então? Este “intercâmbio”, o que é?

Outro ponto questionável é a ideia de que as vantagens obtidas nesses “intercâmbios” (os quais, na ótica do autor, não podem ser vistos como comércio) podem ser “desapercebidas”, ou, então, que podem ser alcançadas “não intencionalmente”. Isso, no mínimo, é “inocentar” demasiadamente a origem das desigualdades entre os homens.

O pressuposto teórico – unicamente teórico, já que não vem acompanhado de nenhuma citação de situações históricas que o comprovem – de que o habitar um território cria nos seus moradores um sentimento de posse e de afã competitivo, pode não ser aceito, tranquilamente. Por que o habitar e explorar um pedaço de terra não pode gerar nas pessoas um sentimento de companheirismo e solidariedade para com o vizinho ou vizinhos ao lado?

Quanto à questão dos “intercâmbios de diferentes

bens” que teriam deflagrado a dominação de alguns sobre os demais, e dado origem, com isso, à formação do Estado, ficou faltando o autor explicitar melhor quais seriam esses “diferentes bens”. Produtos primários por produtos primários? Pouco provável, pois o que uma aldeia produzia as outras também o faziam. Produtos religiosos (como as cerâmicas que Michael Hoffmann sugere) por produtos primários? Bem, mas isso seria um comércio, e o autor diz que pensar nisso “é forçar demasiadamente os dados”. Produtos de luxo (marfim, metal, peles de animais, etc.) por produtos primários? Restaria investigar se esse tipo de comércio já existia antes da unificação. Caso afirmativo seria uma boa hipótese de trabalho. Mas também seria um tipo de comércio, o que o autor não reconhece como possível fator desencadeador da unificação.

O ANTIGO REINO

As Dinastias I e II

A história do Egito Antigo normalmente é apresentada como sendo dividida em sete grandes períodos. Essa divisão, convém lembrar, é uma divisão feita à posteriori. Não corresponde, pois, a nenhuma visão que os próprios egípcios tinham de sua história. Esse esquema é proposto por razões

de ordem prática. Não há como se alcançar um rigorismo maior. As datas limites variam de autor para autor. Sobre as dinastias que formaram cada um dos períodos também não há consenso. O mesmo ocorre com as denominações. O que se pode adiantar com mais precisão é quanto aos critérios de divisão. São critérios de **natureza política**. Os períodos chamados Dinástico, Reino ou Império são aqueles em que o Egito formou um Estado Unitário, isto é, com um único governante. Os períodos chamados de Intermediários são aqueles em que o poder político esteve dividido, quer dizer, que o Estado não foi unitário.

Sobre as denominações dos períodos de governo unitário existem duas tendências principais. Uma é chamá-los de “Impérios” (Antigo Império, Médio Império e Novo Império). Até os anos 70 predominava essa tendência. A outra é denominá-los de “Reinos” (Antigo Reino, Reino Médio e Reino Novo). É bom lembrar que o conceito “Império” normalmente designa “uma unidade política que abarca um vasto território ou numerosos territórios ou povos, sob uma única autoridade soberana”.⁶³ O caso dos Impérios Ibéricos ilustra bem essa situação. Seus governantes só passam a ser chamados de imperadores (Carlos V e Felipe II

da Espanha, por exemplo) depois que a Espanha formou seu império, englobando mais de um povo. O que não era exatamente o caso do Egito, nem mesmo no Reino Novo.

O conceito “dinastia”, grosso modo, designa um período de tempo em que o poder real foi exercido por pessoas de um mesmo grupo familiar. Mais precisamente, um período em que a sucessão do trono passou do rei a um herdeiro legítimo, sem solução de continuidade. Esse herdeiro legítimo, de preferência, era um dos filhos varões do soberano com a sua esposa principal. Não precisava ser o primogênito. Mas também podia ser um filho do faraó com uma esposa secundária. Ou até mesmo uma filha mulher que, nesse caso, normalmente se casava com um meio irmão, filho do faraó com uma de suas esposas secundárias.

ANOS (a.C.)	DENOMINAÇÃO	PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS	DINASTIAS
3100 – 2695	Dinástico Primitivo	Unificação do Estado	I e II
2695 – 2160	Reino Antigo	Construção das pirâmides	III, IV, V, VI, VII e VIII
2160 – 1991	1º Per. Intermediário	Fragmentação do Estado	IX, X e XI
1991 – 1785	Reino Médio	Grandes obras hidráulicas	XI e XII
1785 – 1540	2º Per. Intermediário	Invasão dos Hicsos	XIII, XIV, XV, XVI-XVII
1540 – 1070	Reino Novo	Expansão militar	XVIII, XIX, XX
1070 – 712	3º Per. Intermediário	Dinastias Regionais	XXI à XXXI

⁶³ HOUAISS, Antônio ; VILAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1.580.

As fontes referenciais

O alinhamento dos soberanos que governaram o Egito ao longo de todos esses períodos teve como ponto de partida algumas fontes que podem ser chamadas de referenciais. São delas que se tiraram os dados primários para uma visão geral da história política do Egito Antigo. São elas em número de quatro.

A Pedra de Palermo

A chamada Pedra de Palermo (Fig. 75) é a mais antiga dessas fontes referenciais. Trata-se de um grupo de fragmentos de uma lápide de diorita negra, esculpida ao final da V Dinastia (por volta de 2350 a.C.). Estima-se que a pedra original media 2,2 m de altura e 0,61 m de largura. Os registros foram feitos em seus dois lados. A maior parte da pedra está na cidade de Palermo. Continha o nome dos faraós das cinco primeiras dinastias, com acontecimentos marcantes de cada governo, assim como o nível que a enchente alcançou naquele ano.



Fig.75 - O maior fragmento que restou da Pedra de Palermo

O esquema de registro era feito da forma ao lado (Fig. 76). Na primeira linha, de cima para baixo, ia o nome do faraó. Na segunda linha, os principais acontecimentos (festivais religiosos, principalmente)



Fig.76 - Ilustração livre do esquema de registros da Pedra de Palermo

de seus governos. E, em baixo, o nível que a enchente do Nilo alcançou naquele respectivo ano. Isso parece indicar a relação mágica entre a presença do faraó nas festas religiosas com a ocorrência das cheias.

O Papiro de Turim

Foi composto entre 1300 e 1200 a.C., durante a XIX Dinastia, provavelmente no reinado de **Ramsés II**. Com 1,7 m de comprimento e 0,41 m de largura, está depositado, atualmente, no Museu de Turim, Itália. Foi encontrado em 1822, numa sepultura ainda não prospectada, quando era cônsul no Egito o italiano Bernardino Drovetti (Fig. 78), que depois retornaria à Itália com uma série de artefatos e relíquias com as quais foi fundado o Museu de Turim, em 1824. Como

era então de praxe, ficou com seus “descobridores” que, depois, passaram-no a outros “donos”. Mal cuidado, o material rompeu-se em diversos fragmentos (Fig. 77). O grande egiptologista Jean François Champolión, o



Fig.78 - Bernardino Drovetti, o italiano que trouxe do Egito as peças com as quais se formou o Museu de Turim (1824)

tradutor da Pedra da Roseta, percebendo o grande valor das informações nele contidas, trabalhou para sua reconstrução e restauração. Não obstante, permaneceram importantes lacunas. Originalmente, continha o nome de todos os reis egípcios, desde a I até a XIX Dinastia, com a duração dos anos de governo e, em alguns casos, até dos meses e dias.

A Lista de Manethón

Manethón era um sacerdote egípcio que viveu no séc. III a.C., quando o Egito era governado por Ptolomeu III. A pedido do governante, Manethón escreveu uma história do Egito – a **Aegyptiaca** –, servindo-se de documentos antigos, como a Pedra de Palermo e o Papiro de Turim.



Fig.77 - Fragmento do chamado Papiro de Turim - XIX Dinastia

Quando do incêndio da Biblioteca de Alexandria, o volume foi destruído, restando tão somente alguns extratos que os copistas haviam produzido. Foram esses extratos que conservaram a “Lista de Manethón”, com o nome de todos os reis egípcios, duração de seus governos, assim como das dinastias a que os mesmos pertenceram, num total de 31. Esse esquema de 31 dinastias é o que é usado até os dias de hoje.

O Livro de Heródoto

Heródoto era um viajante grego que viveu no séc. V a.C. (484-425 a.C.). Visitou a Ásia Menor, Babilônia, Assíria e Pérsia. No Egito, percorreu o Nilo por cerca de mil quilômetros, até a ilha de Elephantina. Foi contemporâneo de Péricles, Anaxágoras, Sófocles e Eurípedes. Consta que, por volta de 445 a.C., ele teria lido em público a sua obra, que ele intitulou de “**História**”, com os testemunhos recolhidos em suas viagens, assim como com as próprias impressões sobre as coisas que ouviu. Essa “**História**” de Heródoto por muito tempo foi uma das principais – senão a principal – fonte para a reconstituição da História Antiga. Hoje, com os avanços das pesquisas *in loco*, ela deixou de ser tão fundamental como era, mas ainda continua sendo uma fonte de consulta da maior importância para o estudo da antiguidade. Não para ser tomada ao pé da letra, mas como ponto de partida.

Os restos materiais

Além das fontes referenciais acima, existem os restos materiais. Para o período compreendido pelas I e II Dinastias o material conhecido é escasso, esparso e muito controverso. Escasso porque: a) documentos escritos (na própria época) praticamente inexistem; b) a maioria dos túmulos e templos, dos quais os materiais provinham, foram violados já na antiguidade. Esparso porque, quando da “descoberta” dos túmulos dessas duas dinastias (finais do século XIX, início do século XX) ainda não havia um controle externo sobre a destinação dos achados. Muita coisa foi parar nas coleções “particulares”, subtraindo-se, assim, da análise dos estudiosos. Controverso porque, dado sua escassez e fragmentação, a interpretação tem que preencher as lacunas documentais. E, como em todo o terreno cujas interpretações têm que preencher o pouco conhecimento, as controvérsias se acumulam.

O DINÁSTICO PRIMITIVO

Pela cronologia aqui adotada, tirada de Barry J. Kemp,⁶⁴ o período chamado de **Dinástico Primitivo**, iria de 3050 a 2696 a.C. A denominação, todavia,

⁶⁴ KEMP, J. Barry. *El antiguo Egipto, anatomía de una civilización*. Barcelona: Crítica, 1995, p. 23.

não é consensual. Alguns o chamam de **Dinástico Antigo**, outros de **Período Arcaico**.

Ciro F. Cardoso prefere dividir o período em dois subperíodos. Um **Protodinástico**, anterior à unificação definitiva, que iria de 3050 até meados de 2960 a.C. Os detentores do poder político formariam aquela que Joseph Cervelló Autuori e outros denominam de **Dinastia O**. E o **Dinástico Primitivo**, de 2960 a.C. a 2695 a.C. que englobaria, para ele, I, II e III Dinastias. A maior parte dos autores, todavia, incluem aí, somente, as I e II Dinastias.

A I DINASTIA

A I Dinastia apresenta, na sua reconstituição, um alto grau de complexidade. Começa pelos nomes de seus faraós, sobre os quais não há coincidência. É que os faraós usavam cinco nomes (títulos) que eram pela ordem:

1. o título “serej”, como “filhos de Hórus” (ver atrás, na Fig. 63, o exemplo do Rei Serpente).
2. o título “Nepty”, como representantes das deusas Nejbet (Sul) e Uto (Norte).
3. como “Hórus de Ouro”.
4. o título “Nesu-bit”, com um junco (Norte), uma abelha (Sul), mais o nome do rei dentro de um cartucho.
5. o título “Filho de Rá”, com o nome dentro de uma cartela.

A controvérsia: túmulos x cenotáfios



Fig.79 - Mapa de lugares antigos

Vejam os casos de Menés (Narmer). No Papiro de Turim e na Lista de Seti I (faraó da XIX Dinastia) o seu nome aparece com o título **Nesu-bit**. Junto com o desenho de um junco (símbolo do reino do Norte) e de uma abelha (símbolo do reino Sul), aparecem os hieróglifos correspondente ao som “M”; correspondente ao som “N” e, correspondendo ao som “S”, o hieróglifo com o desenho de uma pena.

Quando o nome de Menés, em seu título **Nesu-bit**, era escrito na **vertical**, ficava como no esquema ao lado. É oportuno lembrar que, assim como na maior parte dos casos, desses títulos não constavam as vogais, apenas as consoantes.

Já na Paleta de Narmer, que ele depositou no templo de Hórus, em Abydos, o título usado foi o **Serej**. O seu nome, nesse caso, foi escrito com um peixe, cujo som corresponde a **Nar**, e um cinzel, cujo som corresponde a **mer**. A correspondência entre os nomes dos reis da I Dinastia, com o título Nesu-bit (coluna da esquerda) e com o título Serej (coluna da direita), ficaria assim:

TÍTULO NESU-BIT	TÍTULO SEREJ
Menés	Narmer
Athotis	Hor-Aha
Khent	Hor-Djer
Uadju	Hor-Djet
Udimu	Hor-Den
Nebty	Hor-Qaa

Desde que Flinders Petrie e Edward Quibell descobriram os túmulos reais de Abydos e seus preciosos conteúdos (Placa de Narmer, Estela do rei Serpente, Cetro de Narmer, etc.) pareceu a muitos que estava se confirmando o relato de Manethón de que nas duas primeiras dinastias a capital era Tinis. Entre os anos 1930-50, entretanto, uma série de imponentes sepulturas, do mesmo período, foram encontradas em Sakkara, ao Norte, perto de Mênfis (mapa Fig. 79).

A partir de então se estabeleceu uma grande controvérsia que perdurou até os anos 80. Uns defendiam que a sede de governo era em Tinis, e que os faraós, por essa razão, escolhiam o cemitério de Abydos para suas sepulturas. Outros propoem que, desde o primeiro faraó, a sede de governo já era Mênfis, e que os túmulos de Sakkara eram os **jazigos oficiais**, sendo as sepulturas de Abydos simples **cenotáfios**, ou seja, monumentos funerários que não se destinavam ao enterro propriamente dito. A partir dos anos 90 definiu-se que as verdadeiras tumbas reais são as de Abydos e que as sepulturas de Sakkara seriam de altos dignatários “menfitas” do Estado faraônico.

Na Pedra de Palermo, o pedaço referente ao primeiro faraó está faltando. No Papiro de Turim, assim como na Lista de Manethón consta que o primeiro faraó do Egito chamou-se **Menés** (ou **Manés**, ou até mesmo **Mina**). Heródoto, no Livro II, nº 99, de sua “**Historia**”, escreveu o seguinte:

Segundo as informações dos sacerdotes, **Mina** foi o primeiro rei do Egito e protegeu Mênfis com uma barragem. Com efeito, o rio corria então ao longo da cordilheira arenosa do deserto líbico. Mediante uma elevação do terreno, feita a uns cem estádios (**cerca de 18 quilômetros**) ao Sul de Mênfis, o rei **Mina** levantou um meandro e cavou um canal através do qual desviou o rio, que passou a correr a igual distância das duas elevações do terreno. Depois disso, o primeiro governante de nome **Mina**, drenou o terreno conquistado ao rio e fundou nele a cidade que agora é chamada de Mênfis. Com efeito, Mênfis está situada na parte estreita do Egito. Fez também cavar um lago (**do qual não restou nenhum vestígio**), o qual era alimentado pelo rio, que o rodeia pelo Norte e pelo Oeste. Além disso, ele construiu em Mênfis o amplo e particularmente destacável **santuário de Hefestos** ⁶⁵ (grifo nosso).⁶⁶

O nome de **Menés**, **Manés** ou **Mina** até agora foi pouco encontrado nas fontes materiais da época do governo desse rei. O que se conhece é a **Paleta de Narmer**, encontrada nas escavações em Abydos. Contém uma série de signos que,

⁶⁵ O deus que Heródoto chamou de **Hefestos** (o deus do fogo e da metalurgia para os gregos), na verdade era **Min**, deus menfita, criador do mundo.

⁶⁶ HERÓDOTO. *História*. Brasília: UNB, 1988. p. 118.

depois de interpretados, acredita-se que são alusivos ao processo de unificação do Egito.

A Paleta de Narmer: interpretação

Em História, uma coisa são os fatos. Outra coisa são as interpretações que fizemos desses fatos. No terreno dos fatos, a margem de controvérsia sempre é menor (não quer dizer que não exista) do que no plano das interpretações. Isso é fácil de entender. No plano da interpretação a subjetividade é mais incidente. Veja-se, como exemplo, essa Paleta de Narmer. O **fato** que ela revela é que esse rei fez questão de depositá-la no templo de Hórus, em Abydos. Outro **fato** é que quem a esculpiu escolheu uma série de sinais para nela destacar. **Por que** isso foi feito? Bem, aí já entramos no terreno da **interpretação**. Qualquer interpretação pode ser feita? Sim. Todas têm o mesmo valor? Aí, depende. Se nós quisermos saber o **significado intencional** dos sinais da Paleta, ou seja, da possível **intenção** de quem a fez ou mandou fazer, qualquer um pode dar um palpite. Entretanto, a opinião daqueles que, sabendo de outras coisas, (o que significavam, para os egípcios, um falcão, uma vaca, um gorro dessa ou daquela forma) sempre terá maiores chances de acertar.

Pois bem, a “leitura” desses que “sabem de outras coisas” é que a Paleta de Narmer apresenta

uma **narrativa da unificação** do Egito. Tal “leitura” considera, em primeiro lugar, o que aparece no lado principal (Fig. 80).

Na faixa superior aparece o nome do faraó – um peixe (**Nar**) e um cinzel (**Mer**) – entre duas cabeças bovinas. Essas cabeças bovinas podem ser uma alusão ao boi **Ápis** (encarnação do deus **Rá**), ou então, uma representação da deusa **Hathor**. Na faixa central, o faraó aparece com a coroa branca, do Alto Egito (Sul), prestes a golpear um prisioneiro de nome **Uash**. Acima desse aparece o desenho de um falcão, símbolo do deus Hórus, com o qual os faraós se identificavam. Pousa sobre seis hastes de juncos, que era a planta heráldica do Baixo Egito (Norte). Disso se tira que a unificação de Narmer veio do Sul, e que a mesma foi obtida com o uso da força. As 6 hastes de juncos podem representar 6 cidades do Delta ou, então, cada uma delas representar o número mil. Nesse segundo caso elas representariam que, na campanha de unificação, foram feitos 6 mil prisioneiros.

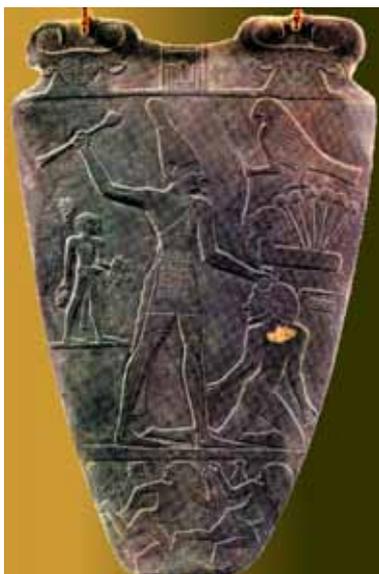


Fig.80 - Paleta de Narmer (lado principal): narrativa da unificação

Atrás do rei um personagem de alto escalão conduz as suas sandálias. Na faixa inferior, inimigos fugindo.

No anverso da Paleta, na sua faixa superior, aparece uma repetição do registro do nome Serej do faraó, ou seja, o hieróglifo **Nar** (peixe) mais o hieróglifo **Mer** (cinzel), dentro de um retângulo no qual está registrada uma representação esquematizada da fachada do palácio real (Fig. 81). Na faixa central superior o que aparece são imagens de uma conquista. O faraó, portando a coroa vermelha do Baixo Egito, passa em revista as filas de inimigos atados e decapitados. O cortejo real é formado de quatro porta-estandartes, chamados de “Seguidores de Hórus”, ou de “Os Deuses que seguem Hórus” e de mais dois personagens de posição mais elevada (veja-



Fig.81 - Paleta de Narmer (lado secundário): uma narrativa do poder

se o seu tamanho e o dos porta-estandartes). Concorrendo com essa iconografia do “Senhor dos Animais”, 2 animais fabulosos, talvez representando a discórdia, ou os 2 reinos, são contidos por funcionários reais que os mantêm com os pescoços entrelaçados. Isso para simbolizar a

harmonia garantida pelo faraó. Na faixa inferior, o poder conquistador do faraó é expresso na figura de um touro pisando sobre um inimigo e investindo contra uma cidade amuralhada.

Athotis / Hor-Aha

O sucessor imediato de Menés (Narmer) foi um faraó que, na Pedra de Palermo, aparece com o nome de **Athotis**. Na nomenclatura que o apresentava como “Filho de Hórus”, ele aparece com o nome de **Hor-Aha**, representado pelo desenho de um falcão (**Hor**) e da torre de um palácio (**Aha**). Na Pedra de Palermo, em que aparece com o nome de **Athotis**, os principais acontecimentos de seu governo foram apresentados da seguinte forma:⁶⁷

ATHOTIS								
Primeira aparição da Festa Sed ⁽¹⁰⁾	Adoração de Hórus	Aparição do rei do Alto Egito	Adoração de Hórus	Plano da Casa “O Todo Poderoso dos Deuses” Festa de Sokar ⁽⁶⁾	Adoração de Hórus	Nascimento dos filhos do rei do Baixo Egito	Adoração de Hórus ⁽⁵⁾	União dos dois países ⁽³⁾
Nascimento de Anubis ⁽⁹⁾	Nascimento de Min ⁽⁸⁾	Nascimento da deusa Iamet				Festival de Desher ⁽⁴⁾	Circuito do Muro ⁽²⁾	
4 Codos 1 Palmo	6 Codos 1 Palmo	5 Codos	5 Codos 1 Palmo	5 Codos 5 Palmos 1 Dedo	4 Codos 2 Palmos	4 Codos 1 Palmo	5 Codos	6 Codos 1 Palmo ⁽¹⁾
9	8	7	6	5	4	3	2	1

Fig.82 - Esquema dos registros da Pedra de Palermo, reinado de Athotis.

⁶⁷ Este esquema de registro foi feito livremente a partir da transcrição dessa parte da Pedra de Palermo. Tal transcrição se encontra em PEINADO, Federico Lara. *El Egipto Faraónico*. Madrid: Ediciones Istmo, 1991.p.35. Da mesma obra (p.224-225) é que foram retirados os comentários das notas adicionadas ao esquema proposto.

(1) Um codo equivalia a 52,3 cm. Naquele ano, portanto, a inundação deve ter andado por volta de 3,50 m.

(2) Trata-se da cerimônia **Pekherer ha ineb**, na qual o rei, precedido de atributos divinos “dava volta ao muro”. Essa festa era celebrada em Mênfis.

(3) Tratava-se do **Sema Tauti**, um rito de coroação, que simbolizava a união do Alto com o Baixo Egito, entrelaçando-se, em torno de um pilar, hastes de papiros (que simbolizavam o Sul) e lotus (que simbolizavam o Norte).

(4) Festival religioso do qual não se tem muitas informações.

(5) Com o nome Adoração de Hórus, era celebrado um festival no qual se homenageava a Hórus, representado como um falcão, na condição de deus do outro mundo, filho único de Osíris e Isis.

(6) O deus solar **Sokar**, ou **Sokaris**, era um deus da necrópolis de Mênfis. Sua festa era celebrada no dia 26 do quarto mês da estação **Akhet**, da inundação.

(7) O deus **Min** era o deus masculino da fertilidade. Nas suas festas celebravam-se os rituais que garantiam a fertilidade do solo, das pessoas e dos animais.

(8) Tratava-se da festa **Kha Nesut**, que comemorava a festa de coroação do rei como titular do Alto Egito.

(9) Anubis era o deus dos mortos. Era representado como um chacal preto.

(10) A festa **Sed** recordava a entronização do rei e visava restaurar seus poderes mágicos.

Khent / Hor-Djer

Como os demais faraós dessa I Dinastia, as informações sobre o seu reinado são esparsas e incompletas. O nome **Khent** aparece na Lista de Manethón. Já na tumba, ou cenotáfio, de Abydos, nas tabuletas Serej, encontradas por Petrie, o signo que aparece entre o falcão da parte superior e a fachada do palácio, em baixo, é . Corresponde ao fonema **Djer** que pode ser traduzido por “abalador”. Entre os objetos encontrados na referida tumba, ou cenotáfio, destacam-se, pela sua beleza e padrão de acabamento, alguns braceletes de ouro incrustados de turquesas, ametistas e lapislázuli (Fig. 83).



Fig.83 - Colares e braceletes



Fig.83A - Hieróglifo Serej de Djer

Além da raridade do material empregado, o nível de execução de ornamentos desse tipo é que faz com que especialistas, como **Ciro F. Cardoso**,



Fig.83B - Tabuleta com Serej de Djer.

deduzam que, no Dinástico Primitivo, “o conteúdo das tumbas dos reis prova-nos, indiretamente, a existência de artesões especializados, fixados na corte e mantidos com a produção de domínios reais cujo proprietário era o rei”.⁶⁸

Outra tabuleta, também recolhida por Petrie nas suas escavações em Abydos, tem sido tomada por vários egiptólogos como indicativa de que o governo de **Hor-Djer** coincidiu com uma aparição sothíaca da estrela Sírius. “Aparição sothíaca” era aquele dia do ano em que, ao nascer do sol, a estrela Sirius, que os egípcios chamavam de Sothis, ficava, na latitude de Mênfis, numa mesma linha vertical com o sol nascente. Isso acontecia uma vez a cada ano e deveria coincidir com o início da inundaçãõ. Era considerado, por isso, o primeiro dia do ano. Se o calendário anual dos egípcios fosse rigoroso, ou seja, de 365 dias e seis horas, a cada primeiro do ano essa coincidência da verticalidade entre Sirius (Sothis) e o nascer do sol ocorreria. Acontece que os egípcios só contavam os 365 dias. Como eles não tinham o ano bissexto, de 4 em 4 anos, o calendário “oficial” se atrasava um dia em relação à verticalidade da estrela Sothis e do nascer do sol. Só depois de 1.460 anos (365 x 4) é que novamente ocorria a coincidência entre o calendário astronômico e o calendário civil, o que era chamado de **Aparição Sothíaca**.

⁶⁸ CARDOSO, **Ciro F.** *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1992, p.49.



Fig.84 - Quadro com a "coincidência sothiaca" conhecida (139 d.c.), a 2ª "aparicação" (1321 a.c.) e a 3ª "aparicação" (2781 a.c.).

Pelos registros do escritor romano Censorino, sabe-se que, no ano 139 d.C., aconteceu uma dessas **Aparições Sothíacas**. Os egiptólogos que consideram que essa tabuleta, encontrada na tumba de **Djer**, foi feita num ano em que Sothis estava em "coincidência vertical" com o nascer do sol, deduzem que a tabuleta seria de 2781 a.C.. Chega-se a tal número somando-se (-) $139 + 1460 + 1460 = 2781$).

Entre os egiptólogos que defendem a tese de que a tabuleta recolhida nas escavações da tumba do rei **Hor-Djer** contém os registros de uma dessas **Aparições Sothíacas**, está o professor **Federico Lara Peinado**, que é membro e Diretor do Instituto de Estudos del Antigo Egipto da Universidade Complutense de Madrid e assíduo colaborador da **Revista de Arqueologia**,



Fig.85 - Federico Lara Peinado

uma das mais importantes publicações na área de arqueologia histórica.

Num recente artigo publicado via eletrônica,⁶⁹ o professor Lara Peinado propõe uma leitura da citada tabuleta fundada no seguinte esquema interpretativo para seus hieróglifos:

Na indicada tabuleta se vê, à esquerda, o serej do rei **Djer**, da primeira dinastia, com seu signo hieróglifo específico, coroado por um falcão, que se encontra acima de três signos hieróglifos **D**, **P** e o determinativo **Niwt**. Um largo bastão de comando, ou maça estilizada (que podemos traduzir como **Herep** ou **Med**, isto é, como um bastão de autoridade ou de passeio) separa os signos anteriores de outros dois, constituídos, o da parte superior, por uma vaca sentada (Isis-Sothis), trazendo entre seus cornos o hieróglifo da "abertura do Aão" (**Wep Renpet**) e, mais abaixo, um conjunto de três plantas sobre um pedaço de terreno que, indubitavelmente, corresponde ao hieróglifo **Akhet**, equivalente à estação da inundação. A vaca sentada, numa primeira leitura, poderia ser lida com uma alusão a **Hathor**, mas, mitologicamente, a deusa da cidade de Dep não era Hathor, mas **Udjet**. Além disto, a gravação não é tão clara que exija uma identificação do animal como uma vaca. Poderia ser um cachorro, ou cadela. Isso identificaria o hieróglifo com **Sepedet** (a chamada estrela Sothis-Sírio era a estrela "alpha" da constelação "Cão Maior") (...) De acordo com estas considerações a leitura da tabuleta poderia ser, com suplementos vocálicos: **Djer Dep niwt herep Sepedet wep renpet acket.**



Fig.84 - Tabuleta "Sothiaca" da tumba de Djer

⁶⁹ www.institutoestudiosantigoegipto.com/tablitita.calendario.html

A tradução da tabuleta, então, poderia ser enunciada nos seguintes termos: Sob o domínio (**Herep**) de Djer (**Djer**) sobre a cidade (**niwt**) de Dep (**Dep**) Sothis (**Sepedet**), a abridora do aoó (**wep renpet**) na estação da inundação (**akhet**).

A conclusão que o professor Lara Peinado tira disso tudo é que “em nossa opinião, que tomamos de outros estudiosos, se pode aceitar a data de 2781 a.C. como a mais provável para a fixação de um calendário egípcio” (Op. cit. nota 67).

Uadjy / Hor-Djet

Para alguns autores, entre **Djer** e o seu sucessor, de nome **Uadjy**, ou **Djet**, teria existido uma rainha de nome **Merit-Neit**. Manethón, porém, não a menciona, passando diretamente de **Djer** a **Djet**, o qual também é conhecido como o **Rei Serpente**. Além da estela encontrada na sua tumba, ou cenotáfio, de Abydos (ver atrás, Fig.63) existem outras tabuletas, de marfim e outros materiais (Fig. 87), algumas reveladas por Petrie, em que aparece a associação, que desde o Dinástico Primitivo se fazia, entre a realeza e o deus Hórus. Acima do retângulo com o signo hieróglifo da serpente (**Djet**),



Fig.87 - Tabuleta com o Serej do Faraó Djer

mais o desenho estilizado da fachada de um palácio, aparece a figura do Falcão, representando o próprio deus **Hórus**, do qual cada faraó era tido como uma personificação.

Assim como seu antecessor Djer, parece que o faraó Serpente fez expedições fora do Egito. Vestígios de sua passagem pelo deserto arábico, no **Wadi Hammamat** (caminho que conduzia ao mar Vermelho), estão sendo revelados por estudiosos que, cada vez mais, estão se interessando pelas duas primeiras dinastias.

Udimu / Den

O sucessor de **Djet** foi o rei **Udimu**, ou simplesmente **Den**. **Den** era o título que carregava enquanto “Filho de Hórus”, e, traduzido, seria algo como “Hórus, o que golpeia”. Numa tabuleta encontrada em sua tumba de Abydos, Fig. 88, na qual aparece na iconografia do “Rei Violento” dominando e golpeando um asiático, esse seu título Serej aparece entre ele e o inimigo sacrificado. Abaixo do falcão (Hórus), o hieróglifo (uma mão, que correspondia ao som “D” e, no caso, formando a sílaba **DE**, mais o hieróglifo (água), que correspondia ao som “N”. Desses três signos resultava o título: **Hórus** (Hr) **Den** (o que golpeia).

Sua sepultura, em Abydos (Fig. 89), é uma das mais bem conservadas dessa necrópole onde os faraós da I

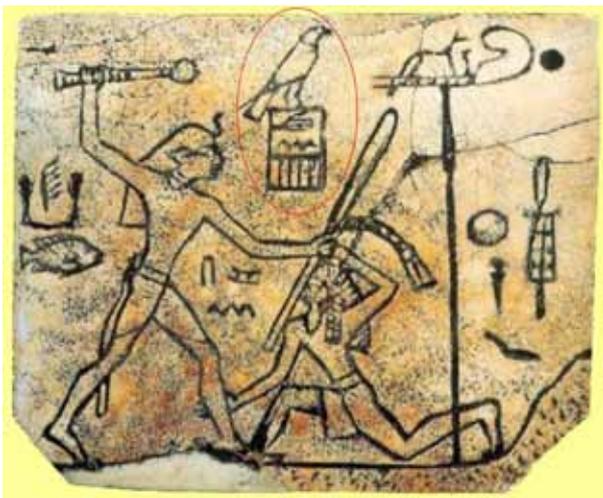


Fig.88 - Tubuleta de Udimu na iconografia "Rei Violento"

Dinastia mandaram construir esse tipo de monumento funerário. Como foi comentado anteriormente, chegou-se a duvidar que o rei foi enterrado no local, uma vez que objetos com seu nome aparecem em sepulturas de Sakkara, no Norte. O conjunto mede ao todo 56 x 25 m e é formado de uma



Fig.89 - Tumba do faraó Den.

parte mais subterrânea e de uma parte mais superficial. Na parte mais subterrânea ficavam a câmara mortuária do titular (letra "A" da reconstituição da Fig. 90) e a câmara dos pertences (Idem letra "B"), onde, inclusive, eram depositadas as estátuas dos mortos ali enterrados. O acesso era feito por uma escadaria principal (Idem letra "C"), e por uma escada secundária (Idem letra "D"). Completavam o conjunto cerca de 174 túmulos "subsidiários" (Idem, letra "E") nos quais,

acredita-se, eram colocados os corpos do serviços do rei, sacrificados quando de seu sepultamento.

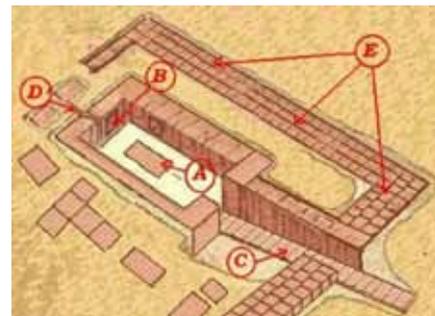


Fig.90 - Reconstituição livre do conjunto da tumba do rei Udimu

Numa outra tabuleta encontrada em sua sepultura de Abydos, (Fig. 91), na sua parte superior direita, foi registrada a celebração de seu Festival Sed, em que o rei aparece correndo entre os "montículos territoriais". Esse festival era celebrado de tempo em tempo para ratificar a coroação e renovar o poder do rei que era, em grande parte, de essência mágica.

Segundo Barry Kemp, os sinais presentes nessa parte da tabuleta podem ser lidos como: (1) o signo do ano de reinado; (2) o rei correndo entre os montículos



Fig.91 - Tabuleta com a representação do Festival do Faraó Udimu

territoriais; (3) o rei sentado debaixo de um dossel num estrado do trono provido de grades; (4) o



Fig.92 - Placa de Udimu e seu significado

⁷⁰ KEMP, Barry J. *El antiguo Egipto, anatomía de una civilización*. Barcelona:

Anedjib e Semerkhet: Uma dinastia em crise?

Uma situação que várias vezes vai se repetir na história política do Egito Antigo é o **término conflituado de uma dinastia**. Isso tem levado um bom número de estudiosos a levantar a hipótese que isso também ocorreu ao final da I Dinastia. Depois do aparentemente próspero governo de **Udimu** (atestado pela quantidade relativamente grande de objetos encontrados em sua sepultura), o trono foi ocupado por **Anedjib (Miebis)**. Além de ser aquele que levantou a mais modesta das tumbas desse período (ela tinha “só” sessenta e quatro sepulturas para servos, enquanto a de **Den**, como se viu, tinha 174), em muitos vasos de pedra o seu nome foi raspado posteriormente. Segundo Barry Kemp, “a supressão do nome de Adjibe-Miebis, em alguns monumentos, foi obra de seu sucessor, Semerkhet, o qual, segundo se supõe, foi um usurpador (...) isso indica que **existiram então agitações políticas** (grifo nosso)”.⁷¹

Sobre o reinado de **Semerkhet**, as informações remanescentes também são reduzidas. Isso pode ter decorrido da mesma lógica de disputas que marcaram esse final da Dinastia. Segundo Cassin e outros, o seu sucessor, o faraó **Qaa** “fez os monumentos de

Semerkhet sofrerem o mesmo tipo de agressão que este havia feito aos de Adjibe”.⁷² Ou seja, raspando seu nome dos registros ou até mesmo, eliminando uma parte desses registros. Para certos autores, essa rivalidade entre **Qaa** e **Semerkhet** vinha do fato do primeiro, apesar de ser o herdeiro legítimo do trono, ter sido “usurpado” do trono pelo irmão.

Nebty / Qaa

O último faraó da I Dinastia foi **Hórus Qaa**, nome este que vem do seu título Serej, formado de um falcão (Hórus) desenhado acima do desenho de uma encosta (que correspondia ao som “qu” como em “quanto”) e mais o desenho de um antebraço (que se aproximava do som de um “a” forte, como em “carro”). O significado literal dos três sinais seria “Hórus - erguer- braço” ou “Hórus do braço erguido”.

Das prospecções de sua tumba, em Abydos (Fig. 93), duas questões ainda permanecem a espera de uma explicação definitiva. A primeira delas diz respeito aos motivos pelos quais foram ali depositados objetos com o nome do faraó **Hatepsekhem**, o fundador da II Dinastia. A suposição dominante é que foi este



último que terminou a tumba e que, por

Fig.93A - Letra Encosta Faraó Qaa

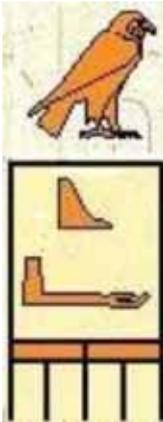
Fig.93B - Letra Antebraço Faraó Qaa



Crítica, 1998, p. 76.

⁷¹ KEMP, Barry J. *El antiguo Egipto, anatomía de una civilización*. Barcelona: Crítica, 1998, p. 76.

⁷² CASSIN, E. et Allii. *Los imperios del Antiguo Oriente*. México: Sigloveinteuno, 1980. p.207.



consequente, a transição da I para a II Dinastia talvez não tenha sido tão “traumática” como se chegou a supor.

A segunda questão diz respeito à diminuição dos túmulos “subsidiários”, supostamente destinados ao sepultamento dos serviçais do rei e que, no caso da Tumba do rei **Qaa** são em número de 26. Não se sabe bem

Fig.93C - Nome Sereja Faraó **Qaa** porque razões esse tipo de sepultamento deixou de ser usado a partir da II Dinastia.



Fig.93 - Tumba do Rei **Qaa**, em Abydos, em seu estado atual de Conservação

A II DINASTIA

As fontes disponíveis para a reconstituição da história da II Dinastia são ainda mais escassas do que aquelas que dispomos para o conhecimento da I Dinastia. Isso, basicamente, por duas razões:

a) os registros consignados na Pedra de Palermo, para esse período, são muito incompletos;

b) a maioria dos túmulos dos faraós que são incluídos no período ainda não foram encontrados, e tal desconhecimento pode continuar por um tempo indefinido.

Hotep-sekhem-wi

Com tão poucos elementos à disposição, o conhecimento sobre os acontecimentos da II Dinastia ficam muito na tentativa de interpretação e no terreno das hipóteses que só as investigações arqueológicas futuras poderão confirmar.

O nome de seu primeiro rei é **Hotepsekhemwi**. Essa nomenclatura é tirada de seu título Serej, que aparece em diversos objetos, encontrados em diferentes locais, como na tumba de seu antecessor **Qaa** (em Abydos), nas pirâmides de **Dzozer** (III Dinastia), na sua própria tumba, próxima da pirâmide de **Unas** (V Dinastia), em Sakkara, e em tumbas de outros funcionários.

Este seu nome **Serej**, era formado do tradicional Falcão sobre um retângulo com o desenho da fachada do palácio, na parte inferior, e dos signos relativos ao título do faraó. Nesse caso os signos empregados são uma esteira encimada de uma semiesfera, e mais dois cetros dispostos lado a lado. O primeiro hieróglifo era um determinativo, ou seja, um adjetivo, pronome,

artigo ou locução que torna preciso o substantivo. O som desse sinal correspondia às consoantes **h-t-p** que, acrescido das vogais, daria **hotep**, cuja tradução poderia ser “estar contente” ou “estar unido”. Já o signo do cetro correspondia às letras **s-k-h-m**, ou **sekhem**, cuja tradução poderia ser “poder” “força”, ou, num sentido figurado, “reino”. Como os cetros que aparecem são **dois** (que, se escrito, daria **wi**) chega-se ao nome **Hotep-sekhem-wi** que, traduzido, corresponderia a “os dois poderes estão em paz”.



Fig.94A - Nome Sekhemwi-Hotep

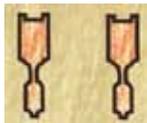


Fig.94B - Nome Sekhemwi-Cetro

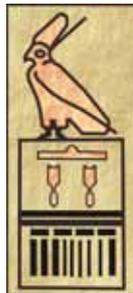


Fig.94C - Nome Sekhemwi-Serej

Apesar do número relativamente grande de objetos com o seu nome, que foram encontrados em diferentes locais, eles são insuficientes para a elaboração de hipóteses mais consistentes sobre as ocorrências de seu governo. Aproveita-se, nesse caso, as informações de Manethón, que dão conta que ele reinou 38 anos e que foi o fundador da II Dinastia. A escassez de indicativos vem da própria incerteza do local que ele foi enterrado. A tumba que se acredita ter sido o local de seu enterro (Fig. 94), quando foi descoberta por A.Barsanti, em 1901-02, só permitiu uma pálida ideia do que nela foi depositado. Dela só se ficou conhecendo a parte subterrânea, e de tão depredada,

até se questiona se realmente foi do rei ou de algum outro personagem posterior. Como a referida sepultura está localizada em Sakkara, reforçou-se a ideia de que, com a II Dinastia, os faraós se transferiram para o Norte. Ou, até mesmo, que essa guinada para o Norte foi provocada por imperativos políticos. Ciro Flamarion Cardoso, por exemplo, afirmou que, “primeiro rei da II Dinastia adotou o nome de Hotepsekhemui que significa ‘os dois poderes estão apaziguados’, o que talvez signifique ter sido necessário superar uma



Fig.94C - Suposta tumba de Hotep-Sek-Hem-Wi e a pirâmide de Unas ao fundo

tentativa de separação do reino do Norte”.⁷³

O mesmo autor, entretanto, em texto posterior, lembra que

⁷³ CARDOSO, Ciro F. *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1992, 9ª ed. p. 50.

(...) **deduções mais arriscadas** são as que, a **partir da titulação real** (grifo nosso), de alguns dados funerários e da constatação de que certos reis apagaram de inscrições os nomes de seus antecessores, supõem a ocorrência de graves revoltas no delta e outros distúrbios políticos no final da I Dinastia e sob a II.⁷⁴

Nebra

O segundo rei da II Dinastia intitulava-se **Hor Nebra**. **Hor** era representado com o falcão. Um círculo com um ponto no meio era o signo da palavra **Rá**, enquanto um arco (**Neb**) significava “senhor” ou “chefe”. **Hor Nebra**, portanto, significava “Hórus, Rá é o senhor”.



Fig.95A - Nebra-Sílaba RA



Fig.95B - Nebra-Sílaba NEB

Assim como no caso do rei **Djet**, da I Dinastia, do seu governo restaram poucas informações, mas, em compensação, sobrou uma excelente estela (Fig. 95), hoje no *Metropolitan Museum* de Nova York. Segundo Manethón, no seu governo, “foram adorados o touro Apis, em Mênfis, o deus Mnevis em Heliópolis, e o cabrito macho de Mendes”.⁷⁵

⁷⁴ CARDOSO, Ciro F. *Sete olhares sobre a antiguidade*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998, p. 77.

⁷⁵ In: CASSIN, E. et Allii. *Los impérios del Antiguo Oriente*. México: Siglo veinteuno, 1980. p. 208.

Nineter

Sobre o terceiro rei da II Dinastia, de nome **Nineter**, um fragmento da Pedra de Palermo (esquema Fig. 96) dá conta que, no primeiro ano de seu reinado, quando a enchente foi de 3 codos, 4 palmos



Fig.95 - Estela do Rei Nebra, com destaque para seu título Serej.

e 5 dedos (aproximadamente 1,92 m) foi efetivada a “Segunda carreira do touro Apis”. De acordo com Manethón, foi durante o seu governo que “se decidiu que as mulheres podiam exercer o poder real”.⁷⁶ Sobre os dois reis seguintes, **Uneg** e **Senerj**, além dos relatos de Manethón, as informações são ainda mais escassas. Os registros mais claros que se tem de seus nomes foram gravados em alguns vasos encontrados na pirâmide escalonada de Dzozer.



Fig.96 - Fragmento da Pedra de Palermo. Reinado de Nineter.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 209.

Peribsen

Com o penúltimo rei da II Dinastia parece ter ocorrido uma nova crise político-religiosa. Logo depois de ter sido entronizado, com o nome de **Hórus-Seckemib**, quer dizer, seguindo a tradição de se associar o faraó ao deus Hórus, patrono do Baixo Egito (Norte). Trocou sua titulatura para **Seth-Perib-sen**, ou seja, associando-se ao deus Seth, patrono do Alto Egito (Sul). Depois disso abandonou Mênfis e construiu sua tumba em Abydos (Fig. 97). Cassin, Botteró e Vercoutter vêm nisso o resultado “de uma revolta geral do Sul contra o Norte”, que teria obrigado o faraó a retornar ao Sul.

Cassequenvi

O último faraó da II Dinastia foi **Cassenquevi**, com o qual a unidade política se restabeleceu. Uma estátua sua, de diorita, é considerada uma das primeiras obras-primas (junto com a Paleta do Rei Serpente) da arte egípcia. Depois de



Fig.97 - Necrópole de Abydos com as tumbas da II Dinastia.

décadas de lutas e crises, seu governo parece que assinala uma pacificação interna mais duradoura que levou o Egito a um período de franco desenvolvimento de suas potencialidades.

A III DINASTIA

Manethón afirmou que a III Dinastia iniciou com a morte de **Cassenquevi**, o último rei da II Dinastia. Até agora, ao certo, não se sabe muito mais que isso. Nem mesmo as razões que levaram Manethón a iniciar a III Dinastia com a morte de **Cassenquevi** são conhecidas. Chegou-se a cogitar que a II Dinastia terminou porque **Cassenquevi** não teve filhos varões com a esposa principal. Somente com a esposa secundária, de nome **Nimmat-Apis**, é que teria tido dois filhos homens, **Sanaquet** e **Neterquet**, mais conhecido por **Dzozer**.

Sanaquet

Por muito tempo se acreditou que **Dzozer** teria sido o fundador da III Dinastia. Hoje se pensa que não. Antes dele o governo parece que foi exercido por um irmão seu, de nome **Sanaquet**. Seu nome aparece em diversos relevos nas minas de turquesas e de cobre no Sinai, dentro da iconografia do “rei violento”, com o cetro na mão direita, o seu nome em hieróglifo

e, mais abaixo, uma estilização da fachada de um palácio (Fig. 98). Dentro da pirâmide escalonada de seu irmão **Dzozer** existe outra menor, que se acredita que era o túmulo de **Sanaquet**. Alguns autores, inclusive, afirmam que “seu monumento funerário foi, sem nenhuma dúvida, o ponto de partida da pirâmide escalonada”.⁷⁷

Dzozer / Neterquet

Nos relevos da Península do Sinai, assim como nas dependências da pirâmide escalonada, o nome que aparece é o de **Neterquet**. Só pelas inscrições posteriores, do Novo Reino, é que se fica sabendo que **Neterquet** e **Dzozer** foram a mesma pessoa. As circunstâncias de sua ascensão ao poder nos são desconhecidas. Pode ter tido relação com uma espécie de aliança política entre a monarquia e o clero de Rá, já que a principal personalidade de seu governo, o arquiteto **Im-Hotep**, estava ligado ao clero de Rá, na condição de sumo-sacerdote. A importância desse personagem **Im-Hotep** parece ter sido muito grande. Estátuas de épocas tardias (não contemporâneas da III Dinastia), com seu nome gravado no pedestal (Fig. 99), podem indicar,



Fig.98 - - Relevo de Sanaquet, no Sinai.

segundo alguns, que ele se tornou uma espécie de divindade familiar ou profissional.

O trabalho em pedras duras

A civilização egípcia, assim como a mesopotâmica, em seu começo foi uma civilização do barro. De tijolos de barro eram as casas, assim como as sepulturas e os templos para seus deuses. Do barro vinha à cerâmica, tanto a de uso doméstico, como a que se ofertava aos mortos. Mas, enquanto a mesopotâmica permaneceu mais ligada ao barro, a civilização egípcia bem cedo voltou-se para a pedra. E isso, ao que parece, teve sua definição mais nítida no reinado de **Dzozer**. Segundo **Ciro F. Cardoso**,

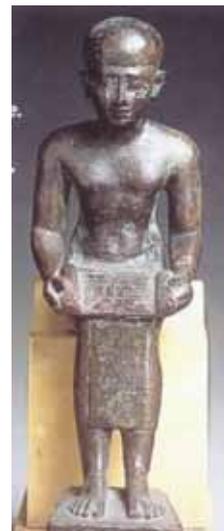


Fig.99 - Imagem tardia de Im-Hotep

No início da III Dinastia, aperfeiçoou-se o método de trabalho em pedra, expandindo-se o seu uso – antes muito limitado – nas construções. Toda a fase que consideramos se caracteriza, no âmbito da produção de luxo, **principalmente pelos vasos de pedra dura** (grifo nosso), encontrados em grande número nas tumbas como oferendas; já a cerâmica, de grande beleza no pré-dinástico avançado, **torna-se então meramente utilitária** (idem).⁷⁸

⁷⁷ CASSIN et Allii. Op. cit. p. 218.

⁷⁸ CARDOSO, **Ciro F.** *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense: 1992. 9ª ed. p. 49.

Nesse particular, cabe um destaque muito especial aos trabalhos de escultura, feitos para os faraós e pessoas influentes. A mestria revelada em trabalhos como a própria estátua de **Dzozer**, hoje no Museu do Cairo (Fig. 100), sugere que deviam ser executadas por especialistas. Isso não significa, entretanto, que tais pessoas devam ser vistas como “artistas”, no sentido atual do termo, reconhecidas como alguém de especial talento, cujo trabalho e atividade fossem vistos como fora do comum, autônomos, não subordinados a nenhuma outra esfera. No Egito Antigo os escultores, pintores, e até mesmo os arquitetos, eram vistos como funcionários e artífices de objetos cuja finalidade essencial era agradar, não aos vivos, mas aos mortos e aos deuses.

O Egito era rodeado de pedreiras, das quais se tirava o calcário. Os que queriam, com pedras mais duras como o granito, o diorito e o quartzo, mostrar que eram diferentes, tinham que ir buscá-las em lugares muito quentes e com pouca água. Tinham que ser organizadas caravanas, com toda uma estrutura de suprimentos. O alto “custo” desses materiais mais “nobres” fazia com que o acesso aos mesmos fosse bastante restrito.



Fig.100 - O Rei Dzozer na pose oficial dos faraós.

Como o trabalho nesses materiais mais duros era mais difícil, os mesmos eram entregues aos cinzeladores mais aptos que, no geral, pertenciam às oficinas reais. As estátuas de particulares, como a de **Ankhwa** (Fig. 101) são bastante raras. Os museus onde as mesmas se encontram fazem delas verdadeiras relíquias. No site do *British Museum*, onde ela se encontra, é dito que se trata de uma obra,

Possivelmente de Sakkara, da III Dinastia, por volta de 2650 a.C. Altura 66,5 cm (...). Nesta estátua um construtor de navios chamado **Ankhwa** é mostrado portando um enxó, seu instrumento de trabalho e indicativo de sua ocupação. Uma inscrição gravada nas roupas mostra-o em familiaridade com o rei. A qualidade da estátua reflete este *status*, o que é reforçado pelo seu material. O granito só era obtido com autorização do rei, o que leva a supor que foi feita nas oficinas reais.⁷⁹



Fig.101 - O “armador” Ankhwa em pose oficial.

⁷⁹ http://www.britishmuseum.org/explores/highlights/highlight_object

A primeira das pirâmides

O fato primordial do reinado de **Dzozer** foi a construção da chamada **Pirâmide Escalonada**, ou **Pirâmide de Degraus** (Fig. 102). Foi o primeiro edifício inteiramente de pedra levantado no Egito. Valeu ao seu arquiteto um tal renome que até mesmo foi divinizado em épocas tardias (ver atrás Fig.99).



Fig.102 - Vista área do conjunto da Pirâmide de Dzozer, em sakkara, com as demais construções erguidas à sua volta.

Barry Kemp é o autor de uma teoria que vê no complexo da pirâmide **um cenário para a aparição da monarquia**. A premissa da qual ele parte é que o poder faraônico tinha a necessidade de, quando se mostrasse em público, que fosse em grande estilo, de forma teatral, cercado de magnificência. O pátio e as outras partes do complexo, portanto, serviam para um **cenário**, grandioso e espetacular, onde o rei, em pessoa, pudesse se apresentar diante de um público seleto, formado pelos altos dignatários do seu reino.

Dentro da linha de raciocínio do autor, teríamos que

as partes constitutivas do complexo serviam (de acordo com o esquema abaixo), respectivamente, para:

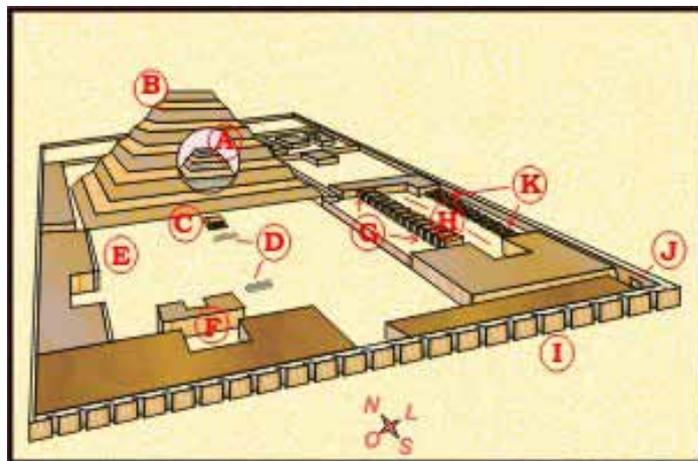


Fig.103 - Esquema do complexo da pirâmide de Dzozer, com as partes consecutivas para o cenário das aparições espetaculares da monarquia.

A. Pirâmide original, erguida para **Sanaquet**, o primeiro faraó da III Dinastia.

B. Pirâmide externa, com 63 m de altura, dedicada a **Dzozer**. No seu interior existia uma rede de corredores e onze câmaras subterrâneas, destinadas a abrigar os restos mortais do faraó e da família real.

C. Plataforma do trono dual, onde possivelmente era colocado o duplo trono, sob um dossel, de onde o Faraó presidia o cerimonial da corrida entre os montículos. Esse cerimonial, chamado posteriormente de “abarcara o campo”, ou simplesmente “o campo”, pode ter tido relação com o antigo rito “Sema Tau” ou “União dos Dois Países”.

D. Os montículos territoriais. Tratava-se de um par de montículos de pedra, com a forma de uma ferradura de cavalo. Serviam para simbolizar os limites territoriais que, provavelmente, representavam os marcos fronteiros sobre os quais o faraó governava. Durante o “ritual de reivindicação do território” (ver adiante), o faraó percorria de pés descalços o espaço entre os dois montículos.

E. Pátio da aparição do rei. Tratava-se de um vasto espaço descoberto, medindo 108 por 187 m (na montagem do desenho ao lado a proporção não foi mantida) que o faraó percorria em suas aparições oficiais, diante dos representantes dos poderes constituídos.

F. Pavilhão Preparatório. Segundo Barry Kemp, o autor dessa teoria do cenário para a aparição da monarquia, era ali que o faraó se preparava para suas aparições espetaculares. Era uma espécie de “camarim”, onde ele podia se arrumar e descansar, antes de sua entrada triunfal no grande pátio.

G. Santuários das divindades provinciais. Supõe-se que tais santuários faziam parte do cenário para o Festival Sed, que se realizava no pátio em frente. Alguns entendem que esse número pode ter relação com os treze dos quatorze pedaços de Osiris que seu irmão Seth espalhou pelo Egito e que a deusa Isis recuperou.

H. Pátio do Festival Sed. Essa festividade era uma grande comemoração alusiva a um jubileu correspondente aos 30 anos de governo de um faraó. Em épocas tardias existiram faraós que celebraram mais de um Festival Sed. Embora possa ter mudado de significado com o tempo, parece que o Festival sempre conservou algo de sua essência primitiva, a de revitalizar as energias mágicas do faraó. Esse último, primitivamente, era visto como um poder benfazejo que garantia a fertilidade da terra com a ocorrência das cheias. Mas tal energia, podia se desgastar com o tempo. O Festival Sed, então, era uma oportunidade para esse poder ser revitalizado. Nessa ocasião o faraó, em trajes especiais, percorria o perímetro do pátio, ao longo do qual se levantavam os santuários das divindades provinciais e altares laterais (letra **K**).

I. Portão principal, ou verdadeiro. Ao longo da murada externa existiam outros treze portões, mas que eram “falsas” entradas. A proporção das portas, em relação à altura e extensão do muro exterior, era relativamente acanhada, talvez para representar a ideia de restrição e de dificuldade de acesso ao recinto sagrado do poder. A mesma fórmula se usava nos templos.

J. Muro externo. Media 545 m de comprimento, 278 m de largura e 9,15 m de altura. Suas colunatas salientes, e suas reentrâncias, procuravam imitar a fachada do palácio real.

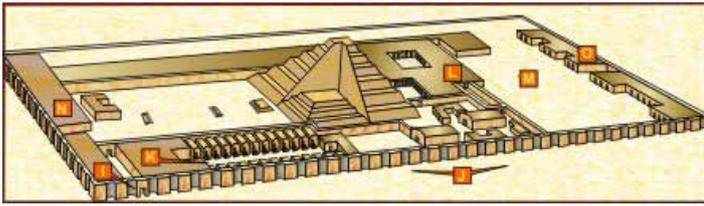


Fig. 104 - Esquema do complexo da pirâmide de Dzozer, com as partes constitutivas para o cenário das aparições espetaculares da monarquia, e com as demais dependências para a função religiosa do local.

Além desses elementos, fazia parte do conjunto o **templo mortuário**, (letra **L** do esquema da Fig. 104). Era ali que se realizava o culto funerário aos mortos “enterrados” na pirâmide. Era próximo do templo funerário, que ficavam as entradas para as câmaras subterrâneas, no qual foram encontrados perto de 40 mil vasos e pratos de alabastro, pórfiro, mármore, quartzo e cristal de rocha. Em alguns desses vasos foram encontrados os nomes dos faraós da I e da II Dinastia. Foi numa dessas câmaras subterrâneas que foi encontrada a estátua do rei (Fig. 100) de tamanho natural, diante da qual eram feitos os rituais para perpetuar a relação do Ka do faraó com sua morada terrestre, a pirâmide.

Existia ainda, outro grande pátio, o chamado **Pátio Norte** (letra **M** da Fig. 104), cuja finalidade ainda não está bem esclarecida. A suposição é que pode ter feito parte daquela polaridade Norte-Sul, simbólica da unidade dos dois reinos na figura do faraó. Faziam parte dessa polaridade os dois pavilhões (letra **N**, para o Sul, e letra **O**, para o Norte). Junto com os santuários e altares dos deuses provinciais formavam o cenário

simbólico da unidade política em torno do faraó, no local onde era celebrado o ritual de renovação e reafirmação de seu poder mágico (Festival Sed).

A Corrida “Sema-Tauí”

No reforço de sua teoria da pirâmide como cenário para a aparição do rei, Barry Kemp analisa e compara um painel que se encontrava num corredor subterrâneo da pirâmide de **Dzozer** (Fig. 105), com outros dois registros anteriores. Chama a atenção que nos três



Fig. 105 - Painel Sema-Tauí, interior da pirâmide Dzozer.

registros aparece o faraó numa “corrida entre os montículos” e em dois deles no “trono dual”. No primeiro painel (Figs. 105 e 106), o faraó **Dzozer**, com a coroa branca do reino do Sul e portando o açoite e o cajado, aparece correndo entre os montículos territoriais.

Diante de sua cabeça o símbolo Serej e, mais acima, à direita, um falcão carregando o **Ank**, que era como um amuleto da vida eterna. Na sua frente aparece o deus **Upuaut**, na forma de um babuíno, carregando um estandarte também relacionado com a identificação da monarquia faraônica com **Hórus**, o deus falcão.



Fig.106 - Painel do interior da pirâmide de Dzozer.

O segundo registro analisado por Kemp é um detalhe esculpido na maça cerimonial do rei **Narmer** (Fig. 107), da I Dinastia. O faraó foi representado sobre uma plataforma, sentado num trono protegido por um dossel. Parece, segundo Kemp, que o ato corresponde a uma

inspeção do espólio de uma guerra, cujos prisioneiros estão alinhados em meio aos montículos territoriais. Para o autor, isso mostra que esse ritual, que ele entende que se repetia no pátio Sul da pirâmide (plataforma do trono dual, montículos territoriais) era uma cerimônia que outros faraós já tinham celebrado antes.



Fig.107 - Desenho da maça do rei Narmer.

O terceiro registro é o fragmento de um rótulo de madeira do faraó **Udimu**, também da I

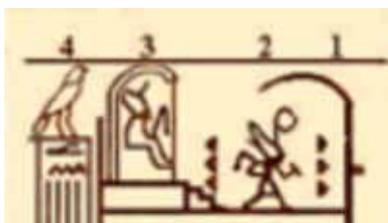


Fig.108 - Rótulo de madeira do faraó Udimu.

Dinastia, no qual aparece o ano do seu reinado, o rei correndo entre os montículos territoriais e, mais atrás, o

mesmo faraó, sentado num dossel. E, por último, o nome de Hórus do faraó Udimu (Fig. 108).

As funções das pirâmides

Entre as diversas questões que permanecem em aberto a respeito das pirâmides em geral, e da de **Dzozer** em particular, está aquela que diz respeito às funções que tais monumentos funerários exerciam dentro da sociedade egípcia. Nesse terreno, que é o das **interpretações**, nada é definitivo. O que hoje vale, amanhã pode estar “superado”, para depois voltar a ser “resgatado”. Entretanto, existem certas hipóteses de trabalho que, ao nosso **bom-senso**, se apresentam com boas condições de serem acatadas pelo **bom-senso dos outros**. Esse é o caso das funções política, ideológica, social, administrativa e religiosa das grandes obras faraônicas, incluindo aí as pirâmides.

A função religiosa

Por trás das coisas que ocorrem sempre tem mais de um fator que influencia no que acontece. Correto. Isso é o que os mais antigos chamavam de multiplicidade causal do fato histórico. É razoável. Só que também é razoável pensarmos que existem alguns fatores que são, num dado momento, mais importantes que os outros. Esse é o caso da função

religiosa das pirâmides. Embora ela servisse, também, para outras coisas, a serventia principal era a de abrigar a múmia, as estátuas e os pertences dos mortos que ali eram “enterrados”. Prova disso são as estátuas e os quase 40 mil vasos votivos encontrados no seu templo mortuário, onde era realizado, pelas chamadas Fundações Piedosas, o culto aos mortos.

A função política

Mas, ao lado do seu viés religioso, também existia aquele que poderíamos chamar de “político”, ou de “simbólico”. É mais ou menos o que sustenta Barry Kemp na sua teoria do “cenário para a aparição do rei”. É mais ou menos, também, aquilo que Luis Fernando Veríssimo, ao ensejo da morte do papa João Paulo II, disse da Igreja, ao afirmar que

O poder da Igreja é em grande parte material, mas se fosse só isso ela já teria seguido o caminho de outros impérios para o esquecimento. Tem o poder emocional da devoção dos seus súditos e o domínio dos símbolos e trâmites que regem esta fé, o poder da encantação (...) A Igreja pode suprir seus fiéis com **doutrinação** e uma **idéia organizada** de sua religião e da sua hierarquia centralizada, mas também pode oferecer o que toda a corte oferece aos seus súditos, **um teatro do poder** (grifo nosso). As cerimônias coreografadas, as roupas, as pompas, a encantação pelo espetáculo humano tanto quanto pelo mistério.⁸⁰

⁸⁰ VERÍSSIMO, Luis Fernando. Coisas da corte. In: *ZERO HORA*, 7/4/2005, p. 3.

A função social

Por muito tempo as pirâmides foram tomadas como sinônimo de desperdício. A expressão “obras faraônicas” até hoje continua sendo usada mais ou menos nesse sentido. Mas tem também aqueles que, talvez influenciados pelo contexto pós-crise dos anos 30 do século XX, em que o Estado foi colocado na função de gerar empregos através das obras públicas, advogam que a construção das pirâmides podia cumprir a **função social** de gerar empregos. No Egito existia uma força de trabalho que, durante quatro meses do ano, na estação das cheias, não tinha muito que fazer na terra. Trabalhar para o Estado, nesse período, podia representar uma oportunidade para os camponeses complementarem seus próprios ganhos.

A função ideológica

Seria aquela função de, durante sua construção, passar-se a ideia de que ali se trabalhava para levantar um monumento a um poder sobre-humano que quase se equiparava ao dos deuses. Essa ideologia do rei divino talvez não contasse, no Egito Antigo, com outro meio mais eficaz do que aquele de trazer os camponeses para um formidável canteiro de obras e ali fazê-los viver bem de perto a ideologia e todo o aparato magnífico do poder.

A função administrativa

A partir dos estudos de Max Weber, e dos weberianos em geral, sobre a dinâmica e funcionamento das organizações burocráticas, começaram a ser formuladas hipóteses sobre uma possível característica burocratizante da administração do Estado faraônico. Nesse sentido pode ser cogitado que, com a construção das pirâmides, as elites burocráticas e administrativas poderiam aprimorar seus conhecimentos técnicos e científicos (cálculos, geometria, resistência dos materiais, etc.). Assim como aperfeiçoar suas técnicas de gerenciamento e administração de recursos humanos e materiais. A construção de uma pirâmide representava a oportunidade de gerenciamento de um grande orçamento que fazia aumentar em muito o poder e a influência das elites burocráticas (no caso o clero de **Rá**) do Estado egípcio.

Sek-hen-Khete

Em 1951, nas proximidades da pirâmide escalonada, foram descobertos os restos de uma pirâmide inacabada, também escalonada, cujo construtor usava o nome de **Sequenquete**. Esse mesmo nome também foi encontrado nas rochas da península do Sinai, junto com os nomes de **Sanaquet**

e de **Dzozer**. Isso tem levado à suposição que **Sequenquete** foi o sucessor de **Dzozer** e que não teria terminado sua pirâmide devido ao curto período de governo (6 anos).

Khaba

A descoberta da pirâmide de Sequenquete leva a se supor, por comparação, que outra pirâmide escalonada, também inacabada, situada mais ao Sul de Sakkara, também tenha sido de um faraó pertencente a III Dinastia. Esse faraó, que usava o nome de **Khaba**, também teria reinado por um espaço de tempo bastante curto. Seu sucessor seria um rei de nome **Nekare**, do qual pouca coisa que se sabe, até agora, como ter sido o penúltimo rei da dinastia.

Huni

O último rei da III Dinastia é conhecido por um número mais alentado de fontes, a começar pela sua própria pirâmide, a denominada Pirâmide Escalonada de Meidum (Fig. 109), que teria sido iniciada por ele, Huni, e terminada pelo primeiro rei da IV Dinastia, o faraó **Snofru**. **Huni** também é conhecido por um fragmento de granito encontrado em Elefantina, o que tem levado a supor-se que a fortificação dessa fronteira meridional tenha começado no seu reinado.



Fig.109 -Vista aérea da pirâmide de Huni, Último rei da III Dinastia, na necrópole de Sakkara, situada no norte do Egito

No universo de incertezas: é de Huni ou de Queóps?

A egiptologia, no âmbito da História Antiga Oriental, talvez seja a área da qual mais se tenha informações e dados confiáveis. Mas, mesmo assim, as dúvidas e incertezas são inúmeras, mesmo em coisas essenciais como a datação ou identificação de uma peça. Em razão disso, ao catalogar suas peças, os museus muitas vezes apenas “estimam” o período e a identificação de seus acervos. Às vezes, inclusive, os especialistas dessas instituições alteram suas avaliações, com o que uma peça, que por muito tempo, foi apresentada com uma identificação, passa a ser apresentada com outra identidade. Uma cabeça de faraó, guardada no *Brooklyn Museum*, de Nova York, passou por uma dessas “reavaliações”. Ali estão guardados um sarcófago e uma caça de

faraó que, por muito tempo foram apresentadas como pertencendo ao faraó **Huni**. Numa das salas principais, inclusive, as duas peças eram colocadas lado a lado, como se fizessem parte de um mesmo conjunto (Fig. 110), pertencente ao último rei da III Dinastia.

Pois bem, enquanto o sarcófago continua sendo estimado como tendo pertencido a **Huni**, a estimativa para o modelo da cabeça sofreu uma reavaliação. Ultimamente passou a ser apresentado como sendo uma representação do faraó **Queóps** (ver a imagem mais adiante, na Fig. 120).

Nas “Instruções para Kagemi” um “ethos” de sobriedade e moderação

Um esquema de interpretação da história que prosperou no século XIX, e que teve largo curso até meados do século XX⁸¹, foi aquele que atribuíam ao caráter, ou *ethos*, de um povo, um papel fundamental nos acontecimentos históricos de uma sociedade. Esse esquema interpretativo foi meio que desterrado na

segunda metade do século XX, quando o esquema de interpretação marxista da história predominou. Hoje, com o recuo desse último, pode ser que aquele outro,

⁸¹ Dois casos típicos da aplicação desse esquema interpretativo no séc. XX foram Menendez Pidal, na Espanha, em sua obra *História da Espanha*, e Sérgio Buarque de Holanda, no Brasil. No seu já clássico *Raízes do Brasil*, este último autor apresenta o povo brasileiro como o exemplo típico do “homem cordial”.



Fig. 110 -.Sala do Brooklyn Museum, Com o sarcófago e com a cabeça do rei que era apresentada como a de Huni.

baseado no peso de uma suposta “personalidade coletiva”, volte a aparecer com força.

Aplicado ao Egito, esse esquema interpretativo dava como sendo uma das marcas da personalidade coletiva dos egípcios, além da **amistosidade** e da **religiosidade**, a **sobriedade** e a **moderação**, especialmente no Reino Antigo.

Um texto literário do reinado de **Huni**, conhecido como **Instruções para Kagemi**, que um vizir de **Huni** (por alguns identificado como o sábio **Kaires**) escreveu para o filho, parece que ilustra essa interpretação. Trata-se da transcrição de uma série de instruções contidas no chamado **Papiro Prisse**,⁸²

⁸² O **Papiro Prisse**, cujo nome provém de seu descobridor, o egiptólogo **Émile Prisse d’Avennes** (1807-1879), que recebeu a incumbência de recolher peças do Antigo Egito, quando a França estava constituindo seus acervos de materiais egípcios, tanto para sua Biblioteca Nacional (onde o documento está depositado), como para o Museu do Louvre. O papiro está escrito em hierático e seu conteúdo consta de dois textos literários, as “Instruções para Kagemi” e os “Preceitos de Path-Hotep”, um gênero literário que consistia numa série de ensinamentos que, se acredita, eram usados no sistema de aprendizado da escrita nas escolas

e que dizem respeito às vantagens que o jovem podia auferir se praticasse a sobriedade e a moderação, tanto nos seus hábitos como nas suas atitudes.

O interessante dessa parte conservada do **Papiro Prisse** é que, além da justa contenção, também se acena para as vantagens de uma espécie de corporativismo dirigente (“contra quem se apartou do caminho se afiam os cutelos”), assim como para uma espécie de prevenção contra as disputas dentro do grupo dirigente (“guarda-te de provocar uma oposição, pois não se sabe o que virá”)

O homem prudente prospera e o moderado é aclamado. A tenda se abre ao silencioso e amplo é o espaço de contentamento. Não fales (demasiado). Contra quem se apartou do caminho se afiam os cutelos, ninguém avança expeditamente se não é o seu tempo. Se te sentas com muita gente, abstenha-te do alimento que amas; a renúncia dura só um breve instante, mas a gula é desprezível e é apontada com o dedo. Uma taça de água sacia a sede e um bocado de legume robustece o coração. Um único prato substitui um banquete e um pequeno bocado é melhor que muito. Quem tem o ventre ávido torna-se desprezível; o tempo passa e ele é esquecido por aqueles em cuja casa seu ventre se comportou vorazmente. Se te sentas com um glutão, coma somente depois dele ter satisfeito seu apetite; se bebes com um bêbado, só aceita a bebida quando ele haja satisfeito seu desejo. Não reclames pela carne em presença de um glutão, aceita o que te é dado. Ao homem irreprovável, no que diz respeito à comida, ninguém lhe reprovará; porém, em relação ao glutão, o rosto se contraria. Se alguém é complacente com ele é porque é um perverso com a sua própria mãe. Deixa com que tua fama cresça. Então, sem que tenhas

de escribas. Mediante a absorção de tais ensinamentos é que se supõe que os padrões culturais das camadas dirigentes eram passadas para os futuros membros dos quadros administrativos do Estado faraônico.



Fig.111 - O Papiro Prisse em seu estado atual.

que abrir a boca, todos recorrerão a ti. Não presumas de tua força em meio a teus coetâneos. Guarda-te de provocar uma oposição, pois não se sabe o que virá, e o que fazem os deuses, quando castigam.⁸³

A IV DINASTIA

O período de aproximadamente 100 anos, que esteve situado, grosso modo, entre os anos 2600 e 2500 a.C., foi aquele em que o Estado faraônico esteve governado pelos faraós da IV Dinastia. Esse período é considerado por muitos como o **apogeu** do Reino Antigo e da própria civilização egípcia. Esse critério de classificar certos períodos de uma civilização como sendo de seu **apogeu** deve-se, em grande parte, aos estudos do historiador inglês Arnold Toynbee (ver atrás, p. ??-??). O pressuposto desse **esquema de interpretação** é que o apogeu (ou apogeus) de uma civilização pode ser medido: a) pelo grau de **estabilidade social e política**; b) pela **homogeneidade e originalidade** de suas manifestações culturais; c) e, sobretudo, pela **amplitude de suas realizações**, tanto no campo da cultura material, como no da cultura imaterial.

Segundo tal interpretação, a IV Dinastia representou o momento de máxima **estabilidade**

social do Estado faraônico. Teria sido uma época em que as classes subordinadas, sentindo-se mais protegidas e amparadas pelas elites dirigentes, não chegavam a se constituir num foco de rebeldia contra a ordem estabelecida. Teria sido uma época em que as elites dirigentes teriam levado a sério os preceitos do **maat**. O **maat** era um tipo de ideal de justiça que, acreditava-se, tinha sido outorgado aos homens pelos deuses, como garantia para o perfeito funcionamento do mundo. Todos a quem fora dado a capacidade de sentir e pensar (os faraós e as elites mais do que ninguém) deveriam se esforçar para atingir-lo. Para tanto exigia-se autodomínio, controle das emoções, serenidade nas ações e um alto sentido de responsabilidade social. Seria aquilo que aparece, por exemplo, nas **Instruções para Kagemi**. A interpretação que se faz é que tudo isso, na IV Dinastia, teria sido levado mais a sério do que nos outros períodos.⁸⁴

De acordo com tal esquema interpretativo, a IV Dinastia também teria sido o período de máximo reconhecimento do poder político dos faraós. Teria sido uma época que pouco se duvidava de sua propalada origem divina. Uma época que pouco se

⁸³ Extraído de PEINADO, Federico Lara. *El Egipto Faraónico*. Madrid: Editora Istmo, 1991, p. 36.

⁸⁴ É bom lembrar que esse tipo de avaliação pode ser fortemente questionada, tanto teórica, como factualmente. Existem indícios (campanha difamatória contra **Queóps**, testemunho de **Miquerinos** que não ficou "devendo" nada aos seus trabalhadores, a obesidade presente nas estátuas dos escribas), que textos do tipo **Instruções para Kagemi** tinham muito de retórica.

questionava sobre sua autoridade moral. Em que veleidades individuais de bom grado eram sufocadas em favor da glória e esplendor do poder instituído. Sentenças do tipo “o homem prudente prospera e o moderado é aclamado. Não fales em demasia (...) Ninguém avança expeditamente se não é o seu tempo” das “Instruções para Kagemi” seriam o atestado dessa assertiva.⁸⁵ Outro forte argumento a favor desse suposto **apogeu** do poder político dos faraós da IV Dinastia foi a sua capacidade de concentrar em torno de sua pirâmide os túmulos de um grande número de governadores provinciais.

Nessa mesma orientação, o período da IV Dinastia é apresentado por muitos como sendo uma época de forte consenso em torno de certos pressupostos básicos que serviriam para regular as relações entre as pessoas. Verdades particulares não se antepunham às verdades estabelecidas para a coletividade. Padrões de comportamento, princípios morais, procedimentos éticos eram tomados e seguidos como certos, sem maiores questionamentos. Teria sido, enfim, uma época em que a religião teria cumprido adequadamente a sua função de explicar o mundo, formulando mitos relativamente convincentes. Daí

ter sido uma época de fé robusta e generalizada.⁸⁶ Nessas explicações o Egito era apresentado como centro do mundo, morada dos deuses e berço da civilização. Daí a soberba etnocêntrica com que rejeitavam empréstimos culturais de fora, mantendo a homogeneidade e a invulnerabilidade de sua cultura.

Mas o grande argumento dessa **interpretação** de que o **apogeu** civilizatório do Egito faraônico teria sido na IV Dinastia, seria a **amplitude das realizações**, a qual poderia ser medida, principalmente, pela **construção das pirâmides**. Elas seriam o testemunho inequívoco que o Egito Antigo, nesse período, conheceu seu período de máxima prosperidade.

O número, a ordem de sucessão e a duração dos mandatos dos faraós da IV Dinastia são bastante controvertidos. A *Lista de Manethón* não confere com o *Papiro de Turim*. Em razão disso, autores como Cassin, Bottéro e Vercoutter,⁸⁷ preferem apresentar “a ordem e a duração de mandatos tal como se pode estabelecer, pelos monumentos”, resultando disso a seguinte lista:

- **Snofru** (24 anos de reinado, segundo o Papiro de Turim).
- **Queóps** ou **Khufu** (23 anos de reinado, segundo o Papiro de Turim).

⁸⁵ De novo é bom lembrar que os fatos, muitas vezes, podem desautorizar tal interpretação. Convém recordar, por exemplo, que contra o faraó **Queóps**, existiu uma verdadeira campanha de difamação registrada por Heródoto. Essa campanha de difamação parece que teve sua origem na própria época do rei.

⁸⁶ Alguns chegam a argumentar que, só com uma fé muito grande e generalizada da população, é que as pirâmides poderiam ser construídas.

⁸⁷ CASSIN, E. et Allii. *Los imperios del Antiguo Oriente*. México: Siglo veinteuno, 1980, p. 227.

- **Didufri** (oito anos de reinado, segundo o Papiro de Turim).
- **Quéfren** ou **Kafra** (com duração de governo desconhecida).
- **Miquerinos** ou **Menkaura** (de acordo com Manethón, com 18 anos de reinado).
- **Scepceskaf** (omitido no Papiro de Turim).

Snofru

Como sucede frequentemente, não se sabe bem ao certo porque aconteceu a passagem da III para a IV Dinastia. A fonte de onde essa informação procedeu originalmente, a Lista de Manethón, não apresenta nenhuma explicação. Cogita-se, pois, que ele era um filho “secundário” de **Huni**, com uma esposa também “secundária” de nome **Hetereferes**.

Graças à Pedra de Palermo, o seu reinado é o mais bem conhecido da IV Dinastia. Os especialistas costumam reunir seus fragmentos (uns de Palermo, outros do Museu do Cairo), como Federico Lara Peinado, resultando no que se conhece por **Os Anais de Snofru**:

Fragmento do Museu do Cairo

- Snofru, prata, lapislazúli.⁸⁸ Segundo Censo.⁸⁹ 3 Codos.⁹⁰
- Santuário Meridional. Santuário Setentrional. Domínio das Estelas.⁹¹ Fabricar estátua Hórus Nebmaat.⁹² 3 Codos e 2 palmos.

Fragmento da Pedra de Palermo

- Fabricar dois barcos “Os filhos do Rei do Baixo Egito”⁹³ 5º censo.
- Fabricar o barco “Alabanza dos Dois Países”, 100 codos, madeira meru (?) mais 60 barcos de

⁸⁸ PEINADO, Federico Lara. *El Egipto Faraónico*. Madrid: Istmo, 1991, p. 37-38 e 225-226.

⁸⁹ O lapislazúli, ou pedra-azul (de lápis (pedra) em persa, e lazúli (azul, em árabe), era uma pedra muito usada em objetos ornamentais. Possivelmente essa parte dos **Anais** refere-se a expedições reais até a Península do Sinai (PEINADO, Op. cit. p. 225).

⁹⁰ Essa parte do fragmento, que está no Museu do Cairo, deve ser do início do governo, quando foi realizado o segundo censo. Os censos eram controles que se fazia para fazer frente às despesas do Estado, especialmente nas grandes obras (PEINADO, Op.cit. p. 225).

⁹¹ Trata-se, provavelmente, da construção do santuário **Senut**, onde eram depositadas estelas decoradas com serpentes. A referência a um santuário Meridional (Sul) e outro Setentrional (Norte) talvez se refira a 2 santuários no mesmo local, para simbolizar a união dos 2 reinos.

⁹² Os verbos eram usados só no infinitivo. Essa Estátua **Hórus Nebmaat** se tratava de uma estátua do próprio rei. **Hórus Nebmaat** era o primeiro dos cinco nomes da titulação dos faraós, no qual ele se apresentava como Filho de **Hórus**. (PEINADO, Op. cit.p.225).

⁹³ Colocar um cognome nas coisas fazia parte da tradição cultural no Egito Antigo. Assim como as pirâmides, os palácios e os templos, as embarcações também eram “batizadas” com um nome próprio (PEINADO, Op. cit. p. 225).

“160 (?) do rei”.⁹⁴ Arrasar o país dos nubios. Levar prisioneiros: 7.000.⁹⁵ Gado maior e menor: 200.000. Construir a fortaleza do Alto e Baixo Egito “Os domínios de Snofru”. Aportar 40 barcos carregados de pinho.⁹⁶ 2 Codos, 2 dedos.

- Fazer 35 grandes estabelecimentos agrícolas. Receber 122 animais, Fabricar barco “Alabanza dos dois Países”, 100 codos, madeira de pinho, mais 2 barcos, 100 codos, madeira menu. 7º censo. 5 Codos.
- Erguer a “Coroa Branca de Snofru sobre o Porto Meridional e a Coroa Vermelha de Snofru sobre o Porto Setentrional. Fabricar as portas do Pavilhão real, madeira de pinho. 8º censo. 2 codos, 2 palmos.

Outro Fragmento do Museu do Cairo

- Décimo censo. Gado maior e menor. Dois palmos.
- Entronização do rei, Quarto da carreira do touro Apis.⁹⁷ Construir em ouro estátua Hórus Nebmaat

⁹⁴ Alguns autores tomam esse registro da construção de barcos como um indicativo de um forte avanço nas relações comerciais no reinado de **Snofru**.

⁹⁵ Aqueles que tomam o Egito como um “Estado Escravista”, geralmente tomam este registro como testemunho da natureza escravagista do modo de produção egípcio.

⁹⁶ Alguns autores entendem que este registro (aportar) refere-se a uma frota de navios de alto mar, destinada a expedições marítimas ao Líbano, para conseguir madeira de cedro e pinho para as construções.

⁹⁷ Festival ao touro **Apis** (encarnação de **Rá**), o animal sagrado de Mênfis.

e nela gravar os deuses.⁹⁸ Trazer do território dos líbios os prisioneiros: 1.100. Gado maior: 13.100.

- Construir estátua Hórus Nebmaat. Arrasar a fortaleza Irut.

Prontificar uma imagem e nela colocar o nome da pessoa, no caso do faraó **Snofru**, significava que aquela pedra deixava de ser uma pedra, para ser a própria pessoa (ver atrás, nota). Isso aparece numa das poucas estátuas de **Snofru** que sobreviveram, um colosso de 7 m de altura, hoje no Museu do Cairo (Fig. 112).



Fig.113 (acima) 112 (ao lado) -.Estátua de Snofru.

Na presilha do cinto que remata o saiote usado pelo faraó, foi colocado o seu nome em hieróglifo (Fig. 113). Esse procedimento é o que se chamava de “gravar os deuses”.

Apesar de, nos seus *Anais*, nada constar sobre a sua atividade construtora, essa última foi uma das mais extraordinárias de seu reinado. A ele são atribuídas a construção de nada menos do que três pirâmides. A primeira delas teria sido a conclusão da



⁹⁸ “Gravar os deuses” queria dizer gravar sinais gráficos em algum monumento. No Egito Antigo a escrita era considerada divina, substituía alguma coisa.

Pirâmide Escalonada, de Meidum (ver Fig. 109) que seu antecessor e presumível pai, **Huni**, começou e não pode concluir.

Depois disso ele fez levantar mais duas, em **Dahshur**, a 7 Km ao Sul de Sakkara. A primeira delas é a chamada **Pirâmide Romboidal** ou de **Dupla Inclinação** (vide mapa Fig. 114). Essa dupla inclinação pode ter resultado de uma alteração do projeto original, para a pirâmide não ficar muito alta



Fig.114 -.Mapa com a localização das principais pirâmides do Egito.

e com pouca base para sustentar o peso. Certos autores ressaltam as outras alterações na concepção geral do conjunto como:

a) o desaparecimento do grande pátio cerimonial;
b) o desaparecimento das capelas, altares e pátios, destinados ao *Festival Sed*;

c) no lugar desses elementos, um destaque muito especial para o **templo funerário**, destinado ao culto dos mortos. Para Barry J. Kemp, isso tudo representa uma nova imagem da monarquia:

Já não existe o poder puro de um governante supremo do território. Agora o monarca está associado como manifestação do deus sol (o título de Filho de Ra aparece nesta época). A arquitetura transmitia essa nova conceitualização do poder e representava **maior atenção ao poder do sol** como força suprema.⁹⁹

A terceira pirâmide levantada por **Snofru**, também em Dashur, é a **Pirâmide Vermelha**. Tem 99 m de altura (dois a mais que a Romboidal), e uma base de 213 m. Em comparação com as posteriores ela parece mais “achatada”.

As Fundações Piedosas

Entre o muro externo da **Pirâmide Romboidal** e o seu templo funerário existiram habitações em que moravam pessoas cuja atividade era o **culto às estátuas** do faraó, familiares e antepassados. Viviam de uma espécie de fundo criado pela doação de

⁹⁹ KEMP, Barry J. *El antiguo Egipto, anatomía de una civilización*. Barcelona: Crítica, 1998, p. 80.

No mobiliário da rainha, o requinte com moderação

uma propriedade, com a correspondente isenção de impostos. Ou então por um contrato que assegurava um rendimento compartilhado, para o suprimento de objetos de culto vindos de propriedades do rei. Nas paredes do templo eram representados portadores de oferendas, com os locais de onde provinham. Isso permite que se projete um mapa desses locais. Barry Kemp, a partir disso, elaborou um esquema da distribuição geográfica dos domínios que a Fundação Piedosa da pirâmide de **Snofru** detinha o usufruto. De acordo com o mesmo autor, não era sempre que se registrava o tamanho de tais parcelas de terra. Quando se fazia o registro, dá para se perceber que a área das mesmas variava de 0,5 ha. até 28 ha. Os produtos oferecidos eram, fundamentalmente, pães, cerveja, cereais, frutos, carnes e aves.¹⁰⁰ Como o culto às estátuas devia se manter perpetuamente, tais fundos também se tornavam perpétuos. Com o passar do tempo essa prática se estendeu e se ampliou para os diversos locais e escalões da sociedade egípcia, na forma de cultos funerários privados. Segundo Kemp, e outros especialistas, essa foi uma das razões da diminuição do poder dos faraós ao final do Antigo Reino.

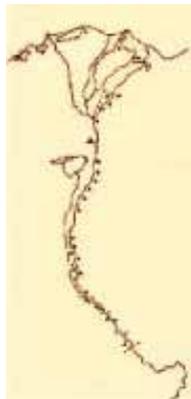


Fig.115 - Mapa das Fundações Piedosas da Pirâmide Romboidal.

Num dos complexos da pirâmide de **Snofru** deve ter sido sepultada a rainha **Heteferes**, embora a sua múmia e tesouros nunca fossem encontrados. Em 1925, quando das escavações na pirâmide de **Queóps**, a equipe do arqueólogo **George Reisner** encontrou peças do mobiliário que, segundo o próprio **Reisner**, teriam sido trazidos da tumba da rainha, em **Dahshur**, depois que a mesma, ainda no reinado de **Queóps**, sucessor e filho de **Snofru** e **Heteferes**, foi violada e saqueada, ocasião em que a múmia e as joias da rainha desapareceram. Na versão constava ainda que teria sido feito sem o conhecimento de **Queóps**, porque os responsáveis pela guarda do túmulo original temiam o castigo por não terem cuidado bem do local. Peripécias de lado, o que restou, enfim, foi um conjunto de peças do mobiliário da rainha que, pacientemente restauradas e replicadas pela equipe do Dr. Reisner, se tornaram um dos ícones no **Museu de Belas Artes de Boston**, nos E.U.A. As originais estão no Museu do Cairo. As peças mais valorizadas são as réplicas da cama, uma cadeira folhada a ouro e o cofre canópico (Fig. 116).

Ao comentar sobre as peças desse mobiliário “cemiterial” da rainha **Heteferes**, Jon Manchip White, autor de um dos melhores e mais completos livros sobre a vida cotidiana no Egito Antigo, traduzidos para o português, sustentou que:

¹⁰⁰ Ibidem, p. 122.



Fig.116 -.Reconstituição do quarto da Rainha Heteferes.

desenho básico (grifo nosso) do mobiliário egípcio originou-se no Velho Reino e não foi, depois disso, grandemente alterado (...) é claro que, como a forma do corpo humano permanece constante, o número de variações que um artista marceneiro pode introduzir nos móveis é necessariamente limitado. Todavia, há pouca diferença entre as cadeiras e camas encontradas no túmulo (na verdade não era exatamente um túmulo, mas um tipo de fossa, ou poço, de vinte e cinco metros de profundidade) de Heteferes e de Tutancamon, enterrado mais de mil anos depois.¹⁰¹

No que diz respeito ao desenho básico, o professor da Universidade de Cambridge tem toda a razão. Assim como quanto aos motivos ornamentais: imagens de falcão, lotus, pés em formato de garras de leão “talvez para conceder ao seu ocupante a força e o espírito do animal”. Assim como no significado do mobiliário, “pois dormir numa cama era a marca de uma pessoa civilizada,

¹⁰¹ WHITE, Jon Manchip. *O Egito antigo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966, p. 93.

em contraste com os camponeses, asiáticos ou habitantes das areias”.¹⁰²

O que não se pode dizer é que, na concepção ornamental dos dois mobiliários haja a mesma correspondência. Nos móveis de **Tutancamon** (do Novo Reino) as linhas são mais sinuosas, os detalhes mais abundantes, as cores mais contundentes (Fig. 117). São de uma concepção, digamos, mais “barroca”. Já nos móveis de **Heteferes** as linhas são

mais retas, os detalhes mais discretos e as cores puxando para o neutro. Uma concepção, digamos, mais “clássica”. Ou aquilo que os americanos chamam de *clean* (“limpo”, “despojado”). Enfim, é um conjunto de



Fig.117 - Trono do Faraó Tutancamon.

peças de um apurado requite, porém um requinte com **comedimento e parcimônia**.

Esse requinte com comedimento e parcimônia seria uma das marcas distintivas do Antigo Reino. Seria um traço cultural presente também na literatura (veja-se *As Instruções para Kagemi*), na estatuária, joias, vestuário, etc. Com o que, aliás, o próprio White parece concordar. Ao se referir ao vestuário egípcio, ele assevera que

¹⁰² Ibidem, p. 93.

nos tempos mais simples (grifo nosso) do Velho Reino, o rei era apresentado com o tronco nu até a cintura: um rei sempre pronto para o trabalho, desdenhando as rendas e os adornos afeminados. Até nos **mais sofisticados** (idem) tempos do Novo Reino, o corpo real aparece sempre envolto numa túnica muito simples.¹⁰³

Queóps ou Khufu: o faraó da Grande Pirâmide

Em termos de fontes históricas, o governo do rei **Queóps** é quase que um paradoxo. De um lado um dos mais eloquentes e impressionantes vestígios que alguém já deixou de sua passagem aqui na terra: uma pirâmide de 144 m de altura (hoje está com 138) com uma base em quadrado com 230 m em cada um de seus lados (Fig. 118).



Fig. 118 - Vista aérea das três grandes pirâmides de Gisé.

Mas, por outro lado, quase que uma indigência em outras fontes referenciais. Na Pedra de Palermo, muito mutilada a partir do reinado de **Snofru**, seu nome e os acontecimentos de seu governo não aparecem. Na sua grande pirâmide não aparecem registros de seu governo e de sua pessoa. E, para completar (e

realimentar) a bruma de mistério que envolve seu nome, estátuas com sua imagem são uma raridade. Até a bem pouco tempo, os círculos especializados só admitiam a existência de **uma única** estátua de **Queóps**. Trata-se de uma peça minúscula, de não mais de 7,5 cm de altura, feita em marfim, e encontrada por Flinders Petrie quando de suas escavações em *Abydos* (Fig.119). Encontra-se atualmente no Museu do Cairo e se constitui, justamente pela sua raridade, numa das mais preciosas peças da coleção.



Fig.119 - Estatueta de Queóps.

Essa raridade de imagens do construtor da maior das pirâmides, por outro lado, aguça cada vez mais a “cobiça” dos museus para ter em suas coleções uma peça desse reinado. E aí podem acontecer coisas, no mínimo, estranhas. É o que parece ter ocorrido com os curadores do *Brooklyn Museum* de Nova York. Recentemente os mesmos passaram a divulgar que, depois de uma reavaliação, uma cabeça faraônica, que até então tinha sido apresentada como uma “provável representação de **Uni**” (ver Fig. 110), na realidade “pode ser vista como uma cabeça de **Queóps**” (Fig. 120).

¹⁰³ Ibidem, p. 83.

A referida “reavaliação” parte do suposto que o tamanho dessa cabeça (aproximadamente 1 m) poderia fazer parte de um **colosso de Queóps**, de 7 m de altura. (os egípcios seguiam a proporção dos 7 quadrados, 1 para a cabeça, 3 para o tórax e 3 para as pernas). Argumentação, de resto, muito longe de ser convincente, pelo que as opiniões resultam divididas.



Fig.120 - Cabeça de huni transformada em Queóps.

Disso tudo, resulta que os registros mais completos à respeito de **Queóps** ainda são aqueles de **Heródoto**, os quais, por sinal, não lhe são nada favoráveis. O seu testemunho foi que

124. Até a época de Ramsínitos (...) (talvez Heródoto estivesse se referindo a Ramsés II, com o que a coisa já começa errada, pois Queóps não poderia ter sucedido Ramsés II, um faraó da XIX Dinastia) disseram-me os sacerdotes, o Egito era bem governado sob todos os aspectos e prosperou grandemente. Mas Queóps, seu sucessor, levou o povo à miséria extrema. Primeiro ele fechou todos os templos, proibindo neles a realização de sacrifícios. Depois Queóps forçou todos os egípcios a trabalhar para ele. Uns foram incumbidos de trazer blocos de pedra das pedreiras situadas nas montanhas da Arábia até o Nilo. Tais pedras eram levadas para a outra margem do rio em barcos. Outros egípcios tinham o encargo de desembarcá-las e arrastá-las até as montanhas chamadas líbias. Grupos de cem mil homens trabalhavam continuamente, cada grupo durante três meses. Foram necessários dez anos de opressão do povo para a construção da estrada por onde os blocos de pedra eram arrastados. A construção dessa estrada, em minha opinião, constituía uma obra não muito inferior à ereção

da pirâmide. A estrada tem cinco estádios de extensão, dez braços de largura e uma elevação de oito braços em sua parte mais alta (...) (estas medidas equivaleriam, respectivamente, a aproximadamente 887, 17 e 14 m) (...) É toda feita de pedras polidas sobre as quais foram gravadas figuras. Os dez anos mencionados foram gastos na construção dessa estrada e dos compartimentos subterrâneos na colina onde fica a pirâmide. O rei a construiu para ser o seu próprio túmulo e a cercou de água proveniente do Nilo através de um canal, de modo a constituir uma ilha (...) Nas obras da própria pirâmide **foram consumidos vinte anos** (grifo nosso). Sua base é quadrada e cada um de seus lados mede oito pletros (...) (corresponderia a 236,80 m) (...) A altura é igual à extensão de cada lado (...) (no tocante à altura a avaliação de Heródoto é uma medida sensivelmente superior a real, que chegava a 144 m de altura) (...) Toda ela é feita de blocos de pedra polida, rejuntados com a maior precisão. Nenhum dos blocos mede menos de trinta pés de comprimento (...) (ou seja, 8,88 m, o que é uma outra imprecisão de Heródoto).

125. A pirâmide foi construída assim: inicialmente foi feita uma sucessão de plataformas, que algumas pessoas chamam de **Króssai** e outras de **Bromidas** (...) (Króssai corresponde a “em forma de arquibancada” e Bromida “em forma de altar”) (...) Depois de estruturada a pirâmide, os blocos de pedra restantes subiam com a ajuda de um dispositivo feito de pedaços curtos de madeira. Eles eram levados inicialmente do solo até a primeira plataforma. Chegando lá, o bloco era colocado em outro dispositivo construído na primeira plataforma. Dessa primeira plataforma ele era levado até a segunda e colocado em outro dispositivo, pois havia tantos dispositivos quantas eram as plataformas. Ou então um mesmo dispositivo, único e fácil de transportar, era instalado sucessivamente em cada uma das demais plataformas, depois dos blocos serem retirados dele na plataforma anterior (devo relatar a operação das duas maneiras, como ouvi). O topo da pirâmide foi terminado primeiro. Em seguida as plataformas abaixo e, finalmente, a base e a parte inferior. Há uma inscrição em caracteres egípcios na pirâmide registrando quanto foi dispendido em rábanos silvestres, cebolas e alhos para os trabalhadores (este parágrafo constitui uma interpretação errônea de Heródoto, conforme PEINADO, op. cit. p. 226) (...) Até onde possa lembrar com precisão o

intérprete, quando leu para mim as palavras da inscrição, disse que a quantia paga se elevou a mil e seiscentos talentos de prata (...) (Segundo o mesmo PEINADO isso “equivalaria a 41.472 kg de prata”).¹⁰⁴

A Grande Pirâmide e suas partes constitutivas

A grande obra do reinado de **Queóps**, indubitavelmente, foi a sua pirâmide. A maior de todas. Originalmente, quando a camada de revestimento ainda existia, tinha **144** m de altura. Com **227** m em cada lado do quadrado de sua base, a área total perfazia 51.000 m², ou seja, mais de 5 hectares. Calcula-se que nela estão alinhados mais de 2.300.000 blocos de **pedra calcárea**, pesando em média 2.000 kg, mas tendo alguns deles, de **granito**, com mais de 15.000 kg.

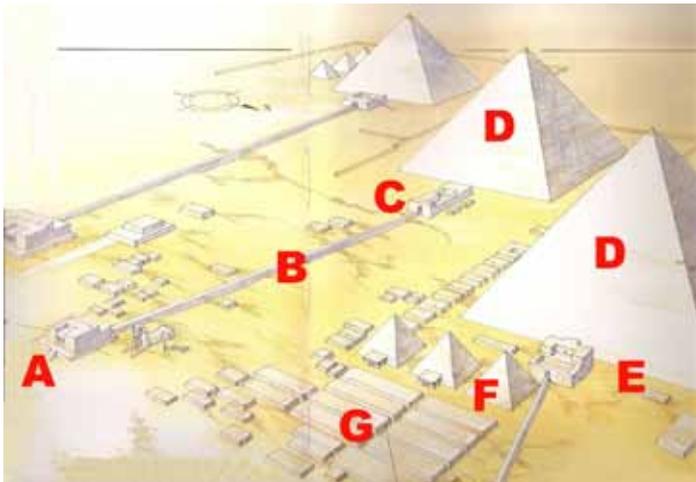


Fig.121 - As pirâmides Gizé, com suas respectivas partes constitutivas.

¹⁰⁴ Texto e comentários (em negrito) tirados de PEINADO, Federico Lara. *Egipto Faraónico*. Madrid: Ediciones Istmo, p. 38-39 e 226.

Mas não ficava apenas nisso. Tinha o resto do conjunto. A pirâmide era uma das partes de um conjunto muito maior, constituído de quatro elementos básicos: o templo do vale, a rampa elevada, o templo funerário e a pirâmide propriamente dita. Modelo esse, inclusive, que serviu de base para as pirâmides posteriores. Os elementos constitutivos desse conjunto eram, respectivamente,

A. O Templo do Vale, ligado ao rio por um canal, por onde chegavam os corpos dos mortos que eram para ali transportados nos barcos funerários.

B. A Rampa Elevada, geralmente coberta, que ligava o Templo do Vale com o Templo Funerário.

C. O Templo Funerário, onde se fazia o culto aos mortos, através de oferendas depositadas diante do grupo de estátuas que ali eram guardadas para este fim.

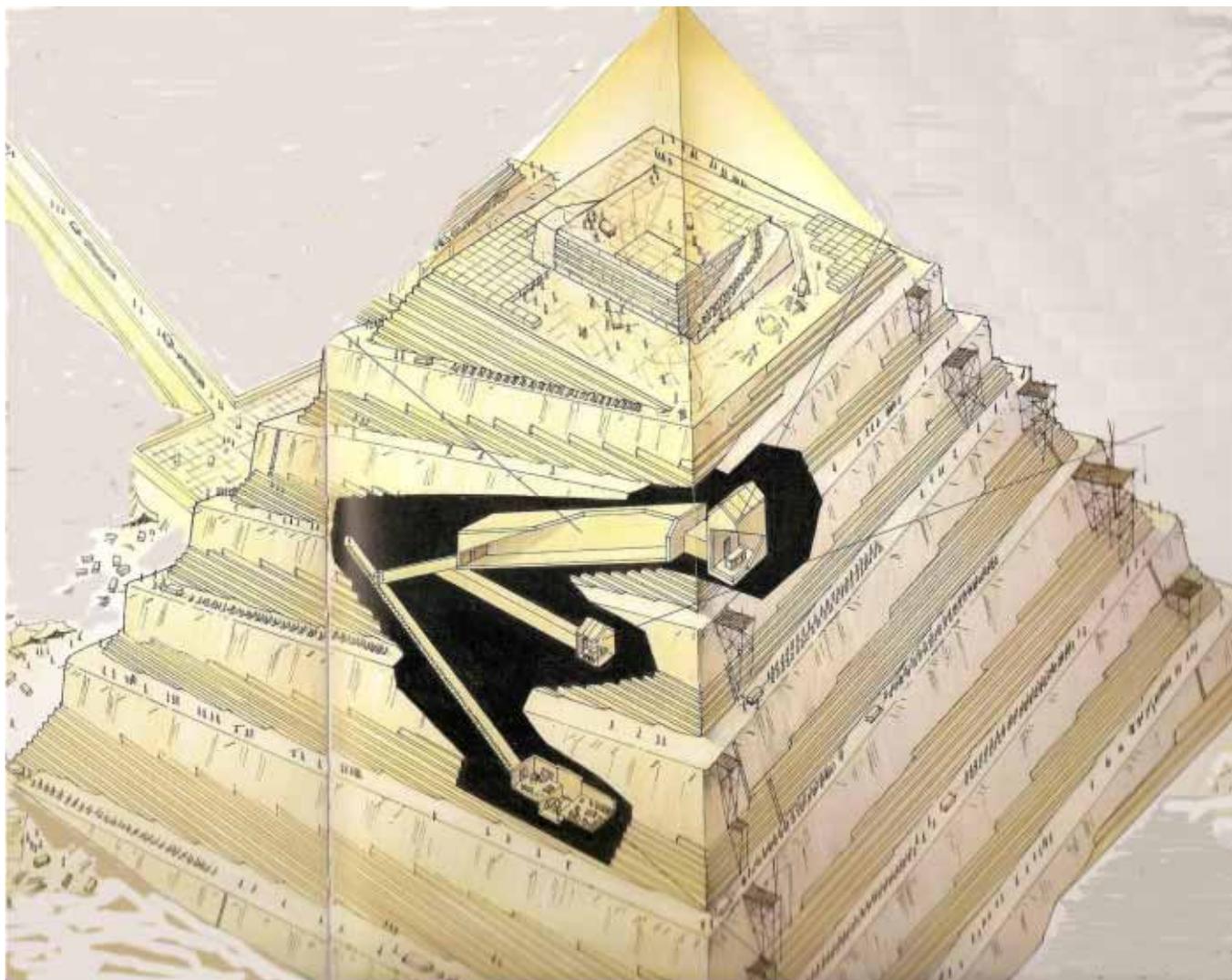
D. A Pirâmide propriamente dita, destinada a abrigar a múmia e os pertences do faraó. Simbolizava o próprio sol, com o qual o faraó, depois de morto, devia se fundir. A enorme desproporção entre o seu tamanho e a do templo de recepção expressava a própria desproporção entre o poder do deus sol e do poder terreno exercido pelo faraó.

E. A Cova do Barco, onde foram depositados pedaços de madeira que eram destinados à montagem de um barco no qual, se acreditava, o espírito do morto devia fazer a viagem do Oriente

para o Ocidente (reino de Osíris) e vice-versa.

F. As Pirâmides Menores, em número de três, destinadas a familiares do rei, uma das quais deveria servir para receber os restos mortais e os pertences da rainha.

G. O Cemitério das Mastabas, que era o local onde se faziam enterrar os grandes dignatários do Estado faraônico. O seu grande número é visto como a evidência do grau de poder político que a monarquia faraônica desfrutava nesse período.



A

Fig.122 - Reconstituição do mais provável método de construção das pirâmides

Questão da Construção

O tamanho da pirâmide de **Queóps** e a perfeição técnica com a qual foram alinhados seus blocos de pedra têm suscitado um grande número de teorias e especulações. Alguns atribuem aos egípcios conhecimentos técnicos e científicos muito avançados. Até mesmo que tais conhecimentos e técnicas (campo antigravitacional, cortes das pedras a raio laser, etc.) teriam sido a eles transmitidos por seres extraterrestres. Outros sugerem a força da mente. Nada mais, nada menos, do que pedras sendo levantadas pela força mental. Para os eruditos, entretanto, essas “versões” não passam de pura especulação.

Os materiais que chegaram até nós não confirmam os propalados conhecimentos ultra-avançados dos egípcios. Na matemática, por exemplo, eles não iam muito além das quatro operações, e mesmo assim com recursos rudimentares e pouco econômicos, pois não conheciam o zero. Na geometria é que seus conhecimentos parecem ter sido mais adiantados. Podiam calcular a área de um círculo pelo conhecimento de seu diâmetro e conheciam bem as propriedades do trapézio e do cilindro. Isso era o suficiente para construir as pirâmides e colocar em posição os pesados blocos de pedra. O resto era:

a) cunhas e panos molhados para retirar os blocos

de pedra das formações rochosas;

b) escopos, martelos, serras e polidores manuais para dar a forma desejada aos blocos de pedra;

c) balsas para transportar os blocos de pedra, desde as pedreiras até as proximidades dos locais de construção;

d) rampas de areia para arrastar os blocos de pedra até o lugar definitivo;

e) e, sobretudo, **muita força de trabalho.**

A Questão da finalidade: para que serviam as pirâmides?

Uma questão muito discutida e especulada é aquela que diz respeito à **serventia** das pirâmides, ou seja, para que, afinal, elas serviam? Ou, em outros termos, o que é que se fazia à sua volta?

Alguns sugerem uma **versão militar**. As pirâmides seriam postos de observação, nos quais guarnições militares avançadas seriam colocadas para vigiar o território egípcio contra invasões estrangeiras. O local em que foram construídas, nas proximidades do delta (o ponto mais vulnerável às invasões) é muito lembrado pelos que sustentam essa versão. Inúmeros outros indícios, entretanto, depõem contra tal ideia. A ausência de um militarismo organizado, na época das pirâmides, é apenas um deles.

Existe também aquela que poderíamos chamar de **versão astronômica**. Baseados em certas

coincidências, principalmente na pirâmide de **Queóps**, com o seu sentido Norte-Sul quase exato, a inclinação do túnel de ventilação, coincidente com a posição da Estrela **Sothis** na época do ano novo egípcio (começo da inundação) e uma série de medidas que a pretensa “polegada piramidal” (??) estaria a indicar (diâmetro da terra, duração do ano, distância da terra ao sol, etc.) muitos acreditam que a pirâmide de **Queóps** servia de **observatório astronômico**.

Aqui também parece existir um certo exagero. Numa variante ainda mais audaciosa dessa versão “astronômica”, seguidores das ideias de Eric Van Daniken (de “Eram os deuses Astronautas?”) sugerem que eram **sinalizações para pouso de naves espaciais**.

Outros sugerem que as pirâmides serviam de marcos para indicar os **limites das inundações**. É bem verdade que as enchentes do Nilo jamais ultrapassavam o ponto em que as mesmas foram levantadas. Mas daí pensar que todo o trabalho de construí-las servisse principalmente para isso é pensar o Egito como uma terra das inutilidades.

Procurando uma vinculação com a Bíblia (os celeiros de José), alguns viram nelas a finalidade de servirem de **armazéns reais**. Pensando, naturalmente, que elas eram ocas internamente. O que não era o caso.

Alguns chegaram a pensar ter encontrado a solução do “problema” vendo nas pirâmides **locais de iniciação** aos segredos do esoterismo egípcio.

Alguns deles (Paul Brunton, por exemplo) chegaram a pernoitar na pirâmide para provar sua “tese”. Diz ele que primeiro ficou tonto (seu estado normal?), depois urinou, defecou, desmaiou e, por fim, desencarnou. Seu espírito (seria seu Ka?) viajou pela pirâmide, falou com o espírito dos antigos sacerdotes (um simpósio de “Kás?”) e deles obteve respostas a todas as dúvidas que cercam as pirâmides. Só que para voltar ao mundo teve que reencarnar e daí esqueceu tudo. Pode?

Para os eruditos, entretanto, o que de principal se fazia nas pirâmides era o **culto funerário dos antepassados mortos**.

Quéfren ou Kafra: o faraó da esfinge

O sucessor de **Queóps** foi seu filho **Didufri**. Seu nome foi encontrado em placas que cobriam os fossos com o madeirame para os barcos solares de **Queóps**. O governo de **Didufri** durou só cerca de oito anos (Papiro de Turim). Sua pirâmide, a Noroeste de Gizé, ficou inacabada.

O sucessor de **Didufri** foi o seu irmão **Kafra**, mais conhecido como **Quéfren** (nome grego). Em frente à sua pirâmide (letra “A” da Fig. 123), nas proximidades do Templo do Vale (Idem letra “B”) do complexo, foram aproveitadas as pedras de uma pequena colina de pedra calcárea para se modelar

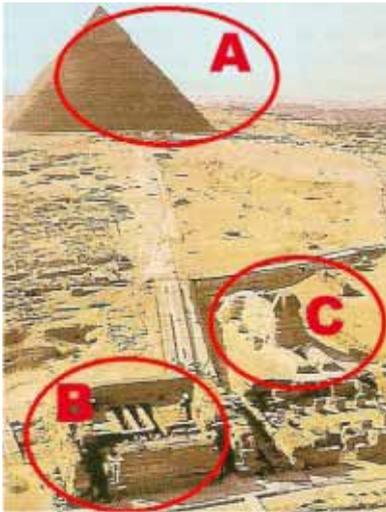


Fig.123 - O complexo arquitetônico da Pirâmide de Quéfren

uma **grande esfinge** (Idem, letra C).

Por essa razão **Quéfren** passou a ser conhecido como “o faraó da esfinge”, ainda que não sejam poucos os que questionem se a referida estátua em esfinge é mesmo do faraó **Quéfren**. Com

72 m de comprimento e 20 m de altura, a esfinge tornou-se tão célebre quanto as próprias pirâmides. Gerações posteriores viram nela uma representação



Fig.124 - A Esfinge de Quéfren em sua pirâmide.

do deus **Ra Haracte** (o deus **Hórus** do sol nascente) e depositaram em seus pés numerosas estelas votivas, como foi o caso de **Tutmés IV** (Fig.124).

No templo funerário da pirâmide de **Quéfren**, todo ele de granito rosa, foram recuperadas algumas



Fig.125 - Estátua de Quéfren em diorita negra. Museu do Cairo.

estátuas do rei, entre elas a sua célebre estátua de diorita negra, hoje no Museu do Cairo (Fig. 125), considerada uma das obras-primas da estatuária faraônica de todos os tempos. A mesma mestria técnica, que fez certos historiadores como Arnold Toynbee considerarem o Antigo Reino o apogeu da

civilização egípcia, estão presentes em outras estátuas de **Quéfren**, como é o caso do exemplar conservado no Museu do **Brooklin** (Fig. 126), que se constitui numa das peças mais valiosas daquela instituição.



Fig.126 - Estátua de Quéfren. Museu do Brooklin

Para Heródoto: um governante despótico e cruel

Se dependesse de Heródoto, todavia, a fama póstera de **Quéfren** não seria muito diferente daquela de seu pai e antecessor **Queóps**, de quem Heródoto disse que

fez sua filha freqüentar um bordel até ganhar uma determinada importância (não disseram quanto). Segundo dizem, ela obedeceu as ordens de seu pai, mas queria deixar um monumento em seu próprio nome. Pedia a cada homem que a procurava uma pedra como presente, para ser usada em sua obra. Com essas pedras ela mandou construir a pirâmide situada no centro do grupo de três, defronte a grande pirâmide.¹⁰⁵

Sobre **Quéfren**, as palavras de Heródoto foram que

se conduziu sob todos os aspectos **de maneira idêntica à do outro** (grifo nosso) (...) eles contam que, ao longo desses cento e seis anos de governo (50 anos de Queóps, mais 56 de Quéfren, o que não coincide com outras fontes) os egípcios viveram na maior miséria, e durante todo esse tempo seus templos, inicialmente fechados, nunca foram reabertos. Os egípcios abominam de tal forma a memória desses dois reis que se recusam terminantemente a mencioná-los os nomes.¹⁰⁶

Miquerinos (Menkaura): o faraó das estátuas

O sucessor de **Quéfren** foi seu filho **Miquerinos**, do qual igualmente restaram diversas estátuas todas elas



Fig.127 - Miquerinos e a Rainha Mãe.

funerário de sua pirâmide.

Numa delas, que se encontra no Museu do Cairo (Fig. 128) o faraó aparece ladeado da deusa Isis, ou Hathor (com chifres de vaca) e uma divindade local. Além do valor plástico-formal,



Fig.128 - Trindade de Miquerinos. Museu do Cairo.

essas imagens se apresentam ao historiador como importantes fontes históricas. Veja-se nesse caso o leve “toque” de dedos entre o rei e a deusa à sua direita. Pode ser visto como uma ilustração do politeísmo

¹⁰⁵ HERÓDOTO. *História*. Brasília: Universidade Federal de Brasília, 1988. Livro II, inciso 126, p. 129.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 129



Fig.129 - Trindade de Miquerinos. Museu de Boston.

egípcio, em que o fiel, entre diversos deuses, tinha o seu deus devocional. No caso da figura feminina, o conjunto ilustra o ideal de beleza da mulher egípcia: mulher-pequena, ombros largos, quadris estreitos e rosto de “bolacha-maria”.

Acredita-se que essas 4 **Trindades** faziam parte de um total de 23 conjuntos que existiam no templo funerário da pirâmide. Simbolizavam as 23 províncias do Egito Antigo. Um deles está no Museu de Boston (Fig. 129). Essas Trindades, segundo Aldred, produziam no interior do templo, um efeito, “extraordinariamente impressionante, com os feixes de sol passando através de frestas, cortadas abaixo do teto de granito vermelho, e caindo sobre o chão de alabastro polido, espalhando um brilho difuso sobre as vinte e três estátuas do rei”.¹⁰⁷

Na versão de Heródoto, **Miquerinos**, diferentemente de seus antecessores, foi um **rei generoso**. Nas palavras do historiador grego,

129. O rei seguinte do Egito foi Micerinos, filho de Queóps. Ele não aprovava os atos do pai e reabriu os templos, permitindo ao povo, reduzido à miséria extrema, voltar às suas atividades e à prática de sacrifícios aos deuses; ele foi o juiz mais justo entre todos os reis. Sob este aspecto Micerinos é o rei dos egípcios mais louvado.¹⁰⁸

Sua pirâmide de **66** m de altura e apenas um décimo do volume das duas anteriores, pode ser vista, realmente, como o testemunho de um governo mais comedido nos gastos.

Scepceskaf, a faraó da “simples mastaba”

O sucessor de **Miquerinos** foi o faraó **Scepceskaf**, do qual não sabemos muita coisa. Segundo Arbório Mella, isso

é uma pena, porque deve ter sido protagonista de grandes transtornos (...) Com o seu nome desapareceu o de **Rá** e ao invés de uma pirâmide, voltando às origens, mandou erguer para si uma grande mastaba, em Sakkara, a que os árabes chamam de “El Farum” (...) deve ter sido muito amado, porque em torno de sua mastaba encontram-se muitas ofertas pobres, das camadas humildes.¹⁰⁹

A V DINASTIA

O período de aproximadamente 160 anos que, grosso modo, se estendeu entre os anos 2500 e

¹⁰⁸ HERÓDOTO. *História*. Brasília: Universidade Federal de Brasília, 1988. Livro II, inciso 126, p. 129-130.

¹⁰⁹ MELLA, Arbório Frederico. *O Egito dos Faraós*. São Paulo: Hemus, 1981, p.107.

¹⁰⁷ ALDRED, Cyril. *Os egípcios*. Lisboa: Verbo, 1972. p. 91.

2340 a.C., foi ocupado pela V Dinastia. Durante esse período ocorreram importantes mudanças políticas no Egito faraônico.

O poder mais compartilhado

Uma dessas mudanças foi que o poder de decisão passou a ser mais compartilhado. Essa partilha ocorreu entre os faraós, os cleros e os altos funcionários. Isso não quer dizer, entretanto, que houve uma decadência política.

Tal partilha do poder já vinha se delineando desde a IV Dinastia, especialmente a partir do governo do faraó **Miquerinos**. Mas foi a partir da V Dinastia que tal tendência se definiu mais claramente.

Pirâmides e Templos Solares

Tal como seus antecessores da IV Dinastia, os faraós da V Dinastia ergueram seus túmulos em forma de grandes pirâmides. Enquanto o primeiro rei da Dinastia, **Userakaf**, construiu sua pirâmide em **Sakkara**, nas proximidades da pirâmide de **Dzozer**, os seus três sucessores, **Sahura**, **Nevcesra** e **Neferkara**, preferiram erguer as suas mais ao Norte, em **Abusir** (Fig. 130). Nas proximidades dessas últimas é que foram levantados os templos solares, dos quais os mais prospectados são os de **Userakaf** e de **Nevcesra**.

Essa **separação espacial** entre as pirâmides e os templos não existia anteriormente. Ela pode ser

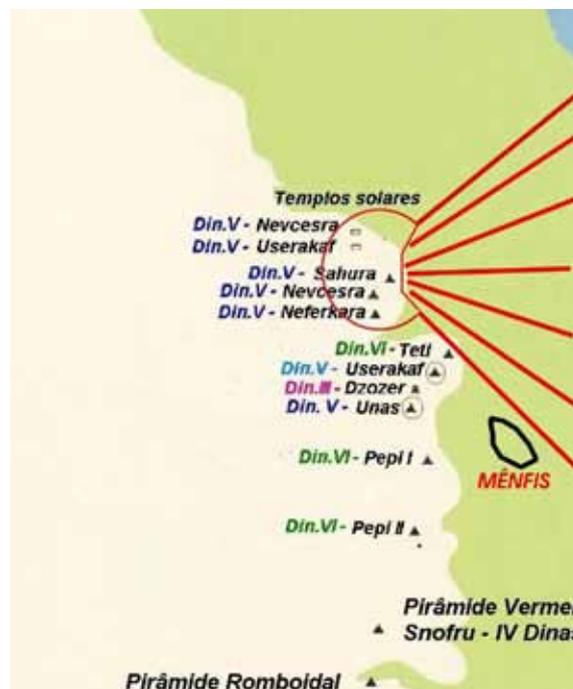
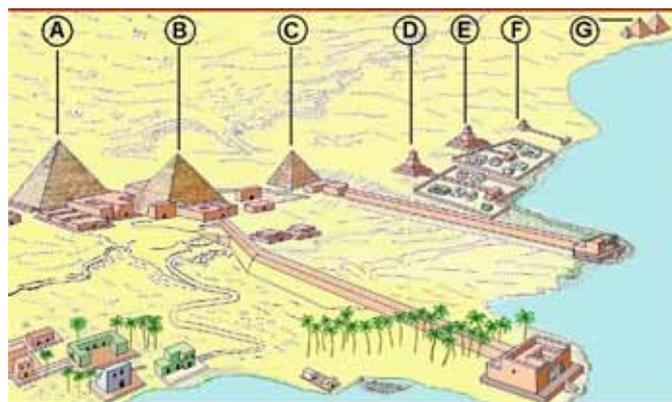


Fig.130 e 130-A - Localização e reconstituição das pirâmides e dos templos solares da V Dinastia. Da esquerda para a direita: pirâmide de Neferkara (A), de Nevcesra (B) e de Sahura (C). Mais ao Norte ficavam os templos solares de Userakaf (D), de Nevcesra (E) assim como outro (F), ainda não prospectado completamente. Mais distante ficavam as três grandes pirâmides de Queóps, Quéfren e Miquerinos.



vista como a expressão simbólica da **separação de poderes** (se é que se pode usar uma expressão desse tipo para se definir o que ocorreu há tanto tempo atrás) que passou a se definir com a V Dinastia.

Tal como na IV Dinastia, as pirâmides continuaram servindo para o culto funerário das estátuas do rei e de seus familiares. O **ritual do culto solar** é que passou a ser feito nos templos. Tal ritual era realizado num pátio ao ar livre (Letra “A” da Fig. 131), o qual tinha uma área de aproximadamente 7.500 m².

As oferendas eram depositadas num altar de alabastro (letra B), diante do qual se erguia um grande obelisco (letra C), de 32 m de altura, que simbolizava o sol. O pátio era ladeado de dois

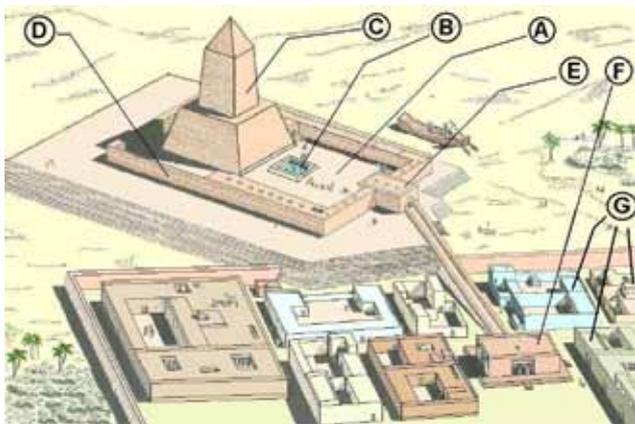


Fig.131 - Reconstituição livre das partes de um templo solar.

corredores, cobertos, em cujas paredes (letra D) eram pintados relevos que celebravam os poderes do sol e as realizações dos faraós construtores. Esses dois corredores confluíam para um Templo de

Entrada (letra E), o qual, por uma rampa elevada, se ligava ao Templo Exterior (letra F) que, por sua vez, estava rodeado pelas habitações dos funcionários e sacerdotes (letra G) que trabalhavam no templo. Segundo os textos antigos, todos os faraós da V Dinastia mandaram levantar um desses Templos Solares. As razões disso, segundo Cassin, Botteró e Vercoutter, é uma das tantas questões que ainda não podem ser bem explicadas. Com a maior separação dos poderes pode ser que tenha ocorrido uma maior **partilha dos recursos** dentro do Estado faraônico.

Essa linha de interpretação, por sua vez, está fundada naquilo que poderíamos chamar de **lógica da disputa**. Tal esquema interpretativo poderia ser montado da seguinte forma:

a) os faraós da III e da IV Dinastias teriam recorrido ao clero e aos altos dignatários para montar, em torno de si, uma aura de esplendor e magnificência (pirâmides, grandes obras, etc.);

b) isso teria trazido para tais organizações (o clero e os altos dignatários) um papel cada vez mais decisivo na sustentação do domínio faraônico;

c) com o passar do tempo, tais organizações passaram a receber cada vez mais recursos para sustentar a sua própria magnificência, passando a disputar com os faraós os recursos disponíveis.

Uma disputa entre os cleros de Rá e de Ptah?

Uma variável dessa interpretação tem sido formulada por alguns autores, como Federico Arbório Mella, para o qual, desde o governo de **Queóps**, havia se instaurado uma forte disputa entre os cleros de **Rá** e de **Ptah**. Os membros do clero de **Ptah** estariam insatisfeitos com a aliança que os faraós da III e da IV Dinastias fizeram com o clero de **Rá**. A campanha de difamação movida contra **Queóps** teria vindo daí. Essa rivalidade, inclusive, estaria na base do tamanho da pirâmide de **Miquerinos**, e também do rompimento de **Scepceskaf** com o clero de **Rá**. Segundo o mesmo autor, com a V Dinastia os sacerdotes de **Rá** retomaram o controle da situação e impuseram os “seus” soberanos. Mas não teria sido uma vitória completa. Segundo Mella,

Parece que os sacerdotes de Heliópolis (Rá) entraram num mútuo entendimento com os colegas menfitas (clero de Ptah) para distribuir o poder. Então foram escolhidos entre os sacerdotes de Ra os faraós, e entre os sacerdotes de Ptah os vizires, com cargos hereditários.¹¹⁰

As tumbas dos dignatários seguidores de Ptah

Em seu texto, Federico Mella não chega a apresentar nenhuma prova “material” na qual esse seu

esquema interpretativo poderia se amparar. Nesse sentido, talvez fosse o caso de se mencionar algumas das diversas sepulturas de “particulares” (pessoas que não faziam parte da família real) que, justamente na

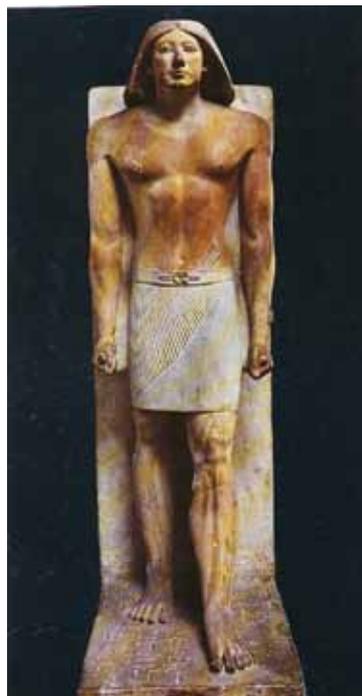


Fig.132 - O “Vizir” Hanofer, seguidor do Deus Ptah. Museu do Cairo

V Dinastia, passaram a apresentar uma ornamentação e riqueza mais alentadas. Isso, inclusive, pode ser tomado como mais um indicativo da maior partilha de recursos que se estima ter ocorrido no período.

Uma das mais notáveis sepulturas desses dignatários seguidores de Ptah é aquela que foi

encomendada pelo “vizir” **Hanofer**. Nos títulos contidos em seus registros consta que Hanofer era um “sacerdote de Ptah” e o acabamento de sua estátua (Fig. 132), que hoje encontra-se no Museu do Cairo, parece indicar que o seu titular partilhava dos recursos com a própria família real.

Alguns de seus aspectos, inclusive, lembram as próprias estátuas de **Quéfren** e de **Miquerinos**. Isso permite supor, até mesmo, que ela possa

¹¹⁰ MELLA, Arbório Federico. *O Egito dos Faraós*. São Paulo: Hemus, 1981, p.108.

ter sido executada nas oficinas reais. Nada nela é demasiado. A musculatura é simples, porém vigorosa. O movimento das pernas é discreto. Os braços descansam colados ao corpo. Nenhum ornamento. Os dois principais atributos do poder, o bastão e o cetro, não aparecem. Apenas as mãos fechadas indicam que eles deveriam estar ali.

O valor histórico dessas esculturas de “particulares” vem em parte do fato que nelas o modelador não era tão cerceado pelas convenções da estatuária faraônica oficial. Tinha mais liberdade de execução, chegando, por vezes, até ensaiar uma



Fig.133 - O “Vizir” Hanofer e sua “crueldade intelectual”

espécie de estudo psicológico do modelo. Veja-se, por exemplo, nesse caso do “vizir” **Hanofer**, cujo modelador conseguiu até mesmo captar certos



Fig.134 - A família de Nefer-Herenptah

traços do caráter e da personalidade do modelo (Fig. 133). Cyril Aldred, inclusive, com uma penetrante acuidade, identificou nos traços faciais de

Hanofer “aquela divina segurança e crueldade intelectual que esses remotos engenheiros devem ter possuído abundantemente”.¹¹¹ “Crueldade intelectual!”. Que grande “sacada!”. Os ingleses têm disso, de vez em quando.

Além da **Hanofer** são conhecidas diversas outras estátuas, retiradas de tumbas da V Dinastia, cujos titulares ostentavam em seus títulos o nome de **Ptah**. Esse é o caso, por exemplo, do grupo encontrado em 1936 (Fig. 134), numa mastaba de Mênfis, da época do rei **Unas**, e cujo titular, denominado **Fifi**, e titulado de

Nefer-He-renptah, deixou consignado que foi sacerdote de purificação (das Fundações Piedosas) dos faraós **Quéfren** e **Miquerinos**. O grupo, que se encontra no Museu do Cairo, é feito de pedra calcárea e pintado nas convenções tradicionais da arte egípcia, com o corpo masculino de castanho e o feminino de bege.



Fig.135 - O supervisor Ptah-Khenui.

Outro testemunho dessa vinculação de altos dignatários, da V Dinastia com o clero de Ptah, é o grupo de **Ptah-Khenui** e esposa, encontrado

¹¹¹ ALDRED, Cyril. *Os egípcios*. Lisboa: Verbo, 1972. p. 92.

na tumba “G” do cemitério de Gizé (Fig. 135), com datação estimada entre 2480 e 2400 a.C., ou seja, entre os reinados dos faraós **Sahura** ou **Nevcesra**.

O conjunto pertence ao Museu de Boston e trata-se de um trabalho em pedra calcária, com o casal portando perucas e colares de contas e representados na mesma pose usada por reis e rainhas (ver atrás Fig.127 de **Miquerinos** e esposa). Uma inscrição na base do conjunto identifica o esposo como “supervisor dos criados do palácio”, e ela como “sua amada esposa”.

Uma estatuária de grande mestria técnica

São das tumbas da V Dinastia algumas das obras que se transformaram, nos museus em que hoje se encontram, em verdadeiros ícones da escultura não oficial egípcia. Por esse critério (valor estético da estatuária “particular”), poder-se-ia mesmo arriscar que o seu apogeu esteve na V Dinastia.



Fig.136 - O Escriba Sentado. Museu do Louvre.

Uma dessas peças exponenciais é o célebre **Escriba sentado** (Fig. 136), que hoje se encontra no Museu do Louvre. Sua descoberta ocorreu em outubro de 1850 pelo francês Auguste Mariette, uma espécie de “Indiana Jones” da época, quando a equipe por ele contratada estava desenterrando o **Serapeum**. Na ocasião, foram localizadas duas tumbas intactas, das quais foram retiradas sete estátuas que, na sequência, foram negociadas com o Museu do Louvre.

A importância atribuída ao **Escriba Sentado** vem do **naturalismo** empregado na sua execução. Diferentemente das



Fig.137 - O autor ao lado do Escriba Sentado

estátuas oficiais, cujos modeladores ficavam muito presos às convenções vigentes (corpos sempre jovens, traços faciais atenuados, musculatura padronizada), o que se diz é que, nessa estatuária particular, os cinzeladores reproduziram os modelos conforme o que seus olhos enxergavam. Isso é o que se chama de **naturalismo**. Dai a não dissimulada obesidade do ventre, o estrabismo no olhar e, inclusive, a sugestão de movimento, com o braço da escrita mais “leve” e o esquerdo mais “pesado” (para poder segurar o rolo de papiro). Ao contrário do que muitas fotos sugerem, a estátua do escriba é de pequenas dimensões, conforme se pode ver na Figura 137.

Outra estátua da V Dinastia que é considerada como um dos mais preciosos exemplos da escultura egípcia é aquela do sacerdote **Ka-aper** (Fig. 138), vulgarmente chamada de **Xeque El-Beled** porque os trabalhadores que a encontraram, em 1860, viram nela uma grande semelhança com o prefeito de sua vila. Por ser esculpida em madeira, um dos braços pode ser representado se projetando para frente, o que não era feito quando a obra era de pedra. Segundo o texto oficial do Museu do Cairo, onde ela se encontra,



Fig.138 - O sacerdote Ka-aper e sua "identidade realista"

o desejo de criar uma identidade realista é observado nas formas esféricas da cabeça e do ventre, ligeiramente protuberante. Este equilíbrio entre o interesse pelo estilo e o interesse pela realidade raras vezes é superado na escultura egípcia.¹¹²

A estátua de **Ka-aper** estava na mastaba "C-8" do cemitério de **Sakkara**, junto com outras duas: uma estátua feminina daquela que supõe-se ter sido sua esposa e uma outra masculina, cujas feições se assemelham a do próprio **Ka-aper** juvenil. Essa

semelhança tem levado alguns autores a supor que essa última possa ser uma imagem de **Ka-aper** mais jovem. Outros acreditam que era um funcionário do titular.

O interessante é o que o descobridor das mesmas também foi **Auguste Mariette** (Fig. 139-140), só que em outras circunstâncias. É que sua descoberta ocorreu **em 1860**, e, na ocasião, Mariette já deixara de ser Conservador do Louvre (cargo que exerceu entre 1848 e 1858) para se tornar, a partir de

1858, diretor do Serviço de Antiguidades do Egito. Mariette, então, passou por uma



Fig.139 - 140 - Auguste Mariette em Trajes Orientais

espécie de metamorfose. De "rapinador" das antiguidades egípcias (veja-se o caso do *Escriba Sentado*) passou a ser um ardoroso defensor de sua manutenção no próprio país. O Órgão que dirigia tornou-se o embrião do futuro Museu do Cairo, onde hoje se encontram as três imagens. O próprio Mariette passou a se vestir e trajar como um egípcio (Fig. 139-140).

¹¹² MUSEU EGÍPCIO DO CAIRO. São Paulo: Mirador Internacional, 1969, p. 38.

Sobre essa “metamorfose” de Mariette as opiniões se dividem. Uns entendem que ele efetivamente se “egípcianizou”. Outros acham que foi uma mera formalidade exterior, já que, como “funcionário” do governo egípcio, tinha que se apresentar em trajés orientais.



Fig. 141 - O Escriba Desconhecido.

Outra imagem tirada das tumbas da V Dinastia na qual os especialistas reconhecem um grande valor histórico e cultural, além do estético, é a do chamado **Escriba Desconhecido** (Fig. 141). Trata-se de um gênero do qual são conhecidos perto de 50 exemplares, e que consistia nas estátuas de um ou mais escribas. No caso do **Escriba Desconhecido**, ela fazia par com uma outra, que também se encontra no Museu do Cairo no túmulo de um alto dignatário. Normalmente eram figuras de pequeno tamanho (entre 50 e 60 cm) assim como a do **Escriba Sentado** (ver Fig. 136).

Via de regra eram feitas em pedra calcária e o seu valor, como se disse atrás, reside no fato de que nessas imagens de “particulares” os cinzeladores se detinham em detalhes como uma determinada expressão (alegria, melancolia, etc.) ou mesmo do

caráter. No caso desse **Escriba Desconhecido**, o olhar meio de lado e a curvatura dos lábios deixam-no com uma certa “cara de nojo”, reveladora de uma espécie de soberba e arrogância, as quais certos textos como a *Sátira dos Ofícios* revelam que eram próprias dos escribas egípcios.

Userakaf

A V Dinastia parece que foi formada por nove faraós. De uns 2 ou 3, entretanto, não se sabe muita coisa além dos nomes. A Lista de Manethón e o Papiro de Turim coincidem nos nomes, não, porém, na duração dos governos. O primeiro da lista seria o faraó **Userakaf**.

Quanto à sua origem existem duas versões. Uma delas vem de um relato “popular”, registrado num documento do Reino Médio – o



Fig. 142 - Cabeça de um “Colosso” real, com o rosto de Userakaf

Papiro Westcar –

segundo o qual os três primeiros faraós da V Dinastia teriam sido concebidos diretamente pela deusa **Ra em Redejente**, esposa do grão sacerdote de Heliópolis. A outra versão vê em **Userakaf** um descendente de um

ramo lateral da família de **Queóps**, o qual, seguindo o costume estabelecido, teria consolidado seus direitos casando-se com uma descendente do ramo principal, filha de **Miquerinos**. A favor da primeira versão está o fato que seu reinado comumente é associado com o aumento do poder das famílias provinciais e com grandes doações aos cleros.

Em sua pirâmide, erguida em **Sakkara**, nas proximidades da pirâmide de **Dzozer** (ver mapa Fig. 130), foi encontrada uma cabeça medindo 67 cm de altura (Fig. 142), que hoje se encontra no Museu do Cairo. Isso faz supor que, se a referida cabeça fosse de uma estátua em que o faraó estivesse representado de pé, essa cabeça deveria pertencer a um “colosso” (estátua de tamanho monumental). É o mesmo raciocínio que se faz para a suposta cabeça de **Queóps**, do *Brooklyn Museum*, de Nova York (ver atrás Fig. 110 e 120). É que os egípcios representavam o corpo humano no **sistema dos sete quadrados**, sendo que 3 eram para os membros inferiores, 3 para o tórax e abdômen e 1 para a cabeça.

Sahura

O sucessor de **Userakaf** foi o rei **Sahura**, de cujo governo se tem um pouco mais de informações. Um bom número delas é proveniente dos relevos pintados no templo funerário de sua pirâmide de **Abousir**, mais

ao Norte de Mênfis, local onde ele e seus sucessores

Nevcesra e Neferkara ergueram suas pirâmides e

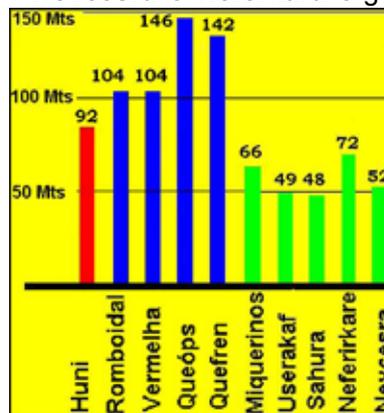


Fig.143 - As pirâmides do Antigo Reino e suas alturas relativas

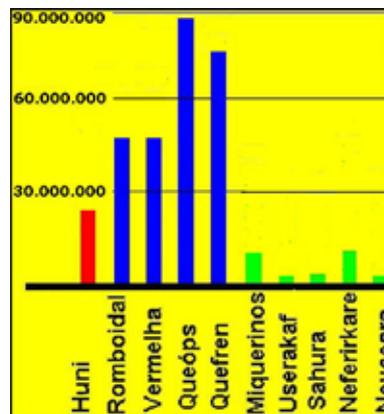


Fig.143 - As pirâmides do Antigo Reino e seus volumes relativos.

templos solares (ver reconstrução da Fig. 130). Tanto a sua pirâmide como a de seus dois sucessores revelam uma sensível diminuição, tanto no tamanho como na qualidade de construção.

Comparando-se a altura das pirâmides da V Dinastia com aquelas da Dinastia anterior, resulta em um gráfico (esquema da Fig. 143) que pode nos dar uma ideia

da diminuição sofrida na altura das pirâmides da V Dinastia.

Se a comparação fosse feita não na altura, mas no volume total em milhões de pés cúbicos, a diferença resultaria ainda mais acentuada (Fig. 144). É por essa segunda avaliação, lembram Triger e Kemp,¹¹³

¹¹³ TRIGER, B.J.; KEMP, J.B. et alii. *História del Egipto Antiguo*. Barcelona: Crítica, p.119.



Fig.145 - Pirâmide de Sahura e seu estado de conservação

que se estima melhor o tamanho da diminuição. Dá para se perceber, por exemplo, que as pirâmides de



Fig.146 - Grupo do Rei Sahura, do Metropolitan Museum.

Miquerinos e Neferkara, em volume interior, são dez vezes menores que a de **Queóps**.

Mas não foi só no tamanho que as pirâmides da V Dinastia diminuíram. Houve também uma sensível diminuição na qualidade da construção. Seus blocos de pedra da parte interior eram de pequeno tamanho e alinhados sem a mesma precisão das pirâmides antigas. Apesar de muito menores que aquelas da IV Dinastia, nenhuma delas resistiu a ação do tempo e hoje estão, como a de **Sahura** (Fig. 145), resumidas a um monte de escombros.

Uma estela com o nome de **Sahura** foi encontrada numa pedreira de **diorita**, perto de **Abu-Simbel**, uma região que ficava além da 1ª Catarata. Pode até ter sido dali que foram trazidas as pedras de diorita e granito usadas para a confecção de suas estátuas. No *Metropolitan Museum*, de Nova York encontra-se um dos mais imponentes trabalhos desse período da arte egípcia. Trata-se de um grupo cujo rei **Sahura**, sentado em seu trono (Fig. 146), é acompanhado de uma figura menor (Uma divindade? Um herdeiro do trono?) que, na sua mão esquerda, segura o **Ank** da vida eterna.

Nos relevos de seu Templo Solar aparecem as mais antigas representações de navios de carga que se conhece. A Pedra de Palermo revela que ele teria enviado expedições marítimo-mercantis ao longínquo **País do Punt**. Sendo verídico o registro, fica a curiosidade de saber-se como isso foi conseguido.

Sahura e a expansão das atividades mercantis

Uma linha de abordagem que vem se afirmando entre os egiptólogos, é aquela que enfatiza nos eventos da V Dinastia a **expansão mercantil** ocorrida no período. Federico Mella, por exemplo, destaca que o faraó **Sahura** “organizou a primeira expedição ao Punt em busca de mirra, incenso, peles e ébano, assim como organizou grandes expedições em busca de minérios do Sinai, entre os quais cobre, turquesa e outras pedras preciosas.”¹¹⁴

Na interpretação mais usual fica sugerido que essas viagens em busca de produtos do exterior eram para suprir um **consumo interno**. Ultimamente, alguns estudiosos estão se inclinndo a ver nessa expansão mercantil **uma perspectiva de lucro**, de



Fig.147 - Rota Egito - país do Punt, via Wadi Hammamat

ganho, colocando o Egito e os faraós, especialmente da V Dinastia em diante, como os grandes

intermediários de um comércio de longa distância que envolvia a Fenícia, o Corredor Palestino, Egito, Punt e Núbia. No caso do país do Punt, como a ligação entre o Egito e o mesmo só podia se dar pelo Mar Vermelho, as caravanas egípcias só podiam chegar a esse distante país depois de atravessarem o **Wadi Hammamat** (Fig.147), pegarem seus navios no “porto” de **Quseir** e dali seguirem por mar até o país do Punt (atual Somália) de onde traziam os produtos daquela região.



Fig.148 - Rota atual do antigo Wadi Hammamat.

Nevesra: poços artesianos no Wadi Hammamat

O problema que essa rota apresentava era justamente a travessia do **Wadi Hammamat**, que era uma região desértica (Fig. 148) e cuja travessia, feita a pé ou, no máximo, com animais de carga, se ressentia da falta de água. A constituição de um

¹¹⁴ MELLA, Arbório Federico. *O Egito dos Faraós*. São Paulo: Hemus, 1981, p.108-109.

sistema de poços artesianos parece que teve que ser providenciada para que essa rota do **Punt** pudesse ser explorada. Segundo o mesmo Federico Arbório Mella, um dos sucessores de **Sahura**, de nome **Dedkara** “... mandou escavar os primeiros poços no caminho para o Wadi Hammamat”.¹¹⁵

Esse trabalho de constituição de um conjunto de poços artesianos se justifica. O percurso de Coptos até o Mar Vermelho, segundo o mesmo Mella, era feito “numa marcha de cinco dias com o caminho percorrido a pé, e onde não havia comida ou água, mas o perigo de assaltantes”.¹¹⁶

Esse rei **Dedkara**, citado por Mella, foi um dos 2 ou 3 faraós que governaram entre **Sahura** e **Nevcesra**, e dos quais até agora pouco se sabe. O que deles se conhece vem em grande parte da **Pedra de Palermo**, a qual ao que tudo indica **foi gravada nessa época**. De **Nevcesra** se tem um pouco mais de informações, providas das ruínas de seu Templo Solar de **Abusir** o qual, junto com o de **Userakaf**, foram os dois que mais destroços conservaram, os quais permitem que tenhamos uma ideia de seu plano. A reconstituição da Fig. 131, inclusive, é feita a partir do plano do Templo Solar de **Nevcesra**. Sobre esses Templos Solares, que os faraós da V Dinastia mandaram levantar, a ideia que se tem é que eram réplicas reduzidas do

grande templo de **Rá**, em Heliópolis, do qual nada restou. A V Dinastia, por isso mesmo, é considerada a pioneira desse tipo de templo do qual o **obelisco** era elemento de destaque.



Fig.149 - Atual enseada de El-Quseir nas costas do Mar Vermelho.

Tal como seus antecessores, o faraó **Nevcesra**



Fig.150 - Nevcesra em Duplo.

enseada de **El-Quseir**. Essa última possibilidade ainda não foi avançada. O que até agora se sabe é que no Novo Reino, no governo da **rainha**

pode ser incluído entre aqueles reis, da V Dinastia, que se empenharam em constituir a **rota do país do Punt**, seja com poços artesianos, ou quem sabe até mesmo com uma base mais permanente na atual



Fig.151 - Nevcesra em Granito.

¹¹⁵ Ibidem, p. 110.

¹¹⁶ Ibidem, p. 110.

Hatsepsut, nessa enseada do Mar Vermelho, foi erguido um templo do qual restam muitos vestígios. É possível que com o interesse cada vez maior por esse presumível **eixo comercial**, Coptos-País do Punt entre os egiptólogos, prospecções futuras venham mostrar que essa ocupação permanente do local já vinha desde a V Dinastia.

Em termos de imagens remanescentes, as repre-sentações que se estimam serem retratos de **Nevcesra** não oferecem muitos elementos comprobatórios de identificação. As mais conhecidas são as de uma Dupla Representação (Fig. 150), que se encontra no **Museu de München**, na Alemanha, e um meio corpo de granito, sem inscrições (Fig.151) que se encontra no *Brooklin Museum*, de Nova York.

A V Dinastia e as doações de terras aos cleros

Das fontes das quais se tiram as informações sobre a V Dinastia, a ênfase que até agora tem predominado é aquela que diz respeito às **concessões tributárias e territoriais** que os monarcas da V Dinastia tiveram que fazer aos cleros e aos altos dignatários. Federico Mella, por exemplo, destaca que **Userakaf** “doou aos templos quatrocentos e setenta hectares de terras”, e que **Sahura** “também doou aos templos quatrocentos hectares de terra”, enquanto que **Neferirkare**, sucessor

de Sahura, “tinha isentado os templos de impostos”.¹¹⁷

Essa abordagem converge para aquele esquema interpretativo, também tradicional, que vê nessas concessões da monarquia o resultado da **hereditariedade dos cargos** clericais e administrativos. Daí resulta a tese, também antiga, que o clero acabou criando um **Estado dentro do Estado**.

Unas: mais um final de Dinastia em crise



Fig.152 - Interior da Pirâmide de Unas.

O último rei da V Dinastia foi **Unas**, no reinado do qual parece que ocorreu uma nova crise entre o rei e o clero de Rá. O testemunho disso é a supressão do nome de **Rá** na nomenclatura real e, sobretudo, no fato dele ser o primeiro

faraó a mandar transcrever nas paredes de sua tumba (Fig.152) o conjunto de fórmulas sagradas necessárias para garantir a viagem do morto para o reino de Osiris.

¹¹⁷ MELLA, Op. cit. p. 109-110.

São esses textos que mais tarde foram incorporados, e acrescentados, em outras tumbas, dando origem ao que se chama de **Livro dos Mortos**. O texto da Pirâmide de **Unas** é mais conhecido pelo nome de **Hino Canibal**, por seu conteúdo antropofágico que, ao que tudo indica, eram referências aos longínquos ritos funerários dos obscuros tempos primitivos. Consiste no seguinte:¹¹⁸

O céu se anuvia, as estrelas se escurecem. Os arcos **(era como os egípcios denominavam a abóbada celeste)** se agitam, os ossos dos Akeru **(era como chamavam os deuses)** se estremecem. Cessam os movimentos quando eles vêm a Unas, que surge poderoso como um deus que vive de seus pais, que se nutre de suas mães. Unas é o senhor da astúcia, de quem sua mãe ignorava o nome. A dignidade de Unas está no céu, seu vigor está no horizonte, como aquele de seu pai Atum **(deus de Heliópolis, depois identificado com Ra)** que o engendrou. Os Kau. **(plural de Ka, elemento constitutivo da pessoa, considerado às vezes como o duplo)** estão na sua retaguarda, seus hemsut **(correspondentes femininos dos Kau)** estão na sua frente, seus deuses estão acima dele, seus uraet **(plural de uraeus, que designava a cobra do coroa real, elemento mágico protetor do rei)** estão diante dele; a serpente-guia de Unas está diante dele. Unas é o touro celeste, sobressalente, que vive da essência de todos os deuses, que se alimentou de suas entranhas, quando estes vieram - seus ventres repletos de magias - da Ilha da Chama **(localidade mitológica de Heliópolis)**. Unas é um que está provisionado, que incorporou seus espíritos. Unas aparece como aquele Grande, senhor daqueles que exercem suas funções. Ele está sentado com as espáduas voltada para Geb **(para os egípcios o deus Terra, filho de Shu, o ar, e Tefnut, a umidade, e esposo de Nut, o Céu)**. Unas é Aquele que julga, junto com Aquele cujo nome está oculto, no dia que é degolado o

Primogênito **(talvez uma alusão ao costume primitivo de sacrifício dos primogênitos)**. Unas é o Senhor das oferendas, que aciona a corda **(a corda de sua barca, uma metáfora para dizer que era um ser que podia mover-se por livre vontade)**. Unas se alimenta dos homens e vive dos homens. Ele é o senhor dos mensageiros, aquele que distribui mensagens. Unas é a serpente brilhante que vigia e castiga aos homens e deuses. É Khomsu, aquele que mata os senhores, que os degola para Unas, e para ele extrai o que existe em seus corpos. É Shesmu **(deus da vingança)** quem corta os pedaços para Unas, e com eles cozinha comida em seus fogões noturnos. Unas é quem come suas magias e engole seus espíritos. Os grandes são sua comida matutina; os medianos são a sua comida do entardecer; os pequenos são sua comida noturna. Os velhos e as velhas são para ele sua fumigação (...) Unas é o grande Cetro que tem poderio sobre os poderosos. Unas é o falcão que voa entre os falcões, o Grande. A quem ele encontra em seu caminho, ele os come de pedaço em pedaço. A importância de Unas está na frente da de todos os nobres que estão no horizonte. Unas é um Deus, o mais velho dos mais velhos (...) Unas renova sua aparição no céu, coroado como Senhor do horizonte, ele contou as vértebras **(possivelmente dos inimigos)**, ele recolheu o coração dos deuses, ele engoliu a Vermelha e também a Verde **(alusão às coroas do Alto e Baixo Egito)**. Unas se nutre dos pulmões dos que são sábios, e está satisfeito por viver de seus corações, assim como de suas magias (...) Unas é aquele que surge, que surge, que está oculto, que está oculto. Aos facinoras não será dado a possibilidade de abater o lugar do coração de Unas **(o lugar do coração era como se referiam a pirâmide)**.

A VI DINASTIA

Com **Unas** encerrou-se a V Dinastia. Segundo alguns autores¹¹⁹, os próprios egípcios viram no término da V Dinastia uma espécie de **encerramento**

¹¹⁸ Tirado de PEINADO, Federico Lara. *El Egipto Faraónico*. Madrid: Ediciones Istmo, 1991, p. 40-41, para o texto, e 226-227 para os comentários (em negrito).

¹¹⁹ CASSIN, BOTTERÓ, VERCOUTTER. *Los imperios del Antiguo Oriente*. México: Siglo Veinteuno, 1980, p. 249.

de um ciclo histórico. O argumento é que, no **Papiro de Turim, depois** do registro do reinado de **Unas**, foi feita uma listagem com o nome de todos os faraós, desde Menés até ele. Só depois desse “resumo” é que aparecem, no papiro, os nomes dos faraós subsequentes.

A VI Dinastia ocupou o trono por **cerca de 170 anos**, mais ou menos entre os anos 2350 e 2180 a.C. O número de seus governantes é impreciso. Segundo algumas fontes seriam 6 ou 7 faraós. Segundo outras, não mais do que 4 ou 5, já que alguns nomes citados não seriam mais que regentes de transição, com pouco tempo de governo. Os nomes mais destacados seriam os dos faraós **Teti, Pepi I, Merenra e Pepi II**.

Teti: transição tumultuada ou pacífica?

A transição de **Unas** para **Teti** também não é bem conhecida. Alguns acreditam numa sucessão **tumultuada**. Outros numa **sucessão pacífica**, via casamento de **Teti** com uma presumível filha de **Unas**, a princesa de nome **Iput**. Seu governo foi curto e pouca coisa sobre ele é conhecida. **Manethón** fala que foi assassinado por sua própria escolta, mas isso não está comprovado em outras fontes. Seu nome foi encontrado em vasos na costa da Fenícia, o que atesta a continuidade dos contatos comerciais de longa distância. Parece que fez também uma expedição

militar à Núbia. Seu sucessor, **Userakare**, teve um reinado muito efêmero, talvez de apenas alguns meses, o tempo de ser preparada a entronização de **Pepi I**.

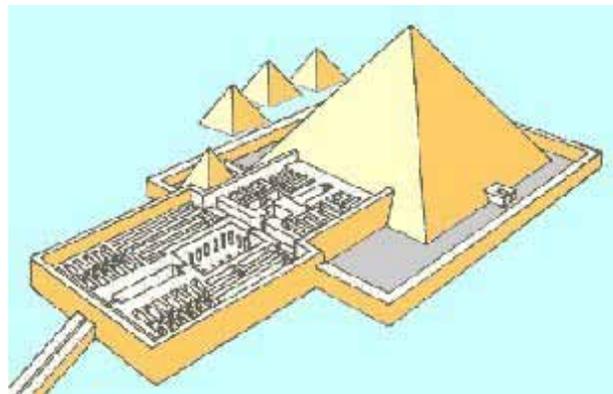


Fig.153 - Reconstituição do complexo da Pirâmide de Pepi I.

Pepi I: o faraó das três esposas principais

É considerado por muitos como o mais importante dos faraós da VI Dinastia. A transcrição de seu nome em várias regiões do Egito, e fora dele também, faz com que se tenha a impressão (descontado devidamente a retórica propagandística desses registros) ter sido ele um governante muito ativo e empreendedor. No âmbito da arquitetura tumular seguiu a tradição de levantar uma pirâmide como túmulo. Uma para si, e outras três para suas esposas principais (Fig. 153).

Os interiores de todas as pirâmides do conjunto (inclusive as das rainhas) foram preenchidos com textos funerários, uma prática que, como foi visto, teve início com **Unas**, o último faraó da V Dinastia.

No que diz respeito às inscrições das pirâmides das rainhas, a constatação é que se tratam dos mais antigos túmulos femininos com esse tipo de inscrição.

Essa deferência do faraó às suas três esposas, e não apenas à rainha (esposa principal) faz com que certos autores, inclusive, considerem que esse foi “o fato essencial do seu governo”.¹²⁰ É que duas dessas esposas eram filhas de um nobre provincial, chamado **Khui**. Como essas duas mulheres foram as mães dos faraós seguintes (**Merenre e Pepi II**) acredita-se que isso possa ter contribuído para a ascensão das famílias provincianas em detrimento do poder dos faraós. Para Cyril Aldred, por exemplo,

a figura do faraó, que já decaíra com o despontar do culto solar sofreu posteriores diminuições quando o grande abismo que separava o rei da espécie humana foi preenchido pelo casamento do faraó com mulheres de sangue não real, como sucedeu principalmente com Pepi I, na última parte do seu governo.¹²¹



Fig.154 - A Rainha Merireankhenes com o herdeiro Pepi II no colo.

Essa situação – três esposas com os mesmos direitos – além do mais, deve ter criado muitas



Fig.155 - Reconstituição livre da necrópole de Sakkara, a Leste de Mênfis, com as principais pirâmides e mastabas.

rivalidades na corte. Cada uma conspirando para que o futuro rei fosse um filho seu. Coincidentemente,

¹²⁰ CASSIN, BOTTERÓ, VERCOUTTER. Op.cit. p. 250.

¹²¹ ALDRED, Cyril. Os egípcios. Lisboa: Verbo, 1972, p. 103.

uma das mais antigas representações de uma rainha com seu filho no colo (a da rainha **Merireankkenes**



Fig.156 - Estátua de Pepi I fundida em metal.

com o futuro **Pepi II**) é dessa época. Trata-se de uma esplendorosa peça de alabastro, e uma das principais relíquias do *Brooklyn Museum* de Nova York (Fig.154).

Eugéne Drioton considera tais casamentos como as **principais causas da decadência do Antigo Reino**.¹²² Supervalorizar esse fato talvez não seja o mais correto para tentar compreender o processo de erosão do poder político dos faraós, a partir de **Pepi I**. Talvez o mais acertado seja ver tais causas em processos mais amplos como dificuldades econômicas, hereditariedade dos cargos, proliferação das Fundações Piedosas e da burocracia, colapso do eixo comercial Biblos-Coptos-Punt-Elefantina, inundações insuficientes, etc.

Sua pirâmide, erguida mais ao sul de **Sakkara** (ver desenho da Fig.155) chamava-se **Menrefer** (a que é eterna em beleza). Talvez o nome helenizado da capital egípcia (Mênfis) tenha advindo daí. Fazem parte do conjunto as três pirâmides das rainhas.

Quando das escavações da Pirâmide de **Pepi II**, foi encontrada uma obra muito especial: uma estátua em cobre fundido e martelado do faraó **Pepi I** e seu filho **Merenra** (Fig. 156), hoje no Museu do Cairo. É considerada a mais antiga estátua de metal que se conhece.

O uso de materiais especiais na produção de imagens de Pepi I, também se apresenta numa representação sua na iconografia do rei como Filho de Hórus, hoje no *Brooklyn Museum* (Fig. 157).

¹²² DRIOTON, Eugéne. El Egipto Faraonico. Barcelona: Alianza, 1955, p. 48.

Seu material é a calcita, uma pedra meio parecida com o mármore, e que não era muito usual na representação dos faraós. Outra peça de especial interesse, que também faz parte do acervo do *Brooklyn Museum*, é uma imagem de Pepi I na



Fig. 157 - Estátua de Pepi I em alabastro.

condição de ofertante do vinho e de óleo aos deuses, uma iconografia muito recorrente no Egito Antigo.

Na estatuária particular da época de **Pepi I**, uma curiosa coincidência fez com que duas pessoas com problemas de **nanismo** fossem suficientemente



Fig. 158 - Grupo do Anão Seneb.

lembradas a ponto de poderem constar numa sepultura, junto com sua família e com todos os aparatos de um túmulo de primeira classe, inclusive com a confecção de estátuas da família. Um desses casos é o chamado **Grupo do Anão Seneb**, que hoje se encontra

no Museu do Cairo, e cujo modelador, através de um “expediente” de composição (as pernas cruzadas em cima do banco), deixou o altivo **Seneb** da mesma altura que sua esposa (Fig. 158).

Nunca é demais recordar que essas estátuas de “particulares”, colocadas nas sepulturas, no geral eram de



Fig. 159 - Anão Khnum Hotep.

pequeno tamanho (no caso do **Anão Seneb**, de 33 cm de altura) já que, isoladas do seu contexto, as mesmas induzem a uma ideia equivocada. A outra estátua do mesmo período é a do **Anão Khnum Hotep** (Fig. 159), que mede apenas 46 cm de altura.

Pepi I e as obras na 1ª Catarata



Fig. 160 - Reconstituição livre dos dos canais da 1ª Catarata.

Entre as diversas realizações de **Pepi I**, alguns autores preferem destacar as **obras hidráulicas** que mandou realizar na 1ª Catarata (esquema Fig. 160). Segundo as fontes, tais trabalhos constaram de um sistema de canais que, contornando as formações rochosas que se interpunham entre o curso “egípcio” do Nilo e o começo do curso “núbio” do rio, passaram a possibilitar que navios egípcios, pela primeira vez, ultrapassassem a chamada 1ª Catarata que, na realidade, eram corredeiras formadas pela declive abrupto do terreno.

Com esses trabalhos hidráulicos, as embarcações egípcias podiam navegar pelo menos até a 2ª Catarata e, com isso, ter um acesso direto e sem intermediários aos produtos da África negra.

Pepi II e o seu governo longo: 94 anos?

O sucessor de **Pepi I** foi seu filho **Merenra**, que governou pouco tempo. Aqueles que defendem a tese do casamento “plebeu” de Pepi I como a causa decisiva da erosão do poder faraônico, enfatizam a nomeação de um primo seu, filho de um nobre provincial (irmão de uma de suas esposas “plebeias”), para governador do 12º nomo do Egito, como um indicativo do processo de fragmentação do poder político. Segundo alguns autores,¹²³ isso



Fig.161 - Tumbas das elites provincianas, encravadas nos rochedos da ilha de Elefantina, no extremo Sul do Antigo Egito.

corresponderia ao “começo de uma linhagem de grandes senhores feudais, com suas tumbas, escavadas no alcantilado de DeirelGebravi”.(Fig.161)

Quem lhe sucedeu no trono foi seu primo **Pepi II**, (filho da outra esposa “plebeia” de Pepi I).

Segundo Manethón, assumiu o trono com seis anos e governou até aos 100, ou seja, **um governo de 94 anos**. Os fatos mais destacados de seu governo seriam a **delegação de poderes militares aos nomarcas de Elefantina** e a redação do texto *As admoestações do Profeta Ipu-ur*.

Com a delegação de poderes militares aos príncipes de Elefantina, especialmente ao príncipe **Pepinakht**, este, por conta própria, teria feito incursões punitivas à Núbia (até a 3ª Catarata) e ao **Wadi Hammamat**, o que teria completado o processo de erosão da soberania faraônica. Com o passar dos anos, e com a longevidade do faraó, esses nomarcas do Sul se tornaram cada vez mais independentes. Por isso, o seu governo normalmente é considerado como **o final do Antigo Reino** e o início do 1º Período Intermediário.

¹²³ CASSIN, BOTTÉRO e VERCOUTTER. *Los imperios del Antiguo Oriente*.

México: Siglo Veinteuno, 1980, p. 250.

Ao final do governo de Pepi II é que o escriba **Ipu-ur** teria escrito suas **Admoestações**, cujo teor é conhecido por um papiro conservado em **Leiden**, o qual é uma cópia tardia (da XIX Dinastia) de um texto mais antigo. Mas nem todos aceitam que deva ser do governo de **Pepi II**, baseado tão somente nas passagens em que o Profeta **Ipu-ur** lamenta a omissão do faraó (devido a sua longevidade?). A situação do Egito é assim apresentada:

O país está cheio de saqueadores. Vai se arar protegido com o escudo. O Nilo flui, mas não se ara. Todos dizem: não se sabe o que vai acontecer. Os mendigos agora são donos de tesouros.

O país gira como o torno de um oleiro. O ladrão é senhor das riquezas. Agora as nobres senhoras colhem frutos. Nobres trabalham nos canteiros. O rio está cheio de sangue. Queremos beber, mas retiramo-nos apavorados pelos cadáveres. Qualquer asiático é ilustre. Os egípcios se comportam como nômades. Os velhos dizem: oxalá estivéssemos mortos. As crianças dizem: oxalá nunca tivéssemos nascido.

Come-se grama e bebe-se água. Quem antes trajava ricas vestes hoje está coberto de trapos. Todas as empregadas matraqueiam desenfreadas e, se as patroas reclamam, elas se irritam.” O armazém do rei é um lugar onde cada qual pega o que der e o Palácio não recebe mais tributos. Ninguém navega mais rumo a Biblos. Onde apanharemos os cedros para os nossos mortos?

Os nossos mortos são jogados ao rio (...) O Nilo se transformou em seu túmulo.¹²⁴

O 1º PERÍODO INTERMEDIÁRIO

O chamado **1º Período Intermediário** é aquele que vai do final da VI Dinastia ao início da XI. Abrange os anos 2180 a.C. ao ano 1990 a.C., o que dá cerca de **180 anos**. Compreende as Dinastias VII, VIII, IX, X e parte da XI. Alguns autores, inclusive, sugerem que se trataram de Dinastias paralelas, pois, afinal, o período de tempo seria muito curto para cinco Dinastias. Em grandes linhas o que caracteriza o período é a **inexistência de um Estado unificado** e com o poder político, restando dividido em diversos núcleos regionais.

Sobre esse período do Egito Antigo três questões fundamentais são levantadas:

- a) Teria sido um período de decadência e crise da civilização egípcia?
- b) O que provocou a erosão do Estado faraônico e ensejou essa descentralização política?
- c) Teria o Estado unificado dado lugar a um feudalismo?

Uma decadência ou crise civilizatória?

Um grande número de autores (para não dizer, a maioria) qualificam esse período como sendo “dois séculos de anarquia, de lutas, de desorganização em

¹²⁴ MELLA, Federico Arbório. *O Egito dos faraós*. São Paulo: Hemus, 1981, p.115.

geral”,¹²⁵ em que o Egito teria passado “de um regime estável e forte a um estado de anarquia total”.¹²⁶ O principal argumento que tem sido empregado no amparo dessa avaliação é o texto das **Admoestações do Profeta Ipu-ur** (ver atrás, p.??).

Contra esse recurso, entretanto, pesam alguns questionamentos. Primeiro é que não se tem plena certeza se o seu conteúdo é, efetivamente, relativo a esse período (lembrar que o que dele conhecemos vem de um texto da XIX Dinastia). Existem autores, inclusive, que sugerem que se faça uma “crítica interna” do documento, sugerindo que se leve em conta que o mesmo foi escrito por um alto funcionário, que poderia estar “pintando” o quadro com cores demasiadamente fortes. Ou que as dificuldades descritas talvez fossem localizadas no Norte, e que, por conseguinte, não seriam válidas para todo o Egito. Outros, ainda, não aceitam que se tome os fatos ali relatados como uma crise de decadência, mas sim como uma crise de mudança. Como se pode verificar existe muito de uma visão ideológica tanto dos que utilizam a fonte como testemunho de uma decadência, como daqueles que não aceitam tal procedimento.

Outro argumento usado para a designação de período como uma decadência é a **regionalização das**

construções suntuárias. Nesse caso o argumento se focaliza principalmente nos túmulos erguidos pelos príncipes do Sul, no nome de Elefantina (veja-se atrás, Fig. 161) que mandaram “escavar” seus túmulos em seus próprios domínios. Dissemos “escavar” porque, diferentemente da tradição setentrional, que era a de “erguer” suas mastabas e pirâmides ao ar livre, os dirigentes sulistas faziam seus túmulos escavados



Fig.162 - Tumba do Príncipe Sirenpowet, em Elefantina

nas formações rochosas (Figs.162 e 163).

A objeção que se levanta contra esse tipo de argumentação é que a dispersão de realizações culturais não deve ser tomada como indicativo de

crise ou decadência de uma civilização.

Os defensores da tese da crise de decadência também se utilizam do argumento da amplitude das obras. O argumento usado é que a **diminuição**

das grandes obras (pirâmides, trabalhos hidráulicos como de **Pepi I**, fortificações, etc.) podem ser tomadas como um atestado da crise e decadência

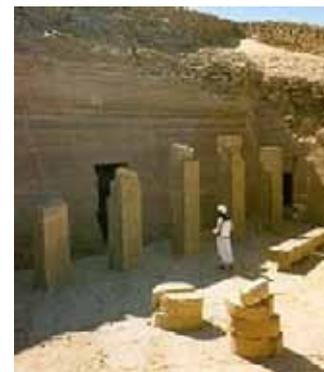


Fig.163 - Tumba do Príncipe Mekru, na ilha de Elefantina

¹²⁵ CASSIN, BOTTERÓ, VERCOUTER. Op. cit. p. 249.

¹²⁶ MELLA, Op. cit. p. 114.

do período. Tal argumento é em parte resultante da teoria “toynbeana” da amplitude das realizações de uma civilização como critério de seus apogeus e declínios. Mas, por que não supor-se que obras menores, mas em maior quantidade, não possam ser vistas como indicativos de melhorias?

A **desqualificação das obras de arte** é outro argumento da tese da decadência e crise do 1º Período Intermediário. A alegação é que, nesse último, as obras de arte teriam se tornado mais toscas, desprovidas de conhecimento teórico, ingênuas, desproporcionais, etc. O que nem sempre acontece, entretanto, é a indicação de quais são as obras às quais a comparação se reporta. E isso é o mínimo que se pode esperar, até mesmo para que o leitor tire suas próprias conclusões.

Uma vez decidido isso, é importante levar em conta o **princípio da similitude**, ou seja, comparar obras do mesmo gênero: uma estátua faraônica com outra estátua faraônica; uma de particular, com outra de particular. Não é isso o que normalmente se faz. O que é bastante usado como ilustração do argumento da decadência são as **estatuetas de serviços** que eram colocadas no túmulo do morto para que, na outra vida, continuassem atendendo as necessidades do seu **Ka**.



Fig.164 - Estatuetas funerárias de tumbas de particulares encontradas em sepulturas do 1º período Intermediário

Nessa comparação, realmente, muitas das peças encontradas nas tumbas do 1º Período (Fig. 164) revelam que o seu acabamento **é diferente** de outras peças do mesmo gênero, tanto do Antigo, como do Médio Reino. As estatuetas funerárias do 1º Período Intermediário (Fig.164) efetivamente revelam uma **simplificação de formas** que beiram ao primário e banal. Mas também não podemos esquecer que, das melhores obras do Antigo Reino (aquelas da estatuária faraônica oficial) é dito, por exemplo, que

alguns desses primeiros retratos da era das pirâmides, a quarta dinastia do Antigo Império, estão entre as mais belas obras de arte egípcia. Existe neles um ar de solenidade e **simplicidade** (grifo nosso) que não se esquece facilmente. Vê-se que o escultor (...) interessava-se apenas pelos **aspectos essenciais**. Todos os **portmoneiros secundários** eram postos de **lado**.¹²⁷

Ora, simplicidade, interesse pelos aspectos

¹²⁷ GOMBRICH. E. H. *História da Arte*. São Paulo: Círculo do Livro, 1972, p.33.

essenciais e desapego pelos pormenores secundários, é também o que se pode verificar nas estatuetas do 1º Período Intermédio, como podemos observar na Fig. 164.

Além do mais, se formos comparar com obras do mesmo gênero (estatuetas de serviçais) do Reino Antigo, verificaremos que, nesse gênero, os próprios especialistas dizem das figuras como



Fig.165 - Guerreiros Núbios

a da Fig. 166, recolhida de um túmulo da V Dinastia, que

frequentemente, estas pequeninas estátuas de serviçais foram executadas de **forma tosca** (grifo nosso) e que em túmulos inferiores, elas substituíam a pintura mural, que requeria extensas superfícies, existentes apenas nas câmaras funerárias mais importantes.¹²⁸

Cabe ainda lembrar que essa feitura **diferente** dos serviçais do 1º Período Intermediário pode que não tenha sido por deficiência técnica de seus autores. Referindo-se a estátua do **vizir Nakti**, da X Dinastia (Fig.166) e de uma portadora de oferendas do mesmo período, Gonzalo Fernández, um especialista em 1º Período Intermediário, entende que elas



Fig.166 - O Vizir Nakti, da X Dinastia.
Simplificação formal

mostram uma perda do academicismo em favor de uma maior espontaneidade, a custo de alguma torpeza. A estatuária do Médio Império pretende evitar essas torpezas e voltar ao rigor clássico da época de Quéfren, ainda que incorporando a espontaneidade dos escultores da XI Dinastia.¹²⁹

Como se percebe, aquilo que para alguns é decadência e incompetência, para outros é espontaneidade e autenticidade. O que demonstra que os critérios de avaliação da “qualidade” das obras de arte muitas vezes são subjetivos e muito relativos.

As causas da erosão do Estado Unificado

Essa é uma questão sobre a qual existem diversas tentativas de explicação. As explicações mais usuais poderiam ser apresentadas mais ou menos dentro do seguinte esquema:

a) **Excesso de autonomia dada aos sacerdotes.** Principalmente aos cleros de **Rá** e **Ptah**, que passaram a receber doações e isenções que enfraqueceram o orçamento do Estado. Ciro Flamarion Cardoso, no entanto, lembra que essa explicação implica na “falsa

¹²⁸ MUSEU EGÍPCIO DO CAIRO. São Paulo: Mirador Internacional, 1969, p. 47-48.

¹²⁹ FERNÁNDEZ, Gonzalo. Egipto durante el Primer Período Intermedio. In: REVISTA DE ARQUEOLOGIA, n° 274, fev/2044, p. 27.

premissa que os templos eram diferentes do Estado, quando na realidade eram parte dele”.¹³⁰



Fig.167 - Ciro Cardoso

b) **Apropriação hereditária dos cargos.**

Funcionários parentes do rei teriam recebido pensões vitalícias dos reis para garantia de seu culto funerário permanente. Cortesões favorecidos teriam passado a receber dádivas em terras e isenções para a guarda dos túmulos reais e serviços funerários – **as Fundações Piedosas** – que passaram essas funções a seus descendentes. Eram atividades improdutivas que, ao contrário das pirâmides, não contribuía para dinamizar as forças produtivas. O mesmo teria acontecido nas províncias. Os governantes colocavam os seus filhos nos cargos oficiais que também se tornaram hereditários. Diversos são os autores que partilham desse esquema interpretativo.¹³¹

c) **Equívocos e despreparo dos governantes.**

São arrolados, nesse caso, supostos equívocos de governantes, como **Pepi I** e seus casamentos “plebeus”, ou **Pepi II** com a sua delegação de poderes militares aos nomarcas de Elefantina, assim como a própria longevidade deste último.

d) **Supostas revoltas sociais.** Tais revoltas

teriam ocorrido em função da exacerbação do rigorismo fiscal para a construção das grandes obras faraônicas, assim como a invasão de asiáticos no delta.

e) **Inundações insuficientes**, combinadas com uma **excessiva burocratização do Estado**. Segundo Ciro Flamarion Cardoso, atualmente estão sendo feitos esforços para introduzir novos tipos de explicações para a desagregação do Antigo Reino. O autor cita, por exemplo, a diminuição do nível médio das cheias. Isso se combinaria com o “reforço progressivo do aparelho de Estado”.¹³² Isso ficaria atestado pelo exame das titulaturas das tumbas do Antigo Reino. A multiplicação dos burocratas, sem que a produção tivesse aumentado, é que teria provocado o desastre.

f) **A erosão do eixo comercial Biblos-Mênfis-Coptos-Punt**. Essa é, como diz o seu próprio autor Gonzalo Fernández,¹³³ “uma nova tentativa de interpretação” para a debacle do Antigo Reino.

O original de sua interpretação é que ele parte da premissa que o que provocou a desagregação do Antigo Reino foi quando “os beduínos conquistam o Delta. Ali interrompem o eixo mercantil Biblos-Delta do Nilo-Mênfis-Coptos-Punt que havia sido criado

¹³⁰ CARDOSO, Ciro F. *Sete olhares sobre a antigüidade*. Brasília: UnB, 1998, p. 81.

¹³¹ ALDRED, Cyril. Op. cit, p.80 e TRIGGER, KEMP, O’CONNORS e LLOYD. *Historia del Egipto antiguo*. Barcelona: Crítica, 1998. Estes últimos com mais ênfase nas Fundações Piedosas.

¹³² CARDOSO, Ciro F. *Sete olhares sobre a antigüidade*. Brasília: UnB, 1998, p. 81.

¹³³ FERNÁNDEZ, Gonzalo. *Egipto durante el Primer Período Intermedio*. In: REVISTA DE ARQUEOLOGIA, n° 274, fev/2044, p. 26-37.

pelo faraó Sahura (2464-2452 a.C.), o segundo monarca da V Dinastia” (p. 30).

Mais adiante ele volta a reafirmar sua linha de raciocínio enfatizando que,

minha hipótese é esta: Coptos experimenta uma forte crise econômica com a ruptura do eixo comercial Biblos-Delta-Mênfis-Coptos-Punt. Ao ser Coptos um dos pontos chaves do comércio com o Mar Vermelho através do Wadi Hamamat, este mercado ficou interrompido com a contração geral da economia egípcia. (...) A rota Coptos-Mar Vermelho e as pedreiras do Wadi Hamamat só voltam a reabrir com **Mentuhotep II**, da XII Dinastia (p. 31).



Fig.168 - Ilustração do presumível eixo comercial Biblos-Mênfis-Coptos-Punt sugerido

O inusitado da hipótese do Professor Fernández é que ele parte da premissa que o comércio externo, a partir da V Dinastia, não era, como normalmente se pensa, um comércio **apenas para suprir as necessidades internas** do Egito. Mas que era **uma atividade que visava um ganho**, um lucro (revenda para outras regiões?) e que ao se interromper esse eixo comercial é que veio a retração econômica.

Na construção de sua tese o autor trabalhou com três fontes: as “Admoestações do Profeta Ipu-ur”, a **Lista de Manethón** e a **História**, de Heródoto. Das “Admoestações” ele retirou as suas linhas iniciais que dão conta que: “Já não se navega até Biblos. Faltam todas as matérias necessárias aos ofícios. Os asiáticos trabalham nas oficinas do Delta. (...) Nenhum trabalhador egípcio consegue trabalho. Os inimigos do país despojaram as oficinas.”

Dessas passagens do texto é que ele retirou sua tese da ruptura do eixo comercial (já não se navega até Biblos) e que essa interrupção foi provocada pela tomada do Delta pelos beduínos asiáticos (os asiáticos trabalham nas oficinas do Delta).

Da **História**, de Heródoto, ele destacou uma parte do relato que informa que,

Depois dele (no parágrafo anterior ele está se referindo a Min -Menés) os sacerdotes enumeraram os nomes de trezentos e trinta reis, constantes de um papiro (...) O nome da única mulher a reinar era o mesmo da rainha da Babilônia, **Nitócris**. Disseram os sacerdotes que ela, para vingar seu irmão, rei do Egito,

morto por seus súditos, graças à sua astúcia levou à morte muitos deles. Ela mandou construir um amplo recinto subterrâneo e depois, sob o pretexto de inaugurá-lo (...) convidou os egípcios responsáveis pela morte do irmão; em plena festa deixou correrem sobre eles as águas do rio, canalizado secretamente por ela até o recinto (...) Após esse feito Nitócris se lançou em um aposento cheio de cinzas quentes para não ficar sujeita a vinganças. (HERÓDOTO, Livro II, § 100).

Da **Lista de Manethón** o egiptólogo Gonzalo Fernández retirou a passagem que informa que “a sétima dinastia constou de cinco reis de Mênfis que reinaram 75 dias. A oitava dinastia constou de cinco reis de Mênfis que reinaram 100 anos. A nona dinastia constou de quatro reis de Heracleópolis, que reinaram 100 anos”.

Combinando todas essas “pistas” o autor avança no seu “intento de interpretação” sugerindo que

Ao cabo daquelas atividades econômicas (**ele está se referindo ao colapso do eixo comercial Biblos-Mênfis-Punt**) se originou, em Mênfis, um motim, que termina com o assalto ao palácio real e a prisão de Merenre II (**sobrinho e sucessor de Pepi II**). Sua mulher Nitócris (**atente-se para o detalhe que Heródoto a apresenta como irmã, o que não quer dizer nada, pois os faraós casavam com suas meia-irmãs**) pode fugir a Heracleópolis (**veja-se o mapa Fig. 169 para não confundir com Hierakonpolis da Dinastia O**), nomo vizinho a Mênfis e nesta ocasião fiel à dinastia menfita.

Enquanto isto, na capital, se instaura uma etapa anárquica, com contínuos câmbios de dirigentes aos quais alude Manethón, ao referir-se aos cinco Reis de Mênfis que reinaram em 75 dias. Numa destas revoltas uma ala mais extremista dos revolucionários condena e executa Merenre II. Tal desordem favorece a reconquista do poder por Nitócris, desde Heracleópolis.

Nitócris conseguiu assim a sobrevivência da Dinastia Menfita, mas a custo de fazê-la depender

dos nomarcas de Heracleópolis, verdadeiros donos da corte que nomeiam e depõem os faraós. A debilitada corte de Mênfis intenta então balancear o excessivo poder dos nomarcas heracleopolitanos com os nomarcas de Coptos (**isto teria ocorrido com a VIII Dinastia que Manethón ainda chama de menfita**).

Este panorama termina por volta de 2160 a.C., quando o nomarca de Heracleópolis, **Khety I**, depõe a Neferirkare, último rei menfita, e se proclama faraó do Egito, porém respeitando o poder nominal da dinastia menfita e suas velhas prerrogativas. Inicia assim a IX Dinastia (**Manethón menciona que ela foi formada por quatro reis de Heracleópolis – ver atrás**).



Fig.169 - Ilustração das presumíveis ocorrências formuladas por Gonzalo Fernandez para o declínio do Antigo Reino.

O 1º Período Intermediário: um feudalismo?

A questão do melhor conceito para caracterizar a sociedade egípcia nesse 1º Período Intermediário também tem merecido bastante atenção por parte dos historiadores. Não são poucos os que usam o termo **feudalismo** para caracterizar certos aspectos desse período. Uns falam em “uma confederação de estados feudais”,¹³⁴ em que teria “se concluído

¹³⁴ ALDRED, Op. cit. p. 104.

a evolução que transformou o cargo de nomarca, de uma função real revogável, num senhorio quase feudal”¹³⁵ e no qual “os mercenários núbios conseguiram Elefantina como feudo”.¹³⁶

Na maioria dos casos, tais designações são decorrentes do fato que o que se está pensando quando se fala em feudalismo é um regime político marcado pela **descentralização do poder e ausência de um Estado unitário e unificado**. Como o feudalismo também é marcado pela descentralização do poder e pela fragilidade do Estado, o termo é usado por analogia.

Entretanto, autores filiados ao materialismo histórico marxista, que consideram o termo feudalismo na perspectiva de **um modo de produção** (numa perspectiva abstrata) e de **uma formação social** (numa perspectiva concreta) marcados pela articulação, numa sociedade, entre o modo de produzir, a organização política e as visões de mundo dominantes, entendem que o conceito feudalismo **é inadequado**.

Dos três níveis da **formação social** egípcia no 1º Período Intermediário, só o da organização política teria alguma semelhança com o feudalismo (nesse último não existe burocracia que, no Egito, era e continuou sendo bastante desenvolvida).

Na forma de produzir é que estariam as maiores divergências. O feudalismo era uma **economia de uso**, que não buscava o excedente econômico, e cuja relação do servo com o seu senhor era uma relação direta de dependência e subordinação. No Egito, mesmo no 1º Período Intermediário, o excedente econômico era procurado para sustentar as classes dirigentes provinciais, compostas de uma forte burocracia. Quem trabalhava na terra **não eram servos de nenhum senhor**. Eram comunidades livres que sofriam uma espécie de tributação coletiva por parte das elites dirigentes. Tem, por fim, a visão de mundo dominante das elites. No feudalismo eram os **valores da guerra** e da violência que predominavam. No Egito era o **maat**, da moderação e do autocontrole.

Segundo esses autores, vinculados a uma visão marxista da história, o melhor conceito para caracterizar o Egito Antigo é o de **modo de produção asiático**. Seria aquela forma de produzir em que a base econômica de uma sociedade é formada por **aldeias agrícolas coletivistas e indiferenciadas socialmente**. Onde não existe a propriedade privada da terra e os meios de produção pertencem a todos os membros da coletividade. Essas aldeias entregam uma parte dos seus excedentes econômicos a uma estrutura superior, o chamado **Estado Despótico**, através da tributação e dos trabalhos compulsórios

¹³⁵ CASSIN, BOTTERÓ, VERCOUTTER, Op. cit. p. 258.

¹³⁶ MELLA, Op. cit. p. 114.

O REINO MÉDIO

coletivos. O Estado Despótico (faraós, cleros, elites administrativas) consegue esses excedentes, **não porque detém os meios de produção** (a terra, os instrumentos, os sistemas hidráulicos, etc.), mas porque **manipulam o imaginário social, através da religião**.

No Antigo Reino, com o Estado centralizado, o que existiu, então, seria um **modo de produção**



Fig.170 - Esquema do Modo de Produção Asiático-Egípcio

asiático ampliado, com as províncias entregando uma parte do seu excedente econômico à administração central. No 1º Período Intermediário, de Estado regionalizado, esse excedente deixou de ser repassado à administração central, mas o modo de produzir localmente ficou o mesmo, quer dizer, um **modo de produção asiático restrito**.

O enunciado geral para o período chamado de **Reino Médio** é que o Estado faraônico voltou a ser um **Estado unificado**. O que fica em aberto é a questão da nomenclatura a ser usada para aquilo que foi reunificado. Como devemos denominar a situação do Egito que antecedeu tal reunificação? Para tanto temos que voltar a questão tratada anteriormente, ou seja, como devemos caracterizar o 1º Período Intermediário?

Dois conceitos estão disponíveis. Um é o de **Estados feudais**, analisado atrás. O outro é o de **Reinos Confederados**. A diferença entre os dois não é apenas uma questão de semântica.

A adoção do primeiro conceito – **Estados feudais** – induz a se pensar que a reunificação se processou a partir de um conjunto de Estados autônomos. De quantos? Dez? Vinte? De 42, que eram os nomos do Antigo Reino? Ninguém se arrisca a dizer. Estados independentes, igualmente desprovidos de recursos, voltados para dentro, sem grandes atividades mercantis. Claro que isso não é dito, mas fica **implícito** no uso do conceito, pois, afinal, feudalismo é isso. Esse é o conceito, como também já se viu, largamente utilizado.

Uma reunificação de Estados Confederados

A adoção do outro termo – **Reinos Confederados** –, que alguns egiptólogos estão começando a usar (mas que ainda não está consagrado nos manuais disponíveis) tem a vantagem de escapar da noção de unidades fechadas, desprovidas de recursos e desinteressadas no comércio. Outra vantagem dessa noção é que ela induz a se pensar num número menor de organizações, já que o conceito “confederação” implica na ideia de uma associação de Estados, autônomos em algumas coisas, mas subordinados a um Estado maior, a um Estado líder, em outras.

Visto nessa segunda perspectiva, poderíamos vislumbrar a reunificação como sendo precedida da

formação de três confederações. A do Norte, liderada por **Hieracópolis**, a do centro, capitaneada por **Tebas**, e a do Sul, por **Elefantina**. Especulando um pouco mais, poder-se-ia pensar que a fonte dessas 3 hegemonias viesse do controle das 3 principais rotas de negócios que o Egito explorava. A do Sinai teria ficado com Hieracópolis. A do Mar Vermelho, via Wadi Hammamat, com Tebas. A da Núbia, com Elefantina (Cfe.Fig. 171).

A ideia que se tem é que a reunificação se deu a partir da confederação liderada por Tebas, que primeiro teria dominado o sul, até Elefantina. Teriam restado então duas confederações, a do Sul, liderada por Tebas, e a do Norte, por Hieracópolis.

No confronto final, Tebas venceu Hieracópolis, reunificando o Egito.

A XI Dinastia, dos Monthuhotep e da reunificação

O príncipe que liderou a unificação era devoto do deus **Monthu**, representado como um falcão, com uma coroa formada de um sol e duas penas. O seu nome, em círculo na Fig. 172, era escrito da seguinte forma:



Fig.171 - Os Reinos hegemônicos do 1º Período Intermediário e seus possíveis eixos de comércio “externo”.



Fig.172 - Relevo do rei Monthu, e seus respectivos hieróglifos.

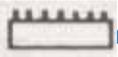


Fig. 172A - Relevo de Monthu - Letra M.



Fig. 172B - Relevo de Monthu - Letra N.

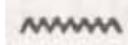


Fig. 172C - Relevo de Monthu - Letra T.

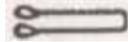


Fig. 172D - Relevo de Monthu - Letra U.

(Campo, que correspondia ao som “m”)

(Água, que correspondia ao som “n”)

(Cabo: correspondia ao som “tch”, como em “tchê”.)

(Codorna: correspondia ao som “u” em português.)

Antes da ascensão do deus **Amon**, na XII Dinastia, **Monthu** era o deus principal de Tebas. Com a adoção de **Amon** como deus dinástico foi dado a **Monthu** o papel de seu filho, até ser substituído nesse papel pelo deus **Khonsu**.

O príncipe de Tebas que liderou a unificação passou, então, a se chamar de **Monthuhotep** (Monthu está satisfeito). A dúvida que existe é sobre a quantidade de reis que, com este nome, fizeram parte da XI Dinastia. Uns falam em **cinco** (Mella, op. cit. p. 118). Alguns em **quatro** (Cardoso, op. cit. p. 106-107). Outros como Aldred (Op. cit. p. 114-116) e Cassin, Botteró e Vercoutter (Op. cit. p. 271-278), em **três**. Estes últimos esclarecem um pouco a confusão. É que o primeiro dos **Monthuhotep**, ao longo de seu governo de 50 anos, teria trocado de nome três vezes, assim que, aquele que o Mella chama de Montuhotep III e o Ciro de Montuhotep II, para Cassin e Botteró seria o Montuhotep I. No presente estudo é adotada a nomenclatura de Cassin e Botteró.

Monthuhotep I: uma guinada para a África?

Governou de 2062 a 2012 a.C. Os primeiros vinte anos de seu governo, ao final dos quais trocou de nome pela primeira vez, foram destinados a consolidar a unificação. Os métodos foram diversos. Desde o emprego da força até a negociação. Dos príncipes locais, alguns foram demitidos, outros conservados, mas sempre formando os quadros de seus delegados provinciais e de representantes para missões especiais só com tebanos de origem. Os anos seguintes foram de ações externas. Reabriu a rota da Núbia, bloqueada pelas tribos locais durante o 1º Período Intermediário. Incursionou pelo deserto oriental para assegurar a rota do Mar Vermelho. No Sinai, garantiu para o Egito o acesso às minas de turquesa.

Ciro F. Cardoso: uma notável continuidade

Ações de governo como as mencionadas acima é que levam autores, como Ciro F. Cardoso, afirmarem que “existe uma notável continuidade histórica (grifo nosso) entre o Reino Antigo e o Reino Médio em termos de política (interna e externa) e cultura”.¹³⁷

¹³⁷ CARDOSO, Ciro F. Sete olhares sobre a antigüidade. Brasília: UnB, 1998, p. 106.

Tal tese da **continuidade histórica**, aplicada aos **grandes processos**, não tem dúvida que se confirma. Na **política externa**, as ações dos governantes do Reino Médio constituem, basicamente, em reafirmar a garantia da presença do Egito no Sinai, na rota do **Wadi Hammamat**, e na região entre a 1ª e a 2ª Catarata. Tal como no Antigo Reino. Na **política interna**, as ações governamentais consistiram em procurar o ponto de equilíbrio entre o centralismo e o regionalismo.

Já no tocante à cultura, essa tese da notável continuidade não é tão pacífica. Aliás, isso foi lembrado pelo seu próprio autor quando enunciou que o referido enunciado só pode ser acatado “se descontarmos modificações secundárias ou de detalhe”.¹³⁸

Nesse aspecto cultural, então, podemos lembrar o caso de certas manifestações em que estão presentes tanto a continuidade histórica como a modificação. Isso pode ser verificado, por exemplo, na análise dos elementos arquitetônicos que foram agregados ao Templo Funerário de **Montuhotep I** (Reprodução na Fig. 173). Ali estavam presentes tanto elementos da arquitetura tradicional do norte (onde as mastabas e pirâmides eram erguidas ao ar livre) como elementos do reino do Sul, cujos túmulos eram escavados nas rochas.

Os arquitetos de **Montuhotep I** fizeram uma síntese dessas duas tradições. O conjunto foi erguido

numa espécie de clareira de uma pedreira. No centro foi levantada uma pirâmide (letra A da Fig. 173), tipicamente setentrional. Em torno da mesma foi levantada uma balaustrada de colunas (letra B), o que representou uma novidade. Uma rampa de acesso (letra C), já usada no Norte, ligava o conjunto a um portão de entrada (letra D), uma inovação.

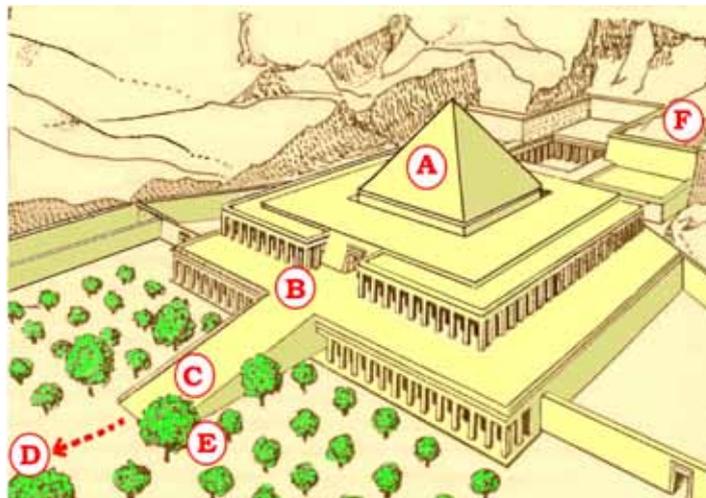


Fig.173 - Reconstituição livre do Templo de Montuhotep e suas respectivas partes.

Em torno da rampa foram plantadas árvores ornamentais (letra E, uma grande novidade) junto às quais foram colocadas diversas estátuas do faraó assemelhadas a da Fig.174, que acredita-se ser uma representação de **Monthuhotep I**. Na parte de trás foram feitos túmulos para os familiares e funcionários do rei (letra F, tradição do Norte), alguns deles escavados na rocha, uma tradição tipicamente sulista. Verifica-se, pois, uma notável continuidade, **porém com várias mudanças**. O que se pode discutir é se

¹³⁸ CARDOSO, Ibidem, p. 106.

as mudanças ocorridas foram apenas “secundárias”, como sustenta **Ciro F. Cardoso**.

Essa mesma questão pode se apresentar quando se trata da estatuária do faraó **Monthuhotep**. Existe uma estátua (Fig. 174) que acredita-se ter feito parte daquele conjunto de figuras do rei colocadas no pátio arborizado do seu templo funerário. Ao lado dos signos tradicionais como a coroa e o barbicacho da realeza, os braços cruzados, portando o açoite e o cajado, aparecem características diferentes da estatuária do Antigo Reino, como é o caso dos pés, desproporcionais ao resto do corpo.



Fig.174 - O rei Monthuhotep.

Existe outra imagem do faraó **Monthuhotep**, a qual foi milagrosamente conservada no interior do seu templo funerário, enrolada em panos e praticamente intacta (Fig. 175). O faraó aparece sentado, num alinhamento de absoluta verticalidade. Traz a coroa vermelha do Egito do Norte e está envolto num pano de linho branco, usado no ritual do jubileu. Os braços estão cruzados na altura do peito e também carrega o barbicacho posticho. Todos esses aspectos alinham a figura na representação tradicional dos antigos faraós do Norte. As novidades são as pernas e pés,

muito desproporcionais, quase que deformados, e a cor escolhida para a figura, um preto vivo que contrasta violentamente com o branco do tecido.

Nesse caso também se percebe a repetição de padrões tradicionais. Mas, por outro lado, não se pode negar que o “peso” de suas inovações é muito grande.

Muitos autores, inclusive, assinalam que **Monthuhotep** I cercou-se de pessoas de origem núbia, quer dizer, da África negra. Cyril Aldred, por exemplo, é um daqueles egiptólogos que chama a atenção para o fato de que, “a cultura núbia estava presente entre as pessoas que o rodeavam, **incluindo mulheres de pele escura** (grifo nosso) e corpo tatuado, e em alguns artefatos, entre os quais curiosos bonecos em forma de remo que eram sepultados com elas”.¹³⁹

Seriam os pés e a cor negra uma influência das figuras totêmicas da África negra? Por que não considerar tal hipótese? Mas daí teríamos, não uma mudança apenas “secundária”, mas uma **mudança considerável**.

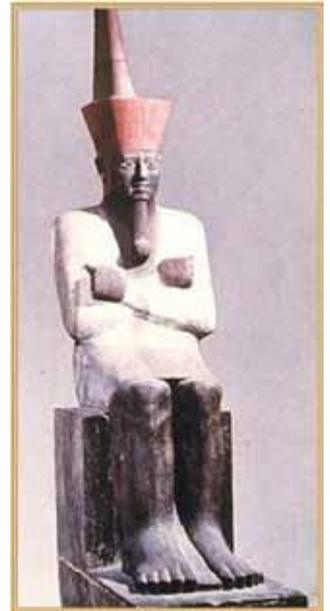


Fig.175 - O rei Monthuhotep.

¹³⁹ ALDRED, Cyril. Op.cit. p.113.

No aditamento dessa tese das **mudanças consideráveis**, em decorrência de uma presumível “africanização” dos círculos ligados ao faraó, podem ser lembradas as tumbas de mulheres da corte (esposas do rei?), as quais, na pintura, são pintadas de negro (Figs. 176-177), e, nos relevos, revelam caracteres africanos (Fig. 178).

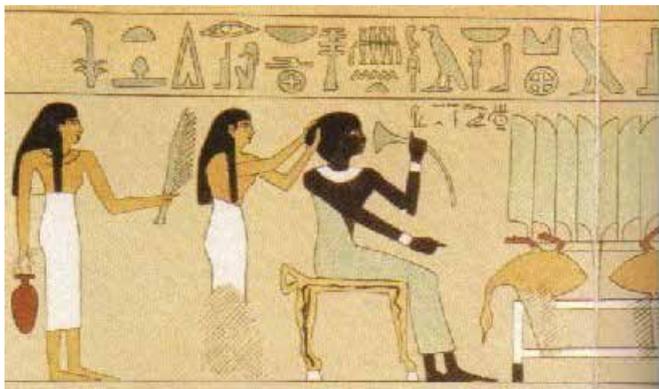


Fig. 176 - Pintura mural da Tumba da Rainha Kawit, para alguns uma presumível “rainha” núbia da corte de Monthuhotep.

Outras figuras que são lembradas como indicativos dessa suposta “africanização” da corte de **Monthuhotep** são aquelas de serviçais e, muito especialmente, dos chamados “guerreiros núbios”, nos quais também aparece a cor escura.



Fig. 177 - Pintura mural das mulheres de cor escura da corte de Monthuhotep.



Fig. 178 - Relevô da tumba da “princesa” Ashayt, época de Monthuhotep I, cujas feições apresentam traços negroides.

Monthuhotep II: incursões no Wadi Hammamat

Sobre o sucessor de **Monthuhotep I** o que se sabe é que teve um reinado bastante curto. Não obstante, parece que realizou muitas obras nos templos, principalmente no Norte, com trabalhos de relevo de admirável sobriedade. Outra marca de seu governo foram as **grandes expedições na rota do Wadi Hammamat**. O intendente **Henenu**, comandante de uma delas, deixou gravado nas pedreiras do local o relato da expedição. Uma parte da expedição ficou extraindo blocos de pedra, enquanto a outra seguiu a pé até o Mar Vermelho, com produtos e o madeirame para construir navios. Ao longo dos quase **60 quilômetros** que separam as pedreiras do litoral do Mar Vermelho foram perfurados **12 poços para suprir o comboio de água**. Chegando à margem, os barcos foram montados e a expedição seguiu até o

país do Punt, de lá retornando com a preciosa carga de **incenso e ervas aromáticas**.

Monthuhotep III: uma difamação pósteralegitimante?

No caso do último faraó da XI Dinastia, o rei **Monthuhotep III**, repete-se o caso de outras situações anteriores, cujas informações sobre o governo dos reis que encerram uma dinastia escasseiam de tal forma que se fica com a impressão que os mesmos foram marcados por crises e descabros. Foi assim com **Scepceskaf**, da IV Dinastia, **Unas**, da V, e **Pepi II** da VI Dinastia.

No caso de **Monthuhotep III** muitas fontes, como o Papiro de Turim, nem mesmo o incluem na lista dos reis que governaram o Egito. É necessário, pois, que não se tire do “silêncio das fontes”, indicativos necessários de caos e anarquia. Federico Mella, por exemplo, afirma que o faraó Monthuhotep II (que ele intitula de **Monthuhotep IV**, pelos problemas de tríplice nomenclatura assumida por **Monthuhotep I**) teria sido “derrubado pelo **corrupto** (grifo nosso) **Monthuhotep V**.”¹⁴⁰

Esse “silêncio das fontes” pode ter sido produzido, posteriormente, na lógica de uma “legitimação pósterodifamante”. Ou seja, que os faraós da próxima

dinastia podem ter omitido, deturpado ou até mesmo difamado o governo do último governante para justificar a sua ascensão ao poder. O que sabemos de **Monthuhotep III** vem principalmente dos relatos que seu vizir **Amenhemat** deixou gravado nas pedreiras do Wadi Hammamat. Esse **Amenhemat** parece ter sido aquele mesmo que inaugurou a nova dinastia.

Nesses relatos ele se diz a serviço do rei **Monthuhotep III**, comandando uma expedição de 10.000 homens mal supridos de água e alimentos. A água teria sido encontrada por iniciativa do vizir, escavando mais poços na região, ou então meio que “milagrosamente”, em razão da boa “sorte” do comandante, que voltou ao Egito sem perder um só dos homens a ele confiados. A esse relato soma-se um outro, do governo de **Monthuhotep II**, em que um alto funcionário deixou no seu túmulo as correspondências do pai, um sacerdote funerário de nome **Hekanakt**, numa das quais se fala em escassez de alimentos durante a qual “se teria começado a comer carne humana.”¹⁴¹

É possível que esse estigma de governo “corrupto”, como diz Mella, tenha se constituído pela combinação dessas fontes. Isso não significa que tais fontes não devam ser consideradas, nem que esses dois governantes tenham sido “injustamente” tratados

¹⁴⁰ MELLA, Federico A. *O Egito dos Faraós*. São Paulo: Hemus, 1981, p.118.

¹⁴¹ CASSIN E.; BOTTERÓ J. e VERCOUTER J. *Los imperios del Antiguo Oriente*. México: Siglo veinteuno, p. 275.

de tiranos e corruptos. Assim como aconteceu com **Queóps**, a difamação póstera pode ter sido uma boa razão para acontecer. O que aqui se está sugerindo é para que não se tire, do “silêncio das fontes”, mais coisas do que esse “silêncio” permite.

A XII DINASTIA

Como quase sempre acontece, o transcurso da XI para a XII Dinastia está envolto em mistério. A impressão mais comum entre os historiadores é que ela foi acompanhada de um “golpe de Estado”, pelo qual o vizir **Amenemat** (literalmente “Amon (**Amen**) está (**ne**) na cabeça (**mat**)”, no sentido de “Amon está no alto”) teria sido conduzido ao poder depois de um período que se supõe conturbado, com uma forte oposição que, inclusive, poderia ter assumido o caráter de uma guerra civil entre os partidários do novo rei (incluído aí o clero de **Amon**) e os partidários do rei “deposto” (incluído aí o clero de **Monthu**). Mas tudo isso, por enquanto, são hipóteses de pesquisa ainda não inteiramente comprovadas.

Amenemat I

O primeiro faraó da XII Dinastia reinou por 30 anos, de 2001 a 1971a.C. Sua origem não está ligada à dinastia anterior. Nas **Profecias de Neferti** ele se

disse “filho de uma mulher de Taseti”, que era como os egípcios chamavam a região de Elefantina, no extremo Sul do Egito. Os primeiros vinte anos de seu governo foram dedicados, ao que parece, a tarefa de reconstituir os mecanismos de poder que, ao longo do 1º Período Intermediário, tinham se deteriorado.

Alguns autores, especialistas em Médio Reino, afirmam que “o seu governo não é conhecido senão por algumas raras representações, alguns relevos e estátuas, **que não permitem julgar a situação do seu governo**”.¹⁴² Uma dessas “raras representações e estátuas” de **Amenemat I** se encontra do Museu do Cairo. Bastante danificada – faltam o braço direito, o nariz e parte do khaft (Fig. 179). Suas fotografias são quase sempre no mesmo ângulo para dis-simular esses seus “defeitos”.



Fig.179 - Uma das raras imagens de Amenemat I.

No que diz respeito às marcas de seu governo, Federico Arbório Mella descreveu-o como

um grande mestre da “Real Politik”, que organizou um grande emaranhado de entendimentos e acordos, utilizando-se dos príncipes fiéis contra os obstinados (...) e apoiando-se, em caso de necessidade, na **burguesia** (??) ou **diretamente no povo** (grifo nosso).¹⁴³

¹⁴² CEPKO, Roselyne. *La XII dynastie égyptienne*. In: *Archeologia*, nº 377, abr/2001, p. 31.

¹⁴³ MELLA, Federico A. *O Egito dos Faraós*. São Paulo: Hemus, 1981, p.120.

Já **Ciro F. Cardoso**, muito menos enfático, limitou-se a comentar que, “quando de sua usurpação apoiou-se nos nomarcas, aos quais restaurou alguns dos títulos e privilégios.”¹⁴⁴

Cassin, Botteró e Vercoutter, por sua vez, limitaram-se a comentar que ele, “não mudou nada na organização dos nomos e respeitou a hereditariedade dos cargos de nomarca (...) mas tratou de controlar a administração provincial, instalando revisores reais junto aos nomarcas.”¹⁴⁵

Nada de “apoio no povo”. Muito menos numa suposta “burguesia”, como sugere **Federico Mella**.

A especialista em Reino Médio, **Roselyne Cepko**, por sua vez, enfatizou que “nenhum documento datado é anterior ao 22º ano de seu governo e a **apreciação de sua política se torna difícil** (grifo nosso).”¹⁴⁶

Como se pode perceber, discrepâncias é que não faltam nas considerações sobre os acontecimentos do Antigo Egito. O que é natural. Se até na história recente, com sua fartura documental, as controvérsias existem, quanto mais na antiguidade, em que muitas vezes tem-se que reconstituir os acontecimentos a partir de umas poucas informações.

¹⁴⁴ **CARDOSO**, **Ciro**. *Sete olhares sobre a antiguidade*. Brasília: UnB, 1988, p. 108.

¹⁴⁵ **CASSIN E.**; **BOTTERÓ J.** e **VERCOUTTER J.** *Los imperios del Antiguo Oriente*. México: Siglo veinteuno, p. 282.

¹⁴⁶ **CEPKO**, **Roselyne**. La XII dynastie égyptienne. In: **Archeologia**, nº 377, abr/2001, p. 37.

Uma nova capital

Uma das mais marcantes realizações do governo de **Amenemat I** foi a **edificação de uma nova capital**.

Tratava-se de capital fortificada, nas proximidades de Mênfis e do **Lago Moeris** (Fig. 180).

A cidade passou a se chamar de **Amenemat Ity-Tauy**

(literalmente “**Amenemat** conquistador das duas terras”), ou simplesmente **Ity-Tauy**.

Especula-se que o rei transferiu a capital de sua cidade natal (Tebas) por diversos motivos, tais como:

a) por receio de uma tentativa de golpe por parte da família dos **Monthuhotep**, de Tebas;

b) para ficar mais próximo do clero de **Rá**, estabelecido em Mênfis, em busca de apoio político e das antigas escolas de escribas estabelecidas em Heliópolis, à procura de apoio administrativo.¹⁴⁷

c) para ficar mais próximo das províncias do Norte,



Fig.180 - Mapa da região do Lago Moeris e da cidade de Ity-Tauy..

¹⁴⁷ **CASSIN** et **Allii**. Op. cit. p. 279.

supostamente mais refratárias ao novo poder vindo do Sul¹⁴⁸, assim como para ficar mais perto da Síria e da Palestina, a fim de facilitar os intercâmbios comerciais.¹⁴⁹

d) para melhor administrar as obras hidráulicas na reserva de El-Fayum (no Lago Moeris), visando a obtenção de novas terras cultiváveis, cujos rendimentos reforçariam o orçamento real.

A “Sátira dos Ofícios”

Foi na nova capital que se abriram escolas para a formação de futuros funcionários da administração real, escribas leais ao novo governo. Um texto que circulava nessas escolas era o **Kemit** (ou, o Livro das Instruções), mais conhecido como a **Sátira dos Ofícios**, denominação dada pelo grande egiptólogo Gaston Masperó. O seu tema: um pai conduz o filho para a escola e aproveita o ensejo para os seguintes ensinamentos:

Lê o final do livro do Compêndio e encontrarás a seguinte sentença: um escriba, em qualquer cargo da Residência, jamais sofrerá padecimento (...) Farei com que ames os livros mais do que a tua mãe (...) É a mais importante das ocupações, não há outra como ela no Egito. Mal cresce, ainda criança, ele já é saudado; enviam-lhe para transmitir mensagens antes de chegar à idade de vestir avental.

O ferreiro: seus dedos parecem garras de crocodilo e fedem mais que ovas de peixe (...). O marceneiro: seu trabalho nunca acaba;

mesmo à noite seu lume está aceso (...) O joalheiro: ao cair da tarde, seus joelhos e costas estão vergados (...) O barbeiro: trabalha até o anoitecer; só come o quanto trabalha (...) O colhedor de papiro: os mosquitos e as pulgas devoram-no (...) O oleiro: cobre-se de lama e só respira o ar da fornalha (...) O pedreiro: tem os quadris sempre doloridos, come pão e lava os dedos ao mesmo tempo (...) O carpinteiro: leva um mês para terminar o trabalho e o que ganha não basta para os seus filhos (...) O lavrador lamuria-se mais que galinha d'angola e grita mais alto que o corvo; seus dedos são inchados e fedem ao extremo (...) O tecelão na oficina é mais desventurado que uma mulher; com os joelhos contra a ventre não pode respirar direito; se ficar um dia sem tecer leva cinquenta açoites; suborna o porteiro para ver a luz do dia (...) O mensageiro vai para fora do país e, com medo dos leões e dos asiáticos, lega os seus bens a seus filhos (...) O lavador lava nas margens do rio com os crocodilos próximos; dão-lhe roupa de mulher menstruada para lavar. Eis que não há profissão sem chefe, exceto a do escriba; ele é chefe. Se souberes escrever, esta será para ti melhor que as outras profissões. Ainda te direi outras coisas para instruir-te no que deves saber. Se vires uma briga não te aproximes dos contendores. De pessoas importantes, sempre te mantenha na retaguarda, a uma boa distância. Se o dono da casa que visitares estiver com outra pessoa, espera tua vez calado. Não fales de coisas reservadas. Com um superior não profiras palavras impensadas. Ao saíres da escola, no intervalo do meio-dia, discuta a última parte da lição. Não omitas, nem acrescentes nada a uma mensagem que te foi entregue por uma pessoa importante. Não digas mentiras à respeito de tua mãe. Procure ouvir os notáveis; poderás adquirir os modos dos bem-nascidos se seguires os seus passos. Honra teu pai e tua mãe, que te puseram no caminho da vida. Que isto sirva para ti, para teus filhos, e para os filhos de teus filhos. O livro chegou ao fim.¹⁵⁰

¹⁴⁸ MELLA. Op. cit. p. 120.

¹⁴⁹ CARDOSO, Ciro F. Op. cit. p. 109.

¹⁵⁰ Tirado de ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a Eternidade: a literatura no Egito faraônico*. Brasília: UNB, 2000, p. 219-224.

As “Profecias de Neferti”, ou a Literatura de Propaganda

Ocupante ilegítimo do trono, **Amenemat I** precisou legitimar-se. Valeu-se, então, de uma literatura de propaganda, em que aparecia como o responsável pela ordem social e pelo equilíbrio da ordem cósmica. O texto começa como se a trama se passasse na época de **Snofru**, da IV Dinastia. Desejoso de saber o que estava por vir, o faraó manda chamar o profeta **Neferti**, que assim se manifesta:

Oh! Meu coração, chora esta terra, da qual tú mesmo nasceste. Calar-se é um ato nocivo, porém quem fala merece respeito. Repara, o homem grande foi destronado, na terra onde ele nasceu (...) Vou descrever-te o que está diante de mim, não predicarei nada que não vai acontecer: Ficarão secos os rios do Egito e suas águas serão transpostas à pé; buscar-se-á água para que os barcos naveguem; seu curso se converterá em terra, e a terra será convertida em água. O Vento do Sul combaterá o Vento do Norte, o céu não terá mais um vento único. Pássaros estranhos (**uma alusão aos beduínos estrangeiros**) se multiplicarão nos pântanos do delta, fazendo seus ninhos próximos da gente porque, por negligência, foi-lhes permitido que se aproximassem. As coisas agradáveis serão destruídas. Toda felicidade desaparecerá, o país cairá em tristeza, trazendo esses parasitas asiáticos que vagam pelo país. Os inimigos chegarão pelo Leste, os asiáticos descerão ao Egito. (...) Privado de artigos, sem colheitas, o que se faz é como se jamais tivesse sido feito. Confiscar-se-á os bens de um homem, dando-se-lhes a um estrangeiro. Eu te mostro o senhor na indigência, e o estrangeiro em fartura (...) Eu vejo um país empobrecido, mas seus governantes são muitos. O país está desnudo, mas seus impostos são grandes. O grão é pouco, mas a medida do imposto é grande. (...) Os homens viverão em necrópolis. O mendigo ganhará riquezas. O Grande

roubará para viver. Não existirá Heliópolis, lugar do nascimento dos deuses.

Então um rei virá do Sul, chamado **Ameny (forma familiar-carinhosa para Amenemes, ou Amenemat)**. Ele é filho de uma mulher de Ta-Seti. Alegrai-vos, oh! gentes de seu tempo. Os mal-intencionados e os conspiradores reprimirão suas palavras com medo dele. Os asiáticos cairão por sua espada, os líbios por seu fulgor, os rebeldes por sua ira. Serão levantadas as Muralhas do Soberano, para impedir a entrada dos asiáticos no Egito. Para que seus animais possam beber, eles pedirão água, como sempre. Maat voltará a seu lugar. A narrativa chegou ao fim.¹⁵¹

Senuosret I (ou Sesóstris I)

O sucessor de **Amenemat I** foi seu filho **Senuosret I** que, nos manuais de divulgação, é comumente chamado de **Sesóstris**. Especialistas como **Ciro F. Cardoso** insistem na impropriedade de se usar esse nome grego, de um personagem mitológico, fictício e tardio, no qual se associaram feitos dos faraós do Médio Reino e do Novo Reino, como **Ramsés II**.¹⁵²

Seu reinado, **de 43 anos (1971-1928 a.C.)**, é considerado por muitos como “um dos mais grandes do Egito Antigo”¹⁵³ e, em parte, confirma a afirmação de **Ciro F. Cardoso** de que “a nova dinastia (no caso, a XII) foi marcada por algumas **mudanças de certa importância** (grifo nosso)”.¹⁵⁴

¹⁵¹ Tirado de PEINADO, Federico Lara. *El Egipto Faraónico*. Madrid: Ediciones Istmo, 1991. p. 98-102.

¹⁵² CARDOSO, **Ciro F.** Op. cit. p. 107.

¹⁵³ CASSIN et Allii. Op. cit. p. 291.

¹⁵⁴ CARDOSO, **Ciro F.** Op. cit. p. 107.

Mas nunca é demais insistir que, em alguns aspectos, a XI Dinastia dos **Monthuhotep** fez mais “mudanças de certa importância” do que a XII. Na estatuária faraônica, por exemplo, a XII Dinastia, parece que **imitou** muito mais as estátuas do Antigo Reino do que os faraós da XI Dinastia. Veja-se o caso das estátuas dos reis **Quéfren**, do Reino Antigo, do faraó **Monthuhotep** (centro), da XI Dinastia, e do rei **Senuosret I**, da XII (direita). Fica evidente que este último, muito mais do que o segundo, quis retornar aos padrões vigentes no Antigo Reino.



Fig.181 - Quéfren (esq.), Monthuhotep (centro) e Senuosret I (dir.).

Se lembrarmos, ainda, que o faraó Monthuhotep mandou erguer como túmulo um templo funerário, e que os reis da XII Dinastia voltaram a construir pirâmides (Fig. 182), seria mais um motivo para

insistirmos que, em muitos aspectos, a XII Dinastia esteve bem mais próxima do Antigo Reino do que a XI.

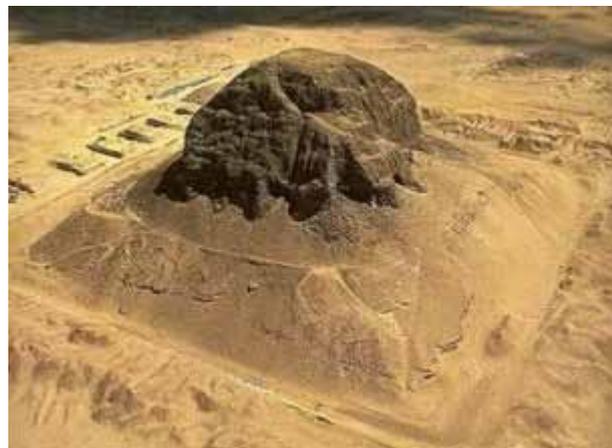


Fig.182 - Restos da pirâmide de Senuosret II, XII Dinastia.

As “Instruções para meu filho Senuosret”, ou “Não tive nada a ver com isso!”

As circunstâncias da ascensão ao trono de **Senuosret I** deram origem a um texto “sui-generis”. Trata-se do “As instruções para meu filho Senuosret” que ele mandou redigir para relatar a morte do pai, quem sabe para afastar de si alguma suspeita de envolvimento na conspiração e, também, para anunciar a seus eventuais leitores como o governante deve ser desconfiado, duro, e até mesmo meio terrorista em relação a seus súditos. É um tipo de discurso **bastante diferente**, por exemplo, daqueles ensinamentos do Antigo Reino, cujo conteúdo girava em torno dos preceitos da moderação e do autocontrole. Por conseguinte, ainda que como gênero o texto seja

uma continuidade, seu teor revela uma **importante mudança**. O texto está vasado nos seguintes termos:

Palavras de Sua Majestade, rei do Alto e Baixo Egito, **Seheteibra**, filho de Rá, **Amenhemat**, o justo de voz, quando ele falou para revelar a verdade a seu filho, o Senhor de Tudo. Ele disse: Tu que apareceste solenemente como um deus, escuta o que vou dizer-te, para que possas ser rei do país, governar as duas Margens, e aumentar seu bem-estar. **Desconfia de teus subordinados** (grifo nosso), para que não ocorra algo de cujo perigo não estás informado. Não te aproximes deles quando estiveres sozinho. **Não confie em irmão, não conheça amigos** (idem), não faça confidentes, pois em nada disso há proveito. Quando dormires, que seja só teu coração aquele que cuida de ti, pois no dia da adversidade nenhum homem tem amigos. Eu dei ao mendigo, criei o órfão, fiz prosperar ao pobre e ao rico. Mas aquele que comia do meu pão levantou-se contra mim. (...) Foi depois do jantar, ao cair da noite. Meu coração começava a seguir-me no sono quando armas destinadas à minha proteção se voltaram contra mim (...) Repara, a agressão aconteceu quando eu estava sem ti, antes que minha corte soubesse que eu colocara a mão sobre ti (**ou seja, reconhecera Senuosret como seu sucessor**), antes de eu sentar ao teu lado e poder advertir-te.¹⁵⁵

A exploração do ouro da Núbia

Uma das importantes mudanças da política externa do Egito, a partir do Médio Reino, foi a exploração da Núbia para a **obtenção do ouro**. Anteriormente, a política em relação à Núbia era a de ter acesso à

região para obter produtos exóticos como marfim e peles de leopardo. A partir de **Senuosret I** começaram a ser exploradas, pelos próprios egípcios, as minas de ouro do Sudão, o qual se converteu no mais almejado produto da Núbia.

Relações amistosas com o Norte

Já no tocante ao Norte, as **importantes mudanças** da política externa correram por conta de uma alteração das relações com as populações do atual Oriente Médio, que os egípcios chamavam de **asiáticos**. No Antigo Reino essas relações foram de enfrentamento e indisposição (veja-se o conteúdo de textos como **As admoestações de Ipu-ur** e as **Profecias de Neferti** sobre os “asiáticos”). No governo de **Senuosret I** passaram a ser de entendimento e cooperação. Como testemunhos dessa “política de regalos” são tomadas as diversas estátuas de **Senuosret I** na Península do Sinai e no Corredor Palestino, a ausência de registros de alusões aos habitantes da região como inimigos, o conteúdo das **Aventuras de Sinuhe** (um conto literário em que um egípcio viveu diversos anos como hóspede dos beduínos), além de estátuas e objetos egípcios encontrados em Creta, assim como objetos cretenses encontrados no Egito. Tais contatos, pensam alguns, ainda não eram diretos, mas intermediados pelas cidades da Síria.

¹⁵⁵ Tirado parcialmente de PEINADO, Federico Lara. *El Egipto Faraónico*. Madrid: Ediciones Istmo, 1991. p. 82-84 e ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a Eternidade: a literatura no Egito faraónico*. Brasília: UNB, 2000, p. 295-297.

Edificações religiosas: a “Capela Branca” de Karnak (Tebas)

Entre os empreendimentos de seu governo, os autores destacam as obras de restauração do templo de **Rá**, em Heliópolis, e a edificação de um pequeno templo do deus **Amon**, em Karnak (Tebas), do qual fazia parte uma capela, a chamada **Capela Branca**. No decurso de intervenções posteriores, suas pedras foram utilizadas para as fundações dos **pilones** do Templo de **Amon**, em **Karnak**. Em recentes escavações seus blocos foram recuperados e a capela remontada (Fig. 183).

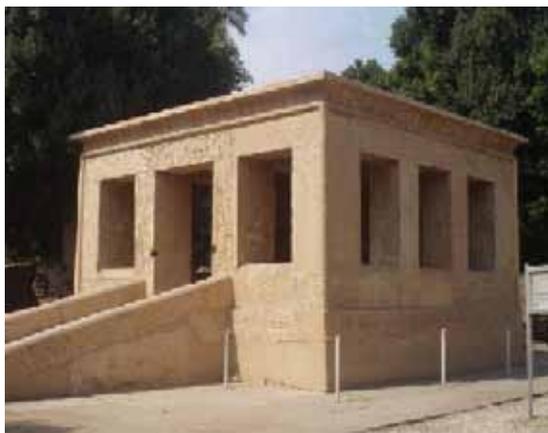


Fig.183 - A Capela Branca de Senuosret I recuperada.

A **Capela Branca** servia como uma espécie de “pavilhão de descanso”, no interior do qual o faraó repousava e se preparava para o cerimonial do **Festival Sed**. O seu valor iconográfico é imenso, pois em toda sua superfície foram feitos relevos com a descrição dos rituais e das fórmulas mágicas que acompanhavam esse festival de revitalização das

energias do faraó. Pelo detalhe da Fig. 184, em que o faraó **Senuosret I** aparece oferecendo óleos ao deus **Amon**, já transformado em **Osíris**, e com a correspondente vitalidade divina (simbolizada no falo ereto), não se deve tirar conclusões apressadas, do tipo: **Senuosret era um homossexual**. Temos que levar em conta o conjunto da obra, não apenas um recorte parcial.



Fig.184 - Detalhe da Capela Branca de Karnak.

Amenemat II: o faraó das esfinges colossais

O sucessor de **Senuosret I** foi seu filho **Amenemat II** (1228 - 1897 A.C.), o qual foi associado ao trono no final do governo de seu pai. Apesar do longo reinado de 30 anos, a documentação de seu governo é mínima. Até seus monumentos são escassos. Paradoxalmente, dele sobreviveram duas colossais esfinges. A de 4,80 m de comprimento (Fig. 185) está no Louvre e o curioso é que ela sobreviveu como sendo de **Ramsés II**, faraó do Novo Reino que se apropriou de várias estátuas do Médio Reino e colocou nelas o seu nome.



Fig.185 - Esfinge de Amenemhat II.

Senuosret II e a escassez das fontes

A mesma escassez de fontes oficiais marca o governo de **Senuosret II** (1897 - 1878 a.C.). O destaque de seu governo é a documentação encontrada nas escavações realizadas em sua pirâmide (Fig. 182) que, tal como a dos outros reis da XII Dinastia, foi construída com tijolos e recoberta com pedras de calcário, não resistindo por muito tempo. Nas escavações foram encontrados papiros com detalhes da administração que comprovam, por exemplo, que

os **cargos públicos** e as **propriedades** a eles ligadas, **eram comprados e vendidos**.

Senuosret III: a estabilidade como apogeu

Governou o Egito **por 35 anos** (1878 - 1843 a.C.). A ideia que alguns autores têm de seu governo é que o mesmo, durante o Reino Médio, foi o período de: a) máxima expansão externa; b) consolidação do poder da monarquia sobre os poderes independentes internos. Por essas razões a ideia de um **apogeu** faz parte da avaliação de muitos historiadores. **Ciro F. Cardoso** fala que “no **apogeu** (grifo nosso) da Dinastia, **Senuosret** decidiu suprimir a importância e a própria função dos nomarcas, confiando o governo das províncias a três departamentos administrativos (uáret) em Ity-Taui”.¹⁵⁶

Cassin, Botteró e Vercoutter também se alinham na mesma direção, afirmando que “sob o seu reinado foi quando o Egito do Médio Império conseguiu seu apogeu.”¹⁵⁷ O indicativo desse alegado apogeu teria sido “a supressão dos cargos de nomarca”. Outros autores preferem destacar que o que diferenciou seu governo dos anteriores foi sua ação militar na Núbia, onde estabeleceu, próximo da 2ª catarata, um sistema

¹⁵⁶ CARDOSO, *Ciro F. Sete Olhares sobre a antiguidade*. Op. cit. p. 108.

¹⁵⁷ CASSIN et Allii. Op. cit. p. 293.

de fortificações que filtrou e interditou o acesso à região a qualquer incursão que não fosse autorizada. O controle sobre a Núbia teria sido tão completo que culminou com a própria divinização de **Senuosret III** na região, até meados do Novo Reino.¹⁵⁸ Pelo que restou de suas estátuas (Fig. 186) deve ter sido um faraó muito enérgico e **severo**. É o que passa de seus traços fisionômicos.



Fig.186 - Senuosret III dentro do estilo Severo.

Amenemat III: as realizações como um apogeu

Já outros autores preferem considerar o governo de seu sucessor, **Amenemat III** (1842 - 1797 a.C.), como sendo aquele em que o governante “tendo herdado um reino rico, organizado e seguro, dedicou-se exclusivamente às grandes campanhas de paz, elevando o Egito ao mais alto grau de prosperidade.”¹⁵⁹ Esse alto grau de prosperidade

seria decorrente, em grande parte, dos **grandes trabalhos hidráulicos**, realizados na reserva de El-Fayum, que os seus antecessores teriam iniciado, mas que, com **Amenemat III**, teriam “chegado ao auge”¹⁶⁰ e sido encarados “com mais rigor.”¹⁶¹



Fig.187 - Amenemat III dentro do estilo Severo.

Uma importante mudança verificada na representação desses dois últimos faraós da XII Dinastia – **Senuosret III** (Fig.186) e **Amenemat III** (Fig. 187) – foi a substituição das imagens serenas e impassíveis dos faraós do Antigo Reino, pela de governantes com as feições **mais enérgicas, duras, contraídas** e até mesmo um tanto **ameaçadoras**. É um estilo da estatuária faraônica que poderíamos chamar de **ESTILO SEVERO**.

¹⁵⁸ CEPKO, Roselyne. Op. cit. Archeologie, mai/2001, n° 378, p. 45.

¹⁵⁹ MELLA. Op. cit. p. 126.

¹⁶⁰ CARDOSO, op. cit. p. 109.

¹⁶¹ MELLA, Op. cit. p. 128.

O 2º PERÍODO INTERMEDIÁRIO

O final da XII Dinastia

Os governos de **Senuosret III** e de **Amenemat III**, juntos, completaram **quase um século**. Os sucessores de **Amenemat III** foram faraós que assumiram o governo já com a idade avançada. Alguns autores até mesmo sugerem que esse fato pode ter contribuído para as dificuldades ocorridas no reinado dos dois últimos governantes da XII Dinastia.¹⁶² O esquema interpretativo, nesse caso, é o mesmo que alguns empregam para explicar a erosão do poder faraônico na VI Dinastia, ou seja, com a **longevidade de Pepi II**. Seja como for, o fato é que foram reinados curtos. Segundo **Manethón**, a última governante da XII Dinastia foi uma rainha de nome **Sebekneferu**, cujo nome foi encontrado num grande número de monumentos. Isso parece indicar uma demorada regência ou, também, a inexistência de um filho varão para continuar a sucessão. Foi nessa situação de indefinição que os **hicsos** encontraram o Egito, quando de sua chegada na região, **por volta de 1750 a.C.**

Os hicsos: sua origem e chegada no Egito

Mais ou menos **entre 1750 e 1720 a.C.** os egípcios perderam o controle da região do delta para um conjunto de pessoas que aí fundaram uma cidade – **Avaris** – e, mais tarde, por volta de 1640 a.C., formaram uma ou duas dinastias, que controlaram a região desde o Delta até o médio Nilo, mais ou menos até Tebas. Estes são os fatos dos quais temos uma razoável certeza. Sobre o resto ainda permanecem muitas dúvidas.

A primeira pergunta: quem eram e de onde vieram os hicsos? Os egípcios chamavam-lhes de **hecau-khasut**, que significava “governantes de terras estrangeiras”. Mas e sua etnia? A resposta mais tranquila é que seria **uma população mista**. **Ciro Flamarion Cardoso** fala que eram “asiáticos majoritariamente semitas” talvez vinculados “às migrações amoritas”.¹⁶³ **Giordani** fala em “emigrantes das estepes euroasiáticas”.¹⁶⁴ **Mella** sugere uma “mistura de semitas e indo-europeus, talvez partida do Cáucaso”.¹⁶⁵

Segunda questão: como chegaram ao Egito? Aqui a interpretação primitiva foi a da “súbita irrupção de uma orda conquistadora”, formulada por **Manethón** e por longo tempo reproduzida. Atualmente a ideia

¹⁶³ CARDOSO, Op. cit. p.110.

¹⁶⁴ GIORDANI, Op. cit. p.72.

¹⁶⁵ MELLA, Op. cit. p. 131.

¹⁶² CASSIN et AlIIi, Op. cit. p. 298.

mais aceita é a de uma infiltração inicial (1750 a.C.), seguida de uma declaração de soberania (por volta de 1720 a.C.), e, depois, da vinda de um exército para dar sustentação aos domínios conquistados.

Terceira questão: por que o Egito não pode evitar a infiltração e, depois, enfrentar o exército invasor? A explicação tradicional, nesse caso, é a superioridade de armamentos: **armas de bronze**, escudos, capacetes, armaduras e, sobretudo, os **carros de guerra puxados por cavalos** (Fig.188).



Fig.188 - Desenho do carro de Guerra do Novo Reino.

O quadro normalmente traçado é de um confronto extremamente assimétrico. Os egípcios lutando a pé, vestidos com simples saiotos, alinhados em falanges, protegidos de escudos de madeira, com flechas de curto alcance e lanças feitas de pau. Os hicsos, com o corpo protegido por couraças de metal, arcos e flechas de longo alcance e, o mais desigual, “atropelando” o inimigo com os carros de guerra puxados a cavalo. Alguns chegam até a falar em “carros de guerra puxados por cavalos que desorientaram a defesa egípcia”¹⁶⁶, ou até mesmo “arcos de longo alcance e, principalmente o **tanque**

(grifo nosso) de guerra, puxado por dois cavalos.”¹⁶⁷ Para essa antevisão de um exército egípcio sendo “atropelado” pelos hicsos, por certo que os próprios egípcios contribuíram. Ocorre que, posteriormente, quando passaram a se utilizar da mesma tecnologia, os faraós se faziam representar dessa forma, “passando por cima” dos adversários, como é o caso do faraó **Tutankamon**, da XVIII Dinastia (Fig. 189).



Fig.189 - Ilustração de uma cena de guerra, tirada do mobiliário do faraó Tutankamon, no Novo Reino.

Os hicsos no Egito: um desastre civilizatório?

Durante um bom tempo muitos historiadores inclinaram-se a aceitar a



Fig.190 - Rainha Hatsepsut

versão dos próprios egípcios, que viam a presença dos hicsos no seu país como um verdadeiro desastre

¹⁶⁶ GIORDANI, Op. cit. p. 72.

¹⁶⁷ MELLA, Op. cit. p. 131.

civilizatório. Em diversas fontes egípcias podemos encontrar esse discurso do colapso civilizatório, como no caso das crônicas da **Rainha Hatsepsut** (Fig. 190), da XVIII Dinastia, que diziam que,

Restaurei tudo o que havia sido destruído. Levantei outra vez o que antes (de mim) havia sido destruído, **desde que os asiáticos estiveram no centro de Avaris**, (grifo nosso) do Delta, e vagabundos foram em seu centro, **derrubando o que havia sido feito**, porque governavam sem Rá, e não obraram por mandato divino até (o reinado de) minha majestade (...) Tornei distantes (mandei para longe) aqueles a quem os deuses abominam e a terra dissipou seus rastros.¹⁶⁸

Outra fonte que se refere aos hicsos como um desastre civilizatório é a “Aegyptíaca” de **Manethón**. A versão que conhecemos não é do original, já que esta se perdeu no incêndio da Biblioteca de Alexandria. O que temos é uma descrição do relato de **Manethón** recolhido na obra *Antiguidades Judaicas* de **Flávio Josefo** (37-103 d.C.), que apresenta uma história dos judeus desde o Gênesis até a Guerra contra Roma. Ao se referir à permanência dos hebreus no Egito ele transcreveu uma passagem da “Aegyptíaca”, em que **Manethón** teria escrito que



Fig.191 - Retrato estimado de Flávio Josefo.

Tivemos um rei chamado Toutimaiois. Não sei como, sucedeu que no seu tempo estivesse Deus contra nós e então vieram do Oriente **uns homens de raça ignóbil** e, de tal forma, que tiveram a ousadia de invadir o nosso país e facilmente o submeteram pela força, sem uma batalha sequer. E logo que tiveram em seu poder os nossos principais, **queimaram nossas cidades, derrubaram os templos** (grifo nosso) dos deuses e maltrataram os habitantes: **mataram alguns e levaram em cativeiro os outros**, com suas mulheres e filhos.¹⁶⁹

O fato desse esquema interpretativo ter sido por largo tempo acatado, em parte teve a ver com as teses de Oswald Spengler sobre a decadência do ocidente, sendo que alguns viam nas causas dessa decadência uma presumível influência de culturas “não ocidentais”.

Os hicsos no Egito: bárbaros aculturados?

Outro esquema, muito recorrente entre os historiadores europeus situados entre o final do séc. XIX e primeira metade do século XX, foi ver nos hicsos um caso típico de **bárbaros invasores** que, frente a uma “cultura superior” que eles dominaram pela força, passaram por um processo de **aculturação**, através do qual perderam suas próprias referências culturais, renunciando de bom grado sua própria identidade.

A interpretação que se faz é que esse conceito de aculturação partia do suposto que quando duas

¹⁶⁸ In: **WILSON**, John A. La Cultura Egípcia. México: Fundo de Cultura, 1953, p. 237.

¹⁶⁹ In: GIORDANI, Mário Curtis. *História da Antiguidade Oriental*. Petrópolis: Vozes, 1963, p. 71.

culturas se cruzam, e sendo uma delas “superior” (por ser a mais “civilizada”) e a outra “inferior” (por ser a mais “primitiva”) esta última sempre acaba se rendendo aos padrões da primeira, ou seja, se “aculturando”. Diz-se, também, que esse conceito correspondeu àquele período histórico de dominação do imperialismo europeu sobre o mundo “colonizado” da América, África e Oriente.

Esse esquema pode ser identificado em historiadores de todas as nacionalidades. Um, entre tantos exemplos, pode ser o do célebre egiptólogo francês Gaston Masperó (Fig.192) (1846-1916) que, no seu clássico *Histoire ancienne des peuples de l'Orient Clássique*, editado em 1895-97, assim se manifestou sobre a presença dos hicsos no Egito:

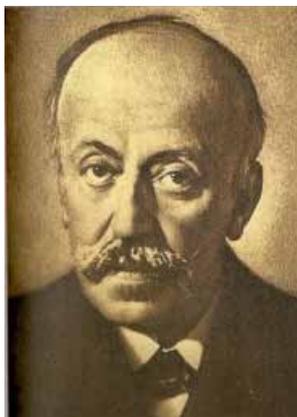


Fig.192 - Gaston Masperó.

Não obstante, ainda que os conquistadores conservassem a superioridade no plano militar, se **reconheciam inferiores** a seus súditos **em cultura moral e intelectual** (grifo nosso). Seus reis não tardaram a compreender que lhes seria mais proveitoso explorar o país que saqueá-lo e tiveram empregados indígenas nos serviços do tesouro e da administração. **Em pouco tempo os bárbaros entraram na vida civilizada.** A corte dos faraós reapareceu em volta dos reis pastores, com toda sua pompa e corte de funcionários.¹⁷⁰

Esse esquema explicativo, apesar de atualmente superado, continua sendo adotado por muitos autores contemporâneos. Esse é o caso de Federico Arbório Mella, que assim se manifesta sobre o tema:

A invasão, a primeira na história do Egito, parece que se deu sem luta. Os recém chegados, embora usando às vezes o punho de ferro dos dominadores, **não foram totalmente insensíveis a uma civilização tão superior à sua**, mas chegaram a **absorvê-la naturalmente**, pois Ciarak conseguiu todas as prerrogativas e os títulos de um faraó egípcio.

Este império foi constituído, pois, de um conjunto de cidades-estado dirigida por guerrilheiros aliados, de procedências variadas. E, por conseguinte, **sem uma civilização própria** definitiva. **A presença** no Egito destes conquistadores **não provocou nenhuma inovação** (grifo nosso).¹⁷¹

Este esquema interpretativo de Mella, em linhas gerais, coincide com os principais argumentos daqueles que se utilizam da ideia dos hicsos como “bárbaros aculturados”. As evidências de sua “aculturação” seriam:

- a) a utilização da escrita hieroglífica por parte dos chefes hicsos;
- b) a adoção e emprego, por parte dos reis hicsos, da mesma titulação faraônica;
- c) a adoção das divindades egípcias por parte dos chefes e da população hicsa;
- d) a indisfarçável fascinação pelo ritual, prestígio e formas tradicionais da função faraônica;

¹⁷⁰ MASPERO, Gaston C.C. *História de los antiguos pueblos de Oriente*. Buenos Aires, Argonauta, 1946, p. 116-117.

¹⁷¹ MELLA, Federico A. *O Egito dos Faraós*. São Paulo: Hemus, 1981, p.131.

e) e, por fim, o “emprego dos mesmos modelos artísticos, que levou ao roubo de estátuas do Império Médio”.¹⁷²

Uma ilustração “clássica” deste último argumento é o caso da apropriação, por um rei hicsu, da estátua de **Amenemat III** (Fig. 187), na qual o nome primitivo foi raspado para colocar o nome do seu “usurpador”.

Os hicsos no Egito: uma transculturação que resultou numa fecunda influência?

Essas duas linhas de interpretação – do desastre civilizatório e da assimilação de bárbaros –, já há algum tempo deram lugar a um esquema interpretativo que considera as relações entre os hicsos e a cultura egípcia como sendo de interdependência e interação cultural, e cuja implicação, para a civilização egípcia, foi de uma **fecunda influência**.

O conceito que está na base desse esquema de avaliação é o de **transculturação**. Por esse ponto de vista quando acontece o contato entre duas culturas, independente da dominação militar, tecnológica ou política, de um grupo sobre o outro, as duas culturas interagem entre si, de forma que os dominados absorvem elementos do grupo dominante, mas os dominadores também são influenciados pela cultura dos oprimidos.

Numa perspectiva histórica, o enunciado é que tal conceito se firmou a partir dos anos 50, coincidindo, pois, com o recuo do imperialismo europeu, com a descolonização da África e com o surgimento do populismo nacionalista na América.

Não por acaso, um dos primeiros autores cujas consequências da presença dos hicsos no Egito é vista como uma fecunda influência foi o norte-americano Herbert Winlock (Fig. 193) o qual, entre os anos 1912-1931, dirigiu diversas escavações no Egito, especialmente nos templos de **Monthuhotep I** e da rainha **Hatsepsut**. De volta aos Estados Unidos dirigiu o *Metropolitan Museum*, de 1932 a 1939. Em 1947, publicou o livro *The rise and fall of the Middle Kingdom of Thebes* (A origem e a queda do Reino Médio de Tebas), em cujo capítulo final, intitulado de “As contribuições dos hicsos ao Egito” foi um dos primeiros a destacar a introdução do **shaduff**, do tear vertical, do gado zebu, do costume de marcar o gado, assim como de instrumentos musicais como a lira e o alaúde.

A intensidade com que Winlock defendeu sua tese foi tal, que mesmo entre aqueles que com ela se alinharam, surgiram reparos às suas posições. Entre as críticas feitas às



Fig.193 - Herbert Winlock

¹⁷² AGUILLA, Salvador Ordonez. *Os hicsos no Egito - parte II*. In: Revista de Arqueología, nº 155, mar/1994.

suas posições esteve a de seu próprio conterrâneo e contemporâneo John A. Wilson, que assim se manifestou a respeito dos enunciados de Winlock,

com essas sugestões ele perde uma causa boa por exagerar com excesso. Só porque não conhecemos a origem de alguns elementos da cultura egípcia, não temos que atribuí-los a um povo invasor de raça e tipo desconhecidos.¹⁷³

Seja como for, com mais ou menos ênfase, o fato é que a tese da “fecunda influência” passou a ser partilhada pela maior parte dos estudiosos (exceções como Federico Mella, anteriormente citado, existem). Veja-se, por exemplo, Cyril Aldred, para o qual

Se bem que a tomada do poder supremo pelos Hicsos tenha parecido a Máneton um desastre irreparável, podemos reconhecê-lo como uma das grandes influências fecundas da civilização egípcia, pois trouxe ao vale sangue fresco, novas idéias e diferentes técnicas e assegurou ao Egito a guarda das principais correntes da cultura da Idade do Bronze.¹⁷⁴

Na mesma direção se alinha o brasileiro Ciro Flamarion Cardoso, porém dando uma ênfase maior nas inovações tecnológicas. Nas suas palavras:

o amplo contato mantido pelos reis hicsos com o Oriente Próximo favoreceram a introdução de inovações, diminuindo o atraso tecnológico do Egito em relação à Ásia Ocidental. O trabalho em bronze, que já progredira sob o Reino Médio, deu um passo à frente; os egípcios adotaram

um torno para fabricação de cerâmica mais rápido e eficiente, um tear vertical mais eficaz, o gado zebu, novas frutas e legumes e, por fim, o carro de guerra e o cavalo.¹⁷⁵

Um esquema alternativo: a “aculturação” (aparente) como um “recurso” de dominação

Um esquema alternativo pensado por alguns autores é aquele que vê a adoção de padrões culturais do povo dominado, por parte dos dominadores, não como uma efetiva “aculturação”, mas mais como uma espécie de “expediente” para reproduzir, com mais economia de recursos, a própria dominação. Em se tratando do caso dos hicsos do Egito, quem propôs esse esquema foi o alemão Edward Meyer(1855-1930) (Fig. 194), renomado professor de História Antiga na Alemanha (Berlim), Inglaterra (Harvard e Oxford) e U.S.A.(Chicago). Em seu principal trabalho *História da Antiguidade*, publicado entre 1884 e 1902, ele defendeu que



Fig.189 - Edward Meyer

Por mais que os conquistadores não se propusessem de imediato mais que saquear e explorar o país. (...) para **perceber os impostos** e administrar o país, era imprescindível o auxílio dos escribas e funcionários egípcios.

¹⁷³ WILSON, John A. *La Cultura Egípcia*. México: Fundo de Cultura, 1953, p. 239.

¹⁷⁴ ALDRED, Cyril. *Os Egípcios*. Lisboa: Verbo, 1972, p. 129.

¹⁷⁵ CARDOSO, Ciro F. *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1992, 9ª ed., p. 58.

Por consequência, os conquistadores **deveram assimilar pelo menos as exterioridades** da civilização egípcia. Os reis pastores se nos apresentam nos poucos monumentos que deles conhecemos, como continuadores dos faraós. O que **ignoramos** é o que existia por **debaixo dessa capa** (grifo nosso).¹⁷⁶

As fecundas influências na cultura material

Na perspectiva hoje predominante, que vê a presença dos hicsos no Egito como uma fecunda influência, se procura enfatizar essa contribuição em dois planos: o da **cultura material** e o da **cultura imaterial**.

No plano da **cultura material**, considera-se que “as maiores e mais discutidas inovações se centram na introdução, e conseqüente adoção, pelos egípcios, do carro de guerra e do cavalo”.¹⁷⁷

Na continuação de sua análise, o mesmo estudioso assevera que,

Para alguns, foi o “legado hurrita”, no mundo hicsu, o responsável pela introdução em massa do cavalo e do carro ligeiro. Porém, não há nada que diga que os hicsos conheceram o cavalo **antes** de entrar no Egito e que por ele suas operações fossem facilitadas. Mas tudo indica que eles usaram esta técnica bélica **só nas lutas do final de seu domínio** (grifo nosso).¹⁷⁸

No plano das inovações tecnológicas, a introdução

¹⁷⁶ MEYER, E. *História del Antigo Egito*. Coleção História Universal. Vol. I. Barcelona: Montaner & Simon, s/data, p. 366.

¹⁷⁷ AGUILLA, Salvador O. *Os hicsos no Egito-II*. In: Revista de Arqueologia, nº 155, mar/1994, p. 34.

¹⁷⁸ AGUILLA, Op. cit. p. 34.

do **shaduff** (Fig.195) também é apresentada como um “caso à parte”, devido aos avanços agrícolas que o mesmo possibilitou.

O **Shaduff**, na verdade, era um utensílio que proporcionava carregar a água, em grande quantidade, para um plano mais elevado. Com isso, é dito, puderam ser ampliadas as áreas cultiváveis, pois a água pode ser transposta para “além” do nível da inundação. Outro aspecto que alguns dão bastante ênfase é que o Shaduff podia ser **operado individualmente**. Com isso o coletivismo agrícola, necessário para as grandes obras hidráulicas, pode ser substituído por uma certa “iniciativa isolada”. Muitos vêm nisso o surgimento de um novo grupo social, os “livres” ou “soltos”, quer dizer, livres e soltos das antigas comunidades agrícolas coletivistas.

Ainda no terreno da tecnologia, um destaque muito grande é dado à **tecnologia do bronze** que, como se sabe, consistia

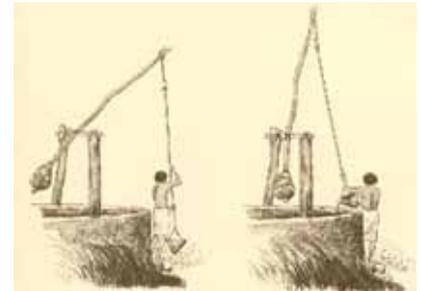


Fig.195 - Reconstituição livre do shaduff

no endurecimento do **cobre** pela sua liga com o **estanho**.

No âmbito das técnicas agrícolas, é mencionada também a introdução de uma nova raça de gado bovino “de dorso arqueado, de fonte asiática, provavelmente

trazidos de barco”.¹⁷⁹ Era uma raça assemelhada ao que nós chamamos de “zebu” (Fig. 196, pertencente à tumba de **Nackt**, escriba da XVIII Dinastia), bem mais alto e resistente que o gado egípcio tradicional, este último assemelhado ao que nós chamamos de “jérsei”.



Fig. 196 - Tumba de Nackt - gado tipo zebu.

Ainda no terreno dos aportes tecnológicos dos hicsos, são arrolados o **tear vertical**, **novos tornos de cerâmica**, além de diversas novas culturas agrícolas como a **oliveira**, a **romã** e, talvez, o **algodão**.

Ao lado dessas importantes inovações militares e agrícolas, são igualmente destacadas certas inovações que poderíamos chamar do **deleite** e do **enfeite**.

Entre as **inovações do deleite** poderiam ser lembrados os novos instrumentos musicais, que só aparecem nas pinturas e relevos das tumbas do Novo Reino. São, por isso, incluídos entre as possíveis novidades



Fig. 197 - Inherkhau e esposa ouvindo lira.

introduzidas pelos hicsos. Entre tais instrumentos estaria a **lira** conforme se pode ver na Fig. 197, tirada da tumba de **Inherkhau**, contramestre da XVIII Dinastia, que, como era costume nessa época, se fez representar em companhia de sua esposa.

Além da lira e do alaúde de braço comprido (ver na Fig. 198, tirada da



Fig. 198 - Tumba de Reckmire com o oboé.

tumba de **Reckmire**, governador e vizir da XVIII Dinastia) também é mencionado o **oboé**, instrumento de sopro com palheta dupla e tubo cônico.

Entre as inovações do enfeite os estudiosos sugerem “a **adoção do pingente**, (grifo nosso) um ornamento provavelmente de origem asiática”.¹⁸⁰ Nesse particular, abundam os testemunhos (como nas Figuras 200 e 201) que, no Novo Reino, esse tipo de joia caiu no gosto das mulheres e homens egípcios.

Essa preferência dos joalheiros egípcios do Novo Reino pelos pingentes, por outro lado, se encaixa naquela outra tendência do Novo Reino que foi o gosto pelo excesso e pelo redundante. Nesse aspecto, porém, talvez não seja razoável atribuir-se essa tendência a uma possível influência dos

¹⁷⁹ ALDRED, Op. cit. p. 130.

¹⁸⁰ AGUILLA, Op. cit. p. 34.

hicsos, mas sim ao imperialismo.

Já no terreno das repercussões da presença dos hicsos na **cultura imaterial**

dos egípcios, dois aspectos são especialmente lembrados: a) o abalo do complexo de superioridade e suas implicações; b) o sentimento de insegurança com seus desdobramentos.

Entre os historiadores que gostam de trabalhar com o pressuposto que a personalidade coletiva de um povo – que os gregos chamavam de **ethos** – tem um peso considerável na história, é muito comum se encontrar a avaliação que os egípcios eram um povo que tinha uma espécie de **complexo de superioridade** em relação aos vizinhos e outros povos. Consideravam-se o “berço da civilização”, a “morada dos deuses”, e por aí a fora. Resultava daí um certo desdém por tudo que não fosse egípcio, permanecendo impermeáveis



Fig.199 e 200 - Joias (acima) e pintura (abaixo) do Novo Reino, com pingentes.



e arredios ao resto do mundo. Com a chegada dos hicsos, e a “humilhação” da derrota, esse complexo teria sido abalado, trazendo com isso uma fecunda influência. Como diz Aguilla,

A dominação hicsa proporcionou ao Egito o incentivo e os meios para uma expressão “mundial”, estabelecendo os fundamentos e o caráter do Novo Império, como um dos Estados mais poderosos do Próximo Oriente (...) No novo modelo político que vai se impor desde a XVIII Dinastia, o rei do Egito já não se restringia aos limites territoriais do vale do Nilo, mas se convertia numa figura internacional, dominante fora dos limites tradicionais da autoridade (...) um Estado agressivo, bem diferente do Estado autárquico anterior.¹⁸¹

Outra implicação da presença dos hicsos no Egito seria a **sensação de insegurança** que daí decorreu. Aqui o esquema de interpretação parte do suposto que a presença dos hicsos produziu um abalo naquele otimismo e sensação de firmeza nos fundamentos reguladores da vida. O que teria advindo disso seria uma angustiante incerteza dentro de um mundo que passou a ser visto como caótico e anárquico. Uma implicação dessa incerteza seria o aumento do poder das divindades e dos sacerdotes. Explica-se: sob o domínio da dúvida, mais e mais as pessoas teriam começado a recorrer aos oráculos e conselhos dos deuses e sacerdotes. Especialmente ao deus **Amón**, de Tebas, que passou a receber doações cada vez mais avultadas. Como conclui Aguilla, no seu penetrante estudo sobre a presença dos hicsos no Egito,

¹⁸¹ AGUILLA, Op. cit. p. 35.

Depois da crise já não é tempo da serena contemplação do próprio mundo fechado e limitado; a traumática ampliação do Universo envolve a necessidade iniludível de dar uma ordem e uma disciplina para esse mundo. O mundo que se abria urgiu da percepção real desse conflito entre o caos e a ordem. Os hicsos, assim, proporcionaram ao Egito o arquétipo clássico do que deve ser evitado e, como tem registrado magistralmente B. Kemp, a concepção intelectual da natureza do universo coincidia plenamente com as estratégias do poder político.¹⁸²

O NOVO REINO

O Novo Reino é o período considerado por muitos, como Ciro F. Cardoso, como o “auge da riqueza e do refinamento da civilização faraônica”.¹⁸³ Suas principais dinastias foram a XVIII (1570 - 1307 a.C.), a XIX (1307 - 1196 a.C.) e a XX (1196 - 1070 a.C.). A cronologia e as datações relativas ao Novo Reino não apresentam tantas discrepâncias como os períodos anteriores. Mesmo assim não são coincidentes, de autor para autor. No presente caso adotaram-se, inclusive para os anos de governo dos respectivos faraós, as datações de Francisco Velo.¹⁸⁴

¹⁸² AGUILLA, Op. cit. p. 36.

¹⁸³ CARDOSO, Ciro F. *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1992, 9ª ed., p. 60.

¹⁸⁴ VELO, Francisco José Presedo. *Egipto durante el Império Nuevo*. Madrid: Akal, 1989.

A XVIII DINASTIA

Segundo Heródoto, a passagem da XVII para a XVIII Dinastia transcorreu sem interrupção na linhagem da família governante. **Kamósis**, o último rei da XVII Dinastia, como se sabe, foi quem começou, a partir de Tebas, o confronto com os hicsos, sendo seus feitos de campanha registrados na célebre “Estela de Kamósis”.

AHMÓSIS (1570 - 1546 a.C.): a fundação simbólica da XVIII Dinastia

A fundação da nova dinastia, por **Ahmósis**, pode ter sido um **ato simbólico**, para demarcar a expulsão definitiva dos hicsos e a respectiva conquista e destruição de sua capital. O fundador oficial, **Ahmósis**, era parente próximo (possivelmente um irmão) de **Kamósis**, o último faraó da XVII Dinastia.

A ascensão dos militares

Uma das principais fontes para a reconstituição dos acontecimentos dessa época é a tumba do “general” **Amósis**, construída na cidade de **Nekheb** (atual El-Kab), ao Sul de Tebas, perto de **Hierakonpolis**. O “general” **Amósis** era um tebano que serviu aos três primeiros faraós da XVIII Dinastia e deles recebeu muitas recompensas. Os registros

de sua autobiografia são vistos como um indicativo da ascensão política e econômica dos militares. Alguns trechos de seu relato:

Nasci na vila de Nekheb. Meu pai era comandante do rei Sekenenre (**penúltimo rei da XVII Dinastia**). Eu me tornei comandante em seu lugar (**esta continuidade da profissão paterna, por parte do filho, foi um traço peculiar da sociedade egípcia, neste caso um costume adotado também pelos militares**), no tempo do senhor Nebpehtyre (**segundo Peinado, este era o quarto nome do faraó Ahmósis**). Ele ainda era muito jovem. Não conhecia mulher e ainda dormia com suas roupas infantis (...) No assédio à cidade de Avaris, provei o meu valor. Tomei um botim e levei uma mão (**segundo Peinado, para contar o número de inimigos mortos cortava-se-lhes a mão direita que, qual um troféu, era levado ao rei**). O fato foi registrado nos anais reais e foi-me outorgado o Ouro da Vitória (**o Ouro da Vitória era um colar de ouro oferecido como recompensa aos combatentes mais destacados**). Quando tomamos Avaris capturei um total de quatro cabeças: um homem e três mulheres. Sua majestade presenteou-me-os como escravos (...) Depois que Sua Majestade massacrou os beduínos asiáticos, desceu o rio para combater os núbios (...) Sua Majestade aprisionou o chefe núbio Aata e tomou todo o seu povo como botim. Para mim recolhi dois soldados cativos do barco de Aata. Foram-me concedidas cinco cabeças (**prisioneiros**), mais cinco aruras (**“Arura” é o termo grego do “strat” egípcio. Equivalia a 2.735 m². O “general” Amósis, portanto, ganhou 13.576 m². Ou seja, perto de 1,36 Ha.**)¹⁸⁵

A ascensão das mulheres

É voz corrente entre os egiptólogos que o Novo Reino foi um período em que as mulheres governantes

brilharam mais do que nunca. São lembrados, por exemplo, os nomes de **Hatsepsut**, **Nefertite** e **Nefertari**. Uma explicação para esse prestígio das mulheres governantes é a da “pureza sanguínea”. As rainhas seriam reconhecidas como a única garantia que o governante fosse um “puro”. Segundo Cassin e outros, quando da expulsão dos hicsos, se esboçou “uma doutrina que tendia a fundamentar a legitimidade do trono sobre uma eugenesia, que pretendia exigir que o herdeiro do trono nascesse da grande esposa real e que esta, por sua vez, fosse filha de uma outra grande esposa real”.¹⁸⁶

Os mesmos autores sugerem que tal doutrina talvez resultasse do acordo firmado entre a XVIII Dinastia e o **clero de Amón**. Assim como nos cultos do Antigo e Médio Reino, o culto do deus **Amón** empregava um grande número de mulheres, controladas por uma superiora, geralmente a esposa do sumo sacerdote.¹⁸⁷ A novidade das dinastias XVII e XVIII foi a nomeação de uma dama da família real, às vezes a própria rainha, para comandar todo esse “harém” divino. Num certo sentido ela desempenhava também a função de esposa do deus, ou seja, a **representante da deusa Mut** (esposa divina de **Amón**) aqui na terra. A importância e o prestígio dessa função pode ser avaliada no caso da rainha **Amósis-Nefertari** (Fig.201).

¹⁸⁵ Texto e comentários tirados de PEINADO, Federico Lara. *El Egipto faraónico*. Madrid: Istmo, 1991, p. 107 e 256.

¹⁸⁶ CASSIN Et Allii; Op. cit. p. 196.

¹⁸⁷ GIORDANI, Mário Curtis. Op. cit. p. 81.



Fig.201 - Rainha Amósis-Nefertari.

Um texto gravado em pedra, quando de sua nomeação como grã-sacerdotiza do templo de **Mut** (que, diga-se de passagem, no complexo de Karnak funcionava como uma unidade a parte, separada do templo de **Amón**), nos dá conta dos significativos benefícios materiais

decorrentes da investidura do cargo. Diz o texto que,

No quarto mês da estação Akhet, no dia 7, sob a Majestade do Rei do Alto e Baixo Egito, Ahmósis, filho de Rá, cumpriu-se, na presença dos sacerdotes do templo de Amón, aquilo que já havia sido promulgado no Palácio Real, atribuindo à esposa divina e grande esposa real, Amósis-Nefertari, a função de Segunda Servidora do deus Amón e decretando, como de sua propriedade, de filho a filho, de herdeiro a herdeiro, os seguintes bens:

160 shena (**unidade monetária equivalente a 7,5 gramas de ouro**) de ouro; 250 de prata; 200 de bronze; aproximadamente 200 shenas em vestidos; 150 em mantilhas e 50 em unguentários. Perfazendo um total de aproximadamente 1.010 shenas (**ou seja, cerca de 7,575 quilos de ouro – 7,5 gramas x 1.010**).

Além dessas 1.010 shenas foram-lhe dados um servo e uma serva, 400 medidas de trigo e **cinco parcelas de campo** (grifo nosso). Isso tudo quando sua função, por si só, já lhe renderia 600 shenas.

Depois de concluído este documento ela declarou: “estou satisfeita com este pagamento” (...) e, em seguida, trajada com seu vestido de

cerimônia, um dos duzentos que havia ganhado, ela, junto com os Grandes da Corte, adorou o deus, em favor de Sua Majestade.¹⁸⁸

Amenófis I (1551-1524 a.C.): Ilustre e pouco lembrado

Numa dinastia com nomes de tanta expressão (**Tutmés III, Hatsepsut, Amenófis III, Akenaton**) corre-se o risco de, nas análises e avaliações, se deixar certos faraós, num imerecido plano secundário. Esse parece ser o caso do faraó **Amenófis I**.

Sua coroação parece que ocorreu antes da morte de **Ahmósis I**. Essa também é uma característica da XVIII Dinastia. A impressão que se tem é que tal iniciativa buscava garantir a continuidade na política governamental e evitar as crises sucessórias. É bom lembrar que quando da morte de um faraó, qualquer um dos filhos da família real podia pleitear o cargo.

Troca de deus = troca das terras

A difusão do culto a Amón foi outra tendência histórica que também se confirmou no reinado de **Amenófis I**. Essa expansão do culto a Amón fez parte daquilo que alguns autores denominam de

¹⁸⁸ Texto e comentários tirados de PEINADO, Federico Lara. *El Egipto faraónico*. Madrid: Istmo, 1991, p. 110-111.

“reorganização e reconstrução do país”. Templos ao deus **Amón** foram erguidos em localidades do delta, onde o culto a **Seth** (incorporado pelos hicsos) estava mais enraizado. Isso foi acompanhado de **doações de terras**, servos, pastagens e gado, aos oficiantes do culto a **Amón**. Perderam os seguidores de **Seth**, ganharam os seguidores de **Amón**.

Na arte, um novo “estilo requinte”

No Museu do Cairo existe uma cabeça de faraó (Fig. 202) que, segundo Cyril Aldred, e apoiado em comparações com relevos do mesmo reinado, trata-se de uma representação do faraó **Amenófis I**, quando jovem. A ser correta a interpretação de Aldred, teríamos que, com **Amenófis I** firmou-se também uma nova maneira de representar os faraós. É aquilo que denominamos de **Estilo Requinte**, através do qual os modeladores passaram a representar os faraós com grandes **cílios postiços** e **sobrancelhas**

que se alongam até as têmporas. Nos lábios aparece um **sorriso** e os músculos da face completamente distensionados, resultando numa espécie de “rosto



Fig.202 - Faraó Amenófis I Jovem

de boneca”. Uma interpretação sociológica-cultural procura encontrar uma relação entre esse visual, mais “requintado”, com os novos tempos de riqueza e prosperidade, consumismo e sofisticação.

Ouro e violência na conquista do Sudão

Nos registros da tumba do “general” **Amósis** consta que **Amenófis I**, para o qual o “general” também serviu, iniciou a conquista do Sudão. O Sudão, que os egípcios chamavam de **país do Kush**, era uma região que ficava entre a 2ª e a 3ª Catarata. Era por ali que o Egito recebia ébano, marfim, incenso, óleos, gado, peles de leopardo, plumas, galgos, babuínos e cereais. Assim como a cornalina, hematita, feldspato, turquesa, malaquita, ametista, granito e diorita.

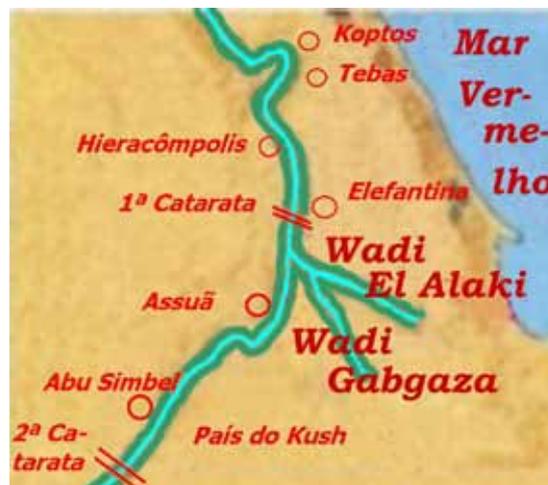


Fig.203 - Mapa do país do Kush (Núbia), atual Sudão.

Mas o principal de tudo era o ouro. O ouro vinha da região situada entre o **Wadi Alaki** e o **Wadi Gabgaza** (ver na Fig. 203). Essa era uma região que o Egito já controlava. O que a XVIII Dinastia fez foi avançar o domínio egípcio também sobre outras minas, espalhadas ao longo do Nilo, até a localidade de **Abu-Hamad**, entre a 4ª e a 5ª Catarata (mais ao Sul do mapa da Fig.203).

Nos registros do “general” **Amósis**, fica claro que, nessa época, os egípcios já tinham se afastado daqueles paradigmas do autocontrole e do comedimento (o **maat**), vigentes em textos do Antigo Reino. Segundo o relato do “general” **Amósis**,

Depois conduzi no meu barco o rei Djeserkare (o quarto nome do faraó **Amenófis I**), o justo de voz, para estender as fronteiras do Egito. Sua Majestade capturou o vil chefe dos núbios e o conduziu acorrentado. Do seu exército não sobrou nada. Os que fugiam eram trazidos de volta, junto com seus rebanhos. Fui recompensado com ouro e voltei com duas escravas como botim. ¹⁸⁹

O túmulo-capela e o Templo Milenário

Parece que foi com **Amenófis I** que se iniciou o costume de se fazer os rituais funerários em **dois locais**. Num era enterrado o corpo. No outro se erguia o que se denomina, não muito corretamente, de templo “funerário” para o culto ao rei morto. Na

verdade esse templo não era exatamente para o rei morto. O que ali se fazia, mesmo com o rei ainda vivo, era um culto destinado ao deus Amón. Nesse caso, o culto visava especialmente assegurar a eterna fusão entre o corpo do faraó e o corpo do deus **Amón**.¹⁹⁰

Amenófis I construiu seu túmulo-capela (lugar de sua múmia) arrematada em forma de pirâmide numa colina próxima de **Karnak**. Ao mesmo tempo mandou levantar seu **templo** “milenário” (para evitar a denominação “funerário”), próximo ao vale do rio, na margem esquerda do Nilo. Foi o primeiro de uma série que teve continuidade com todos os outros faraós do Novo Reino.

O começo das grandes ampliações de Karnak

Apesar de não aparecer como dos mais ilustres faraós do Novo Reino, para a cidade de Tebas, **Amenófis I** foi um faraó muito especial. Segundo Cassin e outros, em tempos posteriores à sua morte, ele foi considerado pelos seus habitantes como um de seus “heróis fundadores”. Junto com seu pai **Ahmósis**, sua mãe **Amósis-Nefertari** e sua esposa **Ahmósis-Meretanum**, foi cultuado como uma divindade tutelar da cidade.

¹⁸⁹ Tirado de PEINADO, Op. cit. p. 108-109.

¹⁹⁰ CASSIN et Allii. Op. cit. p.195.

Talvez esse título de “herói fundador” deva-se ao início da ampliação do templo de **Amón**, em Karnak, até então formado de um pequeno núcleo levantado por **Amenemat I**, no Médio Reino. Com a construção de um pórtico monumental e um monumento de alabastro, com a transcrição em relevo da procissão do barco de Amón, o templo começou a se ampliar, até se tornar, com a intervenção dos outros faraós do Novo Reino, num dos maiores complexos templares do Egito Antigo.

TUTMÉS I (1524 - 1518 a.C.): continuismo e inovações

Essa ampliação do templo de Amón, em Karnak, teve em **Tutmés I**, um notável continuador. A seu pedido, o arquiteto **Ineni** ergueu um grande vestíbulo, com dois pilones monumentais (letra A da Fig. 204), diante dos quais mandou edificar 2 colunas pilares e 2 colossais estátuas suas, de mais ou menos 7 m.

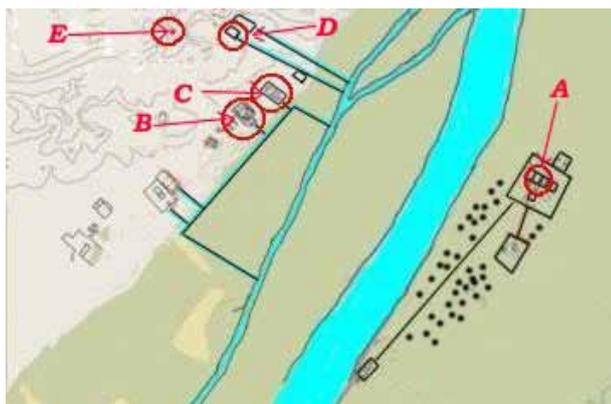


Fig.204 - Mapa dos primeiros edifícios religiosos de Tebas.

No outro lado do Nilo mandou erguer seu templo “milenário” (Letra B da Fig. 204), dando continuidade ao que havia sido introduzido por seu antecessor **Amenófis I** (Letra C da Fig. 204). Mas a grande novidade do governo de **Tutmés** foi a sua sepultura. Em vez erguer um túmulo-capela, no lado ocidental de Tebas, atrás do local onde o faraó **Monthuhotep I**, da XII Dinastia, tinha erguido seu templo (letra D da Fig. 204) ele pediu ao seu arquiteto **Ineni** que projetasse seu túmulo escavado na rocha (letra E da Fig. 204). É o mais antigo **hipogeu faraônico** que se conhece. O local, no futuro, iria abrigar a maior parte dos **hipogeus** dos faraós posteriores, possivelmente para escapar dos saques e pilhagens. Passou a ser conhecido como o **Vale dos Reis**.

No Sudão, a violência como um espetáculo

A maior parte dos manuais apresenta o início da XVIII Dinastia dentro do seguinte esquema: a) **Ahmósis** expulsou os hicsos; b) **Amenófis I** organizou o país; c) **Tutmés I** garantiu à dinastia governante “uma dimensão nacional e internacional”. O outro esquema possível é ver **Tutmés I**, como um continuador, **numa escala ampliada**, daquilo que os outros começaram. Tal como seu sucessor, ele foi coroado corregente quando **Amenófis I**, do qual não era sucessor plenamente legítimo, ainda vivia. Casou-se com uma rainha **Amósis**

(mais uma!) da qual não se sabe ao certo se era irmã ou filha de **Amenófis I**. Possivelmente uma filha.

No Sudão setentrional **Tutmés I** completou a conquista da região, **entre a 2ª e a 3ª Catarata**. Em **Tombos**, na 3ª Catarata, gravou uma inscrição de conquista. Depois disso, a região se rebelou. Quem narrou o episódio foi o agora velho “general” **Ahmósis**, que serviu também ao novo faraó. Segundo ele, diante da revolta, o seu chefe ficou “furioso como uma pantera”. E que, na sequência,

ele lançou sua primeira flecha, que terminou cravada no peito do inimigo vil. Os adversários, sem força, fugiram em decorrência da chama de seu ureus. Num instante formou-se uma carnificina e tomou-se como prisioneiros todos os que restaram. Sua Majestade navegou rio abaixo, tendo em seu punho todos os países estrangeiros, enquanto que o miserável núbio estava deprimido para baixo, na proa de seu navio. Desembarcamos em Karnak.¹⁹¹

Na Ásia, diante do rio “que corre ao contrário”

Depois da campanha da Núbia, **Tutmés I** ocupou-se com a Ásia. Segundo o que deixou gravado em pedreiras da região, “sua fronteira meridional toca os limites do Kush, enquanto que a setentrional alcança a água que corre em sentido contrário, que flui para cima”.¹⁹²

TUTMÉS II (1518 - 1505 a.C.): meio “puro” e sem carisma

O sucessor de **Tutmés I** foi um de seus filhos não completamente “puro”. Sua mãe era uma esposa secundária do rei. Os herdeiros legítimos morreram precocemente. A única “pura” que sobrou foi uma princesa de nome **Hatsepsut**. Foi providenciado, então, o casamento entre ambos. **Tutmés II** não construiu muita coisa em Karnak. Sua tumba até hoje não foi identificada com segurança. Tampouco é conhecido o seu templo “milenário”. Enfim, um governo um tanto obscuro. Talvez pelo seu tempo de governo: apenas 14 anos. Ou pela sua presumível natureza enfermiosa. Ou até pela sua carência de legitimidade. Alguns sugerem que ele, desde a posse, foi “eclipsado” pela esposa **Hatsepsut**. Pode ser de tudo um pouco. É bom lembrar, todavia, que quando o faraó tinha carisma e liderança (como **Amenemat I**, por exemplo), essa deficiência sanguínea não contava muito.

HATSEPSUT (1504 - 1483 a.C.): pacífica, articulada e poderosa

Com a morte do esposo, a rainha **Hatsepsut** (Fig. 205) assumiu o governo na condição de corregente. Isso porque, o futuro faraó (**Tutmés III**), escolhido por um oráculo de Amon, ainda era muito jovem. A rainha,

¹⁹¹ In: **PEINADO**, Op. cit. p. 109.

¹⁹² In: **PEINADO**, Op. cit. p. 109.

entretanto, não se conformou apenas com a regência. Buscou o consentimento do clero de **Amón** e assumiu o poder real, como se fosse o de um faraó. Assumiu o cerimonial faraônico, fazendo-se representar (como na Fig. 204) com o **Klaft** real, e até mesmo com o barbicacho posticho, atributo masculino por excelência.

O poder da rainha **Hat** pode ser auferido, entre outras coisas, pelo seu templo “milenário” que ela mandou levantar em Dei El-Bahari, (Fig. 206), nas proximidades do antigo templo do faraó **Monthuhotep I**, da XI Dinastia. A comparação entre os dois templos indica o tamanho do orçamento que a rainha **Hat** teve a seu dispor. O seu templo é três vezes mais amplo que o do seu predecessor. Mas não é só pela sua monumentalidade que ele impressiona.



Fig.205 - A rainha Hat em seus trajes “faraônicos”



Fig.206 - Templo “milenário” da Rainha Hat, em Dei El-Bahari.

Sua concepção arquitetônica, de responsabilidade do arquiteto **Semnut**, também foi inovadora. A existência de diversas estátuas de particulares, depositando oferendas diante das imagens da rainha, evidenciam o prestígio por ela desfrutado.

A rainha **Hat** não deu continuidade à política belicista de seus antecessores. Não realizou campanhas militares de grande porte. No seu templo “milenário” foi dado muito destaque a uma expedição marítima que fez ao país do **Punt**. Dali, entre outras coisas, foram trazidas mudas de árvores, de cuja resina do caule se produzia o incenso.

Outro destaque de seu governo foram seus colaboradores. Entre eles se destacava o “favorito” **Semnut** que construiu o seu templo e assumiu o cargo de tutor da princesa **Neferure**. Numa escultura em bloco, uma novidade artística do período (Fig. 207), a menina foi representada sob a sua guarda protetora. As “más línguas”, inclusive, insinuam que ela não era filha do rei, mas do próprio arquiteto. Junto com o também arquiteto **Thuty** e o vizir **Hapuseneb**, desenvolveram um amplo programa de restauração dos templos antigos que,



Fig.207 - O arquiteto Semnut, como “tutor” da princesa Neferure

desde a época dos hicsos, estava muito largado. Alguns autores, inclusive, consideram que isso fez parte de seu “programa” de alianças e de legitimação.

TUTMÉS III (1483-1450 a.C.): “desportista” e belicoso

No dizer de Francisco VELO, **Tutmés III** representou o “protótipo do faraó do Império Novo. Rei desportista, caudilho militar, visão universalista, enérgico e centralizador, com dotes de estadista e fomentador das artes e da cultura”.¹⁹³ É uma definição inspirada, que suscita comentários, como a respeito de sua esportividade. Algumas de suas imagens (como a da Fig. 208) sugerem que ele tinha, de fato, um corpo bem equilibrado e elegante, flexível nas articulações. Mas não se pense um **Tutmés** malhando ou jogando o que quer que seja. Os esportes que ele se retratou praticando eram as caçadas e cavalgadas. Além disso, é claro que pudemos supor uma preparação para a guerra, incluindo aí arremesso de dardo, arco e flecha, e até mesmo alguma corrida.



Fig.208 - O “atlético” Tutmés III conquistador do Retenu

Já como “fomentador das artes e da cultura” destaca-se, em especial, sua atividade construtora. Entre uma e outra de suas **17 campanhas militares**, ele se ocupou diretamente na construção de grandes monumentos. No Templo de Karnak mandou edificar a grande **Sala das Festividades** (letra A da Fig. 209), no interior da qual ficaram as paredes do primitivo templo erguido no Médio Reino. Num de seus aposentos, a chamada **Sala dos Antepassados** (transportada e reconstituída no Museu do Louvre) foi esculpido um grande relevo no qual ele aparece ofertando presentes a 57 de seus predecessores. Construiu também um grande pátio adjacente, em meio ao qual ergueu dois pilones (letra B, Fig. 209) num dos quais registrou em detalhes sua atividade militar.

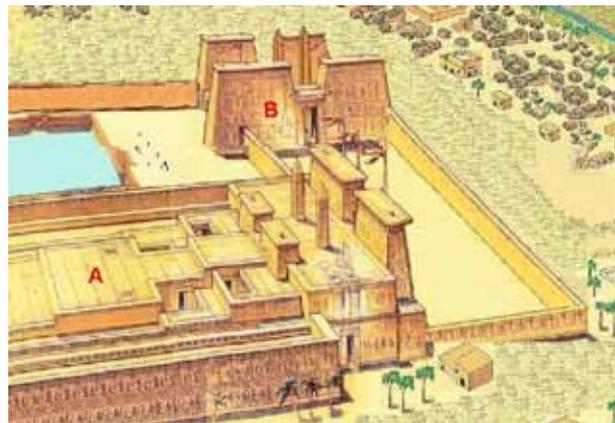


Fig.209 - Reconstituição livre do templo de Karnak com as partes erguidas por Tutmés III

No outro lado do rio ergueu seu templo “milener” e um outro de menor tamanho, situado entre os de **Monthuhotep I** e da rainha **Hatsepsut**. No

¹⁹³ VELO, Francisco José Presedo. *Egipto durante el Império Nuevo*. Madrid: Akal, 1989, p. 19.

Vale dos Reis, mandou construir seu hipogeu, nas proximidades daquele de **Amenófis I**.

Já como “caudilho militar”, (na expressão de Francisco Velo) ele revelou, antes de tudo, ter sido um grande organizador. Nos pilones de Karnak registrou todos os preparativos para as guerras que empreendeu, incluindo minúcias como a inclusão de diversos rolos de couro, para o registro dos acontecimentos. Ao longo de seu governo fez 17 campanhas no Retenu, envolvendo praticamente todas as cidades e povos da região. **Megido e Kadesh** (1ª e 2ª campanha), **Síria** (3ª guerra), **Naharina** (7ª campanha), **hititas e babilônicos** (8ª incursão), **Alepo** (10ª guerra) e **Líbano** (13ª campanha). Sua ação político-militar, entretanto, não ficou só no emprego da força. Seus “dotes de estadista”, lembrados por Francisco Velo, se apresentaram no curso das próprias guerras.

Para o Retenu: uma política de “reféns políticos”

Quando da 6ª campanha, consta que ele recomendava a **captura dos filhos dos chefes locais**. No dizer de seus escribas: “quando morriam os chefes, Sua Majestade fazia com que seus filhos ocupassem seus lugares”.¹⁹⁴. Tratava-se, como se pode ver, de

uma verdadeira **política de egipcianização** das lideranças do **Retenu**. Esses príncipes capturados, ao que se pensa, eram destinados ao Egito, onde seriam educados à moda egípcia. Pensava-se que, quando assumissem o governo de suas cidades, seriam vassalos mais dóceis à dominação egípcia. Não podemos avaliar até que ponto essa política deu certo. A contar pelas dificuldades que os futuros faraós tiveram no Retenu, parece que seus resultados não foram muito animadores.

AMENÓFIS II (1453 - 1419 a.C.): bravateiro e “político do terror”

Se **Tutmés III** foi um “desportista”, podemos dizer que seu filho e sucessor, **Amenófis II**, foi um tanto **bravateiro**. Quando ele assumiu o trono, o Retenu se rebelou. Isso o forçou a intervir com seu exército na região. Nessa ocasião mandou lavrar uma “estela” em que, entre outras coisas, deixou dito que “não existe ninguém que possa vergar o seu arco, nem entre os do seu exército, nem entre os chefes beduínos, tampouco entre os príncipes do Retenu. Sua força é maior que qualquer príncipe que já tenha existido”.¹⁹⁵ Como se vê, a modéstia e o **maat** não eram o forte de **Amenófis II**.

¹⁹⁴ VELO, Op. cit. p. 20.

¹⁹⁵ VELO, Op. cit. p. 22.

Para o Retenu: uma política de “terror”

Como tática de controle da região, adotou o **terrorismo**. Capturou sete príncipes da região. Conduziu-os ao Egito, até a cidade de Tebas, dependurados na proa do seu navio. Frente ao altar de Amón, seis deles foram sacrificados. O que sobrou serviu para uma outra demonstração de terror. Foi levado até a Núbia, dependurado de cabeça para baixo na proa de um navio real, e ali sacrificado. Quando se diz que os egípcios eram pessoas pacíficas e amistosas, é bom não se esquecer de episódios como esses. Na outra vez que voltou ao Retenu, no dizer de seus escribas “seu rosto era terrível, como o de Bast, ou como o de Seth, em seus momentos de fúria”. O interessante é que no seu “retrato” oficial (Fig.210) não é bem isso o que aparece. O seu rosto foi representado como o de um jovem benevolente, até mesmo com um sorriso de cordialidade. Se ele tinha realmente uma cara de “furioso”, como disseram seus escribas, nos seus “retratos” oficiais isso era muito bem disfarçado. Quando isso acontece, quer dizer, quando a arte manifesta o **contrário do real**, é dito que a arte tem um **conteúdo ideológico**, no sentido marxista do termo. Para Marx, a ideologia é aquilo que **subverte e distorce a**



Fig.210 - O Rei Amenófis II, um rosto afável para um caráter violento.

realidade, apresentando as coisas justamente como o seu contrário, como se estivessem na “câmara escura” de uma máquina fotográfica.¹⁹⁶

Amenófis II foi um verdadeiro rapinador do Retenu. Numa de suas últimas campanhas mandou registrar o que trouxe da região conquistada,

127 grandes do Retenu, 179 irmãos de príncipes, 3.600 hapirus (**que os especialistas discutem entre si, uns defendendo que se tratava de hebreus, outros achando que não**), 15.000 beduínos, 15.070 nagishu e 30.632 sem identidade. Total: 89.600 pessoas. Mais 60 carros de prata e ouro e 1.032 carros de madeira pintada.¹⁹⁷

Ao final desse relato consta que “a rainha o admirou”. Deve ter sido pelos presentes que ele trouxe para ela. Pelo sarcófago que para ela foi produzido (Fig. 211), que foi localizado em sua tumba, dá para ver que também ela foi uma mulher de muitas posses. Com tantos recursos rapinados do Retenu, a atividade construtora de **Amenófis II** foi intensa. Ocupou-se da ampliação de Karnak, de edificações em várias cidades do Norte,



Fig.211 - Sarcófago da Rainha: muito luxo com o saque do Retenu

¹⁹⁶ MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991, p. 37.

¹⁹⁷ VELO, Op. cit. p. 24.

assim como de cidades da Núbia. O seu templo “milenário”, da mesma forma que o seu hipogeu no Vale dos Reis, indica que foi um faraó de muitos recursos.

TUTMÉS IV (1419 - 1380 a.C.): diplomacia com casamentos “políticos”

Do seu governo, dois fatos se destacaram. Primeiro foi a sua indicação para o trono. Não veio do clero de **Amón**. Veio do **clero de Rá**, sediado em Mênfis. O faraó deixou isso registrado numa Estela que mandou depositar nas patas dianteiras da esfinge (Ver Fig. 124). Como os demais faraós da XVIII Dinastia fez questão de se representar junto com a mãe (Fig. 212). De certo para mostrar que era um “puro”.

Na política exterior de seu governo, destaca-se a **solução diplomática**. O equilíbrio entre os grandes impérios que disputavam o **Retenu** (Egito, Hititas, Mitanis) parece que induziu, pela primeira vez na história, a formação de uma espécie de **direito internacional**. Tratados de paz começaram a ser celebrados entre o Egito e o reino de Mitani.



Fig.212 - O Rei Tutmés IV ao lado da mãe, de onde provinha “sua pureza”.

Para o Retenu: uma política de “casamentos”

Para selar esse acordo, que de algum modo tinha a ver com a “solução para o Retenu”, o faraó **Tutmés IV** celebrou seu casamento com uma **princesa de Mitani**. Essa princesa veio residir em Tebas, na condição de **embaixatriz** do seu país. Um cortejo real, religioso e mercantil veio junto com ela. Era o Egito se abrindo para o mundo. Tebas se transformando numa capital “mundial”. Com todas as implicações culturais daí decorrentes, entre elas o rompimento da antiga homogeneidade da cultura egípcia.

AMENÓFIS III (1380 -1349 a.C.): apogeu e grandiloquência

Do seu reinado se diz que correspondeu “ao máximo de esplendor da cultura egípcia, em todos os seus aspectos”.¹⁹⁸ A riqueza acumulada durante quase três gerações, a rapina do Retenu e a apropriação das fontes de produção da Núbia viabilizaram um governo de grandes realizações. Em **Karnak**, a sua atividade construtora foi mais ampla que a de todos os seus antecessores, somadas.

No perímetro original ampliou o número de pilones. Em direção ao rio 2 deles (letra A da recriação da Fig. 213) e mais 2 na direção Sul (letra C, idem). Assim

¹⁹⁸ VELO, Op. cit. p. 26.

como seus antecessores e sucessores também mandou prontificar os seus obeliscos (letra B, idem).

Os **obeliscos** eram blocos de pedra que simbolizavam muitas coisas. Entre elas o **primeiro raio de sol, surgindo das trevas primordiais**.¹⁹⁹ Serviam também para indicar as horas, solstícios, equinócios, etc.

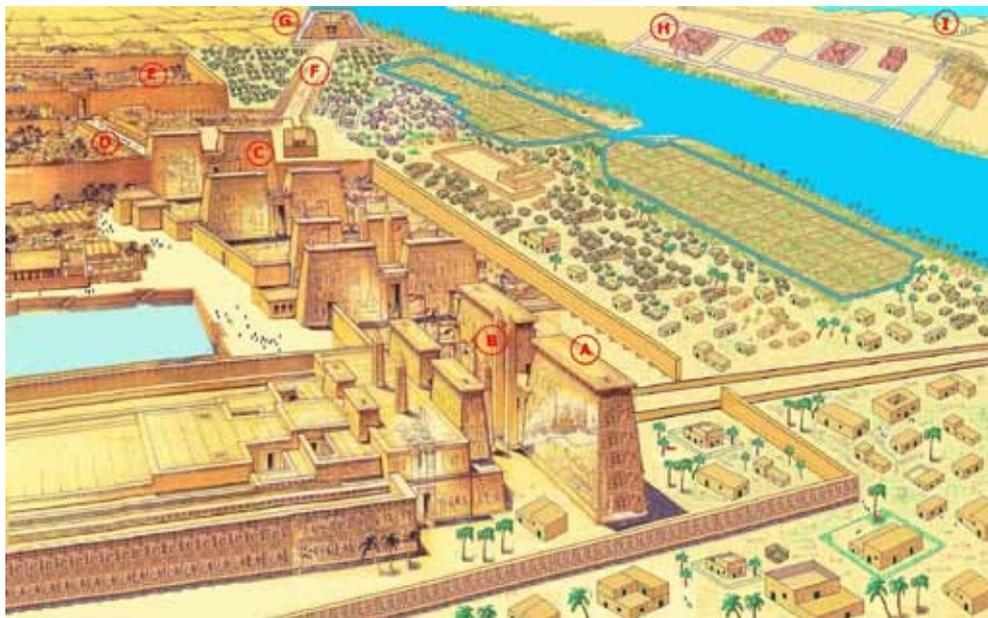


Fig.213 - Reconstituição livre do Templo de Amón, em Karnak, com as edificações de Amenófis III

Os pilones meridionais (letra C, da Fig. 213) passaram desde então a se constituir como um dos limites simbólicos entre a casa de **Amón** e a casa

de sua divina esposa, a deusa **Mut**, para a qual **Amenófis III** mandou erguer **um templo próprio** (letra E, idem), de grandes dimensões, e separado do templo de Amón propriamente dito. Entre os dois templos foi planejada uma **grande Avenida de Esfinges** (letra D).

Mais ao Sul construiu um novo santuário, o **Templo**

de Luxor (letra G), o qual se ligava ao complexo de **Amón e Mut** pela **Grande Avenida** (letra F), também constituída de esfinges de diversos faraós. Era nesse **Templo de Luxor** que as estátuas de **Amón** e de sua esposa **Mut**, depois de retiradas dos seus respectivos templos e de percorrerem num grande festejo a Grande Avenida, se encontravam para manter os seus “contatos íntimos”. Isso ocorria na **Festa de**

Opet, que assinalava o começo do ano egípcio. Era uma espécie de “carnaval”, quando a Grande Avenida se transformava como que numa grande passarela.

¹⁹⁹ Uma influência de longa duração dos obeliscos, permeada naturalmente de outros simbolismos e significados adquiridos ao longo do tempo, talvez possa ser detectada no ideário dos farrapos, aqui no Rio Grande do Sul. Não é gratuito, por exemplo, que uma grande parte dos monumentos celebrativos à Revolução Farroupilha sejam de obeliscos. Pode até mesmo que as primeiras duas estrofes, do Hino Farroupilha (“Como a Aurora precursora, do farol da divindade”), tenham sido inspiradas nesse significado egípcio do obelisco de “primeiro raio de sol, surgindo das trevas primordiais”.

As Grandes Personalidades

Amenófis III, no dizer de Francisco Velo, foi um governante que não precisou anular aqueles que

o cercavam. Entre as várias personalidades de sua corte, duas delas se destacaram, a rainha **Tyi**, também chamada de **Teje**, e o conselheiro **Amenotep**.

A rainha **Tyi**, descendente de uma família provinciana, foi



Fig.214 - A Rainha Tyi e seus signos de luxo e ipulência.

bastante obsequiada, tendo o seu nome colocado ao lado do rei, em objetos, e muito representada em monumentos oficiais. Ganhou para si nada mais nada menos do que um templo “milênar”. As joias que ela usava (ver na Fig. 214) falam com muita eloquência do requinte quase que exagerado que vigorou nessa época. Mas não era só nas joias que a grã-finagem imperou na corte de Amenófis III. Como dizem Cassin e outros, ao se referirem aos padrões culturais que vigoravam na corte de **Amenófis III**:

a vida desta corte engalanada, com amplas vestimentas sabiamente pregueadas (**como as da Fig. 215**) é mais refinada do que nunca. Os artesãos fabricam uma multidão de encantadores objetos familiares, a indústria do vidro e da cerâmica experimentam um desenvolvimento sem precedentes.²⁰⁰



Fig.215 - O requinte da corte de Amenófis III nos trajes.

(figuras gigantes do rei, do deus Amón e de outros deuses). Esse estilo de estatuária, que nós chamamos de **monumental**, foi muito apreciado na governo de **Amenófis III**. Na frente do seu templo “milênar”, o mais grandioso e espetacular de todos que foram levantados (Letra H da reconstituição da Fig. 213), foram produzidas duas dessas estátuas colossais de **Amenófis III**, pesando cerca de 700 toneladas. É o eloquente atestado da tendência ao gigantismo que a estatuária faraônica assumiu no seu governo (Fig. 216).

Dessa corte engalanada também se destacaram a princesa **Mutemuya**, de Mitani, e a irmã do rei **Enlil**, da Babilônia. Faziam parte daquela política de tratados diplomáticos iniciada por **Tutmés IV** e que **Amenófis III** ampliou ainda mais.

²⁰⁰ CASSIN, Elena; BOTTÉRO, Jean e VERCOUTTER, Jean. *Los impérios del Antiguo Oriente II: El fin del Segunda milénio*. México: Siglo XXI, p. 213.

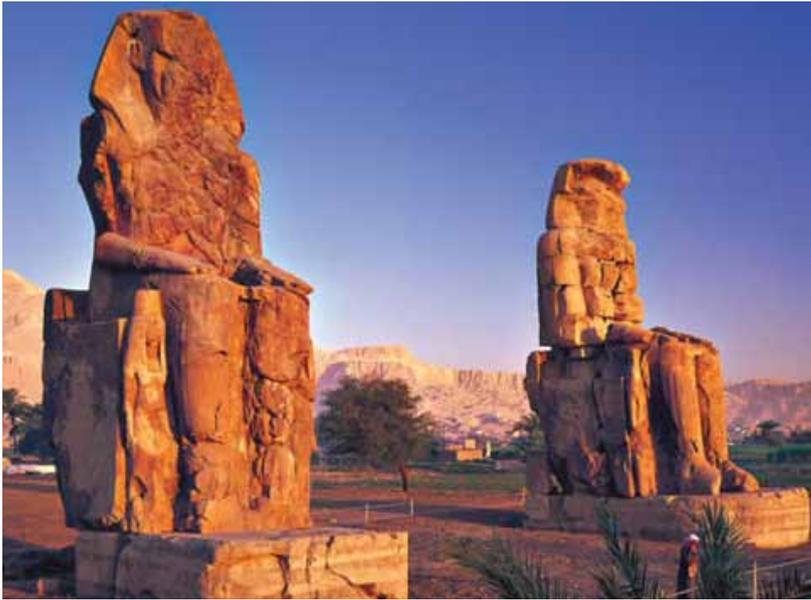


Fig.216 - Os dois colossos do templo "milénar" de Amenófis III.

O culto ao disco solar: o começo da crise

Num reinado tão pleno de realizações e novidades, não faltaram inovações no terreno religioso. Segundo VELO, "ao longo do reinado de Amenófis produziu-se um fenômeno religioso muito importante, que foi a adoração do deus **Ra-Harackte**, de Heliópolis, como o disco",²⁰² quer dizer, como um deus diferente das demais manifestações de **Rá**. Na interpretação do referido autor, isso representou "nada mais que a universalização

das crenças religiosas por uma sociedade que se tornou mais cosmopolita e mais aberta às influências estrangeiras".

Sua política para o Retenu também incluiu a **troca de populações**. A do Egito para o Retenu, na condição de "colonos". A do Retenu trazida para o Egito, para trabalhar como escravos nas obras públicas. A **escravidão**, na sua época, também alcançou seu apogeu, mas sem que tenha se transformado num **escravismo**.²⁰¹

AMENÓFIS IV (1350 -1334 a.C.): o Aqueaton do Monoteísmo

O sucessor de **Amenófis III** foi um de seus filhos com a rainha **Tyi**. Foi entronizado em 1350 a.C., com o título de **Amenófis IV**. Em seus primeiros cinco anos de reinado permaneceu fiel às tradições. Rendeu homenagens aos deuses tradicionais, especialmente a **Amón**. Assumiu integralmente o posto de primeiro profeta do deus tebano. No santuário de **Karnak**, na avenida que ligava o templo de **Amón** ao da deusa

²⁰¹ Essa é uma distinção necessária de ser feita para se evitar uma avaliação incorreta na real natureza da sociedade egípcia. "Escravidão" deve ser entendida como uma condição humana a que **certos** indivíduos de uma sociedade são submetidos. "Escravidão" serve para designar um sistema socioeconômico apoiado majoritariamente em escravos. Assim, numa determinada sociedade, pode haver escravos, sem que exista escravidão. Nesse caso os escravos são usados em apenas alguns setores da sociedade (obras públicas, escravos domésticos), sem que formem a base do próprio sistema produtivo dessa sociedade. Esse era o caso do Egito.

²⁰² VELO, Op. cit. p. 27.

Mut, mandou executar diversas esfinges, com seu rosto no corpo de um carneiro, a encarnação de **Amón**.

Entre o quinto e o sexto ano de seu reinado a crise se instalou. Por motivos ainda incertos, o faraó decidiu que o deus da monarquia deveria ser um só. E mais, que não deveria ser nenhum dos deuses tradicionais (**Rá**, **Ptah**, **Amón**, etc.). Declarou-se profeta e seguidor de **Aton**, passando então a chamar-se de **Aquenaton**.

Na estatuária, o estilo “caricatural”

Tempos depois mudou de cidade, instalando sua corte na cidade de **Aquetaton** (atual aldeia de **Amarna**), que ele ordenara a construção. Levou consigo um grupo de gente nova, não muito ligada aos cleros tradicionais. Em meio a tantas mudanças, a arte também se transformou. Assumiu um estilo que se pode chamar de **caricatural**. Os modeladores passaram a representar as figuras humanas com uma aparência um tanto assombrosa: torsos de pessoas frágeis, quadris largos, pernas delgadas e tortas. De outro lado, as cenas religiosas passaram a assumir **um conteúdo mais humano e familiar**.



Fig.217 - O rei, a esposa e as filhas, todos envolvidos pelos raios do sol.

Aquenaton e a rainha **Nefertite**, aparecem sempre juntos, oficiando as cerimônias de ofertantes ao deus Aton, acompanhados das filhas (Fig. 217).

Mesmo nas representações oficiais do faraó esse estilo **caricatural** prevaleceu. Em certas figuras do rei, o rosto é de um prognata (maxilar inferior saliente), as bochechas são chupadas, as orelhas muito grandes e a boca muito rasgada (Fig. 218). Em suma, os artífices dessas estátuas adotaram o mesmo procedimento que até hoje adotam os caricaturistas quando exageram propositadamente os traços físicos que mais caracterizam o modelo caricaturado



Fig.218 - O Rei e o estilo caricatural.

(o cabelo do Lula, o bigode do Olívio, dentes do Ronaldinho Gaúcho, etc.).

Uma questão em aberto é por quais razões os artistas passaram a representar os membros da família real dessa forma. Tem a questão da **coerência**. Se o faraó rompeu com a religião tradicional, de onde vinham as regras e os cânones da representação da figura humana, é natural e coerente que a nova religião também buscasse uma nova forma de representar.

Mas ainda fica uma questão: por que o **aspecto andrógino** e não um outro qualquer? Bem, pode ser porque a família de Aqueaton tinha esse aspecto. Outros lembram que os traços andróginos podem ter sido usados como símbolos. No caso, símbolos da própria essência de Aton “pai e mãe de todas as criaturas”.

Tem ainda o **aspecto social**. Muitos cortesões da cidade de Aqueaton proclamavam que o rei os tinha “tirado do nada”. Pode ser porque ainda eram bastante jovens. Jovens, então, também seriam os artistas. E como todos os jovens, talvez gostassem de experimentar coisas novas.

É uma pena que a maior parte das obras de arte desse período não sobreviveu ao reinado de **Aqueaton**. Depois que ele morreu, o seu sucessor reatou com o clero de **Amón**. Sucedeu então uma feroz repressão. A cidade de **Aqueaton** foi **pilhada e arrasada**. Quebraram quase tudo. As pedras foram reutilizadas. Em Tebas, aquelas esfinges que o rei mandara fazer foram todas decepadas, só ficando com o corpo de carneiro. Aquilo que se salvou foi quase que por acaso. Quando da destruição, os iconoclastas (quebradores de imagens), se concentraram nos palácios e templos. Esqueceram de vistoriar as oficinas em que se produziam as imagens. Numa dessas oficinas sobraram muitos modelos em gesso, que, ao que tudo indica, serviam para ser “transcritos”

posteriormente para a pedra. Foi entre esses modelos que uma equipe alemã, que realizava prospecções em Amarna, encontrou o célebre **Busto de Nefertite** (Fig. 219) que é, hoje, o mega ícone do Museu de Berlim, visitado anualmente por cerca de 1 milhão de pessoas, das quais 90%, respondendo a uma enquete, disseram que sua visita ao museu devia-se ao referido busto. É a força de uma imagem. A aura de um ícone. Existem lugares e museus que entendem não ser necessária a construção de seus ícones.

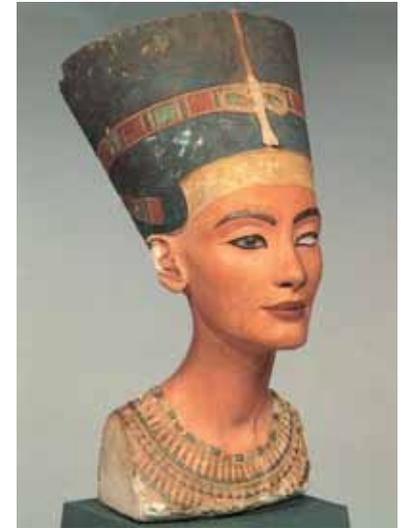


Fig.219 - O busto ícone de Nefertite

Sobre esse período da história do Egito Antigo, outra questão em aberto é aquela que se refere às possíveis **razões para a implantação do monoteísmo**.

Uma das hipóteses é a da **disputa com o clero de Amon**. Por essa explicação, o que **Aqueaton** pretendeu foi diminuir a influência do clero de **Amón** nos assuntos de governo.

Outra hipótese é a **universalidade e onipresença necessárias**. Por essa explicação, **Aqueaton** e

TUTANKAMON (1334 - 1325 a.C.): o único hipogeu intacto

o círculo que o cercou teriam se dado conta que a arrogância imperialista de seus antecessores não dera bons resultados. O monoteísmo, teriam pensado, poderia facilitar a união de todos os povos do império sob a égide de uma só religião. E para tanto foi necessário mudar a concepção das divindades. De **divindades locais**, que supunham a necessidade de uma localidade, passou-se a uma concepção de divindade onipresente, ou seja, que pudesse estar ao mesmo tempo em todos os lugares.

Existe também a hipótese que a reforma religiosa passou muito pelo **misticismo pessoal de Akenaton**. Nessa perspectiva, **Akenaton** teria sido uma dessas pessoas que compensou uma debilidade física com uma **sensibilidade** superapurada, própria dos grandes **criadores de religiões**.

O governo de Akenaton, na história do Egito, se destaca pelo inusitado. Mas para a história da presença do Egito nos assuntos mundiais da época foi quase um fracasso. Foi um governo fechado, voltado só para dentro. Descuidou-se do **Retenu**. Perdeu quase tudo o que os seus antecessores haviam conquistado. Ao final de seu governo, o Egito estava menos rico e mais desorganizado.

A sucessão de Akenaton não é muito conhecida. Parece que, depois da sua morte, houve um curto governo de seu corregente. Mas quem o sucedeu, de fato, foi seu meio-irmão **Tutankamon**, com cerca de dez anos de idade. Sua pouca idade fez com que o governo de fato fosse exercido pelo seu tutor **Ay** e pelo general **Horemheb**. Permaneceu em **Aketaton** por dois ou três anos, com o nome de **Tatancaton**. Depois trocou de nome, assumiu como **Tutankamon** e transferiu a sede de governo para Tebas. Sua pouca idade fê-lo um governante um tanto afastado das decisões mais cruciais. Quem costurou a reaproximação da monarquia com o clero de Amón foram o **General Horemheb** e o seu tutor **Ay**. No panegérico de governo, o destaque recaiu nas obras de restauração daquilo que havia sido abandonado na época de **Akenaton**. Teria sido um desses tantos faraós meio obscuros que a história do Egito encerra senão fosse a **espetacular descoberta, em 1922**, de seu túmulo, encravado no Vale dos Reis. Foi o único túmulo faraônico encontrado intacto, com todo o seu conteúdo preservado. Trata-se de um conjunto de peças que, ao ser descoberto, estava todo em desalinho, o que leva a supor-se que o túmulo já havia sido violado, mas os invasores não retiraram, ou não puderam retirar, as peças do local. Sua descoberta foi feita pelos ingleses **Lord Carnarvon**, um “arqueólogo”

amador, e seu colaborador **Howard Carter** (Fig. 220).

Em 1914, Carnavon havia adquirido uma concessão para escavar o Vale dos Reis dada ao milionário americano chamado Davis. Passaram anos sem encontrar um “tesouro” importante.

Desde que **Schliemann**

encontrara

Troia, ao final do século XIX, o que contava eram os “tesouros”. A descoberta foi aos poucos. Primeiro descobriram a escada que leva à entrada do túmulo, entulhada de pedra. Desentulharam-na e chegaram à porta de entrada. Teve-se, então, que esperar. O chefe do empreendimento, Lord Carnavon, estava na Inglaterra, e o contrato previa sua presença quando da abertura de um túmulo. Chegado o Lorde, abriu-se a porta e a primeira surpresa: ela já tinha sido “visitada” por ladrões. Estes, todavia, não puderam levar muita coisa. Depois de sete semanas chegaram à câmara do sarcófago. Segundo o próprio Carter, “ao primeiro relance convencêmo-nos de que ali se encontravam



Fig.220 - Howard Carter (esq.) e Lord Carnavon (dir.), em 1922.

os maiores segredos do túmulo. Perto da parede, exatamente em frente da entrada, encontrava-se o mais belo monumento que nos foi dado contemplar”.²⁰³

O “mais belo monumento”, a que Carter se referiu era um grande sarcófago, com a máscara do rei revestido em ouro (Fig. 221).



Fig.221 - Máscara de ouro do túmulo de Tutankamon Cairo.

Aí começou a confusão com o governo egípcio. Quem ficaria com o quê? Só no outono de 1925, o sarcófago foi aberto. No seu interior havia um outro caixão. Este, por sua vez, continha mais outro (Fig. 222), pesando 200 quilos de ouro. Uns falam até em 400. Isso para um faraó quase menino. O que não teria no sarcófago de um **Amenófis III** ou de um **Tutmés III**?



Fig.222 - Sarcófago de ouro de Tutankamon, pesando 220Kg.

²⁰³ GRIMBERG, Karl. *História Universal*. Vol. I. Lisboa: Publ. Europa-América, 1963, p.113.

Horembeb: o final da XVIII Dinastia

Com a morte de **Tutancamon**, a XVIII Dinastia restou sem continuidade. Na falta de herdeiros legítimos abriu-se uma feroz disputa pelo poder, que só gerou distúrbios e corrupção. Foi nesse contexto que se destacou a figura do general **Horembeb**. Tinha vivido em Aquetaton e se tornara um poderoso (ele mesmo se dizia “o maior dos maiores, o mais poderoso dos poderosos, general dos generais”). Apoiado no exército, e também no clero de Amón, casou-se com uma “pura” (descendente dos **Amenófis**). Com tanto apoio foi coroado faraó, continuador da dinastia, apesar de não ser da família real.

Logo que subiu ao trono comandou a demolição de Aquetaton. Recomeçou a ampliação e restauração de Karnak. Ali levantou um pilone no qual gravou seus atos de governo, dedicando um capítulo especial para sua reforma do Judiciário. Segundo Mella “cominou penas gravíssimas contra os corruptos e funcionários ladrões cortes do nariz, como também contra os juízes comprados, com golpes de bastão e exílio”.²⁰⁴ Fez ainda uma reforma administrativa, dando garantias para que os funcionários não se corrompessem.

²⁰⁴ MELLA, Op. cit. p. 201.

Seti I (1291 - 1279 a.C.): a Sala Hipostila de Karnak

Horembeb não teve filho homens. Por isso, preparou sua sucessão da seguinte forma: deixou o governo para um aliado seu, o também general **Ramessese**. Com o nome de **Ramsés I**, este último inaugurou a nova dinastia. Como já era avançado nos anos, casou um filho seu, o futuro **Seti I**, com uma **filha de Horembeb**, e foi tratar de construir seu hipogeu.

O novo rei, **Seti I**, dedicou os três primeiros anos de seu governo para a reconquista do Retenu, recuperando “dois terços do império de Tutmés III”.²⁰⁵ Agradecido aos deuses, prodigalizou recursos aos seus respectivos santuários. Em **Abydos** construiu aquele em cujo interior de uma de suas capelas (são sete ao todo) mandou gravar em relevos as célebres **Tábuas de Abydos**, nas quais ele aparece fazendo sacrifícios a 76 de seus antecessores. É uma importante fonte para a reconstituição da listagem dos reis egípcios.

Em **Karnak** ergueu a **Grande Sala Hipostila**, Segundo Mella, “o edifício mais imponente construído no Egito depois das pirâmides”. Numa superfície de 5.000 m² (105 x 53), foram erguidas 134 grandes colunas, as 12 do centro “com uma altura de 20,3 m e com capiteis de 15 m de circunferência”.²⁰⁶

²⁰⁵ MELLA, Op. cit. p. 204.

²⁰⁶ MELLA, Op. cit. p. 204.

RAMSÉS II (1290 - 1224 a.C): o Faraó do Êxodo e Esplendor

O sucessor de **Seti I** foi seu filho **Ramsés II**, que subiu ao trono bastante jovem (cerca de 18 anos) e governou por 68 anos. Um governo de longa duração e de grandes empreendimentos. Talvez possa ser incluído para formar, ao lado de **Queóps** e **Quéfren**, da IV Dinastia, de **Amenemat III**, da XII, e de **Amenófis III**, da XVIII, o quinteto dos faraós que fizeram as mais grandiosas construções do Egito Antigo. Em Karnak mandou concluir a Grande Sala Hipostila do pai, e ergueu os seus dois maiores pilones.

Em todos os templos por ele construídos (**Luxor**, **Karnak**, **Abydos**, **Dendera**, **Abu-Simbel**, etc.) um tema que ele sempre fez questão de repetir foi a sua guerra com os hititas, na célebre **Batalha de Kadesh**. Tanto quanto seu confronto com os hititas, famoso também ficou seu tratado de não agressão com esse mesmo país. Tal tratado foi proposto pelo rei **Hattusili III**, que estava ameaçado pelos mitanis e pelos assírios e não queria combater em duas frentes. No 22º ano de seu governo o tratado foi celebrado, e no 35º ele foi referendado pelo casamento de Ramsés II com uma princesa hitita que recebeu o nome de **Maet-Neferura**.

Casamento foi o que não faltou na longa trajetória de **Ramsés II**. De suas várias esposas, e mulheres

secundárias, nasceram 111 filhos e 51 filhas. Isso os declarados oficialmente. Imagine-se, agora, os genros e noras, netos e bisnetos. Uma família-cidade.

De todas essas mulheres, uma gozou de especial atenção, e até mesmo devoção, por parte do rei. Foi a rainha **Nefertari**, outra mulher de muito poder na história do Egito Antigo. Para a fusão de seu Ka no corpo do deus Osíris, foi-lhe proporcionado o primeiro e nunca superado **hipogeu feminino** colocado no local que posteriormente passou a ser chamado de Vale das Rainhas.

Na localidade de **Abu-Simbel**, entre a 1ª e a 2ª Catarata, foram escavados dois templos nas rochas. No **Pequeno Templo**, a rainha **Nefertari** recebeu a honraria de ser representada ao lado, e, como atestado de sua importância, em pé de igualdade com o esposo.

Já no **Grande Templo**, assim como o anterior, removido para um lugar mais elevado quando a região foi inundada pela atual barragem de Assuã, os destaques são, na sua fachada, os quatro colossos de **Ramsés II**, cada um com mais de 20 m de altura. Pela orientação solar da porta de entrada, em dois dias do ano, 21 de outubro e 21 de fevereiro, o primeiro sol da manhã penetra no interior do templo, iluminando as quatro estátuas do seu interior.

O final do reinado de Ramsés II, por volta de 1220 a.C. coincidiu com a tentativa de **invasão dos povos do mar**. Faziam parte de um grande movimento

de povos, usando a **tecnologia do ferro**. O Egito impediu a invasão, mas não pode impedir que uma parte dessas populações se instalasse no Retenu. **Ao que tudo indica com os hebreus, que fugiram do Egito** por essa época.

OBSERVAÇÃO FINAL

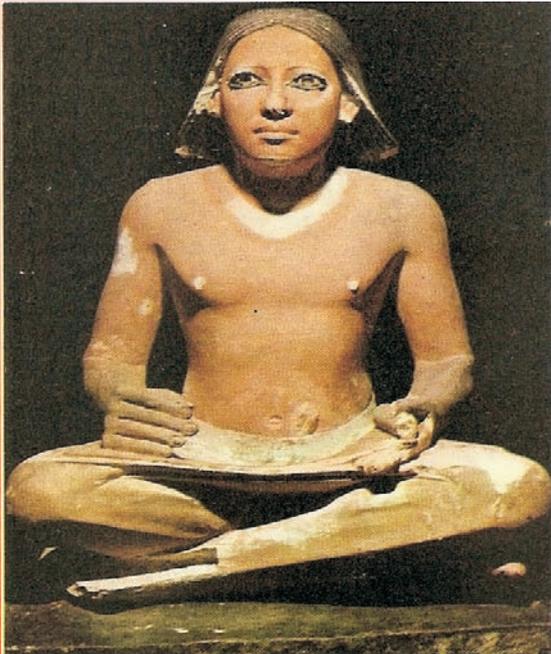
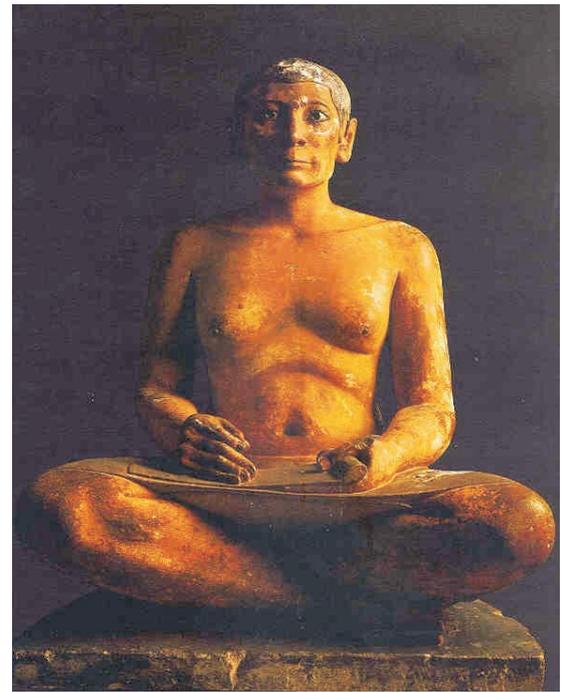
Se imaginarmos o processo histórico como uma peça de teatro formada de inúmeros atos, e cada um

desses atos com um cenário próprio, é lícito adiantar-se que a difusão da tecnologia do ferro e a ocupação do Retenu (Palestina) pelos hebreus e por alguns dos povos do mar criaram um novo cenário cujo olhar do historiador deve se dividir entre o Egito Antigo e o que vai passar a acontecer nessa região do mundo. A entrada dos hebreus na região é o grande fato histórico responsável por esse necessário desvio da atenção do historiador. É por essa razão que o presente texto se encerra no governo de **Ramsés II**, embora a história do Egito Antigo não tenha terminado nesse período.



“O homem prudente prospera e o moderado é aclamado. A tenda se abre ao silencioso e amplo é o espaço de contentamento. Não fales demasiado. Contra quem se apartou do caminho se afiam os cutelos, ninguém avança expeditamente se não é o seu tempo (...) Deixa que a tua fama cresça. Então, sem que tenhas que abrir a boca, todos recorrerão a ti...”

Instruções para Kagemni



“Não te envaideças de teu conhecimento, toma o conselho tanto do ignorante quanto do instruído, pois os limites da arte não podem ser alcançados e a destreza de nenhum artista é perfeita. O bem falar é mais raro que a esmeralda, mas pode encontrar-se entre criados e britadores de pedra (...). Se fores poderoso, inspira respeito pelo conhecimento e pela serenidade no falar. Só ordenes quando necessário, pois aquele que afronta cai em apuros...”

Prezitos de Ptah-hotep